

PUCRS

ESCOLA HUMANIDADES
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM HISTÓRIA

EGISELDA BRUM CHARÃO

**IMIGRANTES ITALIANOS NO COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE (1945-1955): ATIVIDADES
ECONÔMICAS E REDES DE SOCIABILIDADE**

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

EGISELDA BRUM CHARÃO

**IMIGRANTES ITALIANOS NO COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE (1945-
1955): ATIVIDADES ECONÔMICAS E REDES DE SOCIABILIDADE**

Tese apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Doutora pelo Programa de
Pós-graduação em História da Escola de
Humanidades da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Antonio de Ruggiero

Porto Alegre
2023

Ficha Catalográfica

C486i Charão, Egiselda Brum

Imigrantes italianos no comércio de Porto Alegre (1945-1955) :
atividades econômicas e redes de sociabilidade / Egiselda Brum
Charão. – 2023.

233 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero.

1. Imigração italiana. 2. Imigração espontânea. 3. Comerciantes
italianos. 4. Redes. 5. Porto Alegre. I. de Ruggiero, Antonio. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

EGISELDA BRUM CHARÃO

IMIGRANTES ITALIANOS NO COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE (1945-1955): ATIVIDADES ECONÔMICAS E REDES DE SOCIABILIDADE

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio de Ruggiero – PUCRS – Orientador

Prof. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia – UCS

Prof. Dr. Leonardo de Oliveira Conedera – UDESC

Prof. Dra. Cláudia Musa Fay – PUCRS

Prof. Dra. Maíra Inês Vendrame – UNISINOS

Porto Alegre
2023

Dedico esta pesquisa à memória da Professora Dra. Núncia Santoro de Constantino, que com incentivo tornou possível a realização deste trabalho, mesmo após sua partida.

AGRADECIMENTOS

À professora Núncia Santoro de Constantino (in memória), que despertou meu interesse e paixão pelo tema imigração italiana.

À professora Cláudia Musa Fay, sempre incentivando a pesquisa e o desenvolvimento do trabalho no Laboratório de História Oral.

Ao professor Mestre Harry Rodrigues Bellomo, que me ensinou o amor pela pesquisa de campo mostrando a possibilidade da investigação histórica através dos Cemitérios e suas diversas possibilidades.

Ao professor Dr. Antonio de Ruggiero, por sua disponibilidade e confiança em mim depositada, tornando possível a elaboração e a execução do projeto inicial.

A CAPES, que oportunizou, por quatro anos, uma bolsa de pesquisa, contribuindo para a execução do trabalho.

À Junta Comercial, que possibilitou o acesso ao acervo, contribuindo para a pesquisa.

À Arthur Garrastazu Gomes Ferreira, por ter gentilmente disponibilizado o acervo do jornal “O Orientador” para realização da investigação proposta.

À professora e Mestra em História, Regina Zimmermann Guilherme, que atendeu ao meu pedindo, dando sugestões sobre a elaboração e organização do texto, entre outros.

E, por fim, mas não menos importante, ao meu marido, que incentivou, colaborou e aceitou aos meus pedidos de paciência e ajuda sempre que solicitado durante a caminhada acadêmica.

Graças a Deus! Nós aqui progredimos bastante. Eu, logo quando casei, juntamente com o marido, compramos uma fruteira. A família inteira trabalhou nesta fruteira. Primeiro veio minha irmã junto com o marido, depois da guerra. A mãe, com medo, pediu para o pai para vir para o Brasil, que aceitasse o convite de um tio que era verdureiro. Com medo da guerra, o pai trouxe toda a família para Porto Alegre (NANI 2011, f. 1-10).

RESUMO

Esta tese tem por objetivo principal investigar o universo dos imigrantes italianos que chegaram a Porto Alegre na década seguinte à Segunda Guerra Mundial (1945-1955), apoiados em suas redes de sociabilidade, e se direcionaram para o comércio. Os objetivos específicos que ajudarão a responder a questão norteadora desse trabalho – Porque grande parte dos imigrantes italianos que se direcionaram para Porto Alegre no segundo pós-guerra se direcionaram para o comércio? – são: avaliar o contexto comercial do Brasil e o papel das redes na imigração italiana daquele período; analisar os acordos de imigração da Itália para o Brasil; observar a atuação de comerciantes italianos no país; analisar a economia e o comércio no segundo pós-guerra nos âmbitos nacional e regional; apresentar o contexto dos primeiros imigrantes italianos em Porto Alegre e suas redes estabelecidas na capital gaúcha desse período. A partir disso, analisar os diversos contextos desses imigrantes, as atividades por eles desenvolvidas, assim como apresentar um levantamento detalhado da distribuição geografia de seus estabelecimentos comerciais nos bairros da capital. Seguindo os métodos da Micro-história italiana, o presente estudo utilizou um grande número de fontes e foi realizado o cruzamento entre fontes diversas. O *corpus* documental se constituiu, especialmente, pelos registros do acervo da Junta Comercial de Porto Alegre, fonte inédita nos estudos de imigração; as certidões de casamentos do acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS); e depoimentos orais, para a análise das quais foi utilizada a metodologia da História Oral. Foram utilizadas também fontes de imprensa, em especial o jornal O Orientador, e fontes bibliográficas. A presente tese contribui para entender a inserção social e a participação dos imigrantes italianos no desenvolvimento do espaço urbano de Porto Alegre no século XX, constituindo-se em um avanço para a historiografia da imigração italiana no Sul do Brasil, que poderá ser útil para o desenvolvimento de novas pesquisas.

Palavras-chaves: Imigração italiana. Imigração espontânea. Comerciantes italianos. Redes. Porto Alegre.

RIASSUNTO

L'obiettivo principale di questa tesi è quello di indagare l'universo degli emigranti italiani che arrivarono a Porto Alegre nel decennio successivo alla seconda guerra mondiale (1945-1955), sostenuti dalle loro reti di socialità, e impiegati in settori commerciali. Gli obiettivi specifici che aiuteranno a rispondere alla domanda guida di questo lavoro – Perché la maggior parte degli immigrati italiani che si recarono a Porto Alegre nel secondo dopoguerra si dedicò al commercio? – sono: valutare il contesto commerciale del Brasile e il ruolo delle reti nell'immigrazione italiana in quel periodo; analizzare gli accordi sull'emigrazione dall'Italia al Brasile; osservare l'andamento dei commercianti italiani nel paese; analizzare l'economia e il commercio nel dopoguerra a livello nazionale e regionale; presentare il contesto dei primi immigrati italiani a Porto Alegre e le loro reti stabilite nella capitale del Rio Grande do Sul. Da questo, analizzare i diversi contesti di attuazione, le attività sviluppate, oltre a presentare un'indagine dettagliata sulla distribuzione geografica dei loro stabilimenti commerciali nei quartieri della capitale. Seguendo i metodi della microstoria italiana, il presente studio ha utilizzato un gran numero di fonti e ha incrociato diverse testimonianze. Il corpus documentario è costituito, in particolare, dagli atti della Giunta Commerciale di Porto Alegre, una fonte senza precedenti negli studi sull'immigrazione; certificati di matrimonio dalla collezione dell'Archivio Pubblico dello Stato del Rio Grande do Sul (APERS); e testimonianze orali, per l'analisi delle quali è stata utilizzata la metodologia della Storia Orale. Sono state utilizzate anche fonti a stampa, in particolare il quotidiano “O Orientador”, e fonti bibliografiche. Questa tesi contribuisce a comprendere l'inserimento sociale e la partecipazione degli immigrati italiani allo sviluppo dello spazio urbano a Porto Alegre nel XX secolo, aggiungendo un tassello ulteriore alla conoscenza del fenomeno migratorio nel sud del Brasile, utile per lo sviluppo di future ricerche .

Parole chiave: Immigrazione italiana. Immigrazione spontanea. Mercanti italiani. Reti. Porto Alegre.

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1- Anúncio do acordo de imigração entre Brasil e Itália de 1950..... | 37 |
| Figura 2- Regiões de partida da Itália (1945-55)..... | 44 |
| Figura 3- Anúncio da Casa Beltran no Jornal de Itaquí | 50 |
| Figura 4- Nota de compra da casa Ao Bon Marché | 51 |
| Figura 5- Nota de compra da Farmácia Central | 51 |
| Figura 6 - Propaganda de Alfaiataria de italianos | 74 |
| Figura 7- Quiosque Ao Polo Norte da Praça da Matriz..... | 74 |
| Figura 8 - Regiões de partida dos comerciantes italianos (1885-1939) | 75 |
| Figura 9 - Carmine Rimoli - Carteira Permanente Definitiva - 1939..... | 80 |
| Figura 10 - Localização dos comércios de italianos em Porto Alegre (1885-1939) | 81 |
| Figura 11 - Francisco Vitola..... | 96 |
| Figura 12 - Francisco Vitola..... | 96 |
| Figura 13 - Logotipo do Restaurante Copacabana | 97 |
| Figura 14 - Carteira Permanente Definitiva Leonardo Vitola (1933) | 98 |
| Figura 15 - Localização dos comércios de italianos por bairros (1945-1955) | 109 |
| Figura 16 - Mapa geral dos comércios italianos de Porto Alegre | 110 |
| Figura 17 – Mapa da localização do bairro Auxiliadora em Porto Alegre..... | 111 |
| Figura 18 – Mapa da localização do bairro Azenha em Porto Alegre..... | 112 |
| Figura 19 – Mapa da localização do bairro Belém Novo em Porto Alegre..... | 114 |
| Figura 20 – Mapa da localização do bairro Bom Fim em Porto Alegre..... | 115 |
| Figura 21– Mapa da localização do bairro Cascata em Porto Alegre | 116 |
| Figura 22 – Mapa da localização do bairro Cavalhada em Porto Alegre | 118 |
| Figura 23 – Mapa da localização do bairro Centro em Porto Alegre | 119 |
| Figura 24 – Mapa da localização do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre | 129 |
| Figura 25 – Mapa da localização do bairro Cristo Redentor em Porto Alegre | 132 |
| Figura 26 – Mapa da localização do bairro Farroupilha em Porto Alegre | 133 |
| Figura 27 – Mapa da localização do bairro Floresta em Porto Alegre | 135 |
| Figura 28– Mapa da localização do bairro Higienópolis em Porto Alegre | 137 |
| Figura 29 – Mapa da localização do bairro Independência em Porto Alegre..... | 138 |
| Figura 30 – Mapa da localização do bairro Jardim Botânico em Porto Alegre..... | 139 |
| Figura 31 – Mapa da localização do bairro Medianeira em Porto Alegre..... | 141 |
| Figura 32 – Mapa da localização do bairro Menino Deus em Porto Alegre | 142 |

| | |
|--|-----|
| Figura 33 – Mapa da localização do bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre | 144 |
| Figura 34 – Mapa da localização do bairro Mont’Serrat em Porto Alegre | 146 |
| Figura 35 – Mapa da localização do bairro Navegantes em Porto Alegre | 147 |
| Figura 36 – Mapa da localização do bairro Nonoai em Porto Alegre | 150 |
| Figura 37 – Mapa da localização do bairro Passo D’Areia em Porto Alegre..... | 151 |
| Figura 38 – Mapa da localização do bairro Petrópolis em Porto Alegre..... | 152 |
| Figura 39 – Mapa da localização do bairro Ponta Grossa em Porto Alegre..... | 154 |
| Figura 40 – Mapa da localização do bairro Rio Branco em Porto Alegre..... | 155 |
| Figura 41 – Mapa da localização do bairro Santa Cecília em Porto Alegre..... | 157 |
| Figura 42 – Mapa da localização do bairro Santana em Porto Alegre | 158 |
| Figura 43 – Mapa da localização do bairro Santo Antônio em Porto Alegre..... | 159 |
| Figura 44 – Mapa da localização do bairro São Geraldo em Porto Alegre | 160 |
| Figura 45 – Mapa da localização do bairro São João em Porto Alegre..... | 163 |
| Figura 46 – Mapa da localização do bairro Sarandi em Porto Alegre..... | 164 |
| Figura 47 – Mapa da localização do bairro Teresópolis em Porto Alegre | 165 |
| Figura 48 – Mapa da localização do bairro Tristeza em Porto Alegre | 167 |
| Figura 49 – Mapa da localização do bairro João Pessoa em Porto Alegre..... | 168 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1- Legislação relativa à imigração espontânea de italianos para o Brasil entre 1945 e 1960 | 40 |
| Quadro 2– Italianos e descendentes que chegaram a São Borja, Itaqui e Uruguaiana entre os anos de 1834 e 1968, via Montevideú | 49 |
| Quadro 3– Italianos e descendentes que chegaram a São Borja, Itaqui e Uruguaiana entre os anos de 1834 e 1968, via Buenos Aires..... | 50 |
| Quadro 4 - Comerciantes italianos em Porto Alegre – 1873..... | 72 |
| Quadro 5- Comerciantes Italianos em Porto Alegre (1850-1880)..... | 72 |
| Quadro 6 - Comércio de verduras e frutas (1940-45) | 82 |
| Quadro 7 - Armazém/Secos e molhados (1940-45) | 82 |
| Quadro 8 - Casas lotéricas registradas na Junta Comercial de Porto Alegre entre 1940 e 1945. 83 | |
| Quadro 9 - Rede Social de Rocco Vitola | 99 |
| Quadro 10 – Registros de firmas de italianos na 1ª Zona de Porto Alegre | 106 |
| Quadro 11 – Registros de firmas de italianos na 2ª Zona de Porto Alegre | 107 |
| Quadro 12 – Registros de firmas de italianos na 3ª Zona de Porto Alegre | 108 |
| Quadro 13 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Auxiliadora | 111 |
| Quadro 14 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Azenha | 113 |
| Quadro 15 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Belém Novo | 114 |
| Quadro 16 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Bom Fim..... | 115 |
| Quadro 17 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Cascata..... | 116 |
| Quadro 18 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Cavallhada..... | 118 |
| Quadro 19 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Centro | 120 |
| Quadro 20 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Cidade Baixa..... | 129 |
| Quadro 21 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Cristo Redentor..... | 132 |
| Quadro 22 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Farroupilha | 133 |
| Quadro 23 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Floresta | 135 |
| Quadro 24 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Higienópolis..... | 137 |
| Quadro 25 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Independência..... | 138 |
| Quadro 26 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Jardim Botânico..... | 140 |
| Quadro 27 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Medianeira..... | 141 |
| Quadro 28 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Menino Deus..... | 143 |
| Quadro 29 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Moinhos de Vento | 145 |
| Quadro 30 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Mont’ Serrat | 146 |
| Quadro 31 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Navegantes..... | 148 |
| Quadro 32 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Nonoai | 150 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 33 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Passo d’ Areia..... | 151 |
| Quadro 34 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Petrópolis | 153 |
| Quadro 35 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Ponta Grossa..... | 155 |
| Quadro 36 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Rio Branco..... | 156 |
| Quadro 37 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Santa Cecília | 157 |
| Quadro 38 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Santana | 158 |
| Quadro 39 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Santo Antônio..... | 159 |
| Quadro 40 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro São Geraldo | 161 |
| Quadro 41 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro São João..... | 163 |
| Quadro 42 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Sarandi..... | 164 |
| Quadro 43 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Teresópolis..... | 165 |
| Quadro 44 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Tristeza | 167 |
| Quadro 45 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro João Pessoa..... | 168 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 O PAPEL DAS REDES NA IMIGRAÇÃO ITALIANA E O COMÉRCIO NO BRASIL DO SEGUNDO POS-GUERRA | 23 |
| 1.1 A Itália e a imigração para o Brasil no segundo pós-guerra..... | 25 |
| 1.2 Comerciantes italianos no Brasil | 45 |
| 1.3 A economia e o comércio no segundo pós-guerra na visão do jornal O Orientador | 53 |
| 2 COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE E OS PRIMEIROS IMIGRANTES ITALIANOS..... | 61 |
| 2.1 O comércio de Porto Alegre | 62 |
| 2.2 Redes sociais de imigrantes italianos e descendentes estabelecidas em Porto Alegre antes do segundo pós-guerra..... | 70 |
| 3 IMIGRANTES ITALIANOS DO SEGUNDO PÓS-GUERRA NO COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE | 87 |
| 3.1 Porto Alegre e os novos comerciantes italianos | 88 |
| 3.2 A distribuição geografia do comércio italiano em porto alegre | 105 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 170 |
| REFERÊNCIAS | 173 |
| ANEXO A – Fotografias..... | 185 |
| ANEXO B – Registros de imigrantes italianos e capital investido no comércio da junta comercial de Porto Alegre | 189 |
| ANEXO C - Fotografias das carteiras de identidade de comerciantes italianos anexados aos registros da Junta Comercial | 199 |

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é analisar e entender o universo dos imigrantes italianos que chegaram a Porto Alegre na década seguinte ao final da Segunda Guerra Mundial (1945-1955) e escolheram o comércio como atividade econômica. Mais especificamente, buscamos analisar o papel das redes na imigração italiana e o comércio no Brasil do segundo pós-guerra, contextualizando a imigração e a atuação de comerciantes peninsulares no país. Em particular tentaremos responder à questão norteadora da pesquisa: Porque grande parte dos imigrantes italianos que chegaram em Porto Alegre no segundo pós-guerra se direcionaram para o comércio?

O interesse pela história da imigração italiana teve início no curso de graduação em História da PUCRS, entre os anos de 2008 e 2012, quando comecei a trabalhar com a professora Dra. Núncia Santoro de Constantino como monitora no Laboratório de Pesquisa em História Oral (LAPHO) e bolsista de iniciação científica. As atividades desenvolvidas, como coleta de depoimentos e busca de fontes impressas e iconográficas, estavam sempre voltadas para o tema da imigração italiana. Além disso, estive presente no começo do desenvolvimento desse laboratório, que teve continuidade com a professora Cláudia Musa Fay, com quem continuei colaborando. Assim, a história oral passou a ser parte importante de todas as minhas pesquisas e me levou à elaboração de uma dissertação de mestrado defendida em 2016, intitulada “Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre entre os anos de 1945 e 1965: história de uma imigração esquecida”, orientada pelo Prof. Dr. Antonio de Ruggiero, também na PUCRS. O doutorado me permitiu de aprofundar o interesse pelo grupo de italianos que imigraram para Porto Alegre após a Segunda Guerra Mundial, se instalando com casas de negócio ou comércios no centro e arrabaldes.

Os trabalhos de Oswaldo Truzzi e Núncia Santoro de Constantino, Emilio Franzina, Vittorio Cappelli, Vania M. Herédia, e Antonio de Ruggiero, Leonardo Conedera e Regina Z. Guilherme, entre outros, delinearam o percurso teórico deste trabalho, uma vez que demonstraram que haviam tipologias migratórias diferentes em relação à mais conhecida imigração de massa de camponeses que se dirigiram para o interior do estado no final do século XIX. Mais precisamente, o imigrante que se dirigia para a zona urbana e se enquadrava no conceito de imigrante “espontâneo”, desvinculado dos programas de governo, como relatava Núncia de Constantino em sua obra de 1990 “O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense. Entretanto, ainda são escassos os estudos que se dedicaram à imigração de italianos para Porto Alegre após a

Segunda Guerra Mundial, assim como os estudos que analisam o fenômeno nos outros contextos urbanos do sul do Brasil.

A partir de algumas das pesquisas dos autores acima citados, foi possível também observar a importância das redes nos fluxos migratórios, na inserção dos imigrantes “espontâneos” na nova sociedade e em suas escolhas. O conceito de rede social, que baliza os estudos antropológicos e sociológicos desde a década de 1970, viabiliza ao historiador aprofundar o conhecimento sobre as relações que se desenvolvem em um determinado espaço social.

Ao abordar o conceito de “redes” (alguns autores tratam como “redes sociais”, outros, “cadeias migratórias”) a fim de definir a teia de relações desenvolvidas entre imigrantes no apoio ao deslocamento e à inserção social no novo território, buscamos em outras áreas do conhecimento. O sociólogo Oswaldo Truzzi ao utilizar o termo cadeias, apoia-se no conceito concebido na década de sessenta do século passado pelos também sociólogos australianos, John S. MacDonald e Leatrice D. MacDonald (1964), que originalmente definiram que através de cadeias “migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar” (MACDONALD & MACDONALD, 1964, apud TRUZZI; SCOTT, 2004 p. 82). Para a antropóloga Larissa Lomnitz rede social é “um campo de relações entre indivíduos que pode ser definido por uma variável predeterminada e se refere a qualquer aspecto de uma relação”. Para ela o termo trata de uma abstração que dá conta de um conjunto de relações em um determinado espaço social. (LOMNITZ, 2009, p. 18).

Nos últimos 20 anos as pesquisas históricas começam a dar maior atenção ao papel das redes sociais nas dinâmicas migratórias. Autores como Franco Ramella, Samuel Baily, Fernando Devoto, Núncia Constantino, Oswaldo Truzzi, Máira Vendrame, Leonardo Conedera, Regina Guilherme destacam a grande influência das redes no impulso à mobilidade de italianos para os mais variados países.

Para a historiadora Máira Ines Vendrame, ao tratar dos imigrantes italianos camponeses que vieram para o Brasil no período de “grande imigração” a partir de 1875, através do conceito de “cadeias migratórias” é possível analisar as ações e estratégias dos emigrantes ao articularem sua partida através de ligações com indivíduos estabelecidos no novo local. Quando os imigrantes chegavam ao destino, as cadeias continuavam a desempenhar funções importantes em suas vidas, tanto em relação à preservação cultural quanto na manutenção dos laços com a aldeia de origem, por gerações.

A socióloga italiana Laura Zanfrini enfatiza que as redes “possuem também uma natureza de autopropulsão que faz com que, já uma vez estabelecido, um fluxo migratório tende a durar no tempo” (ZANFRINI, 2009, p. 100). Estudos do historiador Franco Ramella (2001), assim como o presente trabalho, se dedicam à imigração do segundo pós-guerra. Para o autor, a emigração foi um caminho que expandiu as possibilidades das famílias quanto a sua renovação, em diversificados processos e personagens, sendo que os contatos interpessoais permitiram a formação de uma “rede de comunicações” que estabeleceu relações nos locais de origem. O autor também considera a perpetuação das redes, observando que “muitas delas iniciaram nos primeiros movimentos migratórios, perpetuando-se até depois da Segunda Guerra” (RAMELLA, 2001, p. 150). Portanto, foram as relações interpessoais e as cadeias que organizaram a própria imigração.

Com base nesses estudos, acreditamos que a continuidade das redes sociais teve um papel importante desde o final do século XIX, para garantir a inserção do imigrante “espontâneo” na sociedade porto-alegrense. Ao mesmo tempo possibilitaram o contato entre indivíduos, garantindo a manutenção do fluxo migratório no segundo pós-guerra, assim como tiveram influência na escolha da atividade comercial.

Uma outra razão que inspirou a elaboração deste trabalho foi a possibilidade de efetuar uma análise da relação entre o desenvolvimento urbano ocorrido em Porto Alegre entre as décadas de 1940 e 1950 e a imigração italiana fomentada no mesmo período. Ocorre que, ao longo das investigações realizadas desde a graduação, o *corpus* documental composto por depoimentos orais, em sua quase totalidade, indicava que grande parte dos imigrantes italianos exerceram em Porto Alegre atividades comerciais.

Assim, ao término do mestrado comecei a desenvolver uma pesquisa focada nas casas de comércio italianas em Porto Alegre nos anos de 1945-55. A fim de elaborar o projeto sustentado por fontes consistentes para ingressar no doutorado, fui em busca de material, no que, tive contato com a coleção completa do jornal “O orientador”, pertencente ao acervo da biblioteca do Tribunal Regional do Trabalho 4 (TRT4), que integra parte importante do *corpus* documental utilizado. Trata-se de um fundo muito robusto, que levaria muito tempo para fazer o levantamento. Entretanto, tive o privilégio de encontrar um neto do fundador do jornal, o Dr. Arthur Garrastazu Gomes Ferreira, que gentilmente me emprestou exemplares encadernados para fazer cópia¹.

¹ As cópias encadernadas serão doadas para o Acervo DELFOS-Espaço de Documentação e Memória Cultural, Instituto Delfos, PUCRS e serão digitalizadas conforme tratado com a professora Gislene Monticelli.

O jornal “O Orientador” foi um veículo de imprensa dedicado às questões econômicas do período aqui estudado, com grande circulação, em várias partes do país. Suas notícias dizem respeito às zonas urbanas, comércio e indústria, com foco no trabalho, oferecendo um amplo panorama econômico, tanto de Porto Alegre como do país. Por se tratar de um jornal conservador, percebemos que era o instrumento utilizado para, como diz o seu título, orientar as atividades e estabelecer os caminhos que comerciantes e industriais deveriam seguir. É possível observar, que havia uma grande preocupação em manter seu público atualizado em relação à legislação vigente, às estatísticas e aos principais acontecimentos em torno de tais atividades.

O semanário circulou entre os anos de 1941 e 1958 e foi considerado, à época, o melhor veículo de propaganda direta junto ao comércio e à indústria, publicando as atas da Junta Comercial, com abertura e fechamento de firmas, distratos, contratos, alterações de contratos, falências, registros de firma no interior, aditivos aos registros de firmas, assim como, cancelamentos de firmas. Publicava também processos trabalhistas que tramitavam no Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região. Trazia informações sobre títulos protestados, além de informações trabalhistas de interesse do comércio e da indústria. Somando-se às informações enumeradas, havia as colaborações externas, abordando assuntos diversos, como a página “Pílulas de Adel Carvalho”, com críticas diversas e uma coluna na qual os editores esclareciam dúvidas dos leitores, pertinentes às leis do trabalho, comércio e indústria, com transcrições de textos na íntegra, de publicações de decretos, seleta comercial, leis de impostos sobre os produtos e bolsa de fundos públicos de Porto Alegre. Criticava várias questões sobre o trabalho e a economia através da coluna de João da Serra, abordava temas internacionais como a produção que estava em evidência. Possuía uma página de consultas e respostas sobre questões de trabalho. Orientava através de artigos, notas e notícias sobre todos os assuntos de interesse imediato daquelas classes, em matéria de direito e justiça do trabalho, legislação e decisões fiscais, movimentos forenses, transferências de propriedade, protestos de títulos e muitos outros assuntos. Circulava em todas as cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, no Estado do Paraná em algumas cidades como Curitiba, Paranaguá, Ponta Grossa, Antonina, Morretes, Castro, Fernandes Pinheiro e Cachoeirinha. Em 1949 possuía 351 assinantes em São Paulo e 163 assinantes no Rio de Janeiro. Possuía também assinantes no Ceará, Mato Grosso, Goiás, Baía, Minas Gerais, Sergipe, Amazonas, Pernambuco, Piauí. Na Argentina iam exemplares para Buenos Aires, no Uruguai, para

Montevidéu e nos Estados Unidos, para New York e Washington (O ORIENTADOR, ANO XI, N  32 Porto Alegre, 20 ago., 1949, p. 612)

O jornal nos ajuda a entender um pouco do pensamento dos comerciantes italianos que atuaram em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950. Além disso, privilegia a publicação de leis e tratados oficiais que envolvem as questões econômicas e comerciais, assim como a imigração, mostrando que essa teve grande importância na política econômica nacional daquele período.

Depois de algumas tentativas infrutíferas, no final do ano de 2018, finalmente me foi concedida a licença para pesquisar no acervo do arquivo da Junta Comercial de Porto Alegre. Durante três meses, diariamente, coletei imagens dos documentos referentes aos comerciantes do período delimitado no projeto. Vasculhei 100 caixas de documentos, referentes ao período de 1940-1956, cada uma delas tinha em média 200 registros, os quais foram lidos um a um, totalizando 20.000 anotações. Feito esse trabalho, foram catalogadas e digitadas as informações em fichas eletr nicas que constituíram um banco de dados relativo ao período de 1945-55 na capital. As fichas cont m dados das casas de negócio e informações com fotos da carteira permanente de alguns deles.

A Junta Comercial de Porto Alegre foi fundada em 24 de maio de 1877, teve sua designação modificada em 1925 para Junta Comercial do Rio Grande do Sul (JUCERGS, 20 2015). No  rg o, estão guardadas as mais variadas categorias de documentos relativos à história e   vida das empresas comerciais, agrícolas ou industriais, tais como atas, protocolos, registros de firmas, marcas, patentes, contratos iniciais, alterações de contratos, falências, etc. A Junta Comercial é um órgão de administração pública estadual e está ligada à Secretaria de Desenvolvimento Econ mico, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Desde a sua fundação, atua ininterruptamente no registro de empresas gaúchas, pois é mediante o registro dos atos societários que uma empresa terá autorização para dar seguimento em suas funções comerciais. Estima-se que exista aproximadamente um milhão e quatrocentos mil dossiês de firmas registradas durante os cento e vinte anos de história da Junta Comercial (JUCERGS, 2015). Vale observar que todos os atos societários das empresas custodiados pela Junta são de caráter permanente e passaram pelo processo de arquivamento após avaliação. A salvaguarda dos documentos pelo órgão assegura a preservação da história de cada empresa criada no Rio Grande do Sul.

A fim de reconstituir melhor o contexto e as redes de sociabilidade dos imigrantes analisados, lancei mão também de entrevistas que foram realizadas desde o período da

graduação, em que a história oral foi uma das metodologias utilizadas, assim como, depoimentos disponíveis no Laboratório de História Oral da PUCRS, realizados por outros pesquisadores. Grande parte das entrevistas utilizadas nesse trabalho foram realizadas durante a pesquisa do mestrado, quando o foco era as mulheres imigrantes. Somente por esse motivo, os depoimentos são predominantemente femininos. Portanto, não há intenção de tratar de questões de gênero neste trabalho, por entendermos que o nosso estudo abrange um panorama bastante amplo e que sua ampliação poderia nos conduzir à perda de foco.

A história oral, que surgiu na década de 1950 com a invenção do gravador, se difundiu no Brasil na década de 1970, com a criação do Programa de História Oral do O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas. Nas últimas décadas, têm se ampliado os estudos a respeito da história oral no Brasil.

Para a pesquisadora Janaína Amado (1997), o entrevistado tem um papel ativo na pesquisa. Para ela, o interesse em torno da entrevista não é apenas do pesquisador, mas “quando alguém concorda em ser entrevistado, tem objetivos concretos a atingir, relacionados não ao historiador, mas a si próprio” (AMADO, 1997, p. 153).

A importância da história oral para a história social pode ser observada nas palavras do pesquisador José Carlos Sabe Bom Meihy (2005), que considera que, ao evocar o passado, o entrevistado passa a entender melhor e se sentir pertencente ao seu contexto:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem (MEIHY, 2005, p.19).

Para o pesquisador inglês Paul Thompson, “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras”. (THOMPSON, 1998, p. 337). Assim, acreditamos que ao acessar sua própria história e ter despertado o sentimento de pertencimento a um determinado contexto, o depoente nos proporciona importantes informações a respeito dos contextos a que pertenceram os nossos objetos de pesquisa.

Para estudar as dinâmicas de mobilidade, inserção e manutenção dos comerciantes italianos que chegaram a Porto Alegre no segundo pós-guerra, assim como os diversos

contextos em que estiveram inseridos, foram utilizados os métodos da Micro-história italiana, que, por sua vez, se apoia em conceitos de outras disciplinas, como a sociologia e antropologia, para compreender processos históricos mais amplos através da redução da escala de observação. Conforme, Corrêa (2019), Em meados da década de 1970, historiadores como Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Edoardo Grendi, para além do fatalismo dos grandes modelos, que buscava explicações generalizantes que pudessem ser aplicadas a qualquer contexto, passam a direcionar o foco de suas pesquisas para uma nova escala de observação, a micro, a fim de “empreender um estudo intensivo a partir de casos específicos, comunidades, grupos familiares ou mesmo indivíduos que permitissem uma melhor compreensão da realidade”. Através da redução da escala de observação, a Micro-história não busca “a supremacia do individual, mas sim compreender a relação entre o “micro” e o seu contexto, dando relevância a articulação entre a experiência particular e a ação coletiva”. Buscando compreender o dinamismo das relações sociais, através dos vários pertencimentos, e principalmente das várias redes nas quais o indivíduo se insere, que possibilitam analisar as ações dos sujeitos (CORRÊA, 2019).

A partir dos estudos e experiências realizados desde a graduação, percebi que o fenômeno da imigração possui múltiplas características e dinâmicas singulares, que levam o pesquisador a se defrontar com diferentes variantes em determinados contextos. Assim, levando-se em conta que a imigração tem um efeito positivo nas relações entre o país de acolhimento e o país de origem, impactando tanto nas importações como nas exportações, o estudo buscou analisar a contribuição dos imigrantes italianos na esfera comercial, econômica e social em Porto Alegre e entender as dinâmicas que levaram esses imigrantes – que chegaram no segundo pós-guerra à capital gaúcha – a se direcionarem para o comércio, diferentemente daqueles que seguiram para São Paulo e se encaminharam para indústria, assim como, entender o funcionamento das redes que facilitaram o fluxo migratório do segundo pós-guerra e os mecanismos de inserção desses indivíduos na nova sociedade e no comércio de Porto Alegre.

Foram analisadas as dinâmicas de imigração e o papel das redes de sociabilidade nas decisões dos imigrantes italianos espontâneos que vieram para Porto Alegre e se direcionaram para o comércio, considerando que tiveram papel importante nas suas escolhas. A partir de uma revisão bibliográfica, buscamos entender a importância dos italianos no comércio do Brasil, principalmente nos pequenos e médios centros urbanos,

como era o caso de Porto Alegre, com dinâmicas de imigração distintas das que ocorreram em grandes cidades como São Paulo.

Considerando importante para o nosso estudo conhecer um pouco da história do comércio em Porto Alegre, assim como o histórico da presença dos italianos na cidade, recorreremos a um levantamento bibliográfico e de dados documentais que nos possibilitam entender estas dinâmicas. Analisamos, assim, trajetórias de italianos e seus descendentes já fixados em Porto Alegre e suas redes de sociabilidade que, mais tarde, no segundo pós-guerra, facilitaram o fluxo imigratório e a inserção comercial dos novos imigrantes.

Por fim, nossa investigação chega ao objeto principal, os imigrantes italianos que vieram para Porto Alegre no segundo pós-guerra (1945-1955). Ao lançarmos nosso olhar sobre as casas de comércio, nos deparamos com um problema conceitual a respeito do que poderia ser considerado naquele período, uma vez que encontramos oficinas e pequenas indústrias que praticavam comércio no mesmo estabelecimento.

O trabalho tem como fechamento a distribuição geografia destes empreendimentos na capital gaúcha, realizada a partir do cruzamento dos dados extraídos de certidões de casamentos realizados no período estudado, pertencentes ao acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), com os registros da Junta Comercial, de onde se extraiu uma extensa relação nominal de comerciantes com a descrição do ramo de negócio e os bairros da cidade em que se localizavam.

A importância da pesquisa se justifica por sua contribuição aos estudos sobre imigração urbana e “espontânea” de italianos que se dirigiram para Porto Alegre no segundo pós-guerra, contribuindo para o desenvolvimento da capital. O estudo busca também a redefinição de conceitos e a utilização de novas abordagens em torno do fenômeno migratório, analisando as intervenções dos protagonistas e as dinâmicas de inserção, diferentes daquelas que caracterizaram os fluxos do passado.

Trata-se de um trabalho de história social, no qual são abordadas as experiências de imigrantes que estabelecem novas redes, muito mais articuladas também com os lugares de origem em relação ao período anterior da “Grande imigração”. Suas atividades foram beneficiadas pela evolução dos transportes e das comunicações. Em muitas circunstâncias, evidenciou-se a capacidade dos imigrantes de manter e alimentar os vínculos sociais “transnacionais” com os lugares de origem e de valorizar um capital específico, como os assim chamados “recursos étnicos”, que se unem frequentemente às competências qualificadas individuais, à instrução, à origem de famílias já introduzidas nos negócios e ao importantíssimo papel desenvolvido pelas redes migratórias.

1 O PAPEL DAS REDES NA IMIGRAÇÃO ITALIANA E O COMÉRCIO NO BRASIL DO SEGUNDO POS-GUERRA

Alguns autores utilizam o termo “redes sociais”, outros, “cadeias migratórias” para definir a teia de relações desenvolvida entre imigrantes, afim de apoiarem a vinda e a inserção social de novos imigrantes. Maíra Ines Vendrame (2010, p. 794) ao tratar dos imigrantes italianos camponeses que vieram para o Brasil no período de “grande imigração”, a partir de 1875, utiliza o conceito de “cadeias migratórias”, que para a autora:

[...] possibilita analisar as ações e estratégias dos emigrantes como responsáveis por articular a sua própria partida da terra natal através das ligações com quem já haviam passado por tal experiência. Por meio das cadeias os imigrantes transmitiam informações, agindo como mecanismo de assistência colocado em prática por familiares, parentes e antigos vizinhos que agora se encontravam afastados fisicamente (VENDRAME, 2010, p. 794).

O termo cadeias, concebido na década de sessenta do século passado por pesquisadores australianos, foi originalmente definido como:

[...] o movimento pelo qual os migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores (MACDONALD & MACDONALD, 1964, *apud* TRUZZI; SCOTT, 2004 p. 82).

Samuel Baily (1985, p. 47), analisando o caso dos italianos na Argentina, propôs uma definição de cadeias relativamente similar, referindo-se a “contatos pessoais, comunicações e favores entre famílias, amigos e ‘paesani’ (conterrâneos de um mesmo ‘paese’, ou aldeia) em ambas sociedades, emissora e receptora”, atuando como “fatores fundamentais para determinar quem emigrava, como escolhiam seu destino, onde se estabeleciam, como obtinham trabalho e com quem se relacionavam socialmente” os imigrantes.

Larissa Lomnitz ao utilizar o termo “rede social”, nos dá a seguinte definição:

Rede social é um campo de relações entre indivíduos que pode ser definido por uma variável predeterminada e se refere a qualquer aspecto de uma relação. Uma rede social não é um grupo bem definido e limitado, senão uma abstração que se usa para facilitar a descrição de

um conjunto de relações em um espaço social dado. Cada pessoa é o centro de uma rede de solidariedade e, ao mesmo tempo, é parte de outras redes (LOMNITZ, 2009, p. 18).

Nos últimos 20 anos as redes sociais começaram a ganhar destaque nas pesquisas históricas onde as investigações focalizam os imigrantes na sociedade receptora assinalando-as fenômeno migratório. Nesse sentido, referenciam-se as pesquisas de Ramella, Devoto, Constantino, Truzzi, Vendrame, Conedera, Charão. Esses autores destacam especialmente em suas obras a grande influência acerca das redes presentes entre os imigrantes para a impulsão da mobilidade de italianos para os mais variados países.

As pesquisas relacionadas às redes estão inseridas entre as teorias sociológicas da perpetuação da imigração, como assinala a socióloga italiana Laura Zanfrini. Para a autora as redes:

[...] possuem também uma natureza de autopropulsão que faz com que, já uma vez estabelecido, um fluxo migratório tende a durar no tempo, até mesmo com a mudança das condições que a estes tenham dado origem e se reduzam as oportunidades de inserção no contexto de destino (ZANFRINI, 2009, p. 100).

Franco Ramella (2001, p. 144-146), ao estudar a imigração do segundo pós-guerra, observa que a emigração foi um caminho que expandiu as possibilidades das famílias quanto a sua renovação, porém os esquemas que estimulavam os indivíduos, famílias e comunidade de imigrantes foram diversificados, assim como diferentes eram os personagens desse processo. Para o autor, os contatos possibilitaram a formação de uma “rede de comunicações” onde circulavam informações relacionadas à política, à sociedade e à economia. Essas relações eram estabelecidas nos locais de origem e muitas delas iniciaram nos primeiros movimentos migratórios, perpetuando-se até depois da Segunda Guerra. Tais ligações fomentaram a formação de cadeias migratórias que partiram de uma mesma comunidade para um igual destino (RAMELLA, 2001, p.143-150), portanto, foram as relações interpessoais e as cadeias que organizaram a própria imigração.

Oswaldo Truzzi (2008, p. 206) considera que a influência das redes de sociabilidade tomou tamanha importância, ao ponto que os italianos consideravam mais confiáveis as informações recebidas de fontes pessoais do que as não pessoais. Para Maíra Vendrame (2010, p.795) quando os imigrantes chegavam ao destino, as cadeias

continuavam a desempenhar funções importantes na vida dos imigrantes, como a preservação cultural e a manutenção por gerações dos laços com a aldeia de origem, das famílias que continuavam partindo da terra natal.

Assim, acreditamos que a continuidade das redes sociais que tiveram papel importante na mobilidade e na inserção dos imigrantes italianos que se fixaram em Porto Alegre, desde o final do século XIX, especialmente no que se refere ao imigrante “espontâneo”, permitiram e viabilizaram o contato entre indivíduos, possibilitando a manutenção e a continuidade do fluxo imigratório no segundo pós-guerra, após um período de interrupção durante a Segunda Guerra. Acreditamos também que essas redes de sociabilidade, já estabelecidas, influenciaram os novos imigrantes, tanto na decisão de imigrar quanto na escolha do comércio como atividade econômica, assim como na solidificação dos negócios e na inserção social no local de destino.

A partir dessas noções a respeito de redes sociais, neste capítulo, nosso estudo parte para um entendimento maior a respeito das dinâmicas que envolveram a imigração da Itália para o Brasil no segundo pós-guerra. Considerando a continuidade das redes estabelecidas por imigrantes anteriores, analisaremos também a presença de comerciantes italianos, dentro de um fluxo de imigração “espontânea” no país na fase anterior à Segunda Guerra Mundial, buscando evidenciar a formação dessas redes. Por fim, buscamos conhecer um pouco do panorama econômico no país, a partir das publicações do jornal O Orientador, veículo de imprensa de Porto Alegre que se dedicou especialmente às questões econômicas, do comércio e da indústria do Rio Grande do Sul.

1.1 A Itália e a imigração para o Brasil no segundo pós-guerra

A situação da Itália ao findar a Segunda Guerra era a pior possível. O país se encontrava humilhado por derrotas sem fim e o seu território estava marcado pelas batalhas ali travadas por estrangeiros e, finalmente ocupada pelos anglo-americanos (BERTONHA, 2005, p. 172). A península estava destruída e alguns fatores colaboraram para isso como os anos de fascismo, a guerra civil e os combates no campo e nas cidades, que causavam a destruição de casas, fábricas, ferrovias e pontes pelos aliados e pelos alemães (COLARIZI, 2009, 324). Para Amoreno Martellini (2009), a imigração do segundo pós-guerra foi impulsionada por uma necessidade de reconstrução coletiva e individual:

Muitos que com a guerra perderam o trabalho, a casa, os afetos ou mesmo a dignidade humana; ou os que com a derrota do fascismo perderam a possibilidade de manter um teor de vida decoroso, garantido pelos serviços prestados ao regime, acharam mais oportuno ir o mais longe possível, para tentar um resgate não só econômico, mas também moral, civil e às vezes político, afastando o peso inevitável das lembranças e dos traumas enfrentados. (MARTELLINI, 2009, p. 371 *apud* DE RUGGIERO; CONEDERA, 2022, p.3)

Esse cenário traumático, de destruição e miséria, pode ser observado no depoimento da imigrante italiana Lidia Bolletta Uriarte, que morava no norte da Itália nesse período:

Destruíram quase toda a cidade velha de Verona, principalmente as ferrovias. A cidade foi muito bombardeada porque era a Passo do Brennero, desfiladeiro nos Alpes ao longo da fronteira entre Itália e Áustria onde estavam sediados comandos alemães. Eu tinha muito medo dos Alemães. [...] a gente não tinha comida, não tinha diversão, não tinha carvão e a gente ganhava muito pouco. Era uma miséria, sinceramente. [...] Tinha-se dinheiro, mas não havia gêneros e se havia os preços eram proibitivos. [...] O depois da guerra foi quase que pior do que o durante. A gente sofreu um bocado (URIARTE, 2007, p. 7).

Para Facchinetti (2003, 38), a região sul da Itália foi a mais atingida, as circunstâncias materiais eram dramáticas e aqueles que não conseguiam fazer frente aos altos preços se viam em condição de miséria. A devastação que assolou a região sul se refletiu tanto na família de Maria Vinciprova Mancuso (2011, p.01), natural de Leonforte, Sicília, que, segundo lembra, o cenário era de “miséria e de destruição das fábricas, indústrias e negócios”. São no mesmo sentido os relatos de Vicenza Nani, natural de Raddusa, província de Catânia:

O meu pai era agricultor e tínhamos alguns lotes de terras e vivíamos muito bem até começar a guerra, quando ele perdeu tudo, porque no período de guerra [...] o governo chegava nas casas para recolher enxovais e joias para sustentar a guerra. [...] E assim foi seguindo anos. O meu pai precisou vender as terras para comprar as sementes e depois, na época da colheita, vinham os caminhões do exército que carregavam a colheita sem dar nenhuma satisfação, e ficava por isso mesmo. E assim foi acontecendo, o meu pai seguiu regredindo, perdendo suas terras até perder tudo. Ele precisou se tornar giordino, empregado em um campo onde se cultivava todo tipo de planta, parreiras, oliveiras, entre outras. (V. NANI, 2011, p. 4)

O conflito também ocasionou consequências profundas no meio político, porque o fim da guerra e a morte de Mussolini encerrou o ciclo de poder do fascismo. A

monarquia perdeu a credibilidade da população que desaprovava o apoio do rei ao regime implantado pelo *Duce*. Para completar, a fuga do rei Vittorio Emanuele gerou desconforto e sensação de abandono dos cidadãos por seu governante. (TRENTO, 1986, P.73)

Esta configuração favoreceu para que, após a guerra, houvesse mudanças radicais na Itália, como a substituição do fascismo e da monarquia pela república, que abriu espaço para a implantação da democracia ampla e profunda, voltada para as massas. Nessa perspectiva, em 1945, teve início um novo modelo de governo que pretendia extirpar da memória dos italianos os reveses provocados pelos anos de fascismo e pela monarquia. A democracia se firmou com a participação de todos, inclusive com as mulheres indo às urnas depositar seu voto pela primeira vez. Foi uma democracia adaptada a uma sociedade de massa que tinha repellido o fascismo, mas que nesse regime encontrara sua primeira expressão política (EINAUDI, 1977: p. 1589 e 1590).

No primeiro pleito,² os partidos antifascistas detiveram o poder, tendo Ferruccio Parri³, ex-combatente *partigiano*⁴, como integrante do Partido da Ação⁵ e assumindo como Primeiro Ministro. A meta do governo era punir os responsáveis pelo fascismo e renovar a política e a moral do país. O intento tornou-se impossível porque a monarquia unia o novo Estado ao velho e, era difícil distinguir entre os laços com o fascismo e a fidelidade ao Estado, tanto que em 1946 os fascistas foram anistiados e Parri foi sucedido por Alcide De Gasperi⁶ (BOCCA, 1982, p. 8).

² A eleição contou com a participação de 89,1% da população eleitoral o resultado entre os partidos foi 32,2% para a Democracia Cristã (DC), 20,7% para o Partido Socialista Italiano de Unidade Proletária (PSIUP) e 18,9% para o Partido Comunista Italiano (PCI).

³ Apesar de seu governo ter durado alguns meses (junho-dezembro de 1945) seu trabalho foi fundamental para a Itália do pós-guerra: as primeiras infra-estruturas são sanadas graças ao ressarcimento feito pelos Estados Unidos em troca da ocupação do território. Além disso, o seu Ministério das Finanças, segundo alguns historiadores, criou a base para o “milagre econômico dos anos de 1950 e 1960. Por último, ao Governo Parri foi creditada a criação do Ministério para a Assembleia Constituinte, que tinha a tarefa de lançar as bases para a criação da nova constituição. Disponível em <http://www.ilviaggiodellocostituzione.it/blog/ferruccio-parri-il-presidente-sconosciuto>. Acesso 22 nov. 2018.

⁴ Os *partigianos* são os *partisans* da Itália, grupos organizados de resistência contra o fascismo na Europa.

⁵ O Partito d'Azione (Partido de Ação) (PdA) foi um partido político socialista liberal na Itália.

⁶ Durante a denominada «era De Gasperi», a Itália reconstruiu-se, com a promulgação de uma Constituição republicana, a consolidação da democracia interna e a adoção das primeiras medidas de reestruturação econômica. De Gasperi era defensor entusiástico da cooperação internacional e, como responsável pela maior parte da reconstrução da Itália no pós-guerra, acreditava que a Itália necessitava de recuperar o seu papel na cena internacional. Envida, por isso, esforços com vista à criação do Conselho da Europa e convence a Itália a participar no Plano Marshall americano e a aderir a NATO. Ao mesmo tempo que mantinha uma forte cooperação com os Estados Unidos, o país tinha um dos maiores partidos comunistas da Europa Ocidental. Disponível em: https://europa.eu/european-union/sites/europaeu/files/docs/body/alcide_de_gasperi_pt.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

Inicialmente, no governo de De Gasperi, os partidos de esquerda, comunistas, socialistas e acionistas defendiam a proclamação da república e a eleição da Assembleia Constituinte para elaborar a constituição e legislar. As eleições ocorreram em junho de 1946 e De Gasperi formou um governo baseado nos três partidos de massa com a participação dos republicanos. Anos mais tarde, o Papa promoveu a chamada “Operação Sturzo”, tendo em vista as eleições administrativas que ocorriam em Roma. Para tanto, convenceu Luigi Sturzo (antigo monarquista ligado ao fascismo) a promover uma aliança anticomunista, aberta a toda a direita e aos fascistas, que em 1947 haviam fundado o Movimento Social Italiano. De Gasperi se opõe ao plano e esse é debelado (CAROCCI, 1975, 70 e 71).

No final da década de 1940 e início da década de 1950, movimentos grevistas atingiram tanto a região norte como a região sul, visando diminuir as tensões sociais e enfraquecer os partidos de esquerda. Em meio às tensões sociais, o governo italiano e os Estados Unidos da América promoveram e subsidiaram a emigração (FACCHINETTI, 2003, p. 139). Dentro desse contexto político a indústria buscava se organizar, visto que até a Segunda Guerra, se caracterizava por uma grande quantidade de pequenas fábricas e de trabalhadores artesãos. As indústrias se dividiam em dois setores, onde predominava o setor hidroelétrico, formado recentemente com grande concentração de capital. Nos setores têxteis e alimentar havia alta concentração de trabalho e baixo nível tecnológico (GINSBORG, 198, p.93).

A situação anterior começou a mudar quando a indústria italiana começou a emergir gradativamente no pós-guerra e nesse processo ocorreu, dentro do setor, uma divisão entre a maioria conservadora e a minoria progressista. A maioria era representada principalmente pela indústria elétrica, de materiais de construção e do açúcar, que se encontrava segura por sua situação de monopólio e teve controlada a especulação financeira. A minoria se concentrava no setor metalúrgico, no de borracharia e no aço estatal que entendia que a sobrevivência no mercado dependia de um programa de reconversão e racionalização (DANEO, 1975, p. 328-330).

Nesse panorama, os empresários associados na Cofindústria, que era o órgão representativo das empresas de manufatura e serviços na Itália, pretendiam retomar a liberdade de controle sobre o lugar de trabalho, tirar a classe capitalista do controle do estado e ao mesmo tempo limitar o poder dos sindicatos sobre as fábricas. Vale lembrar que a maior parte do empresariado italiano apoiou o Partido Liberal porque esse defendia seus interesses. Entretanto, os liberais não se adaptam à mudança das condições na Itália

pós-guerra, insistindo em continuar sendo um partido de elite que não mais oferecia as garantias da classe empresarial. (GINSBORG, 1989, p. 94; SETTA, 1979 p. 43)

Por outro lado, os democratas-cristãos procuravam, através do apoio da Igreja Católica, conquistar os setores sociais, ou seja, a classe média urbana da sociedade que ficara desorientada com a queda e destruição dos valores fascistas de nação. Nesse trabalho, a democracia-cristã, diferente do comunismo e do socialismo, em que se perde a individualidade, reafirmava a moral católica, defendendo a propriedade e a família. Desse modo, a Igreja Católica e a Democracia Cristã, por meio de organizações que proporcionaram assistência econômica, psicológica e social às famílias traumatizadas pela guerra (GINSBORG, 1989, p. 97-99). Para a família de Maria Cristina Prando, oriunda da Região de Abruzzo,

O problema todo foi essa questão do trauma de guerra. Foi uma região que sofreu muito com a destruição da guerra e eles ficaram muito traumatizados, ficaram sem casa, perderam tudo. [...] os homens ficavam muito desiludidos com este trauma e queriam ir embora para a Venezuela ou o Brasil (PRANDO, 2011, 3-4).

A família de Cristina veio para o Brasil com a ajuda dos Scalabrinianos⁷ porque tinha um tio que era padre na congregação. Embora a vinda da família tenha sido facilitada, a congregação teve um papel preponderante, auxiliando na emigração de muitas famílias que fugiam da guerra e da carestia que assolou o país no pós-guerra.

Lembra-se que no imediato pós-guerra os trabalhadores amargavam uma inflação galopante, na qual os salários não davam conta. Naquela situação, bastava uma pequena reunião para acender os ânimos grevistas. Os preços pelas refeições eram exorbitantes, quase toda a alimentação era racionada. O modo de vida tornou-se muito simples para aqueles que ainda tinham trabalho. De casa para a fábrica a pé ou de bicicleta e nos finais de semana ao cinema. Havia desempregados aos milhares, apinhando-se em frente às fábricas (Ibidem, 1975, 104-105).

Em 1948 o Plano Marshal chegou para reparar as deficiências econômicas e sociais do país que começou a receber fundos para sua reconstrução. Entretanto, a

⁷ Comunidade internacional de religiosos que acompanham os migrantes das mais diversas culturas, crenças e etnias, fundada em 1887 por João Batista Scalabrini, Bispo de Piacenza (Itália) no período da grande imigração da Itália para as Américas. A congregação atuou e atua de forma socialmente marcante em processos migratórios. Disponível em <http://www.scalabrini.org/pt/component/content/article/86-scalabrini/the-scalabrinian-family/45-missionari-scalabriniani>. Acesso em 25 jun. 2014.

economia italiana reagiu de forma lenta, persistindo o grau elevado de desemprego e o produto interno bruto permanecendo estagnado nos mesmos níveis do pré-guerra. O plano não absorvia a mão de obra excedente e a reativação do fluxo migratório tornou-se um recurso econômico, porque era um meio de equilibrar a densidade demográfica, diminuindo o contingente populacional considerado uma das causas do desemprego e a média baixa de renda por pessoa (LACAVA, 1999, p.36, 37). Tanto o cenário de pobreza, quanto a reativação dos fluxos migratórios se descortinam no relato de Antonina Vinciprova:

Era uma miséria só, porque não havia trabalho. Depois da guerra as coisas ficaram muito difíceis para a gente. Por isso, a minha sorella, o meu cugnato e o irmão dele, que tinham uma tia aqui em Porto Alegre resolveram emigrar. Assim, eles [os parentes que estavam aqui] escreveram e mandaram chamá-los. Os parentes do meu cunhado vieram para cá e a minha irmã, depois que veio, pensou em nos chamar, já que lá em Leonforte encontrava-se em miséria depois da guerra, mas não veio toda a família no primeiro instante. Primeiro veio eu, o meu irmão, Antonino, e a minha irmã com os três filhos (A. VINCIPROVA, 2010, p. 3-4).

A emigração se tornou ferramenta da política interna e externa do estado italiano. Os governantes transformam a emigração em fonte de renda e a utilizaram como justificativa para protelar algumas reformas como a agrária. Embora tenha beneficiado o setor industrial que investiu mais em tecnologia e mecanização da agricultura, evitando custos com mão de obra, a emigração possibilitou que as indústrias competissem nos mercados internacionais, beneficiando a economia (FACCHINETTI, 2003, 45-46).

A partir de 1950 começam a ocorrer melhorias econômicas e sociais, contudo, a renda média por pessoa equivalia a um quarto da renda dos americanos, era elevado o índice de desemprego e alto o índice de pobreza extrema. Entre aqueles que estavam empregados, grande parte se ligava às atividades do campo e o restante estava trabalhando nas fábricas ou ligados aos setores de serviços. Quando essa fase terminou, por volta de 1953, a Itália experimentou um índice de crescimento inédito e, em poucos anos, a economia se transformou, modificando o país (BERTONHA, 2005, p. 136).

O crescimento geográfico dos locais de partida se deve ao fato de que quando terminou a Segunda Guerra Mundial – que interrompeu os deslocamentos durante a vigência dos conflitos – a imigração peninsular recomeçou ganhando novo impulso em decorrência dos problemas econômicos, sociais e infraestruturais que se instalaram na Península após a guerra, favorecendo o reinício das partidas. Brasil acolheu 12,6% dos

peninsulares imigrados para a América Latina no período subsequente ao pós-guerra. (TRENTO, 1989, p. 408).

No Brasil, após o fim da Segunda Guerra, a imigração se apresentava como uma das soluções para suprir a falta de trabalho e de capitais. Menezes (2018, p.112) considera que o pós-guerra foi um período de “(re)descoberta do Brasil como terra de acolhimento e refúgio” e aponta que no período entre 1945 e 1956 houve “entrada de significativos fluxos de estrangeiros no país, com o ano de 1952 registrando um pico de 84.720 entradas, sendo 69.897 portugueses, italianos e espanhóis”. A autora constata que os imigrantes chegados “das penínsulas ibérica e itálica já tinham redes de contato e acolhimento, que foram responsáveis por reforçar fluxos adormecidos ao tempo das guerras” (MENEZES,2018, p.112). No mesmo sentido, Ramella (2012) destaca que a migração espontânea, em muitos casos, foi estimulada por familiares italianos que já residiam no Brasil, se constituindo no principal estimulador desse fluxo migratório (RAMELLA, 2012).

Para Oliveira (2013, p.14), o Brasil, como parte de organizações internacionais de ajuda humanitária, não possuía recursos para financiar sozinho um projeto de imigração, por isso, priorizou a questão econômica nacional, aproveitando-se da situação para recrutar mão de obra capacitada. A autora salienta que o governo brasileiro levou em consideração também a questão política, “restringindo estrangeiros engajados na vida político-partidária comunista”.

Para Amanda Pereira do Santos, autora que pesquisou as práticas e debates do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME), assim como para a maior parte dos autores que se debruçam sobre a imigração no segundo pós guerra, o que atraiu os imigrantes para o Brasil foi o seu projeto de industrialização e de colonização das regiões interioranas, ou seja os dois setores que desejavam a mão de obra europeia continuavam sendo a agricultura e a indústria, com o diferencial para períodos anteriores, que agora havia a preferência para a mão de obra qualificada. (SANTOS, 2018, p. 4)

No contexto que sucedeu à Segunda Guerra Mundial, configurou-se uma nova organização político-institucional tanto no âmbito nacional quanto na comunidade das nações. As ações intergovernamentais conquistaram relevância a partir da criação, em 1945, de agências especializadas e vinculadas à Organização das Nações Unidas (ONU). Assim, órgãos internacionais passaram a controlar os movimentos migratórios, a exemplo da Organização Internacional de Refugiados (OIR), que se responsabilizou pelo processo de encaminhamento,

entrada e proteção dos refugiados e deslocados de guerra em diversos países na década de 1940 (SANTOS, 2018, p.1).

A necessidade de incentivos à vinda de imigrantes para o Brasil se materializou na Carta Econômica de Teresópolis, durante a conferência que ocorreu em 1945 na cidade de Teresópolis no Rio de Janeiro e que reuniu as delegações dos três ramos de atividades produtoras provindas de todas as regiões do país, agricultura, indústria e comércio. Entre os objetivos, previa o combate à pobreza, o aumento da renda nacional, o desenvolvimento das forças econômicas nacionais, a democracia econômica e a justiça social. A carta suscita vários princípios, entre os quais, destaco a Política de Povoamento preconizada pelas Classes Produtoras que defendiam a adoção de uma política imigratória liberal, com a facilitação da vinda de “bons imigrantes” que trariam o máximo de benefício econômico e social. Sugeriam que o governo adotasse uma política de afrouxamento da estrutura jurídica relativa à política migratória. Pediam que o governo proporcionasse ao imigrante um clima psicológico e social propício, bem como, vantagens econômicas e facilidades administrativas e fiscais (O ORIENTADOR, nº 2, 10, jun., 1945, p.422-432).

Em 10 de julho de 1945, o então Presidente da República, Getúlio Vargas, assinou o Decreto-lei n. 7.723, o qual liberava dos ônus impostos desde 1942 os bens e direitos pertencentes às pessoas italianas que residiam no território nacional, mediante prova de residência expedita pelo Serviço de Registro de Estrangeiros. O decreto também cessava as restrições impostas a agricultores, comerciantes, firmas individuais ou coletivas das quais fizessem parte súditos italianos residentes no país (O ORIENTADOR, nº 22, 28, jul., 1945, p. 519). No mesmo ano em que cessaram as restrições aos imigrantes foi assinado o decreto sobre imigração e colonização, no qual todo estrangeiro poderia entrar no país desde que obedecendo condições como:

“[...] a corrente imigratória espontânea de cada país não excederá a cota de 2% sobre o número de respectivos nacionais de 1884 até 1933, podendo o órgão competente elevar para três mil pessoas a quota de uma nacionalidade e autorizar aproveitamento de saldos anteriores”. (O ORIENTADOR, nº 33- 36, 22, set., 1945, p. 674)

A questão imigratória era considerada um problema para alguns setores da sociedade, que defendiam que a facilitação da entrada fosse apenas para indivíduos previamente escolhidos entre lavradores e técnicos imprescindíveis para o

desenvolvimento das lavouras e da indústria. Esse ponto de vista das autoridades brasileiras era defendido e reafirmado pelo Ministro João Alberto, que anunciou: “precisamos de trabalhadores e técnicos. Nada de licença para certa classe de comerciantes, vulgares, que entopem hoje as nossas cidades, agravando os problemas locais”. (O ORIENTADOR, nº 24, 08, jun., 1946, p. 570) Os imigrantes que não atendessem a essas exigências estariam corria risco de expulsão. Como podemos ver, não havia interesse do governo brasileiro em receber comerciantes estrangeiros.

Depois de 1947 a emigração foi retomada, o governo local se responsabilizava pela despesa de transporte e manutenção em solo italiano. O transporte marítimo e a manutenção do imigrante até a sua colocação no mercado de trabalho ficavam a cargo do Brasil. Após a chegada e o estabelecimento, graças à política governamental, o imigrante enviava remessas mensais para as famílias que, mais tarde, atingiram a proporção de 40% (TRENTO, 1989, p. 405-406, 412).

As classes produtoras ainda aconselhavam o fomento à imigração com financiamento do transporte marítimo para o Brasil, a organização dos serviços de hospedagem, encaminhamento e colocação, assistência técnica, sanitária e econômica ao imigrante, possivelmente, através de um sistema cooperativo e de redução das formalidades excessivas. Acentuavam a importância, para êxito da imigração, de melhoria e ampliação do nosso sistema de transporte. Recomendavam a vinda de imigrantes em pequenos grupos selecionados de agricultores, técnicos, especialistas, cientistas e professores ou operários qualificados, devendo dar preferência a dois grupos de atividade econômica, a agricultura e a indústria (O ORIENTADOR, nº 2, 10, jun., 1945, p.422-432).

O Conselho de Imigração e Colonização divulgou nota pertinente ao decreto nº 23.350 de 13 de julho de 1947 que dispunha os seguintes critérios acerca da concessão de vistos em passaportes estrangeiros:

[...] faz parte da política imigratória do Brasil de melhorar a composição étnica, incentivando o surgimento de uma ascendência europeia na população. [...] Esta política não implica exclusão sistemática de determinados elementos imigratórios, nem se alimenta de preconceitos de raça e religião. Exclui os elementos indesejáveis pela índole e costume, e também aqueles que queriam se transladar com o intuito de exercer nos centros urbanos, atividades supérfluas, quando não simplesmente parasitária. [...] Poderão entrar no país todo o estrangeiro maior de 18 anos, de ambos os sexos, que gozem de perfeita saúde, de idoneidade moral que comprove estar apto a prover com trabalho ou recursos que possua, a sua subsistência e de seus dependentes. Quanto à concessão

de vistos, não necessita que tenha parentes e preencha as condições de admissibilidade previstas na lei [...] os vistos de vinda de estrangeiros para o Brasil devem ser solicitados diretamente nas repartições consulares do país de origem. Classificam-se os vistos segundo as instruções, que as repartições consulares podem conceder, entre elas, vistos de trânsito, turista e temporário, vistos temporários, vistos permanentes. Os estrangeiros que residam no Brasil a mais de três anos ou em caráter permanente poderão apresentar compromissos de manutenção a parentes a eles ligados como esposa, pais maiores de sessenta anos, mães viúvas, filhos menores, filhas, solteiras, tutelados, filhas e noras viúvas, irmãos ou sobrinhos menores, órfãos, irmãs solteiras ou viúvas respectivamente. Estes compromissos não se equiparam as antigas cartas de chamadas, abolidas desde 1938, eles tem a finalidade de assegurar a subsistência de um determinado imigrante que continuará a fazer perante as autoridades consulares as demais provas exigidas na lei (O ORIENTADOR, nº 10, 20, março, 1948, p. 245-246).

Conforme Lopes (1958 *apud* TRENTO, 1989, p. 442), embora ainda houvesse o incentivo governamental, no Pós Segunda Guerra surgiu o imigrante “último tipo” que, ao contrário dos imigrantes de outras épocas, vindos com respaldo dos dois governos, italiano e brasileiro, facilitando a partida e a chegada, vinham em busca de melhor emprego para seu capital. Esses imigrantes transplantaram a bagagem de sua experiência, contavam com uma rede social de apoio e traziam consigo algum capital para investir no comércio e na indústria. Ainda que o autor se referisse aos grandes industrialistas e aos financistas, o mesmo princípio se aplica aos italianos que vinham com menos capital e investiam em pequenos e médios negócios, em geral no comércio e em pequenas indústrias que no seu funcionamento envolvia a mão de obra familiar.

O mesmo veículo de imprensa noticiou que já se encontrava concluído um anteprojeto de Acordo Ítalo-brasileiro de Imigração, que regularia a vinda de imigrantes, desde a fase de seleção até a colocação definitiva e onde se previa o custeio das despesas de transporte e de instalação. Apresentaram-se também a bases para outro acordo, esse de caráter administrativo, disciplinando a imigração espontânea:

No que se refere a estrangeiros em geral é conveniente facilitar a naturalização daqueles que por bons antecedentes ofereçam segurança de lealdade à pátria de adoção. O ano de 1947 caracterizou-se quanto a entrada de estrangeiros, pelas dificuldades de fiscalização nos portos e em pontos distantes da fronteira. Entraram no país 49 681 estrangeiros, os quais 22 875 em caráter permanente, número que deve ser acrescido daqueles que, já tendo ingressado a título temporário, pediram permanência definitiva. O número dos imigrantes espontâneos elevou-se, pois, durante o ano findo a cerca de 35 000 indivíduos. A legislação

sobre estrangeiros em geral está a exigir cuidadosa atenção do Congresso. Anterior à Constituição de 1946 e promulgada em época de apreensões políticas internas e externas, reflete ela atitude de reserva assumida para com os estrangeiros, nos anos que precederam a segunda guerra mundial e no curso daqueles durante os quais se travou o conflito espontâneo (O ORIENTADOR, nº 11-12, 03, abr., 1948, p. 279)

Na Comissão Especial de Imigração, Colonização e Naturalização da Câmara de Deputados, foi concluída em sessão realizada a 29 de abril de 1948, a discussão do anteprojeto de lei dispondo que a imigração deveria ser dirigida e controlada pelo estado:

Art. 22 - Realiza-se a imigração dirigida quando o poder público, empresa (de imigração, de colonização ou mistas nacionais) ou particular promovem a introdução de imigrantes, hospedando-os, encaminhando-os e provendo-lhes a subsistência até sua localização. A imigração será dirigida e controlada pelo D.N.I.C podendo os governos dos estados designar observadores junto a esse órgão de seleção no exterior. Do Art. 25 ao 47. Disposições sobre as colônias rurais (O ORIENTADOR, nº 18, 15, mai., 1948, p. 411-412).

Em 1949 o jornal O Orientador apontava que o Brasil, apesar de ter sido “o primeiro país da América do Sul a ver as vantagens da imigração dos “deslocados de guerra”, cujo índice profissional é bem maior do que o do imigrante comum”, estava perdendo para outro país, não nomeado, a disputa pela mão-de-obra dos imigrantes qualificados:

[...] já agora está colocado atrás de outro que os estão recebendo na procura do equilíbrio econômico que fora quebrado pela guerra. Todavia, acreditamos que a larga visão dos interessados no braço trabalhador, compreenda as vantagens dos mesmos e possibilite ao nosso país tomar a posição de relevo que lhe cabe. E merece a melhor simpatia do serviço que a Comissão Mista Brasil-Organização Internacional de Refugiados estava desenvolvendo de maneira a atender prontamente os pedidos de chamada de parentes e técnicos. Esta organização, com sede no Rio de Janeiro atende diariamente aos interessados (O ORIENTADOR, nº 11, 2, abr., 1949, p.267).

É possível perceber que há uma continuidade no interesse e nos esforços do governo brasileiro para atrair os imigrantes desse período. Em maio de 1949 o jornal O Orientador noticia que:

O ministro da Fazenda designou o contador Luiz Alberto Rist para integrar o Conselho de Imigração e Colonização, incumbindo-o de

junto com a comissão estudar os diferentes aspectos técnicos e possibilidade de orçamento, financiamento e crédito, relativos à imigração e à colonização (O ORIENTADOR, nº 17, 7, mai., 1949, p.357).

Em 18 de setembro de 1949 foi promulgada uma nova lei de naturalizações, a Lei 818, que simplificou o processo de naturalizações brasileiras de cidadãos estrangeiros de qualquer nacionalidade, pois determinava que eles fossem ultimados dentro de 120 dias e, além disso, que fossem dispensados da prova de cinco anos de residência no Brasil os estrangeiros casados com brasileiras ou que tivessem filhos brasileiros; que fossem agricultores ou trabalhadores especializados em qualquer setor industrial; que tivessem no Brasil bem imóvel no valor mínimo de Cr\$ 100.000,00; que fosse agricultor ou industrial que possuísse fundos de igual valor ou cota integralizada de montante, pelo menos idêntico, em sociedade comercial, etc. (O ORIENTADOR, nº 38, 1, out., 1949, p.733).

Um exemplo significativo de mecanismos que tinham com intuito de congregarem colonos italianos, tanto os que já estavam no Brasil quanto aqueles que se encontravam na Itália, foi fundada a Cooperativa Agrícola e Indústria Umbra, com sede na fazenda Barra Grande, na cidade de Parati, no estado do Rio de Janeiro. Os colonos faziam parte de uma cooperativa organizada na Itália, com a finalidade de colonizar trechos do Brasil, com seus associados. Reunia 1.500 famílias em um total de 9.000 pessoas e um capital de 45 milhões de libras destinado a fazer face às despesas gerais de administração e viagem da comissão ao Brasil. A comissão fundou a referida cooperativa e os colonos ali instalados pretendiam cuidar da pesca, pecuária, exploração florestal e fazer culturas tropicais e de zona temperada. Um dos fatores que garantiram o sucesso do empreendimento é o fato de viverem, entre os colonos, pescadores bem instrumentados, transportadores com 40 caminhões, serralheiros, marceneiros, pedreiros, agricultores, carpinteiros, criadores, eletricitistas e técnicos em laticínios (O ORIENTADOR, nº 25, 25, jun., 1950, p. 668).

Provavelmente a vinda desses imigrantes italianos seja um dos primeiros desdobramentos relacionados ao acordo sobre imigração entre Brasil e Itália, de 1950. O acordo foi noticiado em destaque nos principais jornais do país, como o jornal “A Manhã” do Rio de Janeiro, que no dia 06 de julho de 1950 (Figura1)

Figura 1- Anúncio do acordo de imigração entre Brasil e Itália de 1950



Fonte: Jornal “A Manhã”, RJ, 06.07.1950, p. 7.

O Acordo Ítalo-Brasileiro tinha como objetivo orientar e disciplinar as correntes migratórias, garantindo proteção ao imigrante italiano, que incluía a garantia do direito de ser amparado pela legislação trabalhista brasileira quando trabalhador assalariado, em igualdade de condição com os brasileiros. Ficaram também estabelecidas bases para trocas comerciais nos doze meses seguintes. Tratava-se de um entendimento comercial pelo qual os produtos originários de um dos dois países seriam destinados ao consumo interno ou a sua transformação pelas indústrias manufatureiras do país importador.

A concessão de licença de importação e exportação deveria levar em conta o equilíbrio nos pagamentos decorrentes do intercâmbio comercial entre os dois países, mantendo uma distribuição proporcional entre os produtos constantes das listas aprovadas. Para acompanhar a execução do novo entendimento seria constituída uma comissão mista por representante dos governos brasileiro e italiano. As mercadorias que a Itália propunha vender atingiam um total de US\$ 47.080.000. A lista inclui dezenas de artigos, principalmente manufaturas, tradicionalmente, ligadas ao comércio ítalo-brasileiro. Na lista figuravam as mercadorias que o Brasil venderia à Itália nos próximos doze meses, no total de US\$ 50.976.500. Foi também assinado um acordo de investimentos onde os países se punham a intervir no movimento de criação e desenvolvimento, no Brasil, de empresas econômicas com a coparticipação de grupos particulares brasileiros e italianos, com a transferência de capitais italianos (O ORIENTADOR, nº 33, 19, ago., 1950, p. 894).

No dia 05 de julho de 1950 foi assinado o Convenio de Pagamentos entre o Banco do Brasil S.A., e o Ufficio Italiano dei Cambi, paralelo ao Acordo de Comércio firmado

na mesma ocasião entre Brasil e Itália que teria vigência de um ano. O texto previa regras para pagamentos referentes a operações entre Brasil e Itália, operações de câmbio, ordens de pagamento por carta originárias do Brasil e originárias da Itália, Cartas de Crédito Documentário do Brasil para a Itália e da Itália para o Brasil nas exportações de produtos de um país para outro:

Transferências dos saldos periódicos acumulados na Itália e no Brasil pelas empresas brasileiras e italianas de navegação e aérea, provenientes de passagens e fretes de um para outro país. Passagens adquiridas por terceiros a favor de imigrantes italianos residentes na Itália ou em outros países ou por imigrantes italianos residentes no Brasil a favor de pessoas de sua família na ocasião da partida do beneficiário para o Brasil em virtude do ato de chamada. (O ORIENTADOR, nº 41, 14, out., 1950, p. 1196-1199).

Em 1951 a Organização Internacional de Refugiados (OIR) foi extinta e em 1952 surgiu o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME), o qual assumiu diversas atribuições que precedentemente estavam a cargo da OIR (SANTOS, 2018, p.5).

O CIME desenvolveu programas específicos para as correntes migratórias e dispôs de uma ampla rede de funcionários e escritórios, sediados nos países que se interessavam pelos seus serviços. Na década de 1960, o CIME chegou a ter escritórios em cinco cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre. Os funcionários contatavam os órgãos governamentais responsáveis pela admissão de estrangeiros, bem como buscavam oferecer alojamento e oportunidades de emprego aos imigrantes (SANTOS, 2018, p.5).

A partir de uma síntese dos acordos firmados entre Brasil e Itália para a imigração no segundo pós-guerra, realizada por Sales, Paiva e Bastos (2012), podemos observar quais as atividades econômicas eram privilegiadas e vemos que o comércio não estava entre elas:

[...] o Acordo de Migração entre os Estados Unidos do Brasil e a Itália, assinado no Rio de Janeiro, a 05/07/1950, previa a emigração de italianos para o Brasil, acompanhados ou não de suas famílias, quer sob a forma de migração espontânea baseada na carta de chamada familiar ou em oferta de trabalho, quer sob a forma de transferência de sociedades, de cooperativas ou de grupos de trabalho condicionada à aprovação pelas autoridades brasileiras e italianas. Previa-se também, recrutamento e seleção para núcleos coloniais. As atividades profissionais eram agrupadas em três categorias: 1) regime de trabalho

agropecuário; 2) regime de trabalho por conta própria (artesanato ou outro regime de trabalho); e 3) regime de trabalho assalariado, ou sob outras formas de remuneração, para trabalhadores agrícolas, industriais e operários sob a proteção e assistência da Legislação Trabalhista. Novo Acordo assinado em 1960 pelos dois países, embora oferecesse maiores vantagens aos imigrantes do que o de 1950, não teve o efeito de assegurar um fluxo continuado de imigrantes italianos (SALLES; PAIVA; BASTOS, 2013, p. 131).

Os referidos autores buscaram traçar um perfil do imigrante italiano do segundo pós-guerra, utilizando como fontes os registros de 99.659 imigrantes, reunidos no banco de dados do projeto “Novos imigrantes: fluxos migratórios e industrialização em São Paulo no Pós-Segunda Guerra Mundial (1947-80)”. Sistematizando os dados relacionados à profissão declarada para ingresso no Brasil, os autores observaram que de um total de 17.026, em primeiro lugar estão os trabalhadores da produção de bens e serviços industriais (10226); em segundo, os trabalhadores agropecuários, florestais e da pesca (3.022); em terceiro, os trabalhadores de manutenção e reparação(1.448); em quarto, os profissionais das ciências e das artes (949); em quinto, os trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados (623); entre outros (SALLES; PAIVA; BASTOS, 2013, p. 136). É importante notar que em relação ao comércio, as referências são somente a vendedores, que provavelmente tenham imigrado a partir de “cartas de chamadas”.

Entretanto, acredita-se que em locais onde o comércio não era uma atividade econômica plenamente desenvolvida houvesse interesse em receber imigrantes que tivessem algum capital para investir no setor, como no caso observado por Rodrigo Santos (2016, p. 207), que ao analisar as considerações do jornal paranaense Folha do Oeste, a respeito da imigração, entre 1946 e 1960, aponta que no Paraná havia interesse em imigrantes que também viessem para realizar operações comerciais:

Consignando êsse fato não é de mais lembrar-se a necessidade premente de cobrir os claros demográficos abertos na agricultura, na indústria que se expande e no comércio que procura se adaptar às realidades do após guerra (FOLHA DO OESTE, 06/06/1949 *apud* SANTOS, 2016, p. 207).

Analisando a legislação relativa à imigração espontânea de italianos para o Brasil entre 1945 e 1960 (quadro 1), observamos que havia duas formas de imigração prevista nos acordos, a espontânea e dirigida. Para Manuel Diégues Júnior (1964, p.307), no segundo pós-guerra predominou ‘a condição de “espontâneos” dos imigrantes’. No que

se refere à imigração dirigida, conforme Angelo Trento (1989, p. 416), o governo brasileiro emitia, periodicamente, listas de profissões e ofícios de interesse para imigração. O acordo de 1950 demonstra que o Brasil tinha grande interesse em receber os imigrantes italianos profissionalmente qualificados, da mesma forma, nota-se que o país também despertava o interesse de italianos que desejavam fugir das dificuldades enfrentadas na Europa no pós-guerra.

Quadro 1- Legislação relativa à imigração espontânea de italianos para o Brasil entre 1945 e 1960

| Legislação | Resumo do texto do decreto |
|-------------------------------------|---|
| Decreto Lei 7575 21/05/45 | Revogava o Decreto Lei 3175 de 07/04/41 que restringia a entrada de estrangeiros no território nacional, considerando conveniente facilitar a imigração dos países europeus para o Brasil. |
| Decreto Lei 7723 de 10/07/45 | Liberava dos ônus impostos pelo Decreto-lei nº 4.166, de 11 de março de 1942, os bens e direitos pertencentes às pessoas físicas italianas que residiam no território nacional. Restituía bens e valores confiscados de súditos italianos. Cessavam as restrições impostas aos agricultores, industriais ou comerciantes, firmas individuais ou coletivas de pertencentes a súditos italianos residente no país. |
| Decreto Legislativo Nº 61, de 1950. | <p>Aprovava o texto do Acordo de Migração firmado e 5 de julho de 1950, pelo Brasil e Itália. Permitia emigração de italianos para o Brasil, acompanhados ou não de suas famílias, sob a forma de migração espontânea baseada em carta de chamada familiar ou em oferta de trabalho, [...] quer ainda sob a forma de migração dirigida, baseada em listas acordadas para cada leva, pelos representantes de ambos os Governos.</p> <p>Sobre a imigração espontânea, definia: Desejosas de incentivar ao máximo a migração espontânea que, no seu conceito mais amplo, se opera por livre iniciativa e a expensas do migrante, as altas Partes Contratantes concordam em que esta migração se processe nas seguintes condições:</p> <p>a) O Governo brasileiro concederá o visto permanente, observadas suas disposições para a imigração espontânea, aos que desejarem estabelecer-se no Brasil:</p> <p>Para juntar-se aos próprios parentes que, por meio de uma carta de chamada, lhes assegurem a necessária assistência moral e econômica;</p> <p>Para exercer, dentro da legislação brasileira, uma atividade de trabalho para a qual tenha havido oferta da parte de pessoa residente no Brasil.</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>b) O Governo italiano facilitará a documentação normal e autorizará a saída do emigrante, exigindo, para isto, que a carta de chamada ou a oferta de trabalho seja visada pela autoridade diplomática ou consular italiana no Brasil, com o fim de assegurar-se da seriedade e da idoneidade do pretendente, bem como da aceitabilidade das condições da oferta de trabalho.</p> <p>Parágrafo único - Para as categorias de migrantes, par as quais o Governo brasileiro concede gratuidade de visto permanente, o Governo italiano assegurará a gratuidade da carta de chamada ou da oferta de trabalho.</p> |
| Decreto Lei 28.879 de 23/11/50 | Aprovados os estatutos da ‘Cia. Brasileira de Colonização e Imigração Italiana’. |
| Lei nº 2163 de 05/01/54 | Criação o INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização). |
| Decreto lei 57.759 de 8 de fevereiro de 1966 | <p>Aprovava o Acordo de Migração 09 de dezembro 1960 entre o Brasil e a Itália. O objetivo era “orientar, assistir e organizar as correntes migratórias Italianas para o Brasil [...] a fim de que os problemas migratórios e de colonização [...] tenham solução prática, rápida e eficaz tendo em conta a conveniência de preservar a unidade dos núcleos familiares.”</p> <p>Sobre a imigração espontânea, definia: Art. 3º A migração espontânea é a que se opera por livre, iniciativa e às expensas dos migrantes, quer considerados individualmente, quer coletivamente, em conjunto familiar ou grupo de famílias. Art. 4º Os Governos das Altas Partes Contratantes poderão, por meio de troca de notas, incrementar a facilitar a migração espontânea de italianos para o Brasil, comprometendo-se, com esse intuito, a fornecer todas as informações suscetíveis de orientá-los bem como promover todas as medidas capazes de beneficiá-los.</p> |

Fonte: Site Câmara dos Deputados⁸

O imigrante “espontâneo” precisava ter uma “carta de chamada” de um parente residente no Brasil ou de uma oferta de trabalho no país. Nesse caso, não havia financiamento das despesas de viagem e estadia por parte dos governos, esses apenas criariam mecanismos de facilitação dessa forma de imigração. Na imigração dirigida, entretanto, o imigrante com qualificação profissional seria recrutado dentro do programa que visava suprir a necessidade de mão de obra especializada para a agricultura e a

⁸ Site Câmara dos deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/busca-geral?termo=Lei+n%C2%BA+2163+de+05%2F01%2F54#gsc.tab=0&gsc.q=Acordo%20de%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20de%201950%20Brasil%20It%C3%A1lia&gsc.sort=> Acesso em: 12 mar. 2021.

indústria e o Brasil deveria prover “colocação em cada ramo de atividade, as condições de vida, de habitação, de proventos de trabalho, e de auxílios ou assistência com que poderão contar os imigrantes e as condições de saúde que cada pessoa a emigrar deve satisfazer, seja o chefe ou membro de uma família”⁹. Assim, percebemos que os comerciantes se enquadrariam na forma espontânea, pois a segunda opção exigia qualificação profissional, em nível técnico ou superior.

Considerando que o comerciante italiano chegasse ao Brasil como imigrante “espontâneo”, devemos imaginar que ele possuía uma “carta de chamada” de um parente residente no Brasil ou uma oferta de trabalho no país. No primeiro caso, o parente deveria assegurar sua assistência econômica. No segundo caso, essa assistência seria provida pelo emprego arranjado antes da imigração. Porém, pesquisas anteriores mostram que o comerciante italiano chegava com algum capital. Portanto, ele não necessitava do suporte financeiro. Mas as únicas formas de conseguir o visto, previstas na legislação referente aos acordos entre Brasil e Itália seriam através da “carta de chamada” ou da vaga de emprego. Assim, dificilmente encontraremos documentos oficiais em que o imigrante se declare comerciante ao entrar no país, nesse período. E é bastante provável, que seus nomes estejam entre os dos operários das indústrias que ofereceram emprego aos patrícios, considerando que esse trabalho tenha servido apenas de “ponte” para a imigração. Mas, em todos os casos, as redes de sociabilidade foram imprescindíveis, pois o imigrante espontâneo deveria ter parentes no Brasil ou contato com residentes do país que lhe ofertassem trabalho.

Ainda, quando estudados a imigração italiana no segundo pós-guerra, é importante destacar que a mentalidade, a consciência dos direitos e as vivências dos imigrantes desse período não se assemelhavam as dos italianos que imigraram no final do século XIX. Da mesma forma, as políticas migratórias dos países de acolhimento eram distintas. (TRENTO, 1989; FACCHINETTI, 2003).

Sobre a ascensão econômica e social dos imigrantes italianos desse período, de Ruggiero e Conedera (2022, p.12) apontam que, à época, trabalhadores mais qualificados nas diferentes profissões conquistaram algum destaque na sociedade brasileira da época, tais como os que se direcionaram para a construção civil, a indústria mecânica e de móveis, assim como para setores artesanais, como alfaiataria e sapataria. Enquanto outros

⁹ Site Câmara dos deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1950-1959/decretolegislativo-61-11-dezembro-1950-351269-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 12 mar. 2021.

lançaram mão dos chamados “recursos étnicos”, com ênfase no setor culinário, notadamente os restaurantes de cozinha típica italiana. Os autores destacam uma diferença significativa entre a imigração desse período e a do período conhecido como o “grande imigração”:

[...] foram esporádicos os casos de ascensão social vertical e enriquecimento individual, como se verificou com os grandes capitães de indústria no período pré-bélico. A experiência migratória, em geral, se revelou menos lucrativa em relação ao passado, com um elevado número de pedidos de repatriamentos registrados cotidianamente nos consulados italianos. No entanto, se evidencia uma presença maior de pequenos e médios empresários que - como sugeria Mortara nas suas recomendações de 1950 - chegaram no Brasil com algum capital para ser investido. (DE RUGGIERO; CONEDERA, 2022, p.12)

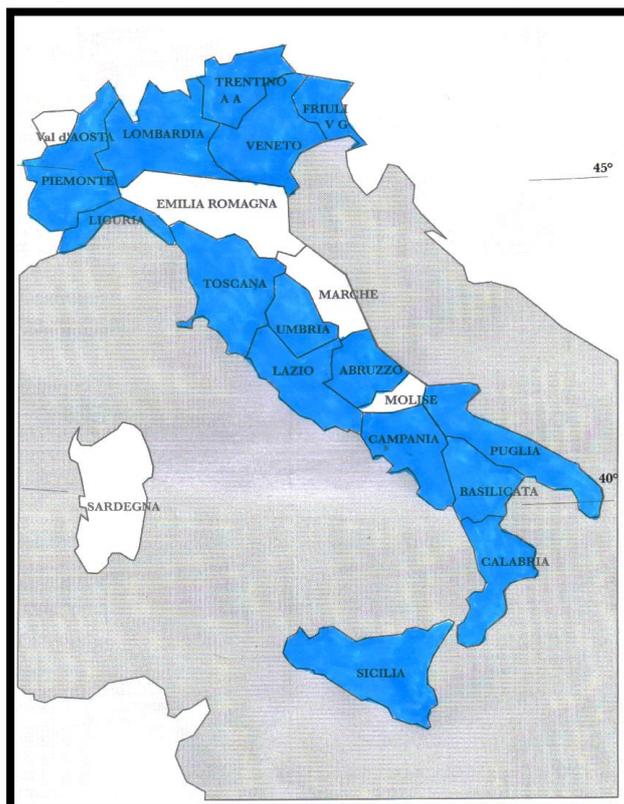
Outra distinção dos imigrantes do segundo pós-guerra é que esses não se vincularam às velhas associações, o que “consideraram um resquício do passado, sobretudo pela sua antiga conotação regionalista. As velhas associações, ao mesmo tempo, não se preocuparam muito com a assistência aos novos entrados” (DE RUGGIERO; CONEDERA, 2022, p.13).

A construção histórica sobre a capacidade de trabalho ou ociosidade do homem brasileiro colaborou para ajudar a edificar a imagem do imigrante laborioso, homem trabalhador que saiu da Itália para construir uma nova vida no Brasil. O texto que vemos a seguir, publicado pelo jornal O Orientador era um discurso frequente que ainda hoje se reproduz:

A verdade sociológica é que a pouca produtividade do homem brasileiro não é um fenômeno atual, mas antigo e permanente, desde os recuados tempos do Brasil-colônia, a ponto de, no século XVIII os portugueses haverem resolvido perseguir os “madrachos”, equiparando-os, por carta régia, a salteadores. No século XIX, segundo Eschwege, a proporção entre os que trabalhavam no Brasil, era de um para vinte, havendo, ao extirpar do século, conforme cálculo de Joaquim de Godoy, nada menos de 3.000.000 de brasileiros na ociosidade. A verdade é que o problema permanece sem solução. A reduzida frequência do operário pago por tarefa, ou diarista, à oficina onde exerce sua atividade, bem como, de um modo geral, a pouca produtividade do trabalhadores, seja qual for o gênero de serviço e a forma de contato de trabalho minora a produção. Desse modo continua a se avultar o número dos que nada produzem. Basta recorrer às ruas de uma grande ou média cidade do país para, a cada passo encontrar letreiros pedindo empregados. Pedem-se empregados para a casas de comércio, para casas de família etc. (O ORIENTADOR, nº 48, 02, dez., 1950, p. 1332).

Conforme Zamberlam (2004, p.59), segundo os censos das décadas de 1940 e 1950, os estrangeiros residentes em maior número no Brasil eram os italianos, estando a maior parte dos italianos nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. No mapa abaixo (figura 2), podemos observar as regiões da Itália de onde partiram os imigrantes entre 1945 e 1955.

Figura 2- Regiões de partida da Itália (1945-55)



Fonte: Elaboração da autora¹⁰.

Salles e Bastos (2013) ao analisarem a trajetória de 6.746 imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no Pós-Segunda Guerra Mundial, a partir dos registros da Hospedaria do Imigrantes, observaram, por meio da localização das empresas contratantes, que 6.618 se destinaram para São Paulo, 61 para o Rio Grande do Sul, 35 para o Paraná, 17 para Minas Gerais, 11 para Goiás, dois para Santa Catarina e para a Bahia uma única referência (SALLES; BASTOS, 2013, p. 164). É importante lembrar que muitos imigrantes chegavam a partir das “cartas de chamadas”, ou seja não tinham contratos de trabalho, portanto não foram contabilizados aqui.

¹⁰ Elaborado a partir dos dados das certidões de casamento – 1ª 2ª 3ª Zona (APERS).

Nesse rápido panorama que procuramos traçar a respeito da imigração italiana para o Brasil para o segundo pós-guerra, foi possível observar que os comerciantes italianos, foco da nossa pesquisa, não estavam dentre os grupos de interesse do governo brasileiro para a imigração desse período. Da mesma forma, as fontes acessadas não apontam registros de imigrantes que se apresentassem como comerciantes ao entrar no país. É possível deduzir que isso se deva ao fato de que esses chegavam como imigrantes “espontâneos”, que apresentavam “cartas de chamadas” - nesse caso, sua subsistência seria, teoricamente, garantida pelo familiar que o chamou – ou tinha uma oferta de trabalho, que geralmente era oferecida por italianos residentes no Brasil.

1.2 Comerciantes italianos no Brasil

Precisamos voltar no tempo para entendermos a importância dos italianos no comércio do Brasil, para tal, procuramos aqui delinear o cenário do comércio realizado por italianos, principalmente em pequenos e médios centros urbanos do país, fora do grande eixo que foi o estado de São Paulo, já bastante estudado e com dinâmicas de imigração diferentes das que ocorreram em centros menores, como Porto Alegre, que queremos entender a partir desse estudo.

Nos últimos anos foram publicados estudos importantes sobre a imigração italiana no Brasil, cujas análises mostraram uma incidência expressiva de comerciantes italianos, imigrantes “espontâneos”, praticando atividades nas mais diversas cidades do país. É importante lembrar que no início do século XX 10% da população brasileira vivia em cidades com mais de 10.000 habitantes. O número de municípios deu um salto de 618 em 1871 para 1.168 em 1910; entre 1871 e 1920 os municípios com 5000 habitantes quadruplicaram passando de 200 para 800 municípios (CARMAGNANI, 2003, p. 270-273).

A pesquisa evidenciou a presença de comerciantes italianos em todas as regiões do Brasil. Em um local onde o estado era ausente, a infraestrutura era quase inexistente e a população não contava com a presença de médicos, o comércio aparecia como único recurso e também como a única possibilidade de lucro para novos empreendedores. Sendo assim, o comércio se constituiu no primeiro agente do progresso nos mais distantes recantos do país. Citaremos apenas alguns exemplos da presença dos comerciantes italianos em locais que não foram destino dos grandes fluxos imigratórios de italianos ocorridos a partir do final do século XIX.

No sertão baiano, Benedini (2013, p.6-9) a presença de trequinenses¹¹. Os primeiros, Giuseppe Rotondano e Giuseppe Niella, chegaram ao “sertão da reserva” entre os vales do Jequiçá e do Rio de Contas, imigraram para o Brasil em 1866 e 1869, respectivamente. Rotondano e Niella associaram-se e, cada um por seu turno andava pelas terras altas em busca de clientes. Enquanto um deles viajava (e podia ficar longe por várias semanas), o outro se ocupava do armazém. A Casa, como era conhecida a sede da “Rotondano & Niella”, tornou-se, em pouco tempo, um ponto de encontro dos mascates, dos tropeiros e dos canoeiros da zona. Quando se estabeleceram na área do Rio de Contas, esses italianos asseguraram, por exemplo, o monopólio da produção local de óleo de capiroba, uma mercadoria muito valorizada que era exportada para Europa. Entende-se também a importância do crédito concedido pelos comerciantes italianos num território onde não se fazia presente nenhum estabelecimento bancário, assim como o sucesso desses nos negócios, acompanhado pela compra de terras, que os transformou em uma nova elite, distinta da classe tradicional dos fazendeiros. Com o passar do tempo, dezenas de trequineses moravam em Jequié, povoado que nascia e crescia exclusivamente com a sua cooperação e com a chegada de seus *paesani*¹² e muitos de seus parentes que por eles eram chamados, povoando dos arredores. Nas primeiras décadas do século XX é possível observar a presença de muitas casas de comércio de trequineses.

Italianos provenientes do município calabrés de Laino Borgo, presentes também na Bahia, chegaram no início do século XX e desempenharam atividades de comércio e artesanias. Estavam instalados no Maciel e nas ruas vizinhas de Salvador, onde proliferavam as lojas de calçados e tecidos, os empórios e as oficinas mecânicas dirigidas por italianos. Inclui-se no grupo o proprietário do Café Catapano, local que reunia os intelectuais e artistas da época. Nas áreas centrais de Salvador era possível perceber a presença de italianos em locais como a “Pastelaria Triunfo”, ponto de encontro dos peninsulares (CAPPELLI, 2007, p. 16).

Os italianos de Aracajú eram originários de Salerno e Cosenza, eram comerciantes empreendedores e artistas que contribuíram para o desenvolvimento da capital de Sergipe

¹¹ “[...] chamados mascates “napolitanos”, que, na realidade eram um grupo proveniente de Trecchina, povoado que se situa perto da costa meridional do Mar Tirreno, situado na zona da Lucania, onde se falava um dialeto de origem galo-italica, que é muito diferente do napolitano.” CONEDERA, Leonardo de Oliveira. MÚSICOS NO NOVO MUNDO: A PRESENÇA DE MUSICISTAS ITALIANOS NA BANDA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (1925-1950). Tese, Programa de Pós-graduação em História – Pontifícia Universidade Católica, 2017 p. 59.

¹² Termo italiano utilizado para designar indivíduos do mesmo país ou da mesma aldeia.

na primeira metade do século XIX. Destacam-se no grupo o comerciante Nicolau Pungitori, que construiu o teatro Carlos Gomes e Nicola Mandarino, proprietário de uma grande marcenaria em Aracaju, de uma fábrica de sabão e de um depósito de tecidos. O imigrante de Recife provém das mesmas localidades dos italianos de Salvador e Aracajú. O grupo é composto por artesãos e pequenos comerciantes que, em geral, começavam como empregados em oficinas e pequenas lojas ou como mascates na zona rural. Imigravam financiados pelos conterrâneos que lhes precederam e os convidaram a emigrar. Muitos eram alfaiates e sapateiros e grande parte deles se tornaram industriais no ramo de bebidas, tecidos e calçados (CAPPELLI, 2007, p. 18-20).

Têm a mesma proveniência os italianos que se instalaram em Belém no período do *boom* da borracha, ciclo que se estendeu entre 1870 e 1920. Vindos da zona da Apenino Lucano, chegavam à cidade e se destacavam tanto no comércio como na indústria. Eram numerosos no comércio de gêneros alimentícios, tecidos, ferragens e no comércio de produtos regionais. Os peninsulares não se detiveram em Belém, muitos penetraram ao longo dos rios atrás do comércio da borracha (CAPPELLI, 2007, p. 21).

Entre Belém e Manaus, em Santarém e Óbidos, encruzilhadas comerciais importantes, era possível encontrar comunidades italianas numerosas, com indivíduos provenientes da Brasilicata. Entre eles, um certo Mileo que se fixou no comércio em Óbidos. Nas duas cidadelas havia cerca de vinte casas comerciais administradas por italianos e vendendo de tudo um pouco. Muitos italianos praticavam o comércio ambulante com “regatões”. Em Santarém, o comércio de chapéus de Florença e corais napolitanos era praticado por uma família italiana de nome desconhecido (CAPPELLI, 2007, p. 24-25).

No Estado do Amazonas, a maioria dos italianos se estabeleceu na capital, Manaus, trabalhando como carregadores na área do porto e do mercado, jornaleiros, engraxates e sapateiros. Outros, mais abastados, estabeleceram comércios nas principais ruas e avenidas da cidade, tornando-se pessoas influentes na sociedade local. Na década de 1890 surgem em Manaus os primeiros estabelecimentos comerciais de italianos: A casa Gêneros Italianos, de Enea Fiorini; o atelier artístico e fotográfico de Arturo Luciani; a Casa Cruz & Aiello. Em 1912 o italiano Ricardo Coli foi um dos primeiros a organizar o jogo do bicho em Manaus, possuindo bancas e vendendo bilhetes (NETO, 2021, s/p).

De Ruggiero observa que o Rio Grande do Sul foi caracterizado também por uma imigração urbana “espontânea” de peninsulares que, desde meados do século XIX, chegaram das diferentes regiões, principalmente do Sul da península ou de países

fronteiriços, como Uruguai e Argentina. Esses deslocamentos se fortaleceram posteriormente com as migrações internas daqueles colonos entrados por meio da colonização oficial, depois de terem passado um tempo nas colônias de povoamento voltavam suas expectativas para os centros urbanos (RUGGIERO, 2018, s/p.)

Essa presença peninsular pode ser verificada em cidades de fronteira como Sant'Ana do Livramento, São Borja, Uruguaiana, Santa Vitória do Palmar e Alegrete usualmente não analisadas pela ser foco de imigração italiana neste período de mudança de século. No caso de Sant'Ana do Livramento contou especificamente com um grupo de peninsulares que se caracterizou pela atividade comercial; sabe-se que a coletividade era composta por imigrantes advindos de diferentes partes da península, como sujeitos oriundos da Ligúria e da Campania (CAGGIANI, 1991).

O calabrés Antonio Rotta se estabeleceu com comércio próprio em Santa Vitoria do Palmar e fomentou o surgimento de uma cadeia migratória de conterrâneos. Outros casos foram os dos comerciantes Attilio Mondadori, Salvatore De Grazia e Andrea e Bernardo Schenini, que a partir do comércio se destacaram na cidade fronteiriça de Itaqui. Em Bagé, os irmãos Nocchi, pisanos, incrementaram o comércio importando produtos italianos. Em Rio Grande, Raffaele Anselmi, da província de Cosenza, conseguiu construir uma grande fortuna econômica

Em Itaqui a Casa Degrazia, empório empresarial importador e exportador, trazia e enviava mercadorias do Uruguai entre os anos de 1880 e 1890, utilizando a ferrovia para os negócios relativos ao comércio exterior, chegando a ser agente importador de móveis para loja Bromberg, na capital. Marcelo Cerruti, diplomata genovês, foi enviado em visita oficial à cidade, no ano de 1856 para, entre outras coisas, firmar um tratado de comércio e navegação. Em seu relatório fez constar a prosperidade em que viviam os imigrantes estabelecidos em Itaqui, que desfrutavam, por meio do comércio de relevância social e econômica citando o nome de alguns deles como Alexandre Lombardo, Manoel Di Amico e Luiz Deluchi (FIGUEIREDO, 2011, p. 74, 82)

Antonio Marcal Bonorino Figueiredo realizou pesquisa nos inventários do Arquivo Público, onde encontrou o nome do imigrante Alexandre Lombardo, que em 1873 se ocupava com o comércio de erva-mate e Carlos Bonetti que além do comércio se ocupava do transporte. Outro italiano encontrado foi Pascual Lourenço noticiando no jornal "O Uruguai" a morte do italiano Santiago Angelo que ocorreu em Itaqui (FIGUEIREDO, 2011, p.83, 107, 122).

O autor observa que as regiões fronteiriças eram áreas afastadas do centro com índices significativos de produção e circulação de bens econômicos e pontos estratégicos de reorganização da circulação das metrópoles. O comércio era uma forma importante de incorporação da população e incentivava a atividade extrativa ervateira e a pecuária. O comércio em Itaqui floresceu a partir de 1800 quando ganhou conformação a praça comercial com a atuante presença do elemento que era inclinado à atividade comercial e à navegação. As casas comerciais de porta em Itaqui e Uruguaiana proporcionavam comércio ativo e significativo progresso, sinalizando a importância da rede platina integradora, composta pelas cidades de São Borja, Itaqui e Uruguaiana (FIGUEIREDO, 2011, p. 98, 99)

Figueiredo observou que os paraguaios, quando invadiram a cidade São Borja, em 1865, se apossavam das casas de comércio, tendo inclusive atacado a residência do comerciante genovês Francisco Bergallo e que esse foi insultado e quase degolado pelos sequiosos (FIGUEIREDO, 2011, p. 100). O autor fez um levantamento nominal dos italianos e descendentes que chegaram, pelo Rio da Prata – via Montevidéu (quadro 2) e via Buenos Aires (quadro 3) - a São Borja, Itaqui e Uruguaiana entre os anos de 1834 e 1968, dos quais extraí os nomes dos comerciantes, os locais de procedência e o ano, transcritos nos referidos quadros;

Quadro 2– Italianos e descendentes que chegaram a São Borja, Itaqui e Uruguaiana entre os anos de 1834 e 1968, via Montevidéu

| Comerciante | Procedência | Data |
|--------------------|---------------------------------|-------------|
| Paulo Bonapace | Tione, Trentino-Alto Ádige | 1889 |
| Antonio Bonarino | Mallara, Liguria | 1830/1968 |
| Primo Depedrine | Lombardia | Déc. 1890 |
| Guilhermo Mautone | Pisciotta, Capânia | Não consta |
| Domingos Moretti | Não consta | Não consta |
| André Rossi | Vicenza, Vêneto | Não consta |
| Pedro Ruffoni | Norte da Itália (Ilha Marítima) | 1902 |

Fonte: A autora, 2019.¹³

¹³ Dados retirado da obra: FIGUEIREDO, 2011, p, 135.

Quadro 3– Italianos e descendentes que chegaram a São Borja, Itaqui e Uruguaiiana entre os anos de 1834 e 1968, via Buenos Aires

| Comerciante | Procedência | Data |
|----------------------|---------------------|------------|
| Alexandre Cacciatore | Viguzzolo, Piemonte | Déc. 1880 |
| Vicente Cremonti | Sicília | Não consta |
| João Lunardini | Montefeltro, Marche | Déc. 1910 |
| Ângelo Caetano Messa | Não consta | Déc. 1890 |
| João Maria Veppo | Não consta | Não consta |

Fonte: A autora, 2019 ¹⁴

Italianos radicados na fronteira praticavam atividade comercial com erva-mate, o que se comprova nos inventários de alguns deles, como o de Alexandre Lombardo, Antonio Bonorino, Francisco Bergallo e Manoel Di Amico, já mencionados anteriormente. Em Itaqui e Uruguaiiana existiam casas comerciais importando itens de venda direto da Europa como a Casa Degrazia, a Casa R. Machiavello, Casa Beltran (figura 3) a Casa Ao Buon Marchè (figura 4), Farmácia Central (figura 5) e a Casa Moretti, de proprietários italianos ou descendentes de primeira geração. (FIGUEIREDO, 2011, p. 44)

Figura 3- Anúncio da Casa Beltran no Jornal de Itaqui



Fonte: FIGUEIREDO, 2011, p.138.

¹⁴ Dados retirados da obra: FIGUEIREDO, 2011, p, 136-137.

comercial chegou com a Casa Gallo, loja que vendia material elétrico, discos e uma variedade de artigos¹⁵.

Para Ruggiero (2015), as migrações nas regiões fronteiriças apresentam características inerentes se comparadas com a imigração urbana em outros estados brasileiros. Para ele, nas regiões fronteiriças houve uma vasta presença de europeus, principalmente italianos, atraídos especialmente pelas relações comerciais, uma vez que esta apresentava condições relevantes. Esses italianos fixaram-se nessas regiões em virtude do fluxo marítimo que poderia ajudar no comércio.

A imigração espontânea tinha como destino prioritário as colônias do Sul ou as cidades, onde os italianos procuravam se estabelecer como comerciantes, pois o deslocamento era realizado por pessoas que tinham alguma posse resultante de venda de terras na Itália e não dependiam tanto de subsídios.

O comércio em Caxias do Sul estava distribuído em pequenos centros, um na cidade e os outros nos distritos da cidade em Nova Trento, em Nova Pádua e Nova Veneza. Era na cidade que estava localizada grande parte dos negócios, ou seja 55%, e 44% do total estava no interior. Em 1915 havia em Caxias noventa e nove casas comerciais, algumas das quais os proprietários eram Ambrogio Bonalume, Eberle, Mosele & Cia, Luigi Gasparetto, Giovanni Andrezza, Salvatore Salattino, Benvenuto Ronca, Irmãos de Carli & Paganelli, Antonio Pieruccini & Filhos (GIRON, BERGAMASCHI, 2001, p.98, 136-139).

Fundamentais para o comércio regional foram as casas importadoras sediadas em Porto Alegre, geralmente dirigidas por comerciantes de origem alemã. Na região colonial os italianos e seus descendentes perceberam a importância do comércio atacadista e logo grandes depósitos foram abertos no município (GIRON, BERGAMASCHI, 2001, p.98).

As casas de comércio vendiam no atacado e no varejo, como a Casa de Fazendas de De Vialle e Serafini, a de Adelino Sassi e a de Germano Paroline. As casas de secos e molhados representavam a metade das casas comerciais que existiam no município. Entre 1925 e 1950, muitas das casas comerciais que existiam fecharam e os comerciantes se tornaram atacadistas, como é o caso de Adelino Sassi. A partir de então, surgem a Importadora Comercial José Cesa & Sobrinho. Algumas casas se especializaram, como a

¹⁵ Site Jornal Folha do Sul. Disponível em: www.jornalfolhadosul.com.br. Acesso em: 14 jul. 2020.

Casa Fioravante Zatti e a Casa Magna Bosco. A abertura do comércio brasileiro favoreceu o surgimento dos novos negócios (GIRON, BERGAMASCHI, 2001, p.102, 161)

Como podemos observar, desde o século XIX que imigrantes italianos “espontâneos” se direcionaram para diversas partes do Brasil para se dedicarem ao comércio, muitas vezes, sendo os precursores no setor em pequenos conglomerados urbanos, distantes de centros comerciais desenvolvidos. Assim, o comércio desses italianos simbolizou a chegada do progresso em diversos recantos isolados do país. Podemos observar também que as redes sociais estiveram sempre presentes, tanto nos contatos que promoviam um constante fluxo imigratório, quando na facilitação do desenvolvimento do próprio comércio em locais isolados, uma vez que os imigrantes criavam entrepostos e se organizavam em sociedades que possibilitavam a compra de produtos nos distantes centros comerciais mais desenvolvidos, enquanto um dos sócios cuidava do estabelecimento comercial.

1.3 A economia e o comércio no segundo pós-guerra na visão do jornal O Orientador

Consideramos importante entender o panorama econômico e o papel do comércio no Brasil do segundo pós-guerra. Para tanto, recorreremos ao jornal O Orientador, por ser um veículo de imprensa dedicado às questões econômicas daquele período, com grande circulação, em várias partes do país. A revista se dedicava às duas principais atividades econômicas que dizem respeito às zonas urbanas, comércio e indústria, com foco no trabalho. Assim, a revista nos oferece um amplo panorama econômico, tanto de Porto Alegre como do país, uma vez que se preocupava em manter seu público atualizado em relação à legislação vigente, às estatísticas e aos principais acontecimentos em torno de tais atividades.

Sabemos que O Orientador - comercial, industrial e trabalhista surgiu de uma fusão do jornal O Orientador e a revista Trabalho, indústria e comércio, ocorrida em 1942, no contexto do Estado Novo e da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) conforme Charão (2017, p.6). A redação do semanário dirigido por seu proprietário Dr. Armando Gomes Ferreira, que também acumulava os cargos de redator e administrador, ficava localizada à rua Dr. Flores, 36, em Porto Alegre, RS. Segundo as palavras do diretor:

[...] a revista nasceu com a finalidade de servir ao trabalho, indústria e ao comércio, pela disposição dos que, como empregadores ou empregados, produzem e fazem circular riqueza, informação e orientação honestas e verazes, tudo de acordo com as crescentes necessidades decorrentes do desenvolvimento da produção e do consumo, do surto e da aplicação da legislação trabalhista, da inteligência e execução das leis fiscais e, basicamente a interpretação dos novos textos constitucionais. Esta revista é um instrumento de difusão de notícias e esclarecimentos, de um modo geral destinado aos meios econômicos do sul do país compreendendo Rio Grand do Sul, Paraná e São Paulo, conquanto a outros pontos do país, como a capital Federal e o norte, o estrangeiro inclusive atinja a nossa circulação” (O ORIENTADOR, 1949, p.1).

O semanário informativo O Orientador circulou entre os anos de 1941 e 1958 e foi considerado, à época, o melhor veículo de propaganda direta junto ao comércio e à indústria, publicando as atas da Junta Comercial, com abertura e fechamento de firmas, distratos, contratos, alterações de contratos, falências, registros de firma no interior, aditivos aos registros de firmas, assim como, cancelamentos de firmas. Publicava também processos trabalhistas que tramitavam no Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região. Trazia informações sobre títulos protestados, além de informações trabalhistas de interesse do comércio e da indústria. Somando-se às informações enumeradas, havia as colaborações externas, abordando assuntos diversos, como a página Pílulas de Adel Carvalho, com críticas diversas e uma coluna na qual os editores esclareciam dúvidas dos leitores, pertinentes às leis do trabalho, comércio e indústria, com transcrições de textos, na íntegra, de publicações de decretos, seleta comercial, leis de impostos sobre os produtos e bolsa de fundos públicos de Porto Alegre. O semanário criticava várias questões sobre o trabalho e a economia através da coluna de João da Serra, abordava temas internacionais como a produção que estava em evidencia. Possuía uma página de consultas e respostas sobre questões de trabalho.

O proprietário e diretor da revista disponibilizava serviços de advocacia, em geral em questões civis, comerciais, fiscais e trabalhistas, em inventários, dando gratuidade aos assinantes. Também oferecia serviços de tradutor juramentado em inglês, alemão, francês, italiano e espanhol; processos de naturalizações; títulos declaratórios de cidadania brasileira para estrangeiros de qualquer nacionalidade; passaportes para nacionais e estrangeiros, sem representação diplomática ou consular no Brasil; vistos de saída e de retorno; carteira de identidade etc. Armando Gomes Ferreira disponibilizava serviços para inventários e partilhas, testamentos, questões de terras, minutas de contratos e adiantava dinheiro para o custeio de inventários.

Em 1945, o semanário começou a abrir espaços para propagandas de profissionais externos, como advogados, às fotogravuras e à crítica aos baixos pagamentos da Previdência Social aos aposentados e pensionistas assinada por Sylvio Sanson. Publicava propaganda sobre a Varig, algumas dicas de saúde, notícias sobre a chegada de imigrantes, relação de contabilistas registrados, notas fiscais, notas judiciárias, imposto de consumo, oportunidades comerciais, pareceres da comissão de consultas aprovados da Alfândega de Porto Alegre.

Assinantes da revista tinham direito a consulta grátis sobre assuntos fiscais e trabalhistas. A revista, através das receitas de Medicina social, dava conselhos para a boa saúde do trabalhador. O semanário fazia também propaganda de consultoria referente a consulta, orientação e investimentos financeiros para garantir lucros extraordinários. Incrementou com propaganda do Papaleo Livreiro especializada em livros Industriais e técnicos, com propaganda da Bromberg Sociedade Anônima Importadora Comercial e Técnica.

Desse modo, o semanário orientava através de artigos, notas e notícias sobre todos os assuntos de interesse imediato, daquelas classes, em matéria de direito e justiça do trabalho, legislação e decisões fiscais, movimentos forenses, transferências de propriedade, protestos de títulos e muitos outros assuntos. Tudo isso se encontra nas páginas desta revista, que, para tanto, mantém um completo serviço informativo e de colaboração, a cargo de técnicos especializados, e, além disso, publicava, em separado, as leis e regulamentos que interessavam às classes produtoras, sendo uma publicação útil e proveitosa aos comerciantes industriais e empregados.

O Orientador circulava em todas as cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, no Estado do Paraná em algumas cidades como Curitiba, Paranaguá, Ponta Grossa, Antonina, Morretes, Castro, Fernandes Pinheiro e Cachoeirinha. Em 1949 possuía 351 assinantes em São Paulo e 163 assinantes no Rio de Janeiro. Possuía também assinantes no Ceará, Mato Grosso, Goiás, Baía, Minas Gerais, Sergipe, Amazonas, Pernambuco, Piauí. Na Argentina iam exemplares para Buenos Aires, no Uruguai, para Montevideu e nos Estados Unidos, para New York e Washington (O ORIENTADOR, ANO XI, Nº 32 Porto Alegre, 20 ago., 1949, p. 612)

Dias antes do término da Segunda Guerra Mundial, uma publicação do jornal O Orientador exaltava a importância do comércio como agente civilizador:

Em todos os tempos tem sido notável o papel civilizador do comércio, estabelecendo e fomentando o intercâmbio entre regiões remotas e povos diferentes, o comércio aproximou os homens e abriu caminhos ao progresso. Intermediário natural e necessário entre produtores de uma região e os consumidores de outras, é o comércio o canalizador de valores e o propulsor da riqueza social (O ORIENTADOR, nº 24, ago., 1945, p. 538).

Para a referida revista, seria possível esperar retomada das atividades no comércio nacional durante a fase de reconstrução do país e do mundo, após a Segunda Guerra. Ante a escassez de artigos para o consumo das populações, inclusive os de primeira necessidade, caberia ao comércio buscá-los nas fontes de produção, tanto nacionais quanto estrangeiras e, se preciso fosse, deveria até estimular essas fontes. Ação e união era o lema a ser seguido pelo comércio brasileiro, ação na procura das mercadorias e união na defesa dos interesses comuns da classe (O ORIENTADOR, nº 10, 2, mar., 1946, p. 177).

A Conferência Internacional do Comércio despertou reservas e apreensões relacionadas ao equilíbrio econômico dos países americanos. No Brasil havia a preocupação com as tarifas aduaneiras e o receio relativo à adoção de resoluções que trouxessem prejuízo ao país. A conferência deixou margem para a negociação de acordos bilaterais dentro dos quais seriam permitidas cláusulas ou compromissos de compensação. O acordo bilateral assinado entre os Estados Unidos e o Brasil previa compensações recíprocas com referência a um sistema equilibrado de tarifas alfandegárias (O ORIENTADOR, nº 17, 8, mai., 1948, p. 385).

A estatística comercial para os dois primeiros meses de 1948 acusava forte decréscimo das exportações, ainda que a quantidade de mercadorias que saíram do país fosse 10% mais elevada do que no mesmo período do ano anterior, com valor sensivelmente mais baixo. A diminuição não derivava de um só produto ou de um mercado determinado e sim de grande número de artigos normalmente vendidos em muitos países. Os produtos mais atingidos foram o algodão e o arroz, seguidos de peles, couros, pinho, diamantes e pedras semipreciosas. A essa lista de perdas opõem-se aos produtos vendidos em maior volume e a preços mais altos, como o milho, o mate, as castanhas do Pará e a farinha de mandioca. Com o cacau houve uma redução de quantidade e aumento de valor e o café aumentou o volume de exportação e diminuiu o preço. Acredita-se que a baixa ocorreu em consequência da baixa geral de preços nas

bolsas de mercadorias norte-americanas (O ORIENTADOR, nº 18, 15, mai., 1948, p. 409-410).

A revista denunciava que o consumo do país era maior do que a produção e, como consequência, os preços de venda aumentaram em virtude da grande procura de utilidades, o que elevava o valor dos impostos. Além disso, as taxas elevadas acabavam por incidir sobre os produtos e as utilidades mais necessários à alimentação, saúde e vestuário. Tal tributação se baseava na lei do imposto de consumo que por sua vez estava fundamentada na lei básica foi criada em 1891. Em 1899, com o decreto 3.535, apareceu o primeiro regulamento que foi sendo renovado de sete em sete anos. A elevação ocorrida culminava nos produtos de maior necessidade das classes pobres, como alimentos industrializados, produtos farmacêuticos e medicinais e tecidos (O ORIENTADOR, nº 20, 29, mai., 1948, p. 465-466).

Os avanços tecnológicos podiam ser percebidos na modernização da indústria fotográfica, no desenvolvimento de produtos feitos de plástico, que revolucionavam o mercado, substituindo, em muitos casos, os metais e a madeira, acarretando em grande perda de mercado para esses dois produtos no comércio internacional. A matéria do jornal O Orientador, de junho de 1946, citava uma série de avanços ocorridos naquele período em diversos setores, como nas indústrias naval, aérea, química, entre outros, que transformavam a vida do homem e alteravam o ritmo do seu trabalho (O ORIENTADOR, nº 23, 01, jun., 1946, p. 531).

O governo se mobilizava para adaptar os planos ferroviários ao moderno sistema e os entrosando entre si e com o plano fluvial. O objetivo era dotar o país de meios e recursos para o maior e melhor escoamento da produção que se ressentia das insuficiências, deficiências e precariedades do aparelho de viação (O ORIENTADOR, nº 2, 31, jan., 1948, p. 41),

Conforme a revista, o Brasil era uma das maiores nações comerciais do mundo, mais precisamente, a sexta nação do mundo em ordem de importância no terreno comercial, excluindo o Japão e a Alemanha que a guerra pôs fora da competição comercial. Nos anos de guerras e perturbações, o Brasil foi o país que maior proveito tirou da situação, sob o ponto de vista comercial. O aumento de valor do comércio externo brasileiro foi o maior entre os aumentos verificados no comércio de todas as nações, seguido pelo dos Estados Unidos e do Canadá. Em 1938 ocupávamos o décimo quinto lugar e nos nove primeiros meses de 1947 alcançávamos o sexto lugar (O ORIENTADOR, nº 26, 10, jul., 1948, p. 609).

Ocorreu em julho de 1948 a inauguração da Exposição Internacional de Comércio e Indústria no Grande Hotel Quitandinha, em Petrópolis, que tinha por objetivo a renovação de nossos métodos comerciais e a finalidade imediata e prática de participação efetiva do Brasil no comércio internacional e a intensificação do comércio interno (O ORIENTADOR, nº 27, 10, jul., 1948, p. 633).

Em 1948 foi apresentado ao Congresso Nacional um projeto de lei aumentando o imposto de consumo com a finalidade de levantar recursos para dar conta dos vencimentos dos servidores públicos, ativos e inativos, e dos militares. O aumento atingiria apenas os artigos de luxo, como joias, adornos, mármore, ônix, o alabastro e, aqueles destinados aos viciados como cigarros e álcool. A elevação do imposto não foi bem recebida porque contrariava a política governamental de restauração da moeda e, porque se entendia que tal aumento produziria um feito cascata na economia, uma vez que ocasionaria retração de consumo e refletiria sobre os salários (O ORIENTADOR, nº 30, 07, ago., 1948, p. 713).

Entidades representativas do comércio brasileiro, privadas e sindicais enviaram memorial às autoridades legislativas e executivas da união a respeito de um projeto de lei que visava o monopólio de exportação dos excedentes de produção de gêneros alimentícios e a limitação de lucros. A referida revista considerava que tal lei representava “o cerceamento das liberdades essenciais à vida econômica do país”, uma vez que o monopólio da exportação traria a desorganização do mecanismo da produção agropecuária e da sua distribuição; aumento do custo de produção; prejudicaria a economia e as finanças dos estados produtores e exportadores dos gêneros catalogados; desemprego no setor do comércio desses gêneros; crise de produção provocando desequilíbrio econômico com o aumento do encarecimento da vida (O ORIENTADOR, nº 31, 14, ago., 1948, p. 729).

As classes produtoras do país defendiam a tese de uma “frente única” de âmbito nacional para congregar todas as atividades econômicas, com o objetivo de converter em lei e em ação administrativa o que se referia à liberdade de comércio. O projeto de lei declarava livre a exportação de produtos da lavoura, da indústria e da pecuária. A justificativa era que a exportação estava sendo restringida, como se ela não fosse necessária para a criação de riqueza, o estímulo à produção e a conquista de mercados para que o país adquirisse “reais utilidades” que não produzíamos (O ORIENTADOR, nº 37-38, 25, set., 1948, p. 825).

Um memorando enviado ao presidente da República e ao governador do estado destacava algumas atitudes que deveriam ser tomadas para salvar a economia nacional e, em particular, a gaúcha de uma grave crise, entre elas, ampliar as aplicações do Banco do Brasil, empregadas exclusivamente no efetivo da produção rio-grandense; liberação da exportação de carnes e outros produtos pecuários, a fim de evitar a paralização da atividade industrial; acelerar o ato liberatório dos bens bloqueados dos súditos alemães e japoneses, residentes no país; ação de medidas práticas para o desentesouramento do dinheiro retido por particulares estimulando consumo entre outros (O ORIENTADOR, nº 39, 02, out., 1948, p. 841).

No dia 16 de maio de 1949 foi assinado o novo convênio comercial Brasil e Argentina, destinado a regular as trocas comerciais entre os dois países. O Brasil se comprometeu a adquirir certa quantidade de determinados produtos e a Argentina a facilitar a importação de produtos fornecidos pelo Brasil (O ORIENTADOR, nº 28, 23, jul., 1949, p.517).

A Federação das Associações Comerciais, a Federação das Indústrias, a Federação do Comércio Atacadista e a Federação do Comércio Varejista, junto ao Governo do Estado e a Assembleia Legislativa, se reuniram para discutir sobre a política de agravação tributária que acreditavam que culminaria no entrave da produção, na estagnação dos negócios e na carestia. Consideravam também que a capacidade de produção para suportar os tributos já se achava esgotada e poderia ser desestimulada cada vez mais por qualquer agravante. Além disso, o Rio Grande do Sul tinha contra si o fato de ficar longe dos principais centros consumidores, onerando seus produtos com o custo de transporte (O ORIENTADOR, nº 37, 24, set., 1949, p.709).

O jornal O Orientador anunciou em junho de 1950 que a Alemanha compraria matérias primas e gêneros alimentícios do Brasil, fornecendo, reciprocamente máquinas e mercadorias manufaturadas. Essas não teriam o mesmo volume do período que precedeu a Segunda Guerra Mundial, pois a indústria brasileira havia progredido imensamente quanto à capacidade de produção. Assim, a importação de artigos alemães não constituiria uma concorrência perigosa para a indústria brasileira. A Alemanha colaboraria para a renovação e aumento do parque industrial do Brasil fornecendo maquinaria. A Alemanha se dispunha a enviar técnicos a fim de “pôr sempre toda a capacidade ao serviço do progresso do Brasil como dever de uma nação amiga.” (O ORIENTADOR, nº 25, 25, jun., 1950, p. 661).

A importância que se dava ao comércio pode ser observada na seguinte matéria do jornal O Orientador:

Ao comércio brasileiro cabe um importantíssimo papel na vida nacional. Se ele já desempenhou, historicamente, uma civilizadora missão, provocando o desenvolvimento econômico e cultural nas mais afastadas regiões do território pátrio e muitas delas como o Brasil Central e o Extremo Oeste, carecem dos benefícios dessa civilizadora missão, cumprindo que elas mesmas se estendam (O ORIENTADOR, nº 31, 05, ago., 1950, p. 862).

No presente capítulo foi possível observar que as redes sociais tiveram um importante papel nas dinâmicas de imigração “espontânea” de imigrantes italianos chegados ao Brasil, desde o século XIX. Percebe-se nos acordos do segundo pós-guerra estabelecidos entre os governos do Brasil e da Itália que não havia o interesse na vinda de comerciantes italianos, assim como esses não são evidenciados nos estudos relativos aos registros de entrada de italianos no país, o que pode ser explicado pelo caráter “espontâneo” desses imigrantes, que conforme os acordos firmados entre os dois países aqui mencionados, deveriam entrar a partir de “cartas de chamadas” ou ter uma oferta de trabalho no país. Vimos também que, desde o século XIX, comerciantes italianos se instalaram em grandes, médios e pequenos centros urbanos, que migraram apoiados em suas redes de sociabilidade e mantiveram vivas essas redes dentro do país de destino, a fim de viabilizarem a manutenção e o desenvolvimento de seus negócios, assim como a inserção social no novo território. Por último, através da análise das publicações do jornal O Orientador no período estudado, evidenciamos que o Brasil tinha uma privilegiada posição entre as maiores nações comerciais do mundo e que, sob o ponto de vista comercial, soube tirar proveito da situação de guerra. Observamos também que para além da importância da mão-de-obra do imigrante, o consumo praticado pelos súditos estrangeiros era visado como estímulo à economia.

A partir do conhecimento do panorama nacional em relação a imigração italiana e o comércio, a fim de nos aproximarmos cada vez mais do nosso objeto de estudos – o comerciante italiano que imigrou para Porto Alegre no segundo pós-guerra – passamos para o estudo do comércio e dos primeiros imigrantes italianos chegados a Porto Alegre, assim como, das redes estabelecidas na capital gaúcha por esses imigrantes.

2 COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE E OS PRIMEIROS IMIGRANTES ITALIANOS

Sabemos que há uma relação histórica entre o comércio e o espírito italiano. O autor italiano, Giovanni Pizzorusso (2009, p.12), ao estudar o movimento migratório na Itália no antigo regime, chama a atenção para a presença de comerciantes e banqueiros italianos no resto da Europa, numa continuidade da Idade Média para a era Moderna. Apesar de a península ter passado a uma posição periférica no contexto da economia mundial, os fluxos que seguiam da Itália para o resto da Europa se mantiveram em proporções consideráveis, caracterizando-se sobretudo por um alargamento do espectro das atividades emigrantes. O autor nota também a presença da formação de redes, quando aponta que aqueles comerciantes e banqueiros, que geralmente pertenciam a famílias proeminentes, atraíam para o novo local antigos concidadãos, com quem mantinham boas relações, como artesãos, mão de obra especializada ou administrativa ou militares que se colocaram ao serviço dos aparelhos de Estado, formando comunidades nacionais nos vários centros europeus, ligadas entre si e à cidade de origem. Pizzorusso (2009, p.16) nos fala também da tradição de mobilidade do italiano, principalmente do agricultor e do comerciante, que há muito recorriam a essa estratégia de sobrevivência, que passou a fazer parte da mentalidade italiana que, ao se cruzar com a migração de massa, deu origem a fluxos migratórios que chegam aos dias atuais:

Desta forma, ampliam-se as estruturas migratórias que resistiram durante séculos, adaptando-se às diferentes realidades históricas da península. Por um lado, continuam a ocorrer certos fluxos que têm uma contrapartida "objetiva" na história de certas regiões da Itália. Por outro lado, o papel estrutural da imigração encontra uma confirmação ainda mais importante numa visão "subjectiva" do fenómeno, que procura os factores que levam o agricultor ou o comerciante a afastar-se. Portanto, deve-se reconhecer que na época da "grande emigração" a sociedade italiana já estava permeada por gerações pela ideia de mobilidade como um recurso para escapar da pobreza e aumentar a própria riqueza. Trata-se, pois, de uma "herança imaterial" que se perpetua ao nível da mentalidade e que, no entanto, se realiza com tempos e métodos diversos, que não podem, de forma alguma, serem reduzidos a um modelo único, mas comparáveis na sua pluralidade num contexto regional ou sub-regional restrito. No final do século XIX, esta mobilidade estrutural cruza-se com fenómenos de massa, por vezes partilhando os seus mecanismos individuais e coletivos, e mantém-se ainda mais tarde através de fluxos de mão-de-obra qualificada e

emigração intelectual e empresarial que chegam até aos dias de hoje. (PIZZORUSSO 2009, p.16 [Tradução da autora¹⁶])

Assim, iniciaremos este segundo capítulo com um panorama sobre o comércio de Porto Alegre no período anterior ao do segundo pós-guerra, a partir de fontes bibliográficas e de imprensa. Em seguida, passaremos para um levantamento, da presença de imigrante italianos em Porto Alegre, dando especial atenção àqueles que se dedicaram ao comércio e constituíram redes que alimentaram o fluxo de imigração entre a Itália e o Brasil. Tal levantamento foi realizado através de fontes bibliográficas, de imprensa e de entrevistas com mulheres italianas.

2.1 O comércio de Porto Alegre

Comércio, como bem se sabe, pressupõe comunicação à distância. Não se promove intermediação, menos ainda importações e exportações sem enviar mensagens que aproximem os interessados, que transmitam ordens de crédito, que informem preços e condições do mercado. Comércio próspero está ligado às comunicações fáceis, seguras e rápidas (FRANCO, 1983, p. 58).

As referências a negociantes em períodos mais remotos da formação urbana de Porto Alegre são escassas, entretanto, o historiador Sérgio da Costa Franco, na obra Porto Alegre e seu comércio, aponta que é possível encontrar alusão aos comerciantes e ao comércio nas Atas da Câmara Municipal, desde o final do século XVII, onde aparecem arrematando serviços concedidos de fornecimento público, como açougue e banca de peixe, fornecendo ao Senado da Câmara (assim também se denominava a corporação municipal) ou sendo multados como infratores de posturas (FRANCO, 1983, p. 13).

A Rua da Praia era o foco principal dos negócios, porque o funcionamento da alfândega, desde a sua instalação, levava os comerciantes a se arranjarem acomodando-se

¹⁶ Traduzido do original: “Si prolungano in tal modo strutture migratorie che hanno resistito per secoli adeguandosi alle mutate realtà storiche della penisola. Da un lato, si continuano a verificare determinati flussi che hanno un risono “oggettivo” nella storia di determinate regioni d’Italia. Dall’altro lato, il ruolo strutturale delle migrazioni trova una conferma ancor più importante in una visione “soggettiva” del fenomeno, che ricerca i fattori che spingono il contadino o il mercante a spostarsi. Si deve quindi riconoscere che al momento della “grande emigrazione” la società italiana è già permeata da generazioni dall’idea della mobilità quale risorsa per sfuggire alla povertà e per incrementare la propria ricchezza. Si tratta quindi di una “eredità immateriale” che si perpetua a livello di mentalità e che tuttavia si realizza con tempi e modalità differenti, assolutamente irriducibili a un unico modello ma confrontabili nella loro pluralità in un contesto ristretto di tipo regionale o sovraregionale. Alla fine del secolo XIX, questa mobilità strutturale si interseca con i fenomeni di massa, condividendone talvolta i meccanismi individuali e collettivi, e si mantiene anche in seguito attraverso flussi di manodopera specializzata e di emigrazione intellettuale e imprenditoriale che arrivano fino ai nostri giorni” (PIZZORUSSO 2009, p.16).

nas casas que ficavam para o lado oriental da rua. Próximo à alfândega ficava o trapiche, facilitando os despachos, conduções e demais tratos do comércio (MACEDO, 1968, p. 73). O viajante francês Auguste de Saint-Hilaire (1997, p.43), que visitou Porto Alegre em 1820, observou que, naquele período, a Rua da Praia era a única rua comercial e extremamente movimentada, onde funcionavam lojas muito bem instaladas e vendas bem sortidas.

O comércio em Porto Alegre era feito à custa de severas dificuldades, entre elas, o canal de acesso de embarcações ao porto do Guaíba, incerto, que mudava ao sabor dos ventos, dificultando a navegação e o transporte de mercadorias. O perigo aumentava entre Porto Alegre e Itapuã, que era uma rota sem sinalização e a Lagoa dos Patos era repleta de bancos de areia que provocavam encalhes. Apesar das intempéries, o comércio e o volume dos gêneros negociados na capital se elevavam gradativamente. O comércio porto-alegrense operava pela via fluvial e lacustre. Nesse sentido, é fácil entender porque a Rua da Praia era o foco dos estabelecimentos comerciais (FRANCO, 1983, p. 25,26). No início da conformação da cidade, a Alfândega e o trapiche, onde desembarcavam e embarcavam as mercadorias, estavam estrategicamente localizadas no Guaíba, onde desembocava a Rua da Praia.

Oito anos depois da Revolução Farroupilha, que empobrecera a capital, o presidente da Província, João Lins Vieira de Sinimbu, acreditava que um sistema de colonização atrairia a imigração europeia de proletários e capitalistas, transformando a cidade num entreposto das áreas colonizadas da Serra e da Depressão Central. O Almanack de Porto Alegre para o ano de 1857, organizado por Carlos Jansen, fornece uma visão do que seria o comércio porto-alegrense no ano que precedeu a organização da Praça do Comércio, que foi a primeira entidade associativa dos negociantes. Nele aparecem relacionadas as casas de negócio existentes na cidade e em qual ramo elas atuavam. Entre as casas de comércio que atuavam no período, havia 52 armazéns de “secos e molhados”, 13 atacadistas de “secos e molhados”, 51 lojas de fazendas, gêneros de importação, livros e miudezas, 03 de louças, 18 depósitos diversos¹⁷, 10 açougues, 120 vendas¹⁸ (Almanack de Porto Alegre, 1857).

Em 1857, quase todo o comércio se estendia ao longo da Rua da Praia, hoje Rua dos Andradas, onde ficavam 101 estabelecimentos. Em número menor, na Rua Bragança (atual Marechal Floriano), havia 44 estabelecimentos; na Rua Sete de Setembro havia 40

¹⁷ Alguns dos quais em nome de negociantes que já aparecem na exploração de outros ramos;

¹⁸ Um gênero que possivelmente englobasse um vasto universo de botequins de escassa expressão.

estabelecimentos; na Rua Paraíso (atual José Montaury) havia 12 estabelecimentos; no Caminho Novo (Voluntários da Pátria) havia três estabelecimentos (Almanack de Porto Alegre, 1857).

Em 1858, Lopo Gonçalves Bastos, comerciante do ramo de secos e molhados, da área de navegação e líder do comércio da capital, juntamente com mais de noventa sócios, fundou a Praça do Comércio, associação de representantes do comércio de Porto Alegre. A referida Praça se instalou na Rua Sete de Setembro, esquina da Praça da Alfândega e, demonstrando a intenção de transcender as fronteiras geográficas e políticas, promoveu intercâmbio econômico e cultural. Para tanto, efetuou a assinatura dos jornais da capital gaúcha, de Rio Grande, do Rio de Janeiro, de Pernambuco, de Recife, da Bahia, de Montevidéu, de Lisboa, Londres, Bélgica, Hamburgo etc. (FRANCO, 1983, p. 41-45).

No Almanack Administrativo, Comercial e Industrial Rio-grandense (1872/73, s/d) é possível perceber que, quinze anos depois, o número de casas comerciais se multiplicou e se diversificou, sinalizando para a complexidade econômica dos novos tempos, que especializava as atividades e prenunciava a indústria que emergia. A edição apresenta, em vinte páginas, a relação dos negócios, quantidade e endereço de localização dos mesmos, demonstrando que o comércio se expandia pelas ruas da cidade, mas ainda predominando no centro da cidade.

Vale lembrar que os comerciantes italianos, embora em número reduzido, sempre eram mencionados nos relatórios consulares como sendo um grupo social estruturado, desde 1870 no Rio Grande do Sul (CONSTANTINO, 2008, p.47). Porto Alegre demonstrava ares cosmopolitanos onde o comércio italiano era visível em meio às transformações. O centro da cidade era o local onde havia maior concentração de estabelecimentos comerciais, principalmente na Rua da Praia, e os italianos já marcavam presença no final do século XIX, conforme aponta a referida autora:

Em 1895, dos 286 estabelecimentos registrados, 161 são identificados com segurança por seus proprietários com sobrenome estrangeiro, descontados aqueles que evidenciam sobrenomes lusos. Com proprietários de origem italiana estão registrados 78 estabelecimentos, 48 são alemães, 22 denunciam origem francesa, árabe, judaica, polonesa, espanhola ou grega (CONSTANTINO, 1998, p. 151).

Em 1873 havia 503 estabelecimentos comerciais dos mais variados ramos distribuídos nas seguintes ruas: dos Andradas, Sete de Setembro, Voluntários da Pátria, General Câmara, Riachuelo, Senhor dos Passos, Praça da Alfândega, do Comércio,

General Silva Tavares, General Victorino, Duque de Caxias, General Lima e Silva, Beco do Rosário, João Manoel, Mercado Público, Riachuelo, da Varzinha, da Azenha, Bento Martins, Coronel Fernando Machado, da Margem, Coronel Silva Tavares, da Praia do Arsenal, da Misericórdia, da Conceição, Barão do Triunfo, Conde D'Eu, Bella e Beco da Fanha, entre outras (ALMANACK ADMINISTRATIVO, COMERCIAL E INDUSTRIAL RIO-GRANDENSE, Porto Alegre, 1872/73.s.d).

De 1857 a 1873 percebe-se um aumento significativo tanto na quantidade de casas de negócios como na multiplicidade de atividades (quadro 04), constatando-se que se ampliava a gama de estabelecimentos existentes, concomitante emergiam novos ramos de negócios, demonstrando o aumento da população e, com isso, novas demandas que sinalizavam a mudança nos hábitos, fazendo, entre outras coisas, com que os comerciantes se estabelecessem mais afastados do centro. Em 24 de maio de 1877 foi fundada a Junta Comercial de Porto Alegre.

Foi nesse momento, quando Porto Alegre passava por intensas transformações, que surgiram timidamente as primeiras casas comerciais (quadro 04) cujos os nomes sugerem a origem italiana. Eram proprietários de pequenos negócios localizados à Rua dos Andradas, que se encontravam registrados e atuando na praça onde, até então, predominavam comerciantes portugueses e alemães.

Neste espaço, o grupo se destacou especialmente na virada do século XIX para o século XX, conforme informa o Almanaque comemorativo dos cinquenta anos da imigração italiana:

Faillace, que se estabeleceu como alfaiate em 1906, na cidade: além de provecto profissional é também um bom italiano, [...]. De Minco, que emigrou aos 17 anos, produz sapatos de qualidade e goza ótima fama de industrial e comerciante [...] Rosito, proprietário de açougue, [...] comerciante e industrial [...]. O negociante Padulla (sic) Volcato é italiano de nascimento, [...]. Mondatori, comerciante e industrialista (CINQUANTENARIO..., 1925, p.13).

As informações dos registros e crônicas apontam para um cenário de diversidade étnica, dando conta de um número expressivo de italianos participando da sociedade porto-alegrense, entre o final do século XIX e início do século XX, apontando que muitos estavam instalados na Rua dos Andradas, entre as ruas Bento Martins e Senador Florêncio (atual Praça da Alfândega), que ficou conhecida como quadra dos italianos (CENNI, 2003, p. 171).

Há que se reiterar que as crônicas, especialmente de Archymedes Fontini, e os anúncios de jornais frisavam a presença de peninsulares, indicando que esses apresentavam atividades comerciais diversificadas e apontando onde os mesmos estavam radicados na capital.

No final do século XIX e início do XX, a cidade apresentava um aperfeiçoamento da atividade comercial, juntamente com o tímido começo da sua industrialização. Em 1921, data de inauguração do porto de Porto Alegre, aumentou o movimento de exportação, incrementando a função comercial da cidade. O comércio se especializou para atender a demanda da indústria que requeria pessoas capacitadas para atender ao mercado. Foi nesse período que surgiram as primeiras escolas superiores como as faculdades de Farmácia e Química Industrial, Engenharia, Medicina e a Escola Livre de Direito (SINGER, 1977, 182).

O crescimento das atividades comercial, industrial e agrícola estava estreitamente interligado, pois a primeira deriva da divisão de trabalho entre cidade e campo, indústria e agricultura. Dois fluxos de mercadorias definem a função comercial da cidade, o dos produtos agrícolas consumidos e exportados e os produtos industriais originários ou importados de outros centros. A função industrial da cidade estava condicionada pelo primeiro fluxo, assim como a evolução econômica da capital estava condicionada ao desenvolvimento da agricultura (SINGER, 1977, 181-182).

A capital gaúcha entre os anos de 1920 e 1950 era marcada pelas sociabilidades nos cafés, confeitarias, bares, restaurantes e livrarias, distribuídos pela Rua da Praia e seus arredores. Muitos desses negócios eram de propriedade de imigrantes italianos. A cidade se tornava uma metrópole cheia de nuances, onde a segregação social e espacial retirava grupos populares em situação de pobreza para as periferias, de acordo com o novo planejamento urbano que seria posto em execução entre os anos de 1950 e 1970 (MONTEIRO, 2022, p. 24).

Antes das transformações, o bairro comercial era limitado a duas ruas da cidade, sendo que o alto comércio da cidade, ou seja, casas por atacado, importação e exportação e agências de navegação ficavam tradicionalmente localizados no Bairro Cidade Baixa. Com a expansão do bairro, foi possível verificar os melhoramentos técnicos que estenderam o bairro comercial até o rio, incorporando a Rua Voluntários da Pátria e as Avenidas Júlio de Castilhos, Siqueira Campos e Mauá, dentro de sua área de atuação (ROCHE, 1966, p. 72-73)

Segundo Pimentel, em 1929 havia em Porto Alegre 3.535 estabelecimentos, em 1930, 3.414 e em 1938 as casas comerciais sofreram um decréscimo, passando para 2.310 casas. Nesse período, os comércios aumentaram o capital empregado nas casas de ferragens, máquinas, louças e tintas (20%), as casas de fazendas e armazéns (10%), os armazéns de secos e molhados (8%) e as organizações distribuidoras de petróleo e derivados (7%) (PIMENTEL, 1945, 371).

Ao começar da década de 1940, o setor comercial de Porto Alegre se encontrava bem desenvolvido. As ruas da parte central da cidade foram ocupadas pelo comércio ao longo dos anos. O centro comercial se manteve na Rua da Praia e ruas no seu entorno, onde se originaram. Os pequenos centros subsidiários se instalaram em trechos das radicais e em intersecções destas com a Avenida Perimetral. Em março de 1940, Getúlio Vargas esteve em Porto Alegre inaugurando o novo edifício da Caixa Econômica Federal e o Palácio do Comércio, onde deveria funcionar, até o final daquele ano, a bolsa de mercadorias. O então presidente elogiou o Rio Grande do Sul por sua colaboração na política econômica do Estado Novo (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 14.03.1940, P. 1, 8 e 9). O comércio técnico (financeiro), a bolsa e os bancos se localizavam no centro comercial, a bolsa na Praça Parobé e os bancos na Rua Sete de Setembro, entre as Praças Montevideu e Senador Florêncio (atual Praça da Alfândega).

Pimentel (1945, 371) expõe dados que refletem a prosperidade comercial de Porto Alegre nas primeiras quatro décadas do século XX. Segundo ele, em 1901 havia 297 casas de importação e 1.100 de varejo, totalizando 1.397 estabelecimentos comerciais. Uma década depois, a praça apresentava 327 firmas de importação e exportação e 1.869 de varejo, perfazendo um total de 2.196 casas de comércio. Em 1938, dobra o número de estabelecimentos, passando para 2.310 casas comerciais.

Diégues (1964) chama a atenção para o fato de que a atividade comercial nos núcleos urbanos, complementava a atividade industrial, colaborando para a escalada social dos imigrantes italianos e seus descendentes. Surgem casas comerciais, centros de negócios de venda de produtos fabricados e de compras das necessidades e utilidades de que se abastece a população. Conforme o autor, à frente desses negócios, são expressivos os casos verificados em que a atividade comercial de filhos contribui para a modificação do status social dos pais. (DIEGUES JR, 1964, p. 118-119)

Mesmo durante o período relativo à Segunda Guerra Mundial, o setor comercial de Porto Alegre apresenta crescimento. Conforme se verifica no Jornal O Orientador – comercial industrial e trabalhista, em 1939, na Junta Comercial, eram feitos contratos e

distratos que envolviam valores significativos. O movimento de contratos registrados em Porto Alegre totalizava 158 registros, enquanto no restante do estado era de 546.

É importante lembrar que o comércio de uma cidade se insere nos sistemas comercial e econômico do estado e do país aos quais pertence. Em 1948 foi realizado o Congresso das Associações Comerciais onde marcaram presença a Associação Comercial de Porto Alegre, as Associações Comerciais dos Municípios do Interior, assim como a entidade que as englobava e as representava, a Federação das Associações Comerciais do Estado (O ORIENTADOR, nº 13, 10, abr., 1948, p. 289). Foram tratados temas relacionados aos interesses e direitos do comércio, da produção em geral e da própria economia do estado. Na ocasião foi ressaltado o espírito de colaboração entre os poderes públicos e o comércio do Rio Grande do Sul, que não deixava de incentivar e colaborar com as atividades sociais. (O ORIENTADOR, nº 15, 24, abr., 1948, p. 346).

Nesse período, o comércio brasileiro, especialmente do Rio Grande do Sul, se encontrava em sobressalto diante das leis e resoluções que cerceavam o campo de atividade. Houve proibição das exportações de gêneros alimentícios, como o arroz e a carne, principais produtos do comércio exterior cujo excedente não encontrava colocação nos mercados internos. A proibição foi revogada, entretanto uma nova ameaça assombrou o mercado, a Cerebrina, lei de monopolização dos excedentes dos gêneros de primeira necessidade, os quais todos eles, com exceção do açúcar, constituíam as mercadorias que o Rio Grande do Sul vendia no exterior. Contra o aludido monopólio se posicionaram o comércio gaúcho, a Confederação Nacional do Comércio, A Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul e as entidades que congregavam o comércio varejista local, que manifestaram sua desconformidade com a medida em questão. Os parlamentares federais e estaduais, por igual, manifestaram sua discordância do projeto de lei enviado à Câmara de Deputados. (O ORIENTADOR, nº 22, 12, jun., 1948, p. 413).

Em junho de 1948, Salatiel Soares de Barros, diretor do Banco Nacional do Comércio, esteve na Capital Federal tratando do descongelamento dos bens dos súditos do “Eixo”, o que consistia em uma questão econômico-financeiro importante para estados como Rio Grande do Sul que abrigavam grande número de imigrantes daqueles países (O ORIENTADOR, nº 23, 19, jun., 1948, p. 537).

No final da década de 1940, o Rio Grande do Sul enfrentava uma crise de crédito. Forças produtoras do Rio Grande do Sul, como a Federação das Associações Comerciais, o Centro da Indústria Fabril, a Federação das Indústrias e a Federação das Associações Rurais se uniram para enfrentar a crise, buscando combater a inflação utilizando a seleção

e o controle dos créditos para coibir a especulação, mas estimulando a produção, sem criar dificuldades para as atividades do comércio e da indústria. Um dos temores em relação às medidas restritivas das atividades econômicas era que essas estimulassem o mercado negro. (O ORIENTADOR, nº 35, 11, set., 1948, p. 793). Além dos altos tributos, as condições geoeconômicas do Rio Grande do Sul contribuía para desestimular a produção, uma vez que estava distante dos grandes centros consumidores o que acarretava grandes custos com transportes. (O ORIENTADOR, nº 37, 24, set., 1949, p.709).

Em uma publicação de março de 1950, o jornal O Orientador reivindicava que os poderes públicos, tanto da união como do Estado e dos municípios apreciassem o papel representado pelas atividades comerciais na vida econômica do Estado no enfrentamento da crise (O ORIENTADOR, nº 12, 25, mar., 1950, p. 293).

Ao estudar a presença de imigrantes ucranianos em Porto Alegre no segundo pós-guerra, Silva observa faz observações a respeito do desenvolvimento do comércio na cidade:

Concomitante ao desenvolvimento industrial, amplia-se a rede comercial, através de grandes estabelecimentos e pequenas casas varejistas que atendem à demanda da população local. Os empreendimentos comerciais acompanham o ritmo de ascensão da capital gaúcha nas décadas de 1940-50 (SILVA, 1996, p. 55).

A autora nota também que o crescimento da capital abria possibilidades para a inserção dos imigrantes:

A cidade de muitas faces receberá o imigrante, ávida por colaboração no seu crescimento. Esta Porto Alegre, de novos hábitos e de novas formas viárias, sediará outras comunidades de imigrantes que, efetivamente, participarão de seu processo desenvolvimentista. [...] A cidade cresce vertiginosamente nas décadas de 40 e 50, possibilitando a inserção dos que vêm de fora, migrantes e imigrantes (SILVA, 1996, p. 66-68).

Como podemos observar, os imigrantes italianos que chegaram a Porto Alegre encontraram um comércio em pleno desenvolvimento na cidade, integrado com as produções agrícolas e industriais do estado e buscando se integrar nos sistemas econômicos do estado e do país. Na década de 1940, apesar de já haver um setor comercial bem estruturado, o crescimento da cidade era capaz de absorver novos empreendimentos comerciais, principalmente no centro e nos novos bairros industriais e de operários, que necessitavam do pequeno comércio varejista para abastecer os trabalhadores e suas famílias. Além disso, os imigrantes que chegavam no segundo pós-guerra, encontravam

uma rede de apoio entre os peninsulares que, desde o final do século XIX, conquistaram espaços no comércio de Porto Alegre.

2.2 Redes sociais de imigrantes italianos e descendentes estabelecidas em Porto Alegre antes do segundo pós-guerra

Trataremos aqui não somente dos comerciantes italianos, uma vez que percebemos a importância de todos os italianos e seus descendentes já fixados em Porto Alegre nas redes que facilitaram o fluxo migratório do segundo pós-guerra, assim como a dinâmica de inserção desses imigrantes.

A imagem do imigrante italiano na capital gaúcha foi sendo construída desde que os primeiros indivíduos se estabeleceram, com seus negócios dos mais variados ramos. Quando ascenderam socialmente, a imprensa e administração pública passaram a fomentar as qualidades positivas de caráter, econômicas, de solidariedade e de adaptação, que Constantino identificou em sua pesquisa na qual relata que:

Inúmeros autores destacam o modo como o imigrante conceituava o trabalho que constituiria a base de qualquer riqueza, razão de progresso individual e coletivo, prova de prestígio e liderança. O modo de pensar do imigrante em geral atende expectativas dos governantes de inspiração positivista, que continuam doutrinando sobre as vantagens do trabalho nas publicações de época, além de enfatizarem a necessidade de amor à pátria que acolheu o imigrante. As expressões Segunda Pátria e Pátria de Adoção permeiam os discursos dos governantes e passam a fazer parte do imaginário dos italianos e *oriundi*. Nas publicações de época, a tônica é a galeria de bem sucedidos senhores, enriquecidos pelo trabalho honesto e perseverante. Tais senhores vêm sempre retratados como chefes de bem constituídas famílias: esposa amantíssima e mãe exemplar, filhos garbosos e trabalhadores, prendadas filhas que são finos ornamentos da sociedade porto-alegrense. Ser italiano, de certo modo, despertava a boa vontade. Tanto isso é verdade que, quando se fala das leis restritivas à imigração, reflexo do nacionalismo exacerbado que se desenvolveu no período da Primeira Guerra, conclui-se que não foram especialmente duras para com os nossos italianos, que correspondiam ao discurso oficial, no que diz respeito à paulatina assimilação. O Brasil já era a segunda pátria no Rio Grande do Sul. Os italianos formavam o maior grupo de estrangeiros e cartas de *richiamo*, tornadas obrigatórias, de muito tempo constituíam prática. Como elementos de uma pequena burguesia urbana, ocupavam mão de obra familiar nos seus estabelecimentos comerciais ou manufatureiros e, frequentemente, favoreciam o estabelecimento de parentes por conta própria, parentes que continuariam no mesmo ramo de atividade (CONSTANTINO, 2023).

Entre os imigrantes italianos e seus descendentes residentes em Porto Alegre, assim como em outras cidades de acolhimento, desde o final do século XIX, registra-se uma tendência nas importações de produtos e tecnologias do país de origem, devido às preferências desse grupo por esses produtos. Além disso, há uma redução nos custos de transações que favorece o comércio bilateral entre os países. Esse fator se verifica no semanário “O Orientador” e nos jornais que publicavam a relação de comerciantes autorizados pelo Banco do Brasil para importarem e exportarem determinados produtos. Entre as empresas de imigrantes italianos que se beneficiaram de incentivos para se instalarem, estão a Arrozeira Brasileira, a fábrica de Massas Adriática, a fábrica de Massas Pappalardo, a Fábrica de Balas Romano. Essas empresas favoreceram o surgimento de uma rede de relações de trabalho e consumo, subsidiando a vinda de italianos para trabalharem em suas linhas de produção (CHARÃO, 2015, p.1- 176).

Entende-se também que essas indústrias favoreceram os comerciantes italianos fixados em Porto Alegre, que vendiam aqueles produtos procurados pelos patrícios, uma vez que a produção dessas indústrias locais dispensava os comerciantes dos custos e das complicações da importação. Além disso, como a ideia de redes sugere, os imigrantes que chegavam para trabalhar nessas indústrias, muitas vezes, também facilitavam a imigração de parentes e amigos.

Sabemos que a partir de 1875 a imigração italiana ao Rio Grande do Sul excedeu em números a alemã. Entre 1875 e 1889 chegaram 51.340 imigrantes sendo que os alemães totalizavam 11% dos entrados. Entre 1875 e 1881 70% dos entrados eram italianos e esse percentual subiu para 94% dos que vieram entre 1882 e 1889. No entanto, quando chegaram ao estado, os imigrantes italianos encontram os alemães estabelecidos na encosta da serra, ou seja, área que tinha contato direto com a capital e, que possuíam uma relação comercial consolidada com Porto Alegre. Os italianos estabeleceram ligações com os comerciantes alemães, que dominavam o mercado das colônias alemãs e passaria a dominar do mesmo modo o das colônias italianas (SINGER, 1977, 154-157). No quadro 4 é possível observar que em 1873 já cinco estabelecimentos de italianos presentes no centro de Porto Alegre, mais precisamente, na Rua dos Andradas.

Quadro 4 - Comerciantes italianos em Porto Alegre – 1873

| Comerciante | Ramo | Endereço |
|-------------------------------|---------------------------------|------------------------|
| Florio e Galdy | Loja de calçados estrangeiros | Rua dos Andradas, 273. |
| José Geaneto | Loja de venda de chapéus de Sol | Rua dos Andradas, 341. |
| Celso Blachi e C ^a | Loja de fazendas | Rua dos Andradas, 435. |
| Sesiani & Irmão | Miudezas em Geral | Rua dos Andradas, 162. |
| Francisco Ungarete | Loja de miudezas a varejo | Rua dos Andradas |

Fonte: Elaborado pela autora, 2020¹⁹

Constantino (1990, p. 69) observou que nesse mesmo período houve um acréscimo do número de registro de batismo de crianças filhas de imigrantes italianos. Esse fato denotava que estava se processando uma fixação lenta e gradual desses indivíduos na cidade. Também já se percebiam alguns elementos de destaque no grupo que exercia atividades comerciais, conforme demonstrado no quadro 4:

Quadro 5- Comerciantes Italianos em Porto Alegre (1850-1880)

| Sobrenome/ Nome | Comércio | Endereço |
|------------------------|--|------------------|
| Amoretti, João Batista | Padaria | Rua Riachuelo |
| Azzarini, Ilario | Café | Rua dos Andradas |
| Hippolito | Café | Rua dos Andradas |
| Blengini, João Batista | Café | Rua Nova |
| Florio, Raffaele | Loja de sapatos | Rua dos Andradas |
| Muratore, Giovanni | Açougue | Rua do Rosário |
| Piccardo, Agostino | Loja e Fábrica de sombrinhas | |
| Ratto, Pascale | Armazém de Secos e molhados e Serviço de transporte por carroças | |
| Viale, Giuseppe | Café | |

Fonte: Elaborado pela autora.²⁰

A capital apresentava ares cosmopolitanos na qual o comércio italiano era visível em meio às transformações. O centro da cidade, como foi dito, era o local onde havia maior concentração de estabelecimentos comerciais. Conforme aponta Constantino (1998, p. 151), dos 286 estabelecimentos registrados em 1895, 78 estavam registrados em nomes de proprietários de origem italiana.

¹⁹ Fonte de dados: LIMA, Antonio de Azevedo; FERREIRA, Inácio de Vasconcelos. **Almanack Administrativo, Comercial e Industrial Rio-Grandense**, Porto Alegre: edição da Tipografia do Jornal do Comércio, 1872/73.

²⁰ Fonte de dados: CONSTANTINO, 1990, p. 71

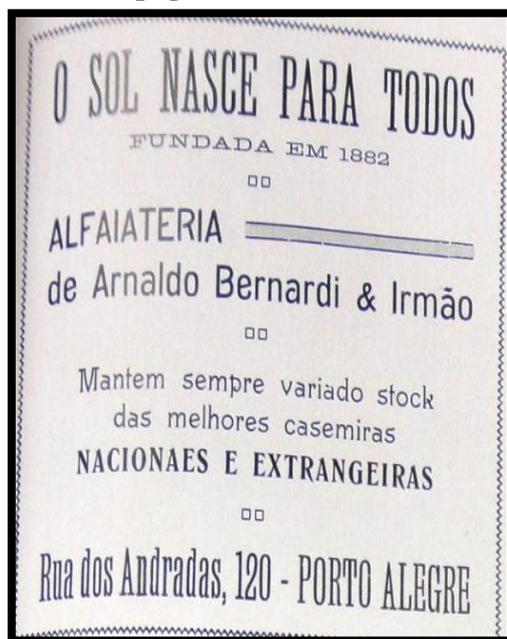
As informações nos registros e em jornais da época apontam um cenário multicultural, dando conta de um número expressivo de italianos participando da sociedade porto-alegrense no período mencionado. Os peninsulares “encontrão-se em todas as cidades monopolizando a profissão de sapateiro e competindo com os allemães como alfaiates” (ANNUARIO, 1894 p.151). Muitos eram proprietários de casas de negócios na Rua dos Andradas, entre as Ruas Bento Martins e Senador Florêncio. A zona era conhecida como quadra dos italianos e alguns estabelecimentos possuíam designações sugestivas como:

O Sol Nasce para Todos, Napoli em Porto Alegre, a Farmácia Italiana onde quatro médicos peninsulares davam consultas, havia também uma Livraria Italiana, ateliês fotográficos, restaurantes, barbearias, hotéis, lojas de fazenda, de sapatos, de vinho, de instrumentos, musicais e alfaiatarias. (CENNI, 2003, p. 171)

As propagandas dos estabelecimentos eram expostas em lugares estratégicos, como os jornais e os almanaques comemorativos anuais, onde havia necessidade de lançar mão de um valor mais elevado para garantir o espaço. A casa O sol nasce para todos (figura 6) foi fundada em 1886, conforme Porto Alegre em Revista (1926, p.171)²¹. Somente as casas bem sucedidas podiam participar das coletâneas anuais que garantiam uma visibilidade maior ao negócio. Desse modo apenas um pequeno grupo podia ter acesso à publicação. Outra forma de divulgação das casas de negócio era a venda de espaços estratégicos como as paredes externas do Quiosque Ao Polo Norte (figura 7), da Praça da Matriz. Nesse espaço havia propagandas de casas que datam de 1926.

²¹ A revista pertence ao Acervo DELFOS – Espaço de documentação e memória cultural – PUCRS.

Figura 6 - Propaganda de Alfaiataria de italianos



Fonte: Porto Alegre em Revista, 1926, p. 171.

Figura 7- Quiosque Ao Polo Norte da Praça da Matriz



Fonte: Porto Alegre Biografia, 1940, p.235.

Nas paredes do Quiosque divulgavam a Farmácia Italiana, localizada na Rua dos Andradas, 24, de propriedade de Nicolao Dapelo (?). Esse alardeava que era o único agente do Professor Cerola, que possuía extrato de Tamarino distribuído pelo agente A. Bertelli. Também se observa a propaganda do comércio *Alla citta Genova*, fundada em 1856 por Nicolao Piccarde, anunciando grande sortimento e reforma de chapéus de sol e

de chuva. Salienta que a casa é especializada em rendas brancas e de linho e em enxovais para casamento com produtos importados. Tais informações estão escritas nas paredes do quiosque e foram compiladas do Porto Alegre Biografia, publicado em 1940. Outro comércio que marca presença no quiosque é a alfaiataria Ao Bom Tom, de M. Jacometti, localizada na Rua dos Andradas, 198, com fábrica de luvas, gravatas e sortimento em roupas brancas e artigos europeus e fábrica de espartilhos para senhoras e noivas.

Mesmo havendo um número significativo de peninsulares na capital chama-se atenção para o número reduzido de imigrantes italianos arrolados *no Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*, publicação de dois volumes, almanaque publicado em comemoração aos cinquenta anos da colonização italiana no estado gaúcho. Na obra, são relatadas, brevemente, as histórias de alguns comerciantes e industrialistas nos municípios que compuseram um contingente de imigrantes italianos, entre 1875 e 1925. Com base no *Cinquantenario* e outras publicações comemorativas de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul e jornais da época, foi elaborado o mapa com os locais de partidas de comerciantes italianos. Ressalta-se que foi priorizada uma pequena parcela de comerciantes que ganharam notoriedade e projeção na sociedade porto-alegrense. No mapa que se segue (figura 8) é possível observar os locais de partida de comerciantes italianos que chegaram a Porto Alegre entre 1885 e 1939.

Figura 8 - Regiões de partida dos comerciantes italianos (1885-1939)



Fonte: A autora (2018).

O mapa demonstra que, no período mencionado, os imigrantes procediam da região norte e da região sul, sendo os contingentes proporcionalmente semelhantes. Bem verdade que grande parte dos imigrantes da região norte vieram para Porto Alegre, integrando o projeto da Vila Nova D'Italia idealizado por Vicente Monteggia. Os imigrantes da região sul já marcavam presença na capital gaúcha, onde foram construindo a tradição de comerciantes da praça. Constantino (2023), cita alguns nomes de italianos que atuavam no início do século XX em Porto Alegre, como comerciante, artesãos e industriais:

O álbum comemorativo ao cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul, publicado em 1925, oferece excelentes exemplos. Faillace, que se estabeleceu como alfaiate em 1906, na cidade: além de provecto profissional é também um bom italiano, [...] atendendo sempre ao apelo da Pátria, com trabalho e doações [...]. De Minco, que emigrou aos 17 anos, produz sapatos de qualidade e goza ótima fama de industrial e comerciante provecto e sério, cidadão de procedimento irrepreensível. Rosito, proprietário de açougue, é um egrégio senhor [...] verdadeira têmpera de comerciante e industrial que honra a si mesmo [...] goza hoje um conceito elevadíssimo, fruto de sua fenomenal operosidade [...] do seu correto proceder. O negociante Padulla chegou ao Brasil com a predisposição de trabalhar pelo engrandecimento da terra que de modo tão fraterno o recebia e hospitalizava(sic). Volcato é italiano de nascimento, mas brasileiro de coração, [...] tem sabido corresponder à hospitalidade. Mondatori, comerciante e industrialista tem trabalhado incessantemente para o progresso de sua segunda Pátria. DallÓglio brasileiro de coração tem servido pelo trabalho honesto à sua segunda Pátria (CONSTANTINO, 2023).

Em nossa pesquisa evidenciamos alguns imigrantes italianos que antes da Segunda Guerra Mundial já estavam em Porto Alegre, no comércio ou na indústria, e que fizeram parte das redes que trouxeram novos imigrantes para Porto Alegre, tanto no período anterior quanto no posterior a Segunda Guerra. Essas redes eram estabelecidas tanto entre os italianos residentes no país de destino quanto com os conterrâneos que ainda viviam no país de origem. Entre esses imigrantes estão os fundadores da Churrascaria Santo Antônio, localizada no Bairro Floresta, considerada a primeira churrascaria do Brasil, criada pela italiana Concetta Aita, esposa de Antonio Aita, imigrante que partiu de Marateia em 1910. Seu destino era a cidade de Santos, entretanto, na chegada, encontrou um jovem conterrâneo, entre os passageiros, que vinha para Porto Alegre atendendo ao chamado de familiares já fixados na cidade. Ao chegar à capital gaúcha, o

peninsular, que começou trabalhando como motorneiro da Carris²², conheceu Concetta, que chegara de Sapri em 1898, com que contraiu núpcias. A imigrante iniciou o negócio familiar de café e lancheria, inicialmente conhecido como Café do Italiano, no Bairro Floresta. Com a crescente procura dos clientes do bairro, operários e famílias, decidiu diversificar o negócio, fornecendo viandas, ou seja, refeição embalada para levar para casa. Necessitando ampliar o negócio, comprou uma casa na Rua Doutor Timóteo, onde se instalou com restaurante de comida italiana. Antônio divulgava a casa entre os passageiros do bonde. A partir de 1935, o comércio incluiu no cardápio o churrasco e passou a se denominar Restaurante e Churrascaria Santo Antônio, na qual trabalhavam ele, a esposa e os filhos na elaboração dos pratos e atendimento aos clientes e na administração. Há cinco gerações sob o comando da família Aita, o Restaurante e Churrascaria Santo Antônio ficou popularmente conhecido como “a primeira churrascaria do Brasil”.

Outro italiano que chegou a Porto Alegre no início do século XX foi José Pappalardo. Ele chegou em 1925 e criou a fábrica de massas inicialmente chamada Salvador Pappalardo & Cia e, posteriormente, Massas Alimentícias Pappalardo, que nasceu em 1930, com um capital inicial de 20:000\$000 (vinte contos de réis). Estava localizada na Avenida Osvaldo Aranha, 966, próxima à Avenida João Telles. A casa oferecia massas de sêmola, de ovos, e pastilhas para diabéticos, tal como massas com verduras, como espinafre (AMBIEDO, 1918, p. 48,50).

Anos mais tarde, houve a necessidade de expandir o negócio e José mandou construir um prédio para abrigar a fábrica na Avenida Bento Gonçalves. Na parte inferior da construção ficava o balcão de atendimento e parte da fábrica. No andar superior ficavam as dependências da família. A construção da nova sede da fábrica visava suprir a intensa produção que perpassava 30 tipos de massas alimentícias, seguindo a tradição italiana, como espaguete, farfalle, fusilli, penne, rigatoni, tortiglioni, ravióli, com espinafre e sêmola, manicotti, conchiglie, linguine, entre outras. (AMBIEDO, 2019, 53-68)

Papalardo tinha como um dos principais compradores o restaurante Ghilosso, localizado na Praça da Alfândega, que manteve suas relações de compra com os Pappalardo até o fechamento da fábrica. O restaurante, a exploração da copa do Teatro São Pedro e do Jóquei Clube Rio-grandense e a casa de Cômodos na Rua dos Andradas,

²² Empresa municipal de transporte urbano da cidade.

921, eram de propriedades de Emilio Ghilosso, conforme registro na Junta Comercial, desde 1930. O restaurante ficava localizado à Rua dos Andradas, 1025. (JC-ADITIVO DE REGISTRO DE FIRMA COMERCIAL – 24/03/1945). A fábrica Pappalardo fornecia massas para os quatro estabelecimentos comerciais administrados por Emilio Ghilosso.

O italiano Antonio Rosito, nascido em Morano Calabro, na Itália, veio para o Brasil na década de 1930. Chegou com 15 anos a Porto Alegre e, depois de cinco anos de trabalho árduo e aprendizado na capital gaúcha, abriu seu próprio negócio, o comércio de carnes. Rosito foi exemplo de empreendedorismo na cidade, colaborando inclusive para o desenvolvimento e diversificação comercial no centro da capital, pois também foi proprietário de joalheria e ótica. Casado em 1940 com imigrante italiana, teve quatro filhos (CANAL, 2014).

Outro imigrante que irá estabelecer uma cadeia imigratória importante, que se estenderá para o segundo pós-guerra é Rocco Vitola, que imigrou de Morano Calabro, Calábria, para o Brasil em 1934, mesmo ano em que a constituição estabelece as primeiras restrições migratórias²³. Rocco partiu da Itália com o filho Leonardo Vitola, esse foi trabalhar com uma sapataria e Rocco comprou uma carroça para comercializar verduras, carnes e peixes. Cinco anos depois, o filho Francesco Vitola, que havia ficado na Calábria, chegou à capital juntamente com a mãe Filomena. Em 1939, incentivados pelo pai, Leonardo e Francesco compram um pequeno negócio que daria origem ao Copacabana, tratava-se de um barzinho com restaurante de prato feito. Posteriormente, o negócio foi ampliado e passou a ser bar, verduraria, restaurante, sorveteria, lancheria, enfim, era uma casa que atendia com muitos produtos a zona sul da cidade (JORNAL DO COMÉRCIO, 19, mar., 2012). Esses membros da família Vitola serão os primeiros fios de uma rede que se estenderá pelo segundo pós-guerra, como veremos no capítulo a seguir.

A entrevista com a italiana Angelina Sanzi Ferraro (2006, p 1-11) evidenciou uma rede familiar de imigração. Angelina imigrou para a capital gaúcha em 1935, com o chamado do irmão, Luiz Angelo: “Ele foi muito trabalhador, ele fez muito pelo Brasil, produziu muito para o Brasil, muito, muito [...] era meu segundo pai”. Depois de um ano, o irmão mandou vir o restante da família – mãe e irmãos. Logo que chegou a Porto Alegre,

²³ A constituição instituiu do sistema de cotas, vedando a concentração de imigrantes em qualquer ponto do território nacional. Pelo sistema de cotas impedia-se que cada corrente imigratória excedesse 2% do número total de nacionais daquele país que haviam entrado no Brasil durante os últimos cinquenta anos. Estabelece que a corrente imigratória anual de cada país estava limitada em dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos. Tinha por finalidade regular a seleção, localização e assimilação do alienígena (Constituição de 1934).

Angelina começou a namorar o conterrâneo Salvador Ferraro, que vendia bilhetes junto com o pai. Casaram-se em 1937 e cinco anos depois o marido, que possuía carroça de vender verduras, vendeu e comprou um armazém. Passado mais um tempo, negociou o armazém e colocou uma agência lotérica na Dr. Flores. Com o rendimento dos anos de trabalho compraram terreno, construíram casas (sobrados), na sequência adquiriram apartamentos no Bairro Cristal e reservaram economias na poupança. Ao mudar de negócio, o marido de Angelina trocou o trabalho braçal pela agência lotérica, garantido visibilidade e independência econômica e social, realizando a atividade que o pai ensinara e com a qual passou a ganhar dinheiro para sustentar a família. (SANZI, 2006, f.1-11).

Assim como os conterrâneos da família Vitola, Carmine Rimoli emigrou de Morano Calabro para Porto Alegre em 1939, ano que teve início a Segunda Guerra Mundial, como se verifica na Carteira Permanente e Definitiva (figura 9). Trabalhou vendendo bilhetes para a Agência Fortuna até 1944 juntando um pequeno capital com o qual comprou, de um patrício, um açougue na Vila São Caetano. O estabelecimento registrado na Junta como negócio de açougue à razão de Carmine Rimoli, de nacionalidade italiana, se localizava na Rua Prof. Ivo Corseuil, 253, bairro Petrópolis. Partindo de um investimento de 10.000,00 (dez mil cruzeiros) começou atendimento dia 01 de setembro de 1948 (DECLARAÇÃO, 17/12/1949). Permaneceu pouco tempo trabalhando com açougue e retornou à venda de bilhetes. Mais tarde, tentou investir no ramo de bar e armazém, onde também não logrou êxito e voltou à venda de bilhetes. Fez nova tentativa no ramo de fiambreteria, comprou o Açougue do Povo na Praça Garibaldi, situado na Rua José do Patrocínio, 1141, permanecendo em atividades por dois anos (CARMINE RIMOLI, 2018, p. 1-7).

Figura 9 - Carmine Rimoli - Carteira Permanente Definitiva - 1939



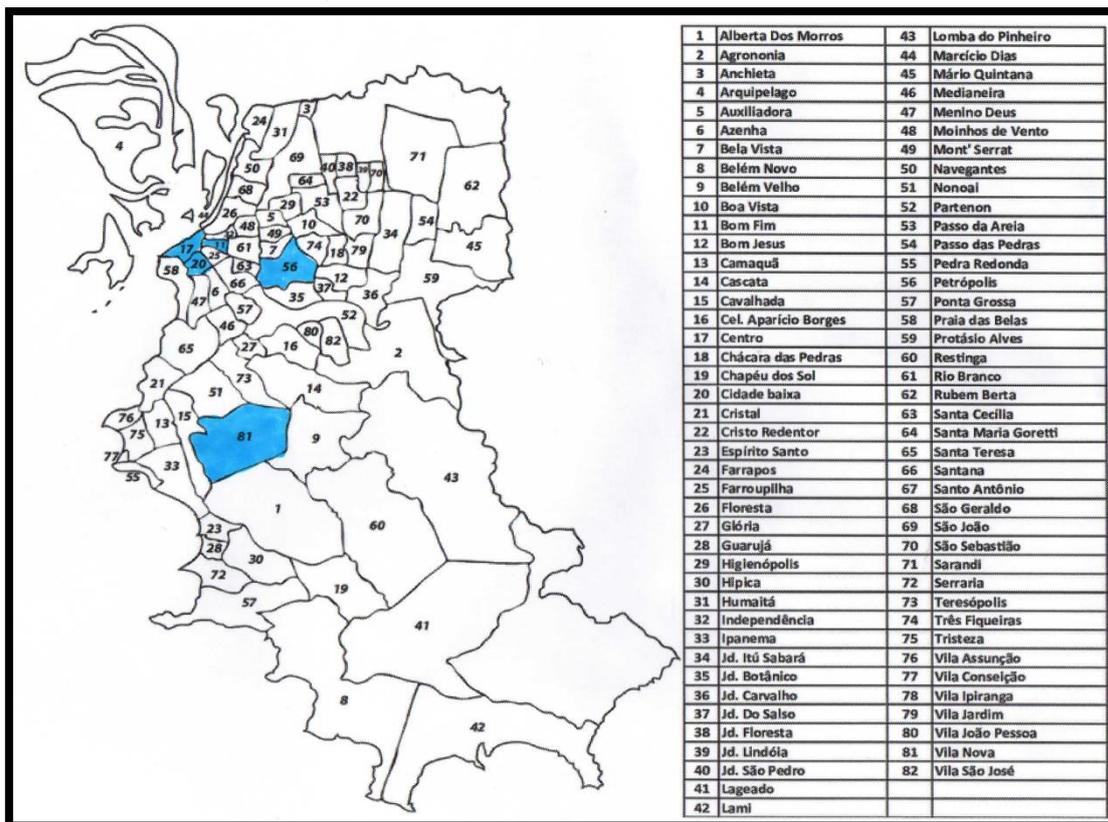
Fonte: Acervo da Junta Comercial.

Como estava precisando capitalizar o negócio, Carmine chamou Arturo de Cocenza, com objetivo determinado de se associar ao amigo dentro de um arranjo entre patrícios, compartilhando um comércio. Assim, os dois se tornaram sócios. Como o negócio não proporcionava rendimento suficiente para manter duas famílias, Carmine vendeu sua parte para Arturo e foi trabalhar como empregado no Armazém do cunhado, José Laitano, localizado na Rua Coronel Bordini. Tempos depois, retomou à sociedade com Arturo e comprou o Açougue e Armazém Hércules, na Rua Venâncio Aires, 519, onde trabalhou por quarenta anos, de 1958 a 1998. Nesse meio tempo, Arturo saiu da sociedade e entrou Leonardo Blott (CARMINE RIMOLI, 2018, p. 1-7).

Assim como ocorreu com Angelina, nossas entrevistadas, Vicenza Nani e Epifania di Fazio fizeram parte de redes familiares de imigração. Vicenza Nani (2011, f. 1-11), veio para o Brasil em 1939, o pai veio na antes, atendendo ao chamado da irmã. Trouxe o irmão, uma irmã e ela, Vicenza. Moravam próximo à casa do tio que era verdureiro. Vicenza e o marido também adquiriram um pequeno negócio de verduras e frutas. A família inteira trabalhava na fruteira. Epifania di Fazio veio para Porto Alegre em 1940. Relata que trouxeram um pouco de dinheiro. Veio a mãe e o pai, com os seis filhos incluindo ela. Vieram com trabalho arrumado na Arrozeira Brasileira, empresa dirigida por patrícios italianos. No depoimento dá notícias da Empresa Damiani e da Danielli, firmas italianas localizadas no 4º Distrito, que recrutava trabalhadores italianos para Porto Alegre com garantia de trabalho.

Como já foi dito, as primeiras casas comerciais de italianos se concentravam na zona portuária, o que facilitava o recebimento de mercadorias que vinham em navios, da zona colonial e de outras partes do país e do exterior. Uma parcela dos comerciantes estava fixada na Villa Nova D'Itália e outra parte no Bairro Petrópolis. Por seu lado, os calabreses fixaram seus negócios no centro e suas residências se concentraram no Bairro Cidade Baixa. No mapa a seguir é possível observar os bairros em que havia maior concentração de estabelecimentos comerciais de italianos (figura 10).

Figura 10 - Localização dos comércios de italianos em Porto Alegre (1885-1939)



Fonte: Mapa elaborado pela autora (fontes diversas).

Na década de 1940 foi realizado um censo demográfico brasileiro onde se constatou que no Rio Grande do Sul, excluindo os uruguaiois, o maior contingente era de italianos, com 18.685; seguido pelos alemães, com 15 279; os poloneses, com 9380; os russos, 7 149; portugueses, 6 127; espanhóis, 2675; sírios, 748; japoneses, 199 (DIÉGUES JR, 1965, p. 58).

Para Angelo Trento, no começo da década de 1940, Porto Alegre se assemelhava à capital de São Paulo e cidades do interior daquele estado, nas quais os meridionais predominavam nos pequenos comércios de verduras e armazéns de secos e molhados.

Enquanto em São Paulo o comércio de produtos alimentícios era dominado pelos toscanos, na capital gaúcha esse era outro ramo pertencente aos meridionais (TRENTO, 1989, p. 131). A afirmação procede, guardada as proporções, visto que, na Junta Comercial foram encontrados, entre 1940 e 1945, oito comerciantes com negócios de verduras e frutas (quadro 6) e sete comerciantes proprietários de armazéns de secos e molhados (quadro 7). Identificar os comerciantes pelos seus nomes se justifica porque se trata de um conjunto de indivíduos que deixaram vestígios que permitem situá-los no raio de atuação dentro do espaço social da capital.

Quadro 6 - Comércio de verduras e frutas (1940-45)

| Proprietário | Endereço |
|-------------------------|-----------------------------|
| José Antonio Carravetta | Rua Borges de Medeiros, 89. |
| Carmine Mazzaferro | Mercado Público |
| Francisco Castiglio | Rua Avay, 236 |
| Caetano Falce | Rua Alvaro Chaves, 251. |
| Albino Dal Corso | Rua São Pedro, 576. |
| Salvador Gullo | Mercado Público |
| Giuseppe Laitano | Farrapos 1377 |
| Paulo Motta | Mercado Público |

Fonte: Registros de firma /JUCERGS

Quadro 7 - Armazém/Secos e molhados (1940-45)

| Proprietário | Endereço |
|----------------------|--------------------------------|
| Damiani Irmãos & Cia | Rua Voluntários da Pátria, 485 |
| José Anele | Rua Santo Antonio, 707 |
| Francesco Donadio | Mercado Público |
| Francisco Marino | Rua Cristóvão Colombo |
| Caetano Donadio | Rua Francesco Ferrer, 331 |
| Pasquale Anele | Rua Mal. Floriano Peixoto, 291 |
| Salvador Ferraro | Av. Cascata, 233 |

Fonte: Registros de firma/JUCERGS

Somando-se às duas categorias anteriores encontravam-se as Casas Lotéricas disseminadas na capital. Não é necessário muito esforço para entender os atrativos que a venda de bilhete exercia sobre os peninsulares. Primeiro, porque era uma atividade com a qual ganhavam dinheiro sem instalações físicas que podiam ser registradas junto com outras atividades. Em segundo lugar, a língua não era entrave, porque a atividade era exercida nos espaços públicos e contava com a ajuda mútua dos patrícios que já

praticavam a atividade havia mais tempo e tinham apreendido o idioma e, dessa forma, podiam ajudar os conterrâneos que estavam chegando à capital gaúcha. Em terceiro lugar, a circulação dos imigrantes favoreceu inserção e socialização em um espaço de tempo menor. Em quarto e último, muitos imigrantes, para cumprir as exigências da chamada de trabalho, ficavam limitados a longas horas de esforço em espaços que outra atividade exigiria. Desse modo, logo que aparecia uma oportunidade de trabalharem por conta, ou seja, ter seu próprio negócio, desligavam-se do trabalho anterior e constituíam um pequeno comércio, em geral, uma agência lotérica, que não exigia investimento alto de capital. Essa predileção é observada nos registros da Junta Comercial que, entre 1940 e 1945, registrou a existência de dezoito casas lotéricas no centro da capital, conforme constata no quadro 8.

Quadro 8 - Casas lotéricas registradas na Junta Comercial de Porto Alegre entre 1940 e 1945

| Lotérica | Endereço |
|---|-------------------------------------|
| Rosito Fedele | Rua dos Andradas, 1196. |
| Anele & Liott Limitada | Rua dos Andradas, 1153. |
| Carlos Martini (Agência Central) | Rua Marechal Floriano Peixoto, 20. |
| Scolza Pietro (Agência Comercial) | Rua Otávio Rocha, 84 |
| Teseo Mainieri (Agência Tourista) | Av. Borges de Medeiros, 582. |
| Blanco e Barletta (Agência Tesouro Escondido) | Rua Voluntários da Pátria, 77. |
| Januario Severino | Rua Conceição, 442 |
| Fedele Feoli (Turin) | Rua Marechal Floriano Peixoto, 50. |
| Laitano & Sanzi (Esquina da Fortuna) | Rua Uruguai, 234 |
| Luiz Mainieri (Morano) | Rua dos Andradas, 868. |
| Laitano & Cia (Agência mina de ouro) | Não consta |
| Luiz Vitola & Irmão (Agência Vitola) | Rua Marechal Floriano Peixoto, 154. |
| Francesco Laitano | Rua Dr. Montauri, 91 |
| Marrone & Filomena (Agência Tezouro) | Rua Voluntários da Pátria, 52. |
| José Sirangelo | Rua dos Andradas, 1000. |
| Sanzi & Ferraro | Rua Dr. Flores |
| Caetano Martino | Rua Otávio Rocha, 18. |
| Domingos Sanzi & Filhos | Rua Dr. Flores, 23. |

Fonte: Registros de firma/JUCERGS

Os quadros demonstram que o local de concentração desses comerciantes era o mesmo daqueles que vieram para a capital depois de 1875. A diferença entre eles está no *status* econômico. Os primeiros ascenderam econômica e socialmente, muitos inclusive

trabalhavam com produtos vindos da Itália, graças às relações mantidas com seus conterrâneos. Eram imigrantes como Nicolau Rocco, Raffaele Guaspari, Natale Grimaldi e Attilio Marsaj, entre outros proeminentes na sociedade e no comércio portalegrenses, que transitavam entre Itália e Brasil, procurando melhores oportunidades de negócios. Eles fomentaram a construção de uma imagem positiva do Brasil, contando histórias de riqueza e fartura na terra *Brasilis*.

Por outro lado, os italianos listados nos quadros se instalaram com pequenos e médios negócios, comerciando verduras ou com armazém de secos e molhados e casas lotéricas. Em geral, começavam as atividades com comércio modesto de verduras e depois ampliavam o negócio e as instalações, diversificando as mercadorias. Embora os imigrantes não enriquecessem, com o tempo, eles conseguiam adquirir um terreno e erguer suas casas, melhorando o padrão de vida. Quando estavam estabelecidos e financeiramente estabilizados, chamavam parentes e amigos. Em alguns casos, financiavam a vinda de conterrâneos.

Os peninsulares emigraram para Porto Alegre e investiram seus capitais em negócios criados para suprir o vazio existente em determinadas atividades, criando novos ramos de negócios ou incrementando aqueles que estavam consolidados. Nos arquivos da Junta Comercial, alguns nomes de peninsulares são recorrentes nos registros de firma entre os anos de 1940 e 1945. Muitos proprietários de pequenos negócios vieram para Porto Alegre na década de 1920, apoiados por redes familiares consolidadas que deram suporte para eles e para suas famílias.

As redes facilitavam a travessia. Analisando os registros de casamento e de firmas estabelecidas por italianos em Porto Alegre, nos quais observamos os parentescos e os locais de partida, percebemos que foi através do recurso das redes que vieram os italianos Pasquale Anele, Mose Jerusalmi, João Caporale, Primo Stefani, Nicola Rosito, Teseo Mainieri, Antonio Stoduto, José Puglioso, Carmine Mazzaferro, Pedro Perozzi, Renato Cantoni, Januario Severino, Roco Caragna, Vittorio Masserano, Salvador Pirilo, Carlos Asinalli, Presta Francisco Maria, Paulo Lanfredi, Antonio Nanni, Luiz Spadafora, Agostino e Virgilio Damiani, Pedro Biondani, Giuseppe Pappalardo, Matheus e Domingos Mainieri, Domingos Sanzi, Carmelo Massimo, José Irace, Aron Chittoni, José Maestri, Domingos Rosito Di Carmine, José Vicente Perrone, Leonardo Vitola, Anselmo Borsato, Salvador Rosito, Octavio Priori, Antonio Bianchi, Domingos Failace, Salvador Ferraro, Carmela Vuoto (REGISTRO FIRMA/JUCERGS, 1940-1945).

Muitas redes se formaram entre 1875 e 1930, quando se verifica um número significativo de peninsulares estabelecidos em Porto Alegre com negócios que prosperam, muitos deles gerando um número significativo de empregos (CINQUANTENÁRIO, 337-399). Os comerciantes estavam estabelecidos no centro da capital e mantinham ligações diretas com seus lugares de origem, fosse nas relações de comércio ou fosse fomentando a vinda de outros patrícios. Nesse trânsito sempre levavam notícias positivas sobre o Brasil como sendo um lugar onde se poderia ganhar muito dinheiro.

Quando esses italianos chegaram à capital, havia certo desordenamento na cidade, decorrente do alargamento das vias, em decorrência do novo planejamento urbano. A cidade já tinha um comércio local consolidado, com predomínio de alemães, juntamente com outras etnias. Os peninsulares para se instalarem com suas casas de comércio precisaram efetuar negociações que variavam, ora atuando como compradores, ora como vendedores e ora como intermediários de produtos.

Mesmo fortemente desacelerada, a imigração italiana continuou até o período correspondente à Segunda Guerra Mundial, quando passou a ser proibida em consequência da posição geopolítica assumida pelo Brasil. O decreto-lei nº 4.166, de 11 de março de 1942 impôs restrições aos súditos alemães, japoneses e italianos, que tiveram como objetivo assegurar o pagamento das indenizações devidas pelos atos de agressão praticados pela Alemanha, Japão e Itália. Pelo decreto 7.723 de 10 de julho de 1945 foi lançada uma portaria para regular a liberação dos bens de súditos italianos residentes no país. Porém, diante da crise política interna e em meio a uma grave crise econômico-financeira que teve a Segunda Guerra Mundial como uma das principais causas, o então presidente Getúlio Vargas foi deposto em um golpe militar, após quinze anos de governo, em 29 de outubro de 1945. No dia 31 de janeiro de 1946 assumiu o governo General Eurico Gaspar. E somente em março de 1946, começaram a escolher os integrantes para a Comissão de reparação de Guerra, que tinha por objetivo promover a aplicação do Fundo de Indenização, resultante da liquidação dos bens de firmas existentes. Seriam assim, determinadas as indenizações devidas, como as reparações de Guerra no Brasil (O ORIENTADOR, nº 30, 14, mar., 1946, p. 285). Entretanto, a liberação dos bens dos súditos do Eixo chegaria anos mais tarde.

Os imigrantes desenvolviam suas redes de sociabilidade a partir dos laços familiares, de amizade e vizinhança, assim como o compadrio, quando membros de uma mesma rede batizavam seus filhos mutuamente. Muitas vezes, esses laços se estendiam

para o casamento entre os filhos dos membros do grupo. Esses rituais serviam para confraternizar e consolidar os laços que se estendiam além da família, o que era muito importante para garantirem a permanência no local de destino. As redes sociais dos imigrantes também se desenvolviam no âmbito profissional e como a dinâmica comercial também se dá em rede, o comércio de Porto Alegre, em pleno desenvolvimento no segundo pós-guerra, foi um “espaço fértil” para a rede migratória que ocorreu da Itália para o Brasil nesse período.

O levantamento realizado a respeito do contexto histórico do comércio de Porto Alegre da presença dos italianos na cidade, especialmente dos imigrantes “espontâneos” que se dedicaram no segundo pós-guerra, foi possível observar que esses, ao chegarem a Porto Alegre, esses encontraram um comércio em pleno desenvolvimento na cidade, integrado com as produções agrícolas e industriais do estado e buscando se integrar nos sistemas econômicos do estado e do país. Apesar disso, a cidade era capaz de absorver novos empreendimentos comerciais, principalmente no centro e nos novos bairros industriais e de operários, que necessitavam do pequeno comércio varejista para abastecer os trabalhadores e suas famílias. Os imigrantes desse período encontravam uma rede de apoio que se perpetuava desde o final do século XIX, facilitando a inserção nos espaços de comércio de Porto Alegre. Observou-se também que as redes sociais dos imigrantes desenvolvidas também no âmbito profissional, tornando o comércio de Porto Alegre em um espaço atraente para o imigrante que buscava o desenvolvimento financeiro, como veremos no capítulo seguinte.

3 IMIGRANTES ITALIANOS DO SEGUNDO PÓS-GUERRA NO COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE

Neste capítulo analisaremos mais profundamente o nosso objeto de estudos, os imigrantes italianos que vieram para Porto Alegre no segundo pós-guerra (1945-1955) e se dedicaram ao comércio. Para tanto, veremos, inicialmente, os novos comerciantes italianos inseridos no contexto de Porto Alegre e de seu comércio naquele período.

Para Ianni (1979, p. 25), o italiano que imigrou para o Sul, no caso, Porto Alegre, no período pós-guerra, tornou-se a força dinâmica do Sul, porque tinha elementos favoráveis importantes como a tecnologia própria e a capital próprio. O autor considera o italiano do Sul diferente do italiano de São Paulo, pois o primeiro começou com seu próprio capital – trabalho e dinheiro – e daí passou para comércio e a indústria.

Ao estudarmos as casas de comércio pertencentes a imigrantes italianos que se estabeleceram em Porto Alegre no segundo pós-guerra, nos deparamos com alguns dilemas a respeito do que poderia ser considerado comércio naquele período, uma vez que encontramos oficinas e pequenas indústrias que praticavam comércio no mesmo estabelecimento. No passado, grande parte dos comerciantes locais produziam os artigos para a venda, como ocorria com padeiros, confeitheiros, sapateiros, alfaiates, boticários, farmacêuticos, etc. Com o desenvolvimento industrial, pequenas fábricas mantinham um balcão de vendas no estabelecimento. Na medida em que a divisão social do trabalho evoluiu, o comércio e a produção foram se separando. Entretanto, sabemos que não há uma linha divisória clara e precisa para essas mudanças. Conforme Ortigoza:

No Brasil, pela sua história recente, as transformações no processo de desenvolvimento comercial e nas relações de consumo apresentaram uma maior velocidade nas mudanças e, conseqüentemente, um maior impacto no espaço urbano, se comparado aos países europeus. Não podemos nos esquecer de considerar que o comércio não pode evoluir isoladamente, nem ao modificar-se o faz sozinho; pelo contrário, ao se transformar, o comércio arrasta, no seu movimento, as demais etapas da produção e o próprio urbano (ORTIGOZA, 2010, p. 31).

No período estudado, Porto Alegre não tinha uma indústria completamente desenvolvida, o que deixava espaço para os artesãos estabelecerem suas oficinas e venderem diretamente seus produtos. Além disso, observa-se que algumas oficinas, com o tempo, se transformaram em lojas que também ofereciam a opção de produtos feitos artesanalmente, como diferencial, a exemplo de sapatos e roupas.

Baseado em Marx, Ferreira (2016) define capital comercial:

O capital comercial divide-se em: (1) capital de comércio de mercadorias; e (2) capital de comércio de dinheiro. O capital global da sociedade sempre se encontra como mercadoria no mercado ou como dinheiro, que será transformado posteriormente em mercadoria. Essas duas funções do capital, o qual se encontra confinado na esfera da circulação, se autonomiza e passa a ser o negócio de uma classe específica de capitalistas atribuída pela divisão social do trabalho. Dessa forma, o capital-mercadoria torna-se capital de comércio de mercadorias ou capital comercial (FERREIRA, 2016, p.2).

Muitos dos imigrantes italianos espontâneos que chegaram à capital gaúcha eram artesãos, como sapateiros ou alfaiates, ou tinham aprendido a profissão na Itália. Tão logo conseguissem juntar algum capital no novo país, abriam uma pequena oficina. Os produtos eram vendidos na própria oficina, o que as caracterizava também como casas de comércio. Na medida em que o capital crescia, esses artesãos começavam a investir em produtos industrializados, tais como roupas e calçados, muitas vezes importados – transformando o “capital-mercadoria” em “capital de comércio de mercadoria”.

Portanto, considerando que o comerciante pode ser qualquer pessoa que realiza atos de comércio, como compra e venda ou troca de bens, nesse contexto estudado, o presente trabalho considera também como comércio, oficinas e pequenas indústrias com vendas de produtos, como, por exemplo, lojas de tecidos ou de roupas com alfaiatarias, marcenarias com venda de objetos de madeira, sapatarias com venda de calçados prontos, etc.

3.1 Porto Alegre e os novos comerciantes italianos

As migrações interrompidas durante a Segunda Guerra Mundial recuperam parte do fôlego no pós-guerra. No Rio Grande do Sul, esta nova onda migratória se beneficiou das estruturas étnicas consolidadas desde o final do século anterior nos principais centros urbanos. Porto Alegre, em particular, tornou-se uma meta atrativa, pois tinha uma conotação de cidade industrial desenvolvida e uma consistente presença italiana de velho assentamento, que se tornou a *network* principal para facilitar o acolhimento de novos compatriotas.

A partir das reflexões trazidas por Leonardo Conedera sobre a presença de peninsulares nos segmentos técnico e artístico em Porto Alegre e sobre o conceito de rede

social que baliza os estudos antropológicos e sociológicos desde a década de 1970, busco aprofundar o conhecimento sobre as relações que se desenvolvem entre os imigrantes italianos que se dirigiram para Porto Alegre no segundo pós-guerra. Leonardo toma como norte a concepção de redes de Larissa Adler Lomnitz, para a qual a rede:

[...] é uma abstração que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações em um espaço social dado. Cada pessoa é o centro de uma rede de solidariedade e, ao mesmo tempo, é parte de outras redes. As redes sociais são alicerçadas pelas relações de solidariedade e confiança. Normalmente, a família é a base da rede de solidariedade, visto que ela representa o grupo social do indivíduo²⁴.

A partir desse conceito, pude entender as relações existentes dentro dos grupos de italianos que imigraram para Porto Alegre após 1945. O recorte de estudo contempla uma reduzida imigração que surgiu no segundo pós-guerra, originando o imigrante “último tipo” que vinha em busca de melhor emprego para seu dinheiro²⁵. Esta não era uma iniciativa somente dos imigrantes que possuíam fortunas, era também um recurso dos pequenos empreendedores ou comerciantes que tiveram suas viagens amparadas pelas redes familiares e de amizade.

Para o entendimento desses novos grupos migratórios, recorreremos também à obra *Sociologia delle migrazioni*, de Laura Zanfrini. As pesquisas da socióloga relacionadas às redes demonstram que há perpetuação da imigração. A autora assinala que as redes:

[...] possuem também uma natureza de autopropulsão que faz com que, já uma vez estabelecido, um fluxo migratório tende a durar no tempo, até mesmo com a mudança das condições que a estes tenham dado origem e se reduzam as oportunidades de inserção no contexto de destino²⁶.

Os italianos que vieram anteriormente já estavam integrados no espaço social urbano e, através dos meios de comunicação, sinalizavam aos conterrâneos os novos espaços de trabalho que emergiam na cidade em desenvolvimento, possibilitando a saída de uma realidade difícil na Itália do imediato pós-guerra. Apesar de se relacionar com os antigos núcleos étnicos estabelecidos na cidade, os imigrantes desse período possuem capacidades e características peculiares.

²⁴ LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. P.18

²⁵ TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**. Tradução de Mariarosaria Fabris (capítulos 2 a 5) e Luiz Eduardo de Lima Brandão (capítulos 1, 6 e 7). São Paulo: Nobel, 1989. p. 442

²⁶ ZANFRINI, Laura. **Sociologia delle Migrazioni**. 2º edição. Roma: Editori Laterza, 2007, p. 100.

No ano de 1945 teve início o período caracterizado pelo afrouxamento da fiscalização referente à entrada dos imigrantes. Cinco anos depois, com um acordo entre os dois países, firmaram-se dois tipos de imigração: a espontânea e a dirigida. A imigração “espontânea” que se dava através de “cartas de chamada” de parentes e de ofertas de emprego, que consistia no “pagamento da passagem, certidão de trabalho, pessoa responsável pela permanência no Brasil e um atestado da igreja dizendo que o imigrante era católico e não comunista, e o visto do consulado” (SCAVUZZO, 2004, p. 5), conforme testemunho da italiana que imigrou naquele período.

O objetivo do governo era estimular a imigração espontânea, já que esta não trazia custos para os governos. Na cerimônia oficial de assinatura do acordo de imigração de 1950, o então embaixador italiano no Brasil, Mario Augusto Martini, argumentou que a nação italiana era “tradicionalmente ligada ao povo brasileiro por tão indissolúveis laços de sangue e de cultura”. O acordo vinha balizar o objetivo do governo que na primeira metade da década de 1950 tinha como meta prioritária intensificar a industrialização no Brasil.

A imigração “dirigida” era fomentada por grupos e cooperativas, orientados pelos convênios entre o governo brasileiro e os organismos internacionais, assim como a Comissão Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME) e a Comissão Católica de Migrações (TRENTO, 1989, p. 412). Nesses casos, muitas vezes, o imigrante empreendedor transferia do exterior toda a estrutura empresarial, com os materiais e o pessoal com conhecimento e competências, indispensáveis ao processo produtivo, mas ausentes na terra de destino, para montar e adaptar o empreendimento à nova situação. Nesse caso, cita-se como exemplo emblemático a Fábrica de Massas²⁷Adria (ZAMBERLAN, 2010, p. 62; CHARÃO, 2013, p. 55). Desde então, o setor industrial e comercial porto-alegrense se tornou atrativo para os imigrantes.

A Porto Alegre do pós-guerra se encontrava em crescente ascensão, vivenciando uma notável expansão urbana, experimentando mudanças de ordem social e cultural com os setores da educação e do trabalho, aliados aos processos de industrialização. Além das transformações decorrentes da Segunda Guerra, os hábitos norte-americanos e europeus chegavam aos portalegrenses através das telas do cinema, das várias salas que a cidade

²⁷ Valéria Novek Paskulin, natural de Trieste, norte da Itália, relata em depoimento que partiu da cidade natal em 1951, junto com o marido, pois ele era técnico de produção de alimentos e veio para montar a fábrica de massas Adria, em Porto Alegre, no Bairro São Geraldo. (idem, Ibidem)

possuía naquele período, e eram absorvidos por distintas classes sociais. (SCHOLL, 2012, p.54-55)

A capital gaúcha mostrava sinais de modificações propiciadas pelo fluxo cultural resultante dos intercâmbios entre grupos humanos oriundos de várias partes do mundo. Eles vieram atraídos pelo seu crescimento urbano e oportunidades econômicas ofertadas pela cidade em virtude do processo acelerado de industrialização (CONSTANTINO, 1999, p. 58).

O desenvolvimento que se verificava na capital com a rápida motorização do país requeria, a exemplo dos outros estados a expansão viária que foi possível graças ao aterramento do Guaíba, fazendo com que a zona urbana aumentasse sua superfície. O aumento das dimensões fomentava a corrida imobiliária, fazendo com que surgissem os primeiros loteamentos próximos aos bairros operários e incrementando a construção civil. O centro da cidade, que concentrava as atividades comerciais, financeiras e administrativas, começou a crescer verticalmente com a construção de grandes espigões. A economia foi descentralizada, dando origem a novos e mais dinâmicos bairros, como, por exemplo, o bairro dos Operários que passou a reunir comércio, indústria e moradias. Nos locais se desenvolviam atividades sociais necessárias aos moradores, espaços onde era possível verificar o crescimento funcional da cidade (SILVA, 1996, p. 56-57).

Naquele período, Porto Alegre ocupava a posição predominante de concentração de mercadorias, exportando 60% da produção. Além disto, junto com a região limítrofe (Zona Colonial) possuía 50% de fábricas, 60% de números de empregados trabalhando que garantia 50% da produção industrial e 50% da produção agrícola. Os percentuais referentes a Porto Alegre e região limítrofe equivaliam a 30% da produção de todo o Estado (PIMENTEL, 1945, p.371).

O desenvolvimento econômico e urbano, aliado ao apoio de imigrantes já estabelecidos, atraíam novos imigrantes para Porto Alegre, como podemos ver na publicação do jornal O Orientador, de fevereiro de 1949, que informava aos leitores de Porto Alegre e do interior do Rio Grande do Sul que havia dias chegara à capital gaúcha uma leva de imigrantes, sem especificar suas nacionalidades. Segundo o jornal, eram deslocados pela guerra e “foragidos das garras soviéticas”, estando a maior parte a procura de trabalho, pois estavam desempregados:

Trata-se de gente ordeira e laboriosa e de invulgar competência em suas diferentes especialidades profissionais. A chefia migratória desta

cidade informa as profissões dos imigrantes desempregados: funileiros, metalurgistas, serralheiros, eletricitista-mecânico, engenheiro de construção, especialista para fazer instrumento, motorista, alfaiate, domésticas, geômetro, desenhista-topógrafo, pedreiro, radio-técnico, operário de curtume, farmacêutico, operário de estrada, agricultor em vinicultura, costureira. Os imigrantes encontram-se alojados com esposas e filhos em três localidades, Cais do Pôrto, Sogipa, São João, por gentileza do vereador José Carlos Daudt; e, finalmente na Casa do Imigrante, prédio que está sendo ampliado para acomodar futuras e numerosas levas de imigrantes. Estes homens especializados enriquecerão as instituições industriais, agrícolas e comerciais. (O ORIENTADOR, nº 6, 26, fev., 1949, p.151).

Entretanto, no que se refere aos imigrantes italianos, sabemos que a maior parte não chegava como desempregados, pois obedeciam aos acordos estabelecidos entre Brasil e Itália. Os desempregados somente entrariam a partir de cartas de chamado de parentes. Ampliando as possibilidades dos imigrantes de conseguirem uma vaga de emprego no Brasil, italianos se reuniram criando empresas ou cooperativas para oferecer vagas a um maior número de trabalhadores italianos. Um exemplo de imigração de grupos de trabalho que ocorreu em Porto Alegre foi o da fábrica de massas Adria. Um grupo de jovens imigrantes italianos chegou no Brasil com maquinário e mão de obra especializada²⁸ para produzir um dos alimentos mais requisitados pela comunidade italiana estabelecida em Porto Alegre e que já havia conquistado o gosto dos brasileiros. Os jovens eram provenientes da região norte da Itália, próxima ao Mar Adriático, que serviu de inspiração para o nome da empresa. Nesse cenário, a Adria iniciou as atividades em 1951, implantando sua primeira unidade no bairro São Geraldo, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Os imigrantes também receberam apoio de setores da igreja. Em 1958, o Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência aos Imigrantes (CIBAI), por iniciativa dos padres carlistas, iniciou as suas atividades, promovendo ações direcionadas para o atendimento das necessidades (roupas, atendimento médico, remédios e alimentos) dos migrantes italianos. Nas dependências da Paróquia Nossa Senhora da Pompéia organizavam-se almoços e reuniões de confraternização, visando a integração das famílias dos recém-chegados, com a intenção de diminuir as dificuldades na sociedade de acolhimento. Afora isso, os padres carlistas também buscavam, por intermédio de suas missas e dos encontros de confraternização, manter os laços dos fiéis peninsulares com a cultura do país natal.

²⁸ Blog Mundo das Marcas. Disponível em: www.mundodasmarcas.blogspot.com.br. Acesso em: 30 jul. 2018.

Em 1959, o CIBAI contabilizava mais de 1.500 famílias vinculadas com as obras comunitárias dos religiosos “scalabrinianos” (ZABERLAM, 2010).

No caso de Porto Alegre, por exemplo, onde a estrutura social e as dinâmicas econômicas apresentavam importantes diferenças em relação às cidades industriais paulistas. A questão da religiosidade católica entre os peninsulares favoreceu a organização de pontos de sociabilidade, confraternização e assistência. Na capital gaúcha, a Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia constitui-se em um lugar de encontro para muitos italianos, velhos e novos imigrantes em maioria de origem meridional. A paróquia foi criada e administrada pela ordem de São Carlos, que procurou oportunizar um ambiente de culto religioso e de auxílio aos vários imigrantes chegados durante o período de nosso interesse (CONEDERA, 2021).

Para Silva, os imigrantes que chegavam à capital gaúcha encontram um ambiente propício para trabalhar com comércio, onde concomitante com o desenvolvimento industrial, se multiplicava a rede comercial através de grandes estabelecimentos e pequenas casas varejistas que atendiam à demanda local. Os empreendimentos comerciais acompanham o ritmo de ascensão da capital gaúcha nas décadas de 1940-50 (SILVA, 1996, p 55). Nesta praça, encontravam-se os maiores magazines e atacados varejistas do país e dividindo com eles o mesmo espaço estavam os negócios de pequenos e médios comerciantes italianos que entre os anos de 1945 e 1955 possuíam em torno de mil novecentos e cinquenta estabelecimentos comerciais dos mais variados ramos de negócio (JUCERGS).

Quando esse novo imigrante chegou a Porto Alegre, a economia não gravitava exclusivamente na área central, porque a ampliação do eixo produtivo dera origem a novos bairros como Navegantes e São Geraldo, que assumiram características de metrópoles, os quais reuniam prédios comerciais, industriais e de moradias. Eram locais onde se desenvolviam todas as atividades sociais das quais necessitavam os contingentes trabalhadores (SILVA, 1996, p.57). Era o ambiente propício para os imigrantes instalarem seus comércios. Foi nesse local que os peninsulares apareceram associados a brasileiros²⁹ nos negócios de Angelo Bertotto, Maurício Starosta, naturalizado, e Bruno Panzini (JUCERGS), possivelmente porque esse espaço já estava ocupado pelos brasileiros quando os imigrantes chegaram. Esses últimos souberam estender suas redes

²⁹ Consideramos que sejam brasileiros pelos sobrenomes de origem portuguesa.

para fora do campo étnico. Ao estudar a presença dos marmoristas italianos em Porto Alegre, Regina Guilherme observou que:

As redes de sociabilidade dos imigrantes italianos não se restringiam ao campo étnico, pois o isolamento não convinha ao processo de inserção na sociedade local. As redes se baseavam também em outras identidades de grupo, como religiosa, profissional e de posição social, por exemplo (GUILHERME, 2021, p. 228).

Entretanto, assim como outros estudiosos de imigração italiana, a autora aponta que a principal rede de apoio estava os grupos étnicos. Para ela “o apoio de imigrantes já estabelecidos aos novos imigrantes, em fase de inserção social, mantinha o funcionamento dos canais étnicos e das redes migratórias, assim como, facilitava a ascensão social do grupo no novo país” (GUILHERME, 2021, p. 228). No caso dos imigrantes do segundo pós-guerra, Zamberlam (2010, p.62) destaca que empresas cujos donos eram italianos, como a Massas Adria, possibilitaram que italianos que não tinham a carta de chamada de familiares se fixassem em Porto Alegre no segundo pós-guerra, viabilizando estadia e oferecendo emprego. Leonardo Conedera (2015), por sua vez, ao tratar dos imigrantes do segundo pós-guerra, considera que “a imigração espontânea era promovida, muitas vezes, pelos próprios peninsulares residentes no Brasil. O motor das emigrações em várias ocasiões é motivado pela própria emigração” (CONEDERA, 2015, p. 8)

Leonardo Conedera (2012), em sua pesquisa junto ao Arquivo Público do Rio Grande do Sul, analisou 466 certidões, nas quais, ao menos um dos cônjuges registrados era oriundo da Itália entre os anos de 1955 e 1975. Nos referidos registros, o autor observou que “inúmeros imigrantes apresentavam familiares residentes na capital (especialmente no caso das mulheres); entre as testemunhas, normalmente encontrava-se conterrâneos” (CONEDERA, 2012, p. 72-73). Conedera entrevistou onze sicilianos, dentre os quais “apenas três não imigraram para o país através do ato de chamada, e apenas um deles não tinha familiares ou amigos residindo no Rio Grande do Sul” (CONEDERA, 2012, p. 74).

A maioria dos indivíduos vinha para o Brasil através de atos de chamada. A saber, as redes sociais estabelecidas entre os italianos influenciaram de forma preponderante o ingresso de novos conacionais em Porto Alegre. Além disso, as redes construídas pelos imigrantes direcionaram, e auxiliaram, a inserção dos conterrâneos recém-

chegados no mercado profissional do município. Logo, a família e os laços de amizade foram o alicerce mais forte que facilitou a integração do imigrante recém-chegado na sociedade de adoção. A solidariedade existente entre os peninsulares propiciou a adaptação daqueles que se estabeleciam na cidade (CONEDERA, 2012, p. 140).

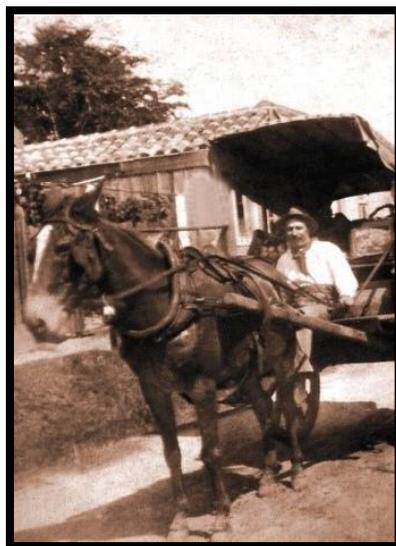
Conedera (2012, p. 139) observa que os imigrantes italianos que vieram para Porto Alegre no segundo pós-guerra, assim como os que vieram no século XIX, também se dedicaram o comércio, em empreendimentos “voltados para o comércio varejista, como minimercados, fruteiras, padarias, açougues, casas lotéricas, tornearias, cafeterias, alfaiatarias, sapatarias, barbearias, entre outras.” Entretanto, diferentemente dos que imigraram em períodos anteriores, muitos dos que chegaram no segundo pós-guerra, no primeiro momento se empregaram no setor industrial. Conforme Conedera (2012, p. 121), “os elos de parentesco proporcionavam ocupações nos espaços econômicos, como a entrada e participação no comércio de carnes (preferencialmente nos açougues) e nas agências lotéricas, nichos comuns dos comerciantes moraneses”. Leonardo Conedera observou que, em alguns casos, amigos emigrados apoiavam os novos imigrantes, mas “na maior parte das vezes as pessoas interligadas por laços parentais (irmãos, tios, primos) eram as responsáveis pela ação de incentivar a imigração dos parentes para Porto Alegre (CONEDERA, 2015, p. 9).

Os meridionais residentes em Porto Alegre compartilham um conjunto de relações, isso é, cada imigrante representa um elemento importante na rede social estabelecida entre ele e seus compatriotas que vivem na cidade. As redes sociais são alicerçadas pelas relações de solidariedade e confiança. Normalmente, a família é a base da rede de solidariedade, visto que ela representa o principal grupo social do indivíduo. Em nossa pesquisa, evidenciamos diversos imigrantes italianos que chegaram a Porto Alegre apoiados em suas redes, seja pelos chamados dos parentes ou pela oferta de emprego por parte de italianos com empresas estabelecidas em Porto Alegre, como apresentaremos a seguir.

Como vimos no capítulo anterior, Rocco Vitola imigrou de Morano Calabro, Calábria, para o Brasil em 1934, juntamente com o filho Leonardo Vitola. Cinco anos depois o filho Francesco Vitola (figura 11 e 12) chegou à capital juntamente com a mãe Filomena. Em 1939, Leonardo e Francesco compraram um pequeno estabelecimento que daria origem ao restaurante Copacabana (JORNAL DO COMÉRCIO, 19, mar., 2012). Dez anos depois, os irmãos, visando incrementar o negócio, enviaram chamado ao tio Francesco Spina, especialista em todos os tipos de massas italianas, para trabalhar no

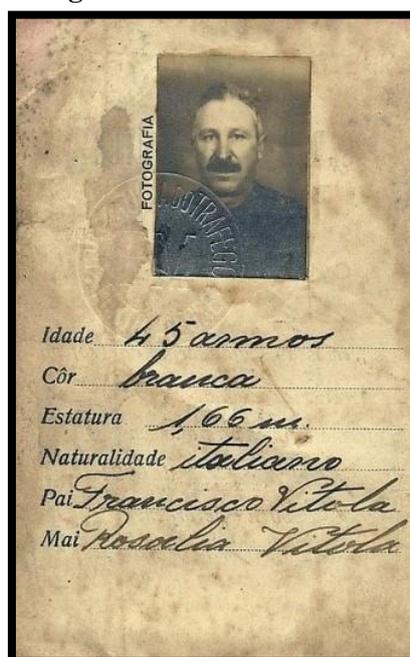
Copacabana. Em 1953, Leonardo, antes de viajar para a Itália, admitiu na sociedade Biaggio Sanzi e seu irmão Luiz, que efetuaram o trajeto Itália-Brasil em 1945, quando a Europa vivenciava o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Os irmãos entram na sociedade por indicação do cunhado, Biaggio Rímolo, da Padaria Triunfo. Os irmãos Biaggio e Luiz eram proprietários do Café Nice, na Rua Dr. Flores (JORNAL DO COMERCIO, 19, mar., 2012).

Figura 11 - Francisco Vitola



Fonte: www.clicrbs.com.br

Figura 12 - Francisco Vitola



Fonte: www.clicrbs.com.br

Uma reportagem do jornal digital GZH (2018) contou parte da história de imigração de Rocco Spina, que veio para Porto Alegre em 1950 a convite do irmão para trabalhar no Restaurante Copacabana. O texto não menciona o nome do dito irmão, mas é possível que seja Francesco Spina. Rocco se casou com Maria Isabella Lamboglia em Morano Calabro, em 18 de maio de 1950. Pouco depois de casados, chegou a Porto Alegre. A esposa chegou um ano depois, em 18 de maio de 1951, depois que Rocco conseguiu dinheiro emprestado com um amigo para comprar sua passagem. Rocco adquiriu uma casa no bairro Partenon e nesse período passou a vender bilhetes de loteria na Rua da Praia durante o dia e concertar sapatos durante a noite, ofício que aprendeu na Itália. Algum tempo depois, montou o açougue São José, na Av. José do Patrocínio, 976, perto da Igreja Sagrada Família, que ficou conhecido pela linguiça calabresa, que teria sido levada, em um pequeno isopor, até o Palácio do Planalto, pelo coronel Lamaison (PERON, 2018).

Entre 1945 e 1955 é possível encontrar, na Junta, o registro do restaurante Copacabana (figura 13), de propriedade de Leonardo Vitola (figura 14), italiano, segundo a carteira, atuando no ramo de bar e restaurante, com início das atividades no dia 26 de setembro de 1939, localizado na Praça Garibaldi, 2, no bairro Cidade Baixa, com um capital investido de 115.000.00 mil cruzeiros (DECLARAÇÃO DE FIRMA - 29/09/1947).

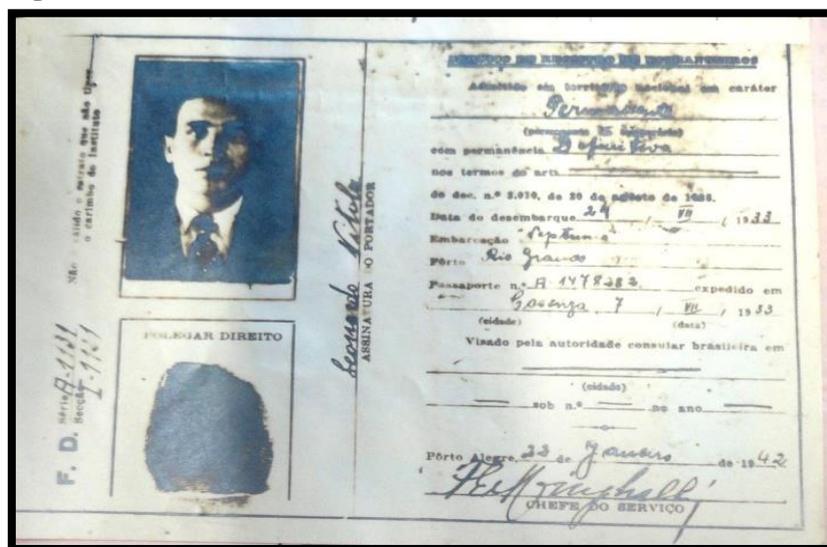
Figura 13 - Logotipo do Restaurante Copacabana



Fonte: Site do restaurante³⁰

³⁰ Dados disponíveis em: www.restaurantecopacabana.com.br. Acesso em: 12 ago. 2018.

Figura 14 - Carteira Permanente Definitiva Leonardo Vitola (1933)



Fonte: Acervo da Junta Comercial

Anos mais tarde, o comércio se transformou em sociedade à razão de Vitola, Sanzi & Cia, composta por Leonardo Vitola, Biaggio Sanzi, Luiz Antonio Sanzi, todos italianos. O ramo é o mesmo, bar e restaurante, e inclui a sorveteria, no mesmo endereço à Praça Garibaldi, 2, na Cidade Baixa, registrado na Junta Comercial, dia 01 de janeiro de 1953, sob o número 70254 e iniciando as atividades na nova conformação, dia 30 de janeiro de 1953, sem declarar capital investido (JC-DECLARAÇÃO DE FIRMA SOCIAL – 11/01/1953).

Na família Vitola se configura uma parte da rede (quadro 9) na qual Rocco atua como um elemento importante, porque envia o chamado para a esposa e o filho que estavam na Itália. E em função do comércio também envia chamado para os amigos Francisco e Luiz. A rede do Rocco não se estende somente além-mar, ela se consolida nas amizades e nas relações desenvolvidas na capital. Os comerciantes Biaggio e Luiz Sanzi, graças ao cunhado de Rocco, Biaggio Rimolo vão integrar uma sociedade alicerçada na família, nos conterrâneos e na amizade. Da mesma forma, observamos as redes atuaram nas escolhas de outros imigrantes que vieram para Porto Alegre no segundo pós-guerra, tanto em relação ao local de destino quando do comércio como atividade econômica.

Quadro 9 - Rede Social de Rocco Vitola

1934

Rocco Vitola → Leonardo Vitola Filho (Verdureiro e Sapateiro)

1939

Francisco Vitola (Filho) → Filomena (esposa) (Restaurante Copacabana)

1949

Francisco Spina → Luiz Spina

1950

Rocco Spina (Açougue)

1951

Maria Isabella Lamboglia (esposa de Rocco Spina)

1953

Biaggio Sanzi (Padaria Tiunfo) → Biaggio Rimolo (cunhado) → Luiz Sanzi (Café Nice, Rua Dr. Flores)

Fonte: Quadro elaborado pela autora.³¹

O imigrante italiano Genaro Bruno veio para o Brasil em 1945, por intermédio de Maria Antonieta, uma conhecida, sobrinha de um italiano que tinha um restaurante em São Paulo. Trabalhou nesse restaurante por um mês para juntar dinheiro e viajar para Porto Alegre onde tinha parentes. Foi trabalhar com o tio que era dono da sapataria Roma e aprendeu a falar português em três meses. Conseguiu recursos trabalhando dia e noite e abriu sua própria sapataria na rua Mariante, que um parente ofereceu para alugar. Comprava sapatos usados, arrumava e vendia para a população com menos poder aquisitivo. Mais tarde, um irmão veio para Porto Alegre e comprou um mercadinho, o Armazém Estrela do Sul, na Rua Venâncio Aires. Trouxeram, então, o pai e a mãe. O negócio prosperou e então decidiu ampliar, investindo em açougue e fiabreria na Rua Riachuelo, assumindo uma sociedade com o irmão. O pai se associou a um amigo e abriu um negócio na Rua Demétrio Ribeiro. Teve um tio que montou negócio no bairro Glória. Mais tarde, ele e o pai compraram casa na Rua Marcílio Dias, onde colocaram o Açougue e Fiabreria Bruno (BRUNO, 2017, 2016, f:1-6)

Pascoal Courvello veio para o Brasil em 1947. Em seu depoimento disse que pretendia ficar no Brasil por apenas um mês. No começo trabalhava como marceneiro,

³¹Dados disponíveis em: www.restaurantecopacabana.com.br. Acesso em: 12 ago. 2018.

mas foi por pouco tempo. O cunhado tinha uma lojinha de tecidos, onde Pascoal foi trabalhar. Começou, então, a viajar para vender tecidos em todo o estado. Permaneceu nesse trabalho até 1977, quando, junto com o cunhado passou para o ramo de hotelaria, fundando o Hotel Scala na Rua Júlio de Castilhos. Trabalhou ali por nove anos e voltou a viajar, abrindo a empresa Pascoal Courvello (COURVELLO, 2016, f: 1-7).

Arturo Cocenza, irmão de Maria Laitano imigrou para Porto Alegre em 1948, atendendo ao chamado de Carmine Rímolo. Iniciou trabalhando no Açougue do Povo, na Rua José do Patrocínio, de propriedade de José Laitano, seu cunhado. Permaneceu no trabalho como empregado por um tempo e depois se associou a José Laitano em um armazém na rua Coronel Bordini. Iniciou outro negócio, o Armazém e fiabreria Hércules, na Rua Venâncio Aires, onde Leonardo Blota entrou como sócio. Mais tarde, esse se associou a Rimoli Blota e compram um minimercado onde trabalharam até 1998 (COCENZA, 2018, f. 1-4).

Dalva Cassará veio para Porto Alegre em 1948 com a família por intermédio de redes parentais. Conta ela, lembrando a chegada ao porto carioca: *Os sobrinhos do meu pai receberam a família no Rio de Janeiro. E todos aqueles... Ah, parentes do meu pai, e parte da minha mãe, que a minha mãe tinha umas irmãs aqui, uns irmãos.* Cita, ainda, Rocco Galló³² e o pai, que ela não conhecia (CASSARÁ, 2010, f. 7). A vinda da família teve a ajuda de parentes maternos que estavam no Rio de Janeiro e paternos que estavam em Porto Alegre. Nota-se que já fazia parte do cotidiano da família de Dalva o deslocamento. Desde a infância Dalva conviveu com essa mobilidade. Seu pai viajava, constantemente, entre o Brasil e a Itália. Durante sua ausência, a vida familiar e a educação eram regidas pelas normas da mãe, que encontrava formas de tornar presente o pai ausente, como no caso das finanças da família. Segundo ela, *“toda a vez que o pai mandava dinheiro, a mãe reservava uma parte para uma eventual necessidade. E, aquilo nos salvou. Então, ela foi uma economista”* (Idem, 2010. f. 6). O dinheiro poupado serviu para mantê-los durante a guerra, quando diminuíram as remessas e aumentou a carestia. A mãe assumiu a autoridade do pai para fazer valer as regras de convivência familiar e social. Dalva contou que o pai, Giovani Martin, tinha um pequeno restaurante em Porto Alegre e viajava constantemente para a Itália. Trabalhava, conseguia dinheiro, retornava à Itália e assim sucessivamente (CASSARÁ, 2-1010, f.7).

³²Proprietário da Barbearia Roma, que funcionava na Rua da Praia.

A Banca Central (43) iniciou sua história como fiabreria, em 1949, localizada no centro do Mercado Público de Porto Alegre. À frente do negócio, atualmente, está Valéria di Lorenzo, 46 anos, filha de Biagio di Lorenzo, sócio do negócio desde a fundação. Ele veio da Calábria, na Itália, em 1946. Dois anos depois, os irmãos fizeram o mesmo percurso e se associaram no empreendimento que há três gerações é administrado em conjunto. Valéria justifica o jeito de trabalhar “meio gritão” na banca de queijos, salames, frutas secas e outras especiarias, pela origem italiana Valéria cresceu brincando na câmara fria e ajudando no caixa. Por problemas de saúde, Biagio passou a sua parcela de responsabilidade sobre a Banca Central às filhas e à esposa, que comandam dez funcionários homens. Algo que seria incogitável alguns anos atrás (WEBER, 2019; VALÉRIA DI LORENZO, 2019, f.1).

Maria Di Gesù chegou em Porto Alegre no ano de 1947 e foi morar na Rua Havaí. Ela conta que “outros italianos moravam na Demétrio Ribeiro, na Rua Espírito Santo. Era tudo mais ou menos no mesmo lugar”. Era um espaço ocupado pelos italianos da “velha guarda calabresa”, já rastreados nos documentos por Constantino (1990). Maria prossegue dizendo que o seu pai e os seus tios eram sócios do restaurante denominado Bela Vista, na Rua Washington Luiz, esquina com a Rua Espírito Santo: “Naquele tempo era ao lado da Associação Cristã de Moços. Ainda chegava o trem até ali, quando chegamos da Itália” (DI GESÙ, 2013, f.4). Dalva Di Martino (2010, f. 2) emigrou em 1948 para Porto Alegre. Quando chegou, o pai tinha comércio, um pequeno restaurante. Segundo Dalva, o pai conta que: “*o porquê eu não sei... Era na Santa Casa. Tinha aqueles vários lugares embaixo para entrar, que agora já não sei se estão usando*³³”. Suas lembranças descrevem aspectos da memória e da cidade. “*Então, depois ele colocou um armazém, mas sempre na parte comercial. Era onde é o Gasômetro*³⁴, próximo às margens do Guaíba” (DI MARTINO, 2010, f. 6). Provavelmente, o estabelecimento ficava próximo a Usina do Gasômetro, mais especificamente. Amalia Morelli Aita (2012,

³³ O local, mencionado por Dalva se refere ao conjunto das denominadas “casinhas” de propriedade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, localizadas na Rua Independência e na Rua Sarmiento Leite. As edificações foram construídas para serem alugadas, com a finalidade de ajudar na manutenção do hospital. Algumas casas se destinavam à moradia de famílias e outras eram utilizadas como estabelecimentos comerciais, no qual indica o depoimento de Dalva, localizava-se o restaurante do seu pai.

³⁴ Antiga usina brasileira de geração de energia, localizada na capital, que apesar do nome, a usina era movida à carvão mineral. A denominação “Gasômetro” faz referência à área onde hoje denominada Volta do Gasômetro, onde se encontra o prédio da Usina do Gasômetro, inaugurado no final da década de 1920 para abrigar a Companhia Brasil de Força Elétrica, subsidiária da Electric, Bond & Share Co., empresa com sede nos Estados Unidos que gerou a eletricidade e o transporte elétrico de Porto Alegre até a metade da década de 1950.

f.2) lembra: “quando eu vim para Porto Alegre, em 1950, fomos morar na Vila São Luiz, no Jardim Botânico”. No começo, o marido vendia bilhetes de loteria. Depois de um tempo resolveram montar um negócio de açougue e fiabreria na Rua Tomaz Flores (MORELLI AITA, 2012, f. 5). “Eu trabalhava junto com eles, na frente, vendendo bilhetes e também alugamos a peça ao lado e montamos uma sapataria” (MORELLI AITA, 2012, f. 5). A mudança ocupacional mudou a vida de Amalia, que desenvolveu atividade paralela com a do marido. No mesmo espaço onde estava o açougue, vendiam bilhetes e vendiam e consertavam calçados. Assim, eles tiveram uma mudança em seu status social e econômico. O marido deixou o trabalho de rua e ela melhorou sua condição de dona de casa, passando a trabalhar no próprio negócio, que trazia maiores proventos para o sustento da família.

Relato semelhante é o de Carmine Rimolo, que emigrou de Morano Cálabro para o Porto Alegre, em 1952, onde trabalhou vendendo bilhetes para a Agência Fortuna, até 1954, quando comprou, de um patrício, um açougue na Vila São Caetano, no qual permaneceu por pouco tempo, retornando à venda de bilhetes. Mais tarde, investiu no ramo de bar e armazém, o que também não durou muito. A venda de bilhetes voltou a ser sua opção. Tempos depois fez uma nova tentativa no ramo de fiabreria, comprou o Açougue do Povo na Praça Garibaldi, situado na Rua José do Patrocínio, onde permaneceu por dois anos (RIMOLO, 2018, f.3.). Em uma entrevista para o jornal GZH³⁵ Porto Alegre, Giuseppe Ferraro contou que chegou de Morano Calabro, na Itália, aos 19 anos em um dia de Natal, no segundo pós-guerra. À época da entrevista, em 2020, Giuseppe estava com 78 anos. Portanto, nasceu entre 1941 e 1942, durante a Guerra. Sua chegada teria sido, então, entre 1960 e 1961. Ferraro conta que viajou para o Brasil com a mãe e quatro irmãos e que seu pai “viera dois anos antes, e antes disso o avô materno já trabalhava vendendo frutas na esquina da Rua dos Andradas com a Uruguai”.

Segundo Weber, o entrevistado relatou que ainda “o cenário era de pós-guerra na Itália, e que o tempo todo tinha gente se despedindo da família, buscando condições melhores na América”. Como havia aprendido na Itália o ofício de alfaiate, trabalhou como empregado em uma alfaiataria, logo que chegou a Porto Alegre. Mais tarde, teve sua própria alfaiataria no centro da cidade, em sociedade com um primo, por 12 anos. A concorrência com a moderna indústria da moda o obrigou a fechar as portas. Foi quando

³⁵ Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/03/a-gente-vinha-no-escuro-conta-imigrante-italiano-que-chegou-ha-60-anos-em-porto-alegre-ck7zft8je066z01pqoj63otzq.html>

migrou para o comércio. Abriu uma lancheria, mas não se adaptou ao trabalho. Abriu, então, uma tabacaria na Rua Coronel Vicente, onde ficou por 35 anos.

Maria Scavuso (2010, f.1-2), filha de Giuseppe Scavuzzo, imigrou para Porto Alegre com a família, em 1948, através do chamado de Giuseppe Pappalardo. Posteriormente, mandou vir o irmão Pedro. Anos depois decidiu que teria o próprio negócio. Como não tinha dinheiro, pediu auxílio para alguns patrícios que forneceram os móveis usados de seus negócios. O irmão Pedro se tornou sócio lançando mão da indenização de trabalhos nas Lojas Renner, de onde pediu demissão. Também contou com ajuda financeira do irmão Angelo, que residia em São Paulo e com as economias do pai e a velha máquina de costura da mãe. Criaram a Loja Nicolleto, que produzia roupas infantis. Contou também com o apoio de uma amiga italiana que tinha negócios em São Paulo, que ajudou Maria a comprar tecidos nos atacados e investiu em produtos importados e em maquinário moderno (SCAVUZZO, 2004, f.1-30). Maria e Pedro eram donos do próprio negócio e, como era característica dos peninsulares, trabalharam muito, durante trinta e três anos, das 8hs a 20hs, parando para descanso somente aos domingos. Maria conta que:

Com o dinheiro dessa loja conseguimos um bom capital, compramos casa na praia, compramos carro para nos locomovermos até a praia. Com a loja fizemos um monte de dinheiro, adquirimos muitos imóveis aqui, na praia e na Itália, onde vamos de seis em seis meses (SCAVUZZO, 2004, f. 25)

A história de Maria demonstra o espírito perseverante e empreendedor que o imigrante assume, apesar das diversidades que encontra pelo caminho.

Vicenza Nani (2011, p 1-10), filha de agricultores, imigrou em 1946 para Porto Alegre, também a partir do chamado de um familiar e aqui se direcionaram para o comércio.

Graças a Deus! Nós aqui progredimos bastante. Eu, logo quando casei, juntamente com o marido compramos uma fruteira. A família inteira trabalhou nesta fruteira. Primeiro veio minha irmã junto com o marido, depois da guerra. A mãe, com medo, pediu para o pai para vir para o Brasil, que aceitasse o convite de um tio que era verdureiro. Com medo da guerra o pai trouxe toda a família para Porto Alegre (NANI 2011, f. 2)

Concetta Schiffino (2007, f.2) de Morano Calabro, veio para o Brasil através do chamado do sobrinho, cujo o nome ela não pronunciou o nome na entrevista. *“Meu pai veio para o Brasil com o propósito de trabalhar, juntar dinheiro e voltar para a Itália.”*.

Maria Cristina Prando (2010, p 1-10) chegou a Porto Alegre em 1955, com a mãe e os irmãos. O pai, sapateiro, veio para o Brasil dois anos antes, em 1952, atendendo ao chamado do tio, que era padre e tinha imigrado em 1945 através dos Scalabrinianos. Colocou um negócio de sapataria na Rua General Lima e Silva. *“O pai trabalhou a vida toda, formou dois filhos, nos deixou bem, até nos deixou várias coisas [bens]. Ele era aquele que trabalhava e botava ali o dinheirinho e a mãe administrava”*. O pai tinha negócio na Rua Lima e Silva, trabalhava das 7hs à meia noite. Comprava consertava e vendia calçados. A sapataria e o trabalho garantiram escola e faculdade para os filhos.

Maria Mancuso Vinciprova (2010, p. 1-10) emigrou em 1955 para Porto Alegre. *“Nós viemos porque eu tinha uma “sorela” que mandou chamar a família toda. Minha irmã veio com o marido e foi chamando os irmãos. Um carregava o outro”*. O marido, após anos trabalhando em fábrica de ferros moldados se estabeleceu como verdureiro. (2010, f.1).

Era assim, os italianos vinham por intermédio de outros italianos, que vinham antes e que posteriormente chamavam os outros. Então, uma irmã da minha mãe Francesca que veio com o marido, depois mandou chamar a minha mãe. Quando chegamos em Porto Alegre, fomos recebidos por italianos que já estavam aqui. Chegamos sem dinheiro com a ajuda dos tios. O meu pai trabalhava de manhã, de tarde e de madrugada para conseguir dinheiro e comprar nossa casa. Depois, trabalhando dia e noite comprou uma fruteira e um caminhão para ir na CEASA³⁶ (VINCIPROVA, 2010, f.07).

Teresa Mazzeo Lettieri (2010, f.1-15) imigrou em 1955. Uma amiga da escola tinha dois irmãos que vieram para Porto Alegre. Ao chamarem a irmã, Teresa veio junto. Arrumou trabalho na fábrica de Massas Adria, por indicação dos parentes da amiga.

A gente passou muito trabalho para... Mas devagarzinho a gente foi aprendendo a falar, a conhecer as coisas... Depois comecei a trabalhar por conta vendendo coisas na rua [de porta em porta]. Passamos muito trabalho chegando aqui. Passamos muito trabalho, mas hoje estamos bem, conseguimos comprar nossa casa, aposentadoria e sempre viajamos para a Europa [...] São Paulo é cheio de patrícios da minha cidade. Todos estão

³⁶ Central de Abastecimento do Rio Grande do Sul (CEASA/RS).

bem de vida. Claro, se sacrificaram, passaram muito trabalho no começo, mas hoje eles estão bem (LETTIERI 2010, f.1-15).

Tereza, para imigrar, amparou-se nas redes de amigos e quando chegou a Porto Alegre desenvolveu vínculos com os parentes do marido que moravam no mesmo bairro que ela.

3.2 A distribuição geografia do comércio italiano em porto alegre

Pretendendo compreender os comerciantes no espaço social de Porto Alegre, entre 1945 e 1955, pesquisou-se nas cópias manuscritas das certidões de casamento do período, que estão salvaguardados no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERES). Os documentos são relativos aos cartórios da 1ª, 2ª e 3ª Zonas que abrangem os bairros Floresta, Cidade Baixa e São Geraldo respectivamente. Os registros fornecem informações como nomes, sobrenomes, local de nascimento, nomes dos pais, atividade trabalho ou profissão, data do casamento e nomes das testemunhas ou padrinhos.

No conjunto de documentação relativo aos registros de matrimônio foi efetuado o entrecruzamento das certidões de casamento com os registros da Junta Comercial. Verificou-se que dos 66 comerciantes identificados nas certidões da 1ª Zona, 45 não constavam com registro na Junta Comercial; dos 17 comerciantes apontados nas certidões da 2ª Zona, 12 não estavam inscritos na Junta Comercial; dos 21 comerciantes apontados nas certidões da 3ª Zona, 17 não estavam lançados nos documentos da Junta Comercial. As certidões indicam que 104 indivíduos declaradamente comerciantes contraíram matrimônio, entretanto, desse total, apenas trinta comerciantes estavam registrados na Junta Comercial.

Do entrecruzamento dos dados resultou uma relação nominal de comerciantes com a descrição do ramo de negócio e em quais bairros da cidade estavam localizadas as casas de comércio. Em linhas gerais, alguns ramos de comércio são recorrentes, por exemplo, na 1ª, 2ª e 3ª Zonas existiam sete açougues, nove negócios de bar, café e restaurante, sete armazéns de secos e molhados, três casas de representações e consignações, dois negócios de bilhete e botequim, um comércio de peças e acessórios, um comércio de calçados e armarinho, uma ourivesaria e uma papelaria. A existência de todas as casas de negócio identificadas nas certidões foi relativizada com a documentação da Junta Comercial, dando origem aos quadros apresentados nessa seção.

Silva (1996) aponta que na década de 1950 surgiam e se desenvolviam novos bairros, como os bairros Floresta, São João e Navegantes, que abrigavam o setor industrial, as residências dos operários e, conseqüentemente, “se ramificam sistemas bancários”; Moinhos de Vento, onde vivia a elite e em seu entrono a classe média; Teresópolis e Glória, que expandiam a zona urbana para onde fora a zona rural da cidade.

A economia deixou de gravitar somente na parte central da capital. Ampliou-se o eixo produtivo dando origem a novos bairros com características de metrópole. Os bairros operários, por exemplo, passam a reunir comércio, indústria e moradias. Nestes, desenvolviam-se todas as atividades sociais das quais necessitavam os contingentes trabalhadores. Trata-se de um crescimento funcional para a cidade. [...] As pessoas das classes mais altas da sociedade procuram viver próximas ao centro administrativo e comercial da cidade. Ergueram luxuosas construções para moradias nos bairros altos, próximos ao centro. Moinhos de Vento torna-se o predileto. A baixo da colina principal do Moinhos de Vento fixam moradias representantes da classe média porto-alegrense: pequenos comerciantes, industriais, artesãos, funcionários públicos, empregados do comércio. Os bairros operários estendem-se pela Floresta, São João e Navegantes, onde as casas são mais baixas, geralmente de madeira, ocupando pequenos lotes. [...] Outros arrabaldes começam a crescer, fazendo desaparecer a característica de zona rurícola da cidade. É o caso da Glória e Teresópolis. Nas décadas de 40-50 estes bairros começaram a adquirir vida própria. Surgem clubes como o Teresópolis Tênis Clube e o Glória, cinemas proliferam, assim como os pequenos estabelecimentos comerciais para abastecer as cercanias (SILVA, 1996, p. 57-68).

Nos quadros 10, 11 e 12 podemos observar que entre 1945 e 1955 havia um grande número de comerciantes italianos, instalados como suas casas de comércio nas 1ª, 2ª e 3ª Zonas de Porto Alegre.

Quadro 10 – Registros de firmas de italianos na 1ª Zona de Porto Alegre

| Imigrantes italianos | Ramo de comércio | Bairro |
|-----------------------------|--|-----------------|
| Lucio Castellano (2) | Armazém de secos e molhados e o que mais convier | Petrópolis |
| José Motta | Armazém de secos e molhados, frutas e o que mais convier | Centro |
| Leonardo Rimolo | Comércio de peças e acessórios em geral para automóveis | Navegantes |
| Carmine Aita | Negócio de venda de bilhetes de loteria e representações | Jardim Botânico |
| Rimoli Francesco | Botequim | Não consta |

| | | |
|---|--|-------------|
| Stefano Ippolito | Representações, consignações e conta própria | Centro |
| Ferraro Carmine | Negócio de bar e café | Centro |
| Laitano Leonardo | Açougue e o que mais convier correlato com o ramo | Petrópolis |
| Gaetano Donadio | Armazém de secos e molhados | Rio Branco |
| Rocco Rosito | Bar e biliars | Centro |
| Carlos José Motta | Armazém de secos e molhados, frutas e o que mais convier | Centro |
| Alberto Severino | Negócio de café, bar e o que mais convier | Centro |
| Francisco Sanzi | Açougue de carne fresca | Menino Deus |
| Mario Severino | Armazém de secos e molhados | Floresta |
| Francisco Gallicchio, Biaggio Gallicchio, Gallicchio Primo Carmine Gallicchio Gallicchio Leonardo | Representações, consta própria e tudo o mais que lhes convier | Santana |
| Mario Pettini | Ramo de Comissões e conta própria | Centro |
| Domingo Sanzi | Não Consta | Centro |
| Di Martino Leonardo | Açougue | Azenha |
| Pedro Rosito Carmine | Negócio de açougue e o que mais convier | Navegantes |
| Ferraro Carmine | Negócio de bar e café | Centro |
| Leonardo Scorza | Ramo de secos e molhados | Menino Deus |
| Carmelo Massimino | Não Consta | Centro |
| Antonio Bernardino Carello | Açougue retalhista | Menino Deus |
| Giorgio Petri | Restaurante (ecônomo do restaurante do Clube do Comércio de Porto Alegre) e o que mais convier | Centro |

Fonte: A autora (2019).³⁷

Quadro 11 – Registros de firmas de italianos na 2ª Zona de Porto Alegre

| Imigrantes italianos | Ramo de comércio | Bairro |
|----------------------------------|--|---------------|
| Biagio La Falce José La Falce | Bar, restaurante e o que mais convier. | Não consta |
| Nicola Rosito | Comércio de calçados, chapéus, armarinhos e tudo o mais que convier. | Não Consta |
| Francesco La Falce | Bar, restaurante e o que mais convier. | Não consta |
| Renato Pacini | Alfaiataria | Centro |
| Carmine Rosito | Bar | Rio Branco |
| Rocco Feoli | Mercadinho | Centro |

³⁷ Dados retirados das Certidões de casamento – 1ª Zona (APERS) e de registros da Junta Comercial (JUCERGS).

| | | |
|------------------------------|------------------------------------|---------|
| Leonardo Nunziato Marrone | Açougue e seus congêneres em geral | Cascata |
|------------------------------|------------------------------------|---------|

Fonte: A autora (2019).³⁸

Quadro 12 – Registros de firmas de italianos na 3ª Zona de Porto Alegre

| Imigrantes italianos | Ramo de comércio | Bairro |
|-----------------------------|--|---------------|
| José La Falce | Bar, restaurante e o que mais convier | Não Consta |
| Leonardo Tedeschi | Açougue | São Geraldo |
| Ernesto Donadio | Armazém de secos e molhados a varejo | São Geraldo |
| Carmine Feoli | Ourivesaria e mais o que convier a varejo como relógios, objetos de ourives, em ouro, prata, platina, cristais, porcelanas, etc. | Cidade Baixa |
| Bias Constanza | Papelaria ou o que mais convier | Higienópolis |

Fonte: A autora (2019).³⁹

Mesmo com dados escassos se verifica que os comerciantes da 1ª, 2ª e 3ª Zonas estavam inseridos nos mesmos espaços que os conterrâneos que vieram anteriormente e que foram amplamente estudados por Núncia Santoro de Constantino (1990). Ela analisou a comunidade calabresa fazendo levantamento minucioso dos nomes e famílias que imigraram no período anterior à Segunda Guerra Mundial. Os nomes presentes nos três quadros indicam que a maior parte desses imigrantes procedia do Sul da Itália, de onde também veio a maioria dos peninsulares aqui estudados. Os deslocamentos dos italianos da Calábria eram constantes, conforme relata Dalva Di Martino Cassara, que imigrou em 1950. O pai Giovanni Di Martino, comerciante, proprietário de um restaurante, como vimos acima, realizando o percurso constantemente (CASSARÁ, 2010, f. 5).

Assim como Giovanni Di Martino e sua família, italianos de diferentes origens chegaram em número significativo a Porto Alegre, conforme levantamento nas certidões de casamentos. Chegando à capital foram se concentrando em determinados bairros como se observa no mapa. Nesses locais foram criando condições para a persistência de algumas identidades. A imigração no contexto urbano tem como característica marcante o agrupamento dos imigrantes de mesma origem em torno de interesses comuns, simulando, principalmente, a solidariedade étnica em termos de enfrentamento de uma nova situação social. Assim, por maiores que sejam as pressões no sentido da assimilação, os imigrantes, em geral, mantêm alguma ligação com a cultura e a sociedade de origem.

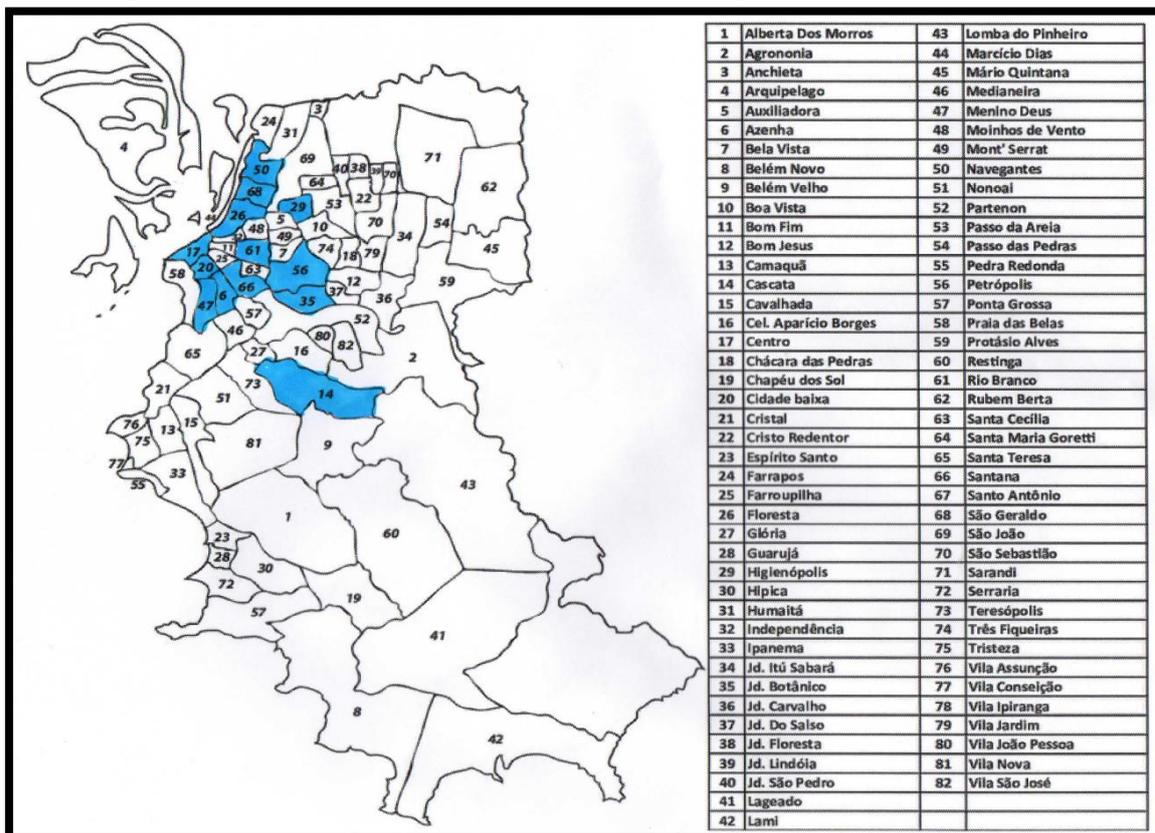
³⁸ Dados retirados das Certidões de casamento – 2ª Zona (APERS) e de registros da Junta Comercial (JUCERGS).

³⁹ Dados retirados das Certidões de casamento – 3ª Zona (APERS) e de registros da Junta Comercial (JUCERGS).

Guardam, sem dúvida, alguma forma de identificação étnica, por mais precários que estejam os laços com seus países de origem (GROSSO, 2008, p.25).

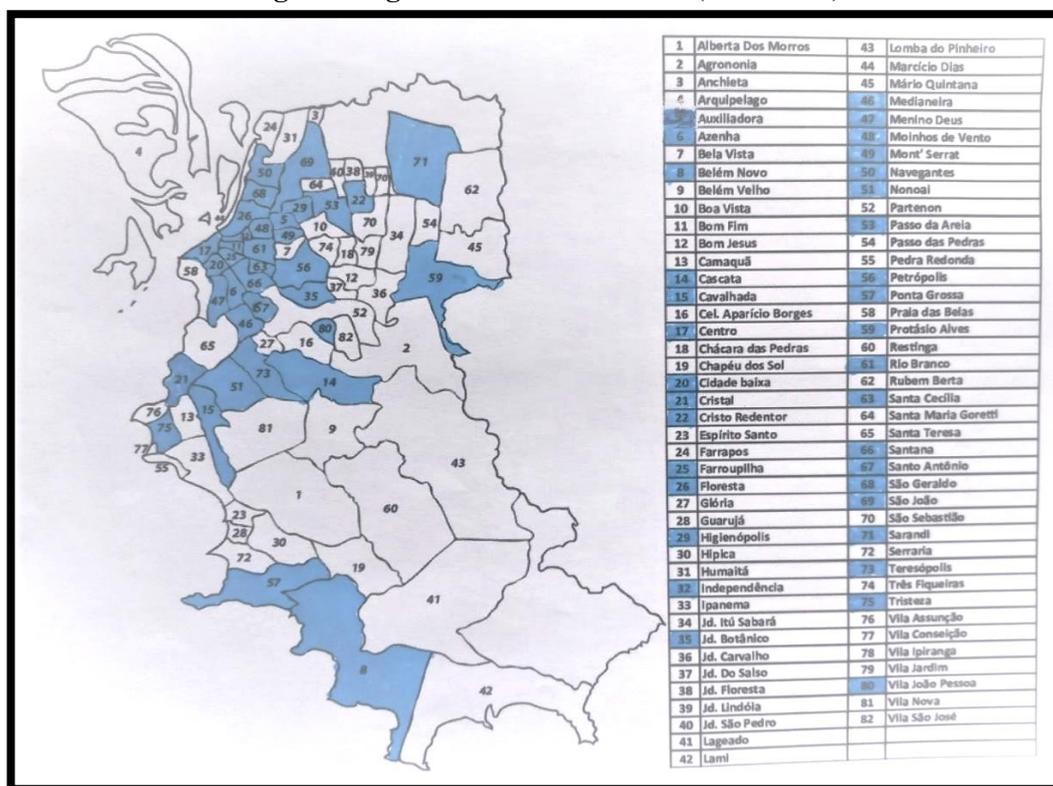
Nos mapas a seguir (figuras 15 e 16) é possível observar a localização espacial das casas de negócios de imigrantes em Porto Alegre, a partir das pesquisas realizadas em certidões de casamentos e nos registros de firmas da Junta Comercial.

Figura 15 - Localização dos comércios de italianos por bairros (1945-1955)



Fonte: A autora (2019).

Figura 16 - Mapa geral dos comércios italianos de Porto Alegre Segundo registros Junta Comercial (1945-1955)



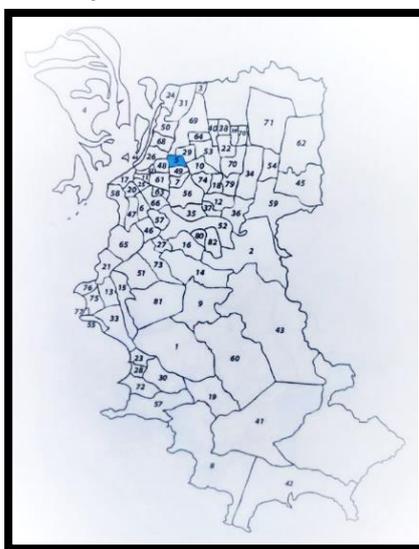
Fonte: A autora (2019).

A seguir, apresentamos a relação de firmas registradas em nome de italianos na Junta Comercial, entre 1945-1955, com os nomes de seus respectivos proprietários e atividade de cada firma. Foram utilizados os seguintes códigos para identificações nos quadros, em relação a nacionalidade e ocupação: (I) Italiano, (B) Brasileiro (I/N) Italiano Naturalizado, (P) Português, (A) Austríaco/Alemão/Argentino, (S/N) Sem naturalidade, (R) Russo, (G) Indefinido (SP) São Paulo, (RS) Rio Grande do Sul, (*) Indústrias, (**) Prestação de serviços. Buscamos demonstrar, dentro do espaço da cidade, a presença das casas de comércio nos bairros, relacionando os mapas indicativos com os quadros dos negócios e os nomes dos comerciantes.

As informações foram compiladas dos registros dos negócios da Junta Comercial, identificando a nacionalidade em poucos documentos. Os referidos quadros são precedidos de um rápido histórico de cada bairro onde as casas de comércio se encontram e os mapas de Porto Alegre com localização por bairros dos espaços ocupados pelos negócios de italianos. Os bairros serão apresentados em ordem alfabética, por isso, começaremos pelo bairro Auxiliadora.

O bairro Auxiliadora (figura 17) foi criado em 1959, mas o povoamento começou no final do século XIX e foi impulsionado pelo surgimento da linha do bonde chamada de Auxiliadora que acabou dando nome ao bairro. Seu desenvolvimento se deu a partir da Estrada da Aldeia, que ligava a capital à Freguesia dos Anjos, atual cidade de Gravataí. Com a instalação de moinhos de vento na propriedade de Antônio Martins Barbosa, a maior via de circulação passou a se chamar Estrada dos Moinhos de Vento, que em 1933 recebeu o nome de Rua 24 de outubro. Naquele período a região já era bem provida de transportes públicos⁴⁰. Encontramos duas casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Auxiliadora entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 13).

Figura 17 – Mapa da localização do bairro Auxiliadora em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 13 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Auxiliadora

| Designação do Comércio | Comerciante(s) | Atividades Comerciais |
|-------------------------------|-----------------------|----------------------------------|
| José Schifino | José Schifino (I) | Açougue e o que mais lhe convier |
| Domenico Gallo | Domenico Gallo (I) | Açougue e o que mais lhe convier |

Fonte: A autora (2019).

No Bairro Auxiliadora foram encontrados dois comerciantes, ambos imigrantes vindos de Morano Cálabro, são poucas as referências sobre comerciantes italianos neste espaço. Foram detectados os registros de comércio em nome de Schiffino em 1946 e, três anos mais tarde, esse se associando ao conterrâneo Antonio Bonifati. Segundo

⁴⁰ Fontes: <https://andandopoa.webnode.com.br/historicos/zona-oeste-historico/auxiliadora-historico/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

Constantino (1998, 161), Schiffino já aparecia com estabelecimento em 1920. Entretanto, não se pode comprovar a rede migratória somente com o nome e o ramo de atividade.

O bairro Azenha (figura 18) tem seu nome ligado ao próprio significado da palavra azenha (moinho de roda movido a água, atafona). No início do século XVIII, Francisco Antônio da Silveira possuía as primeiras plantações de trigo da região, instalou uma moagem do trigo às margens do Arroio Azenha, atual Arroio Dilúvio, sendo o primeiro fabricante de farinha da região. Surgiram ali outras pequenas estâncias, casas e outros moinhos. Sérgio da Costa Franco aponta como avanço do processo de urbanização um abaixo assinado de moradores que em 1870 pediam ao público a instalação de lampiões nas ruas. Em 1905 a Rua da Azenha começou a receber calçamento. Nas primeiras décadas do século vinte, o bairro se tornou reduto de marmoristas italianos, em função dos cemitérios ali localizados (GUILHERME, 2021, p.199). Aos poucos, a antiga estrada foi sendo ocupada por estabelecimentos comerciais dos mais diversos ramos. O bairro Azenha foi criado em 1959.⁴¹ Encontramos quatro casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Azenha entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 14).

Figura 18 – Mapa da localização do bairro Azenha em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁴¹ Fontes: <https://andandopoa.webnode.com.br/historicos/zona-oeste-historico/auxiliadora-historico/>. Acesso em: 20 dez. 2022.; (FRANCO, 1998, p. 50).

Quadro 14 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Azenha

| Designação do Comércio | Comerciante(s) | Atividades de Comércio |
|-------------------------------|--|---|
| Di Martino Leonardi | Di Martino Leonardi (I) | Açougue |
| Giovani Carlos Biasotti | Giovani Carlos Biasotti (I) | Ramo de Metalúrgica* |
| Giuseppe Neglia | Giuseppe Neglia (I) | Negócios de secos e molhados à Varejo |
| Ivo Gaertner & Cia. Ltda | Ivo Gaertner(B) Carmem Pascoal Bianchi (I/N) | Comércio e enlatamento de soda cáustica e importação em geral |

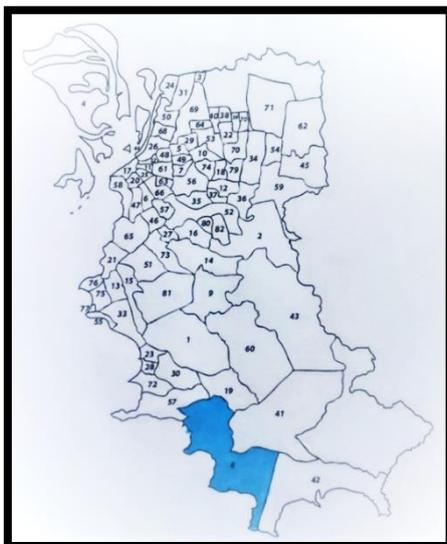
Fonte: A autora (2019).

Foram detectados no Bairro Azenha os nomes de quatro italianos com comércios distintos, sendo, dois deles, com negócios tradicionais e que envolvem a produção de bens de consumo. A não ser por Di Martino e Neglia, que procedem de Morano Calabro, não há outros indicativos de redes.

O bairro Belém Novo (figura 19) surge no antigo arraial que tinha a Freguesia do bairro Belém Velho como sede, que em 1867 passou para uma área às margens do Guaíba. Em 1873, o presidente da Província autorizou a mudança e em 1876 começaram a construir a igreja de Nossa Senhora do Belém Novo. Por conta do difícil acesso, Belém Novo não acompanhou o processo de modernização e urbanização vivida pelos demais bairros de Porto Alegre, mantendo características rurais, dada o grande número de propriedades pertencentes a pequenos agricultores. Em 1906 a Intendência Municipal e a Associação Comercial de Porto Alegre conseguem ligar o distrito a Porto Alegre. O acesso ao bairro somente se tornou mais fácil a partir de 1933, quando foi construída uma via que o ligava ao centro da Capital.⁴² Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Belém Novo entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 15).

⁴²Fontes: <https://belemnovo.com.br/sobre-o-bairro/>. Acesso em: 20 dez. 2022; (FRANCO,1998, p. 66).

Figura 19 – Mapa da localização do bairro Belém Novo em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 15 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Belém Novo

| Designação do Comércio | Comerciante(s) | Atividades de Comércio |
|-------------------------------|---------------------------|---|
| Pedro Francisco Bruno | Pedro Francisco Bruno (I) | Fábrica de projetores cinematográficos* |

Fonte: A autora (2019).

A história do bairro Belém Novo e a precariedade das comunicações explica a quase ausência de comércios de italianos em seu espaço. Visto que, quando imigravam para Porto Alegre, já tinham uma imagem idealizada da cidade, logo esses indivíduos procuravam por lugares ou bairros mais povoados e desenvolvidos.

O bairro Bom Fim (figura 20) foi criado em 1959. Seu nome tem origem na capela Nosso Senhor do Bom Fim, localizada na atual Avenida Osvaldo Aranha, que já foi chamada de Avenida Bom Fim e é historicamente conhecida como Caminho do Meio. A partir da construção da capela, a região foi se desenvolvendo e crescendo. O Bom Fim começou a ganhar sua identidade pela qual ficou reconhecida até os dias de hoje, na década de 1920, com a chegada e formação das primeiras comunidades judaicas. Naquele período foram construídas as primeiras residências e logo mais os prédios comerciais e o bairro começaram a agregar diversos povoados que migravam para o sul do Brasil. Além de africanos e judeus da Europa Ocidental, os alemães, árabes e italianos chegavam configurando uma nova personalidade e fortalecendo a autenticidade e a diversidade cultural do bairro⁴³. Encontramos quatro casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Bom Fim entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 16).

⁴³ Fontes: <https://www.lopes.com.br/blog/conheca-seu-bairro/o-bairro-bom-fim-na-historia-de-porto->

Figura 20 – Mapa da localização do bairro Bom Fim em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 16 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Bom Fim

| Designação do Comércio | Comerciante(s) | Atividades de Comércio |
|-------------------------------|---------------------------------------|---|
| Allaggio & Farias | Jose Alaggio (I) Manoel Farias (B) | Comércio e indústria de artefatos de folha e ramos correlatos, importações em geral e o que mais convier* |
| João Baldino | João Baldino (I) Napolis | Secos e molhados a varejo |
| Giuseppe Biagini | Giuseppe Biagini (I) | Fabricação de chapéus com comércio desses por atacado e o que mais convier* |
| Ermano Pistolese | Ermano Pistolese (I) | Representações, consignações e conta própria ** |

Fonte: A autora (2019).

Embora a história aponte para a multiplicidade de etnias, no bairro Bom Fim se sobressai a etnia judaica. Também são escassos os registros de comércios italianos e os que estavam em funcionamento estavam mais voltados para produção e serviços.

O bairro Cascata (figura 21) foi criado em 1963. À medida em que eram ocupadas as áreas entre a Azenha e a Cascata, o caminho que por ali passava, ligando a região central de Porto Alegre à povoação de Belém Velho passou a se chamar Estrada da Cascata. Mais tarde, passou a se chamar Avenida Cascata e, por fim, Avenida Professor

alegre/#:~:text=O%20nome%20%E2%80%9CBom%20Fim%E2%80%9D%20foi,conhecida%20como%20Caminho%20do%20Meio. Acesso em: 20 dez. 2022; (FRANCO, 1998, p. 77-78)

Oscar Pereira, em homenagem ao ex-diretor do Sanatório Belém, que tratava tuberculosos. O povoamento do local se acelerou a partir das décadas de 1950 e 1969 com a abertura de novos acessos à região e pela instalação de meios de transportes mais eficientes e extensivos. A ocupação que se restringia às adjacências da Avenida Oscar Pereira começou a ocorrer nas encostas dos morros da Polícia e do Cascata, através do loteamento destas áreas⁴⁴. Encontramos três casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Cascata entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 17).

Figura 21– Mapa da localização do bairro Cascata em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 17 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Cascata

| Designação do Comércio | Comerciante(s) | Atividades de Comércio |
|-------------------------------|-----------------------------|------------------------------------|
| Leonardo Marrone | Leonardo Marrone (I) | Açougue e seus congêneres em geral |
| Plínio Anele | Plínio Anele (I) Napolis | Açougue e o que mais convier |
| Elio Bruno | Elio Bruno (I) | Bar armazém e secos e molhados |

Fonte: A autora (2019).

Até 1950 o bairro Cascata era caracterizado como zona rural, entretanto o funcionamento dos três comércios de primeiras necessidades demonstrava que havia um grupo de moradores no local. Dentre esses moradores se verificavam algumas famílias italianas, por exemplo, a família Marrone, marcando presença em Porto Alegre desde

⁴⁴ Fontes: <https://andandopoa.webnode.com.br/historicos/zona-leste-historico/cascata-historico/#:~:text=O%20bairro%20Cascata%20foi%20criado,Medianeira%20e%20Coronel%20Apar%203%ADcio%20Borges>. Acesso em: 20 dez. 2022; (FRANCO, 1998, p. 293)

antes de 1920, com comércio de carnes verdes (CONSTANTINO, 1998, p. 161). A bibliografia e as fontes revelam a duração de uma rede de relações migratórias familiar, que se estendeu até depois da Segunda Guerra. Encontrar os Marrone como comerciantes de ramo tradicional de comércio na cidade, nos registros da Junta é mais um sinal indicativo da perpetuação da rede migratória confirmando a hipótese de que a rede influenciava a escolha do ramo de negócio.

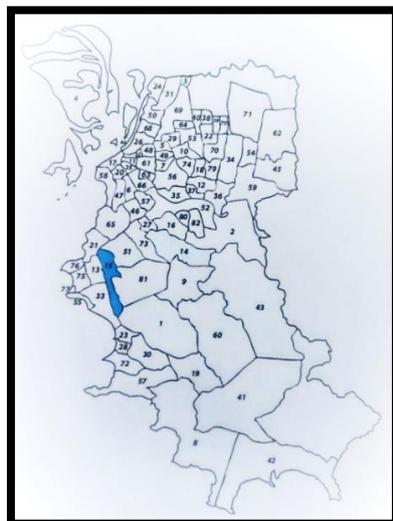
Vale lembrar que os imigrantes que possuíam um poder aquisitivo menor se estabeleceram nos arrabaldes da cidade. No caso dos Marrone, o capital investido no negócio, juntamente com a localização do comércio, é indiciário do status social do imigrante. Quando os imigrantes eram desprovidos ou com pouco capital, estabeleciam-se nos subúrbios da cidade.

O bairro Cavahada (figura 22) se localizado na Zona Sul entre os bairros Nonoai, Cristal, Vila Nova, Ipanema e Tristeza. Recebeu esse nome por conta da Guarda da Cavahada, pertencente a Fazenda Real e a serviço da Capital⁴⁵. A Estrada da Cavahada, que ligava os bairros Azenha e Ipanema, era a única via de acesso ao bairro predominantemente rural. A estrada recebeu asfaltamento na década de 1950. no bairro foram assentadas as bases do Instituto Santa Luzia, fundado pela imigrante Italiana Lydia Moschuetti que nasceu na região da Toscana, Itália, em 1888 e chegou ao Brasil com 18 anos de idade⁴⁶. Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Cavahada entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 18).

⁴⁵ Para saber mais consultar (FRANCO, 1998, p. 106-107).

⁴⁶ Fontes: http://acergs.org.br/institucional/?doing_wp_cron=1672860253.738689899444580078125. Acesso em 20/12/2023; <https://www.peiter.com.br/porto-alegre,cavahada>. Acesso em 20/12/2023; (FRANCO, 1998, p. 106-107).

Figura 22 – Mapa da localização do bairro Cavallhada em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 18 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Cavallhada

| Designação do Comércio | Comerciante(s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|-----------------------|------------------------------|
| Francisco Ferrari | Francisco Ferrari (I) | Açougue |

Fonte: A autora (2019).

O bairro Cavallhada, semelhante aos anteriores, carecia de transportes, o que inibia a presença de italianos. Entretanto, os Ferrari encontraram um nicho para desempenhar suas atividades de comércio. A família integrou a relação de Moranese indicados por Constantino (1998, p. 161).

Criado em 1950, o bairro Centro (figura 23) tem suas origens no início da ocupação de Porto Alegre, possui uma ligação estreita com a rua dos Andradas, antiga Rua da Praia. As atuais Rua Riachuelo e Duque de Caxias, formavam junto com a Rua da Praia as principais vias da Vila onde se localizavam as mais antigas residências e casas comerciais. A antiga rua Duque de Caxias, que já teve várias denominações foi por muitos anos a rua mais nobre da cidade, onde residiam políticos, comerciantes e militares de altas patentes em requintados sobrados e solares das famílias aristocráticas da cidade, como o Solar dos Câmara.

A essa burguesia, boa parte dedicada a atividades comerciais e industriais, são propostas residências maiores, admitindo-se, algumas vezes, a associação de moradia e de trabalho na mesma edificação. Constituem os denominados sobrados, em que o térreo ligado à rua, muitas vezes, era destinado ao comércio (MENEGOTO, 2015, p. 136 *apud* LEMOS, 1989b, p. 32-33). O autor identifica obras dos construtores italianos as suas ligações com comerciantes já estabelecidos que tinham ascendido socialmente.

Núncia Santoro de Constantino (1990) destaca no depoimento do imigrante Nicola, além das residências dos comerciantes e seus negócios anexos, as redes familiares. O pai, veio com 19 anos, e morou por um tempo com tio no sobrado do açougue. Quando o pai morreu, ele e os irmãos herdaram o estabelecimento e deram continuidade ao comércio. Todos moravam nas dependências superiores do açougue. Os filhos e os sobrinhos estudavam, mas ajudavam no açougue.⁴⁷

O Mercado Público teve importante papel para a cidade. Além de seu comércio, durante o século XIX era o local onde circulavam as notícias atualizadas do Brasil, sobretudo em função do trânsito intenso de pessoas. Na segunda década do século XX começou a obra de expansão da Avenida Borges de Medeiros, juntamente com a construção do viaduto Otávio Rocha que abrigaria no espaço da parte inferior lojas comerciais. A obra foi concluída em 1940, quando a cidade começava a adquirir características de cidade moderna,⁴⁸ com avenidas amplas e arranha-céus. Encontramos 105 casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Centro entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 19).

Figura 23 – Mapa da localização do bairro Centro em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁴⁷ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Italianidades(s): imigrantes em Porto Alegre**. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/21-encontro-anual-da-anpocs/st-3/st12-2/5293-nunciocostantino-italianidades/file>. Acesso em 05, dez., 2022.

⁴⁸ Fontes: <https://andandopoa.webnode.com.br/historicos/zona-oeste-historico/centro-historico/>; ATLAS Ambiental de Porto Alegre. Coord. MENEGAT, Rualdo; PORTO, Maria Luiza; CARRARO; Clovis Carlos; FERNANDES, Luiz Alberto Dávila. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1998; MENEGOTTO, Renato Gilberto G. Casas porto-alegrenses, construções de italianos e transição de século: alguma novidade e muita tradição (1890-1915) MÉTIS: história & cultura. jan./jun. 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236123969.pdf>. Acesso 13, nov., 2022.

Quadro 19 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Centro

| Designação do Comércio | Comerciante(s) | Atividades de Comércio |
|-------------------------------|--|--|
| M. Goldenberg & Cia | Mose Yerusalmi (I) Jaques Abrevya (G) Moises Goldemberg (B) | Representação e conta própria no ramo de tecidos em geral |
| Ernesto Neugebauer & Cia | Ernesto Neugebauer (B) Dr. Alberto Adalberto Albertini (I) | Fábrica/varejo |
| Restaurante Ghilosso | Emilio Ghilosso (I) | Restaurante, exploração da copa do Teatro São Pedro, do Jockey Club Riograndense e a casa de cômodos na Rua dos Andradas, 921 ** |
| Vito Miranda | Vito Miranda (I) | Propaganda representações e comissões |
| Adolfo Bertolotti | Adolfo Bertolotti (I) Lucca | Negócio de representações, comissões, consignações, conta própria e o que mais convier |
| Frederico Diteone | Frederico Diteone (I) | Comércio de álcool e bebidas em geral, por atacado e a varejo... Com fábrica de álcool, aguardente e bebidas em geral, no 1º distrito* |
| Francesco Donadio | Francesco Donadio (I) | Negócio de armazém de secos e molhados especialmente o mais que lhe convier |
| Hotel Glória | Cipriano Micheletto (I/N) | Negócio de hotel |
| Salvatore Desiderio | Salvatore Desiderio (I) | Representações comerciais e conta própria |
| S. Galo & Cia | Santiago Gallo (I) Lauria Henrique Kauffman (B) | Exploração do ramo de conta própria, comissões e representações |
| Toigo & Cia Ltda | Silvio Toigo (I) Silvio Toigo Filho (I) Teodorico Emilio Coberllini (B) Hugo Marcos Toigo (B) Espavido Toigo (B) | Fabricação e comércio de materiais para construção em geral e o que mais convier * |
| Tricerri & Papp | Victorio Tricerri (I) Aurelio Papp (R) | Indústria e comércio de móveis de aço e aparelhos elétricos e o que mais convier, correlato ao ramo * |
| Visca & Harbich | Agostinho Visca (I) Bruno Harbich (B) | Fábrica e comércio de cintos e artefatos de couro e demais produtos congêneres, |

| | | |
|----------------------------|---|--|
| | | assim como a representação e conta própria * |
| Cardone Modas Ltda | Carlos Cimino (I) Ilka Guttler (B) Ivone Esther Sara Cardone Gomes (B) Iris Mace (B) | Comércio de Chapéus e moda para senhoras |
| Salvador Caccavale & Filho | Salvador Caccavale (I) Romeu Caccavale (B) | Comércio de Calçados |
| Toigo, Geremia & Cia Ltda | Silvio Toigo (I) Silvio Toigo Filho (I) Empavido Toigo (B) Helio Geremia (B) | Fabricação e comércio de materiais para construção, construção em geral e o que mais convier * |
| Salvador Liconti | Salvador Liconti (I) | Importação e exportação de especialidades, comestíveis, frutas secas e gêneros alimentícios |
| Carmela Conti Mainieri | Carmela Conti Mainieri (I) | Agência de Loterias, para a venda de bilhetes, revistas, jornais e o que mais convier |
| Bacelli & Cia | Guido Bacelli (I) Carlos Daudt (B) | Negócio de oficinas para fabricação de artefatos de metal * |
| Curtume Esteio, Limitada | Silvio Corbetta (I/N) Julio Motin (não consta) | Curtume, seus anexos, couros em geral e o mais que convier |
| Alberto Pulla | Alberto Pulla (I) | Joalheria |
| Walter Glotz & Cia. Ltda. | Walter Glotz (B) João Bazzo (I) | Fabricação de aparelhos elétricos e o mais que convier * |
| Almicar Moccacfighi | Almicar Moccacfighi (I) | Negócio de Bar e restaurante |
| Zanini, Toniolo e Cia | Pilade Zanini (I) Giuseppe Zanini (I) Rissieri Toniolo (B) | Armazém de secos e molhados |
| Antonio Fortis | Antonio Fortis (I/N) | Não consta |
| João Bazzo | João Bazzo (I) | Depósito de Cal ** |
| Nocchi Bazzo & Cia. Ltda. | Armando Nocchi (B) Nilo Vaz Cachapuz (B) João Bazzo (I) Mario Borsoi (I) | Exploração do Fabrico e compra e venda de Cal e o que mais convier * |
| Laitano & Sobrinho | Laitano Salvatore (I) Carmelo Laitano (I) | Agência de loterias e tabacaria, à varejo |
| Francesco Giuseppe Rosito | Francesco Giuseppe Rosito (I) | Açougue e tudo o que mais lhe convier |
| Restaurant Mario | Bardo Bardi (I) Piegaro | Negócio de restaurante |
| Ida Cantu Ghilosso | Ida Cantu Ghilosso | Restaurante |
| Salvador Gullo | Salvador Gulo (I) Batista Gullo(I) | Comércio de frutas em geral, por atacado e a varejo, |

| | | |
|------------------------------|---|--|
| | | e o mais que convier no gênero |
| Cesare Ferraris | Cesare Ferraris (I) | Oficina mecânica, importação e venda de acessórios para automóveis e mais o que convier |
| Natale Di Mare | Natale Di Mari (I) | Açougue e tudo o que lhe convier |
| Armando Cardinale | Armando Cardinale (I) Trieste | Importação de máquinas para a indústria e importação de máquinas para a agricultura, trabalhos técnicos industriais, comissões, consignações e conta própria, importação e exportação em geral e o que mais convier. |
| Cocito Irmãos & Cia Ltda | Luciano Mabilde (B) Vito Miranda (I) Rene Cocito (B) | Exploração do comércio e indústria de máquinas de lavoura, indústrias e construções e materiais congêneres* |
| Móveis Dariano Ltda | Miguel Dariano (I) Carlos Alberto Dariano (B) Leonardo Dariano (B) Eugênio Heinzelmann (N) | |
| Carlos de Martini | Carlos de Martini (I) | Tabacaria e Loterias |
| Angela Maria Pagano Grimaldi | Angela Maria Pagano Grimaldi (I) | Negócio de açougue |
| Leonardo Cozza | Leonardo Cozza (I) Morano Calabro | Banca de especialidades alimentícias |
| Carlos Vitola | Carlos Vitola (I) Cosenza | Negócio retalhista de carne verde |
| João Baseggio & Irmãos | João Baseggio (I) Massimo Baseggio (I) Carlos Baseggio (I) Marcos Mansueto Baseggio (B) | Comércio de bar e seus congêneres |
| Nocchi & Cia Ltda | Settimo Nocch (I) Carlos Lorrondo Nocchi (B) Cesar Lambroso (B) | Artigos Sanitários, ferragem, importação e exportação de mercadorias em geral, em todas as suas modalidades |
| Cozza & Leone | Leonardo Cozza (I) Natale De Leone (I/N) | Comércio de secos e molhados |
| Pilade Zanini & Irmão | Pilade Zanini (I) Giuseppe Zanini (I) | Negócio e exploração do comércio de armazém de secos e molhados |
| Noll, Pettini, & Cia Ltda | Octavio Priori (I) Joé de O. Farani (B) | Representações comerciais, consignações e conta própria |

| | | |
|--|--|---|
| | Leonardo Priori (B) Alberto Priori (B) | |
| Mattos & Zago Ltda | Carlos Zago (I) Theophilo Barbosa de Matos (B) | Compra e venda de material de construção |
| Mazzalin & Simonetto | Angelo Simonetto (I) Sergio Hubner Mazzali (B) | Compra e venda de Materiais para a construção, exploração de indústria e comércio de construção e os mais negócios que puder interessar * |
| Laitano & Irmão. Ltda (A famosa) | Laitano Leonardo (I) Laitano Salvatore (I) | Bar, café e agência lotérica. |
| Pessato Mellender & Cia (Despensa Porto-Alegrense) | A Giacomo Pessato (B) Tedoro Frederico Mellender (B) Leonardo Scorza (I) | Armazém de secos e molhados, produtos alimentícios e similares |
| Emilio Feoli | Emilio Feoli (I) | Café e bar e o que mais convier |
| Camilla Ines Piva | Camilla Ines Piva (I) | Centro de diversões e bar |
| Anele & Vitorino Ltda | Pascoal Anele (I) Jorge Braga Vitorino (B) | Negócios de secos e molhados a varejo |
| Antonio Ferrari | Antonio Ferrari (I/N) | Armazém de secos e molhados e o que mais convier correlato ao ramo |
| Simonetto & Cia Ltda | Sergio Hubner Mazzali (B) Severino Angelo Simonetto (I) | Compra e venda de materiais de construção, exploração da indústria e comércio de construção e mais negócios que puder interessar * |
| Vva. Henrique Cogo | Petrolina Cogo (I) | Representantes, consignações e conta própria |
| Angelo Pozazana | Angelo Pozzana (I) | Compra e venda de subprodutos de origem animal destinados a laboratórios, e o que mais convier |
| Vicenzo Antonio Gioia | Vicenzo Antonio Gioia (I) | - Varejo de bebidas, cigarros frutas, especialidades, etc., que concerne ao ramo de bar. - Varejo de carnes frescas e salgadas, conservas, etc., e o que mais convier. |
| Gino Pasquini | Gino Pasquini (I) | Representações e o que mais convier. |
| Mario Pettini | Mario Pettini (I) | Ramo de comissões e conta própria. |

| | | |
|---|--|---|
| Café Modelo Ltda | Cândido Giuseppe Cinel (I) José Pereira da Cruz (B) Américo Rodrigues Vitório (P) | Bar, Café e tudo o que mais convier. |
| Carlos José Motta | Carlos José Motta (I) Vicenza | Armazém de secos e molhados, frutas e o que mais convier. |
| Giorgio Petri | Giorgio Petri (I) | Restaurante (Ecônomo do Restaurante do Clube do Comércio de Porto Alegre) e o que mais convier ** |
| Salvador Palacine Camarata | Salvador Palacine Camarata (I) | Comércio de bebidas sem álcool e o que mais convier |
| Pasquale Magno | Pasquale Magno (I) Morano Calabro | Negócio de bar |
| Laitano & Severino | Carmelo Laitano (I) Giacomino Severino (I) | Negócio de café, agência de loterias e tabacaria a varejo |
| Stefano Ippolito | Stefano Ippolito (I) | Representações, consignações e conta própria. |
| Molin & Companhia Ltda | Antonio Molin (I) Antonio Rosito (I) | Exploração de salões de biliars e o que mais convier |
| Blando & Ferraro Café Farroupilha | Ferraro Carmine (I) Giuseppe Blando (I) | Negócio de bar e café |
| Cozza & Crescente | Leonardo Cozza (I) Crescente Genaro (I) | Armazém de especialidades e fabricação de Massas frescas * |
| Camine Rimoli | Camine Rimoli (I) | Nada consta |
| Cesari Orsi | Cesari Orsi (I) | Representações e conta própria |
| Cyrilo Seganfredo | Cyrilo Seganfredo (I) | Representações e conta própria |
| José Cozza & Irmão | José Cozza (I) Francisco Cozza (I) | Exploração do comércio de restaurante |
| Leone Gallo | Leone Gallo (I) | Salão de barbeiros ** |
| Bruno Guido Benatti | Bruno Guido Benatti (I) | Negócio de pensão familiar ** |
| Medaglia & Rosito Bar e Biliars Colombo | Francisco Alta Medaglia (I) Rocco Rosito (I) | Bar e Biliars |
| Leonardo Barletta | Leonardo Barletta (I) | Açougue |
| Antonio Rosito | Antonio Rosito (I/N) | Agência de loterias, comércio de bijouterias, tabacaria, artigos para fumantes e presentes |
| João Batista Cavicchiolo | João Batista Cavicchiolo (I) | Negócio de armazém de secos e molhados |
| Nicola Riccardi | Nicola Riccardi (I) | Fabricação de calçados * |

| | | |
|-----------------------------|---|--|
| Arone Luigi | Arone Luigi (I) | Alfaiataria e varejo de roupas em geral ** |
| Queiroz, Farias & Sanzi | Antonio Guedes de Queiroz (B) Izario Scussel de Farias (B) Biagio Sanzi (I) | Representações, consignações em conta própria. |
| Loja Italiana | Ciro Massari (I) | Negócio de artigos de livraria, discos e rádios, representações, consignações e o mais que convier |
| Rimolo & Irmão | Leonardo Rimolo (I) Giuseppe Rimolo (I) | Armazém de secos e molhados e o que mais convier |
| Pedro Lupinatti | Pedro Lupinacci (I) | Bar e café |
| Açougue Duque de Caxias | Caetano Soviero (I/N) | Açougue |
| Filiberto Agostinho Marrone | Filiberto Agostinho Marrone (I) | Representações, consignações, conta própria e tudo mais que convier. |
| Celia & Schifino | Francisco Celia (I) Luiz Ferraro Schifino (I) | Exploração do ramo de especialidades a varejo e mais que convier |
| Açougue Santo Antônio | Salvador Guavagna (I) | Açougue para a venda de carnes de gado vacum, carneiro, porco, galinha, derivados e afins. |
| Rocco Feoli | Rocco Feoli (I) Morano Calabro | Mercadinho |
| Crescente Genaro | Crescente Genaro (I) | Bar |
| Ghinato, Sinnott e Cia Ltda | Julio Ghinato (I) Juvenil Sinnott (B) | Comércio de móveis e utensílios em geral e tudo o mais que convier |
| Rosito & Donadio | Caetano Donadio (I) Natale Rosito (I) | Negócio de café e bar |
| Francisco Barletta | Francisco Barletta (I) | Açougue |
| Francesco Dal Soglio | Francesco Dal Soglio (I) | Atelier fotográfico e comércio de molduras ou o que mais convier |
| Riccardo Bortolasco | Riccardo Bortolasco (I/N) Verona | Exploração da indústria e comércio de fogareiros, artigos similares, peças e o que mais convier * |
| Fidele Carello | Fidele Carello (I) | Negócio de secos e molhados e especialidades a varejo |
| Laurito e Gaetani | Domenico Gaetani (I) Giuseppe Laurito (I) | Negócio de bar e café |
| Salvador Liconti | Salvador Liconti (I) | Negócio de restaurante |

| | | |
|-------------------------------|---|---|
| Renato Pacini | Renato Pacini (I) | Alfaiataria |
| Vittorio Cangiano | Vittorio Cangiano (I) Mantova | Comércio de tecidos em geral, podendo no desenvolvimento de suas atividades agregar o que mais convier |
| Loffredo, Concilio & Cia Ltda | Raffaele Loffredo (I) SP Vicenzo Concilio (I) SP Giuseppe Concilio (I) RS | Comércio por atacado e varejo de tecidos em geral, principalmente casimiras, brins, linhos, aviamentos e todos os artigos correlatos. |
| Giuseppe Gallicchio | Giuseppe Gallicchio (I) | Negócio de agência de loterias do Estado |
| Carmine Morelli | Carmine Morelli (I) | Armazém de secos e molhados e o que mais convier correlato ao ramo |

Fonte: A autora (2019).

O Centro é o bairro onde se encontrava o número mais expressivo de casas de comércio de imigrantes italianos, dos mais variados ramos de atividades, como demonstrado no quadro acima. Grande parte dos nomes dos peninsulares indica que eles compunham um grupo que se deslocava constantemente de Morano Calabro para Porto Alegre, antes da Segunda Guerra (CONSTANTINO, 1998, 161). Com o fim do conflito, em decorrência da crise econômica que assolava a Itália, as redes foram reativadas e eles continuaram chegando à capital e se inserindo nos ramos de negócio onde atuavam tradicionalmente com bares e restaurantes, loterias, comércio de frutas, cafés, alfaiatarias e açougues.

As redes propiciaram os deslocamentos de indivíduos de um local para outro, promovendo arranjos financeiros, de trabalho e de viagem, tanto no local de partida quanto de chegada. Uma das categorias apontada pelos historiadores para identificar as redes é a familiar. Tem-se observado que, na maior parte das vezes, as redes se formam no âmbito familiar. Um indivíduo já estabelecido financiava a vinda de filhos, irmãos, sobrinhos, primos sogros etc.

Um exemplo de rede familiar que apresentamos nesse trabalho é o da família Sanzi, que também encontramos nos registros do quadro acima. Angelina Sanzi (2006, p1-11) e o irmão Luiz Angelo, que, como mencionamos anteriormente, comercializavam loteria. O parente, ao chegar trabalhou por um tempo no negócio, economizou e investiu em seu próprio comércio, ou seja, o mesmo setor econômico daqueles que também iniciaram como empregados e aprenderam a comercializar.

Os comerciantes estabelecidos no centro de Porto Alegre integram a categoria familiar porque nomes como Schiffini, Marroni, Failace, Mancuso, Orsila, La Porta, Giula, Guaragna, Ferrari, Medaglia, Di Lorenzo e Rosito, entre outros, são encontrados regularmente, tanto em fundos documentais da Junta quanto nos registros matrimoniais do APERS. Segundo os registros da Junta e do APERS esses imigrantes ocupavam os mesmos espaços, praticando o mesmo ramo de atividades, tanto antes, como depois da Segunda Guerra. Esses dois fatores permitem inferir que houve a manutenção de uma rede familiar que se perpetuou através do tempo.

A tradição familiar de se deslocar para o Brasil através de redes se constata nos registros da segunda pós-guerra. Também se verifica que as redes mantiveram a ligação familiar no mesmo ramo de negócios. Esse fator foi determinante para consolidar a prática de comércio pelos italianos nas zonas centrais da cidade. Os migrantes italianos que atuavam em Porto Alegre e ascenderam socialmente, possuindo um histórico de sucesso comercial, econômico e social, foram arrolados na publicação comemorativa dos cinquenta anos de imigração italiana onde consta o relato da trajetória de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

Quando migravam para o Brasil, trazendo na bagagem todo um imaginário, construído ao longo do tempo, sobre Porto Alegre e a vida de sucesso econômico, os imigrantes não tinham bem definido o que iam fazer e onde iriam trabalhar, mas, o que era claro é que seriam auxiliados pelas redes solidárias. Portanto, eram as redes que definiam as atividades de cada imigrante.

No caso de Nicola, já mencionado e analisado por Constantino (2002), que descreveu que o peninsular gozava de uma posição econômica e social de destaque, conquistada pelo pai que imigrara antes e se estabelecera com açougue. Nicola viera depois, vivia com a família no sobrado herdado do pai. Da mesma forma que o pai, trabalhava no açougue onde os sobrinhos, que também tinham imigrado, estavam aprendendo a atividade. Desse modo, a escolha do ramo de negócio era influenciada pela rede (CONSTANTINO, 2002). Outra categoria que utilizamos para identificar as redes é a de amizade. Amigos, conterrâneos e solidários, financiavam a vinda de peninsulares, como como ocorreu com Giuseppe Scavuzzo, que em 1948 tivera o auxílio de José Pappalardo (SCAVUZZO, 2010, f. 1-2), que financiou a viagem para a família e garantiu trabalho na fábrica de massas Pappalardo. Carmine Rimolo foi outro peninsular que auxiliou o amigo Arturo Cozenza a se deslocar e, mais tarde, esse se tornaria seu sócio

no comércio. Reforçando a rede familiar, Leonardo Vitola chamou o amigo Rocco Spina. Esses imigrantes integram uma categoria de rede de emerge após a Segunda Guerra

Surgiram após a Segunda Guerra, mais especificamente após o acordo migratório entre Brasil e Itália de 1950, as redes migratórias de trabalho. O governo brasileiro desejava apenas a vinda de mão de obra especializada para a agricultura e para a indústria. Entretanto, elas foram também foram fomentadas pelos comerciantes e industriais para trazer mão-de-obra especializada ou não, através de oferta prévia de trabalho ao futuro emigrante da Europa. Em Porto Alegre são emblemáticas nesse sentido, a Fábrica de Massas Adria, Irmãos Damiani e Arroeira Brasileira, que foram responsáveis pela transferência de grande número de imigrantes para trabalho industrial.

Leonardo Conedera, aponta que no centro de Porto Alegre, a Praça da Alfândega “tornou-se um lugar trivial e muito frequentado pelos italianos presentes na capital gaúcha” (CONEDERA, 2015, p. 10).

O bairro Cidade Baixa (figura 24) foi assim designado porque em meados do século XIX, foi a designação utilizada para toda região situada ao sul da colina da Rua Duque de Caxias era chamada de “cidade baixa”, por estar em uma área menos elevada. Entretanto a localidade possuiu vários nomes associados ao seu território: Arraial da Baronesa, Emboscadas, Areal da Baronesa e Ilhota. Ao longo do século XIX, era denominado Arraial da Baronesa, que fazia alusão a uma grande extensão de terras de propriedade da Baronesa de Gravataí, cuja mansão localizava-se onde hoje é Fundação Pão dos Pobres. Faziam parte da área, também, propriedades semirurais, cuja base produtiva era a mão-de-obra escrava. A baronesa loteou e vendeu suas terras, que passaram a ser habitadas por negros libertos e famílias italianas. Até metade do século XX, a Cidade Baixa continuava sendo reduto dos italianos, que realizavam serviços especializados, e dos negros que residiam na área correspondente ao Areal da Baronesa e à Ilhota. O bairro Cidade Baixa foi criado em 1959, sendo habitado por uma população heterogênea.⁴⁹ Em quase toda sua extensão a Cidade Baixa foi área socialmente mediada, marcada pelo predomínio da classe média. O aumento da população foi se tornando maior e desapareceram as chácaras que ainda persistiam no local. As ruas Havaí e Sarmento Leite receberam indústrias. Cinemas como o Garibaldi e o Avenida se estabeleceram na Avenida Venâncio Aires. A igreja da Sagrada Família se tornou sede paroquial na Rua

⁴⁹ Fontes: Centro de Pesquisa Histórica vinculada a Coordenação de Memória Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, 2011, p.27-29;
https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_Bairros_de_porto_alegre.pdf

José do Patrocínio (FRANCO, 1998, p. 112). Encontramos 13 casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Cidade Baixa entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 20).

Figura 24 – Mapa da localização do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 20 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Cidade Baixa

| Designação do Comércio | Comerciante(S) | Atividades de Comércio |
|----------------------------|---|---|
| Rafael Aita | Rafael Aita (I) | Negócio de bar e leitaria e o que mais convier correlato com o ramo |
| João Caporale & Irmão Ltda | João Caporale (I) José Caporale (B) | Negócio de calçados a varejo |
| Pasquale Rotito | Pasquale Rosito (I) | Açougue |
| Carmine Feoli | Carmine Feoli (I) Morano Calabro | Ourivesaria e mais o que conviera varejo como relógios, objetos de ourives, em ouro, prata, platina, cristais, porcelanas, etc. |
| Morelli Rocco | Morelli Rocco (I) | Comércio a varejo de fazendas, miudezas e calçados |
| Giustino Mirabelli | Giustino Mirabelli (I) | Loja de calçados |
| Giuseppe Faveretto | Giuseppe Faveretto (I) | Venda e distribuição de aparelhos para café de marca Faveretto e o que mais convier |
| Tom-Mix | Carlos Zaccaro (I) | Empresa de mudanças ** |
| Aita & Morelli | Salvador Aita (I) Domenico Morelli (I) | Comércio de calçados, consertos em geral. |

| | | |
|---------------------------|---|---|
| Vitola, Sanzi & Cia | Leonardo Vitola (I) Biagio Sanzi (I) Luiz Antonio Sanzi (I) | Bar, restaurante e sorveteria. |
| Metalurgia Favaretto Ltda | Giuseppe Favaretto (I) Umberto Favaretto (I) | Fabricação de artigos domésticos de alumínio e o que mais convier * |
| Domenico Morelli | Domenico Morelli (I) | Loja de calçados e o que mais convier |
| Leonardo Vitola | Leonardo Vitola (I) | Bar e restaurante |

Fonte: A autora (2019).

Considerado reduto dos italianos, no Bairro Cidade Baixa observamos o segundo maior contingente de comerciantes procedentes da Calabria e foi onde fixavam suas residências e comércios. Tanto na Cidade Baixa, como no Centro, se encontravam peninsulares associados em seus comércios. No cruzamento de fontes orais com os registros da Junta Comercial, observamos que algumas famílias italianas dominaram por décadas ramos de comércio específicos como demonstra o quadro acima. Entre esses grupos familiares, destacava-se a família Vitola, exemplificando as redes familiares migratórias sólidas e a capacidade de se adaptar do imigrante italiano. Leonardo Vitola iniciou em 1934 com comércio de verduras, carnes e peixes, na sequência se associou com o filho Francesco e se estabeleceu com bar, em seguida ampliou para mercadinho e por fim com restaurante. Em 1949, associou-se ao conterrâneo Spina e mais tarde a Biagio Sanzi. A família agrega os amigos ao grupo fortalecendo as redes de amizade e da família⁵⁰.

O ramo de restaurante vai se caracterizar como a atividade tradicional da família se mantendo em funcionamento durante sete décadas sucessivamente em um crescimento financeiro progressivo. O que evidenciou o sucesso do negócio foram as ações familiares durante os deslocamentos, tanto o ato de imigrar e fomentar as redes familiares e de amizade. Outro fator que concorreu para o sucesso do negócio foi a mudança constante, tanto no espaço físico, quanto na introdução de tecnologias, como a primeira máquina de sorvete da capital e novas técnicas que transformaram o restaurante em “típico italiano”. Portanto, as redes familiares de amizade fomentadas por Leonardo foram determinantes na definição do ramo de negócio da família e dos amigos e foram determinantes para a introdução de novos hábitos culturais e alimentares na sociedade portalegrense.

É possível observar que nomes e sobrenomes se repetem nos quadros dos bairros Centro e Cidade Baixa. A repetição de sobrenomes pode ser indicativo de que membros

⁵⁰ <https://restaurantecopacabana.com.br/sobre>

de uma mesma família buscavam se estabelecerem próximos aos parentes. No caso da repetição de nomes, é possível que um imigrante tivesse mais de um estabelecimento, mas o mais provável é que indique que o imigrante tenha transferido o negócio para outro local, desfeito uma sociedade e começado outra ou trocado de ramo. As três hipóteses são comprovadas em alguns depoimentos, assim como podemos as duas últimas situações nos próprios quadros, como é o caso de Biagio Sanzi, que aparece no Centro, associado a dois brasileiros, Antonio Guedes de Queiroz e Izario Scussel de Farias em um negócio de “Representações, consignações em conta própria” e no bairro Cidade Baixa, associado a Leonardo Vitola e ao parente Luiz Antonio Sanzi, em um negócio de bar, restaurante e sorveteria, como vimos acima.

O bairro Cristo Redentor (figura 25) se localiza na zona noroeste de Porto Alegre e se formou em torno do Caminho do Passo da Areia – atual avenida Assis Brasil. Em seus primórdios fazia parte do bairro Passo d’Areia. Os primeiros habitantes da região foram colonos italianos ou descendentes que vieram de Caxias do Sul. Um deles era Giacomo Bernardi, que instalou no local a Fazenda Moderna, com tambos de leite e produção de hortifrutigranjeiros. Em 1929, os terrenos dos irmãos Eugênio Rubbo e Francisco Zanenga foram loteados pela empresa Irmãos Bernardi e Cia. Na década de 1930 os tambos de leite cederam espaço para a Vila IAPI e o Jardim Lindóia. Com a enchente de 1941, muitos moradores dos bairros Navegantes e São João, se transferiram para o Cristo Redentor e o Passo D’Areia, por ficarem em zonas geograficamente mais elevadas.⁵¹ Na década de 1940 recebeu a instalação das empresas como as metalúrgicas, Mattarazzo e Wallig, e a fábrica de tintas Renner. Na mesma época a avenida Assis Brasil foi alargada. O crescimento econômico da cidade refletia no bairro, que recebia moradores não só de outras localidades da cidade, bem como do interior do Estado⁵². Encontramos duas casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Cristo Redentor entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 21).

⁵¹ Fontes: <https://poa24horas.com.br/noticias/2018/04/conheca-historia-do-Bairro-cristo-redentor/>

⁵² Fontes: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

Figura 25 – Mapa da localização do bairro Cristo Redentor em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 21 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Cristo Redentor

| Designação do Comércio | Comerciante | Atividades de Comércio |
|-------------------------------|-----------------------------------|--|
| Frederico Rossi | Frederico Rossi (I) | Material de construção, empreitadas e o que mais convier * |
| Alexandro Barbieri | Alexandro Barbieri (I) Vicenza | Açougue e o mais que convier concernente ao ramo |

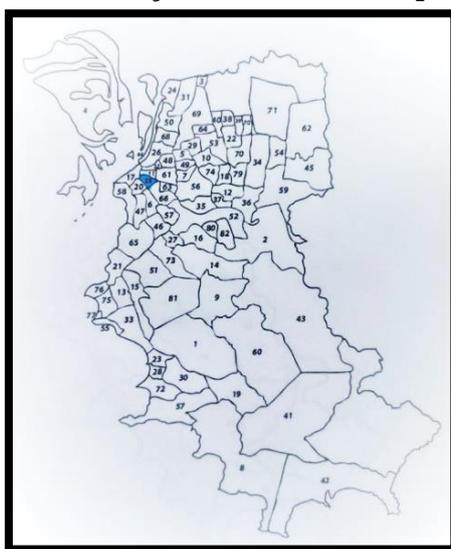
Fonte: A autora (2019).

O bairro Cristo Redentor tem os italianos em sua origem. No período estudado, mesmo com características rurais, possuía dois negócios, um do imigrante Rossi e outro Barbieri, de Vicenza o que permite cogitar a possibilidade de um grupo de moradores no local oriundo do norte da Itália, como Giacomo Bernardi (CINQUANTENÁRIO, 2000). Embora tenha imigrado da Península para o Brasil, esse viera direcionado para Caxias do Sul e de lá migrou para Porto Alegre. No mesmo período que Bernardi, outros italianos como Barbieri migraram de Caxias. Provavelmente, esses peninsulares tenham constituído uma rede de migração interna, mas esse é um grupo que merece ser investigado no futuro. As informações não dão indícios de nenhum desses comerciantes estarem inseridos nas redes migratórias que o nosso estudo alcançou.

Criado em 1959, o bairro Farroupilha (figura 26) se localiza próximo aos bairros Bom Fim, Cidade Baixa e Centro Histórico. No período em que Porto Alegre era muralhada, essa área ficava fora do limite urbano e era um banhado que servia de pastagem para o gado, por isso era chamada de "Várzea do Portão. Mais tarde, o local recebeu os nomes de Campo do Bom Fim. Em 1884 passou a se chamar Campo da

Redenção em homenagem ao movimento popular de libertação dos escravos de Porto Alegre. O bairro abriga o parque mais antigo da cidade, o Parque Farroupilha, também conhecido como Parque da Redenção (FRANCO, 1998, p. 164). Além do parque, o desenvolvimento do Farroupilha está ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Colégio Militar e o Instituto de Educação, assim como, com a proximidade com o centro da cidade e suas principais vias de acesso, as avenidas João Pessoa e Osvaldo Aranha⁵³. Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Farroupilha entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 22).

Figura 26 – Mapa da localização do bairro Farroupilha em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 22 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Farroupilha

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividades Comerciais |
|-------------------------------|--|--|
| Caetano & Forte Ltda | Caetano D'Amore (B) Forte Peppino (I) | Restaurante bar e o que mais for concernente ao ramo de negócios |

Fonte: A autora (2019).

O Bairro Farroupilha apresenta apenas um comércio onde um italiano participa da sociedade, embora estivesse localizado próximo a Cidade Baixa e ao Centro onde, como vimos, a população de italianos era numerosa naquele período. Somente na primeira metade do século XX houve um impulso no sentido da abertura e pavimentação de avenidas que ligasse o centro da cidade aos arrabaldes. Foi dessa fase a construção das avenidas Borges de Medeiros, Otávio Rocha e Salgado filho, que conduziam ao bairro Farroupilha (MENAGAT, 1998, 120). Portanto, a falta de infraestrutura inibia a presença

⁵³Fontes: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

de italianos no local o que explica a quase ausência de comércio italiano e, portanto, a inexistência de redes.

O bairro Floresta (figura 27) foi uma das primeiras áreas industriais de Porto Alegre, que se formou entre o Caminho Novo – Avenida Voluntários da Pátria) e a Estrada da Floresta (Avenida Cristóvão Colombo), onde se instalou uma série de indústrias no final do século XIX e meados do século XX. As indústrias foram se estendendo mais ao norte, seguindo o caminho das duas avenidas em direção aos bairros São Geraldo, Navegantes e São João. Mais do que indústrias, trabalhadores e trabalhadoras se instalaram em cortiços, casinhas de porta e janela e pequenos sobrados coletivos, ao longo deste espaço urbano. Uma grande quantidade de gente se mudou para aquela parte da cidade, que teve uma verdadeira explosão populacional naquele momento. Antigos escravos libertos e seus filhos, gaúchos fugindo das guerras civis na campanha, pobres que eram expulsos do centro da cidade e massas de imigrantes que vinham da Alemanha, Espanha, Itália e Polônia fugindo da miséria em seus países, chegaram neste lugar para trabalhar nas fábricas que estavam sendo construídas. Também grandes indústrias se instalaram por ali, como a cervejaria Bopp, posteriormente Brahma, além de fábricas de fogões, camas, pregos, cigarros e outras. Eis o porquê de ser chamado pela comunidade, na época, de “bairro de chaminés”⁵⁴. Encontramos 16 casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Floresta entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 23).

⁵⁴ Fontes: <https://sul21.com.br/opiniao/2015/11/o-bairro-floresta-e-a-classe-trabalhadora-em-porto-alegre-memoria-e-esquecimento-por-frederico-duarte-bartz/>

Figura 27 – Mapa da localização do bairro Floresta em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 23 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Floresta

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividades Comerciais |
|-------------------------------|--|--|
| Salvador Vigna | Salvador Vigna (I) | Negócio de fábrica de compensados de madeira * |
| Afonso Contieri & Filhos | Afonso contieri (I) Afonso Contieri Filho (I) Roberto Contieri | Fábrica de chapéus e o que mais convier |
| Francisca Botizzo | Francisca Botizzo (I) | Negócio de fabricação de perfumes |
| Francisco Ciuro | Francisco Ciuro (I) | Não consta |
| Davide Gross | Davide Gross (I) | Fábrica de artefatos de tecidos e o que mais convier |
| Mario Severino | Mario Severino (I) | Comércio e venda de secos e molhados e o que mais convier |
| Nicola Stoduto | Nicola Stoduto (I) | Alfaiataria * |
| Francesco Ciuro e Filho Ltda | Francesco Ciuro (I) Giovani Ciuro (I) | Comércio de Ferramentas agrícolas |
| Alfaiataria de José Stoduto | Giuseppe Stoduto (I) | Alfaiataria* |
| Francisco Ferraro | Francisco Ferraro (I) | Comércio retalhista de carne verde e salgada |
| Ferraro & Kelvarter | Francisco Ferraro (I) Osório Kelvarter (I) | Comércio varejista de carne verde, seus derivados, frios em geral especialidade, e bem assim tudo o que mais convier |
| Espedito Cuomo | Espedito Cuomo (I) | Representações, consignações, conta própria e o que mais convier |

| | | |
|---------------------------------|--|---|
| Antonio Mainieri | Antonio Mainieri | Armazém de secos e molhados, a varejo e o que mais convier |
| Laminadora de Ferro Gaúcha Ltda | Melippe Molle (I) Flaviano Luiz Girardi (B) Armindo Boll (B) José Mollé (B) | Relaminação de forros em geral, compra, importação e venda de ferros em geral |
| Rial-Rádios produtos | Aldo Bissone (I) | Comércio e Indústria de materiais e o que mais lhe convier * |
| Giacomo Todesco | Giacomo Todesco (I) | Comércio de ferramentas e o que mais convier |

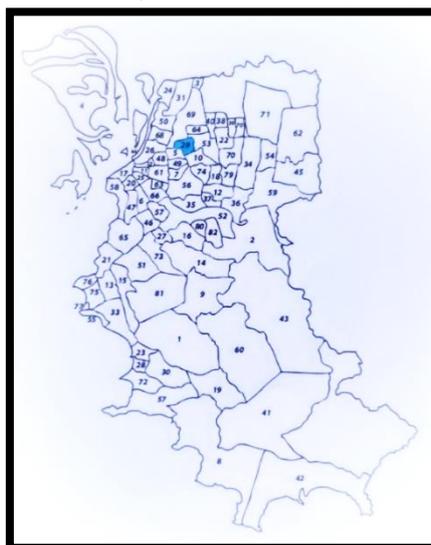
Fonte: A autora (2019).

No bairro Floresta, que passava por um franco desenvolvimento, aparecem comerciantes italianos com negócios de ramos tradicionais, como Ferraro, Mainieri, Stoduto e Severino, integrantes de redes familiares que agiram, antes e após a Segunda Guerra, no deslocamentos da Península para o Brasil. Neste quadro se percebe que os peninsulares estavam expandindo os espaços de atuação e diversificando os negócios. A mudança de escolha nos ramos de negócios, que se apresenta timidamente, decorre da característica de multietnia do bairro. Devemos, inclusive, atentar para o fato de que comércios e indústrias que estão surgindo no bairro buscavam mão-de-obra na Europa, com preferência pela Itália, por sua latinidade, facilitando a comunicação no trabalho.

O bairro Higienópolis (figura 28) foi criado em 1959 e está localizado na zona norte da cidade, entre os bairros Auxiliadora e Passo d'Areia. O loteamento desses dois bairros teria se expandido dando origem aos primeiros loteamentos da região em finais do século XIX, em torno da estrada da Pedreira, atual Plínio Brasil Milano. O bairro abriga o maior cemitério municipal da cidade, o São João, inaugurado em 1939. É um bairro predominantemente residencial, como um comércio desenvolvido para atender a população do bairro e de seu entorno. O mesmo ocorre com as empresas de prestação de serviço⁵⁵. Encontramos duas casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Higienópolis entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 24).

⁵⁵ Fontes: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_Porto_Alegre.pdf

Figura 28– Mapa da localização do bairro Higienópolis em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 24 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Higienópolis

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|--------------------------|--|---|
| Milanez & Bortolaso Ltda | Fernando Fontoura Milanez (B) Francisco Bortolaso (I) | Fabricação de vasilhames de madeira compensada e o que mais convier * |
| Vaz & Constanza | José Vaz (B) Bias Constanza (I) | Papelaria ou o que mais convier |

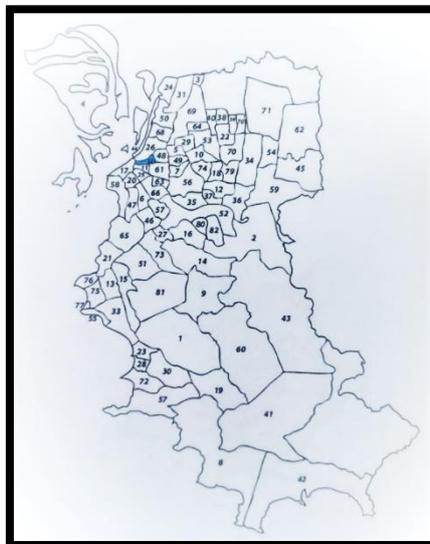
Fonte: A autora (2019).

O bairro Higienópolis, embora apresentasse característica de um espaço de residência e serviços, foram encontrados somente duas casas comerciais com italianos, associados a brasileiros. As casas mostram uma conformação verificada nos demais bairros e apontada como tendência no segundo pós-guerra, ou seja, o comércio italiano não prioriza a tradição e a cultura. A medida que se associavam com outras etnias, se abriam à nova tendência manifestada nos depoimentos orais, a hierarquização da identidade. Para Santos e Zanini (2009. p. 25), a identidade local (de origem) de “italianos”, considerada mais significativa, seria introjectada, tanto pelos imigrantes vindos depois do conflito como por seus descendente, que assumiriam a postura de “brasileiros de origem italiana”. As autoras observam que esta fusão resulta da alteração dos critérios de pertencimento a uma determinada coletividade e essa relacionada aos processos migratórios.

O bairro Independência (figura 29) foi criado em 1959 e está localizado próximo ao Centro de Porto Alegre. No início do século XX, o centro da cidade se tornava pequeno

para a sua população, assim a classe média começou a ocupar a avenida Independência, por estar em uma área elevada, assim como a avenida Duque de Caxias. A partir da década de 1940, o desenvolvimento urbano de Porto Alegre atraiu a classe média para outros bairros e a região passou a ser ocupada por grandes edifícios residenciais e comerciais⁵⁶. Encontramos cinco casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Independência entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 25).

Figura 29 – Mapa da localização do bairro Independência em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 25 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Independência

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|---|--|
| Rimoli & Silva | Américo Vieira da Silva (B) Leonardo Rimoli (I) | Peças e acessórios em geral para automóveis |
| Magno e Tedeschi | Nunziato Nicola Magno (I) Nicola Tedeschi (I) | Negócio de restaurante |
| Sanzi & Bruno | Getano Sanzi (I) | Exploração do comércio e especialidades |
| Francesco Anele | Francesco Anele (I) | Açougue para a venda de carne |
| Antonio Bloise Rosito | Antonio Bloise Rosito (I/N) | Negócio de tecidos em conta própria e o que mais convier |

Fonte: A autora (2019).

Comerciantes tradicionais, ou seja, aqueles que já estão comercializando antes da Segunda Guerra, marcavam presença no bairro Independência e os sobrenomes como Sanzi, Rosito e Rimoli apontam o pertencimento dos imigrantes às redes aqui estudadas.

⁵⁶ Fonte: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

E aqui podemos observar que eles seguiram o mesmo ramo de negócios dos outros membros das suas redes, o que mostra que elas se mantêm, mesmo que cessadas as condições e arranjos em que se originaram. Os fluxos populacionais persistem porque a provisão de indivíduos de uma determinada origem incentiva e facilita a vinda de parentes ou conterrâneos (TRUZZI, 2008).⁵⁷ Os indivíduos que ficavam no local de origem contribuíam facilitando economicamente o deslocamento ou intermediando os arranjos para a permanência dos imigrantes. Eram comerciantes que estabeleceram negócios tradicionais sugerindo que a escolha foi determinada pela rede que se manteve ao longo do tempo, balizada pelos conterrâneos que ficaram e pelos que já estavam estabelecidos na capital.

O bairro Jardim Botânico (figura 30) foi criado em 1959, entre os bairros Petrópolis, Jardim do Salso e Partenon. O local era conhecido como Várzea de Petrópolis antes de abrigar o jardim botânico, que deu nome do bairro, aberto ao público em 1958. Em 1964 o jardim perdeu parte de sua área que vou doada pelo governo do estado para a construção do Clube Farrapos da Brigada Militar; o Hospital São Lucas da PUC; o Círculo Militar do Exército; a vila Juliano Moreira, a Escola de Educação Física da UFRGS e a Fepam. A partir daí o local foi se tornando mais populoso⁵⁸. Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Jardim Botânico entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 26).

Figura 30 – Mapa da localização do bairro Jardim Botânico em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁵⁷TRUZZI, Osvaldo, 2008. **Redes em Processos migratórios**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K3dggCcfJdy4xWB9DjpRc7C/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez 2022.

⁵⁸ Fonte: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

Quadro 26 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Jardim Botânico

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|------------------------|------------------|--|
| Carmine Aita | Carmine Aita (I) | Negócio de venda de Bilhetes de loteria e representações |

Fonte: A autora (2019).

No bairro Jardim Botânico, a única casa de comércio italiano que encontramos pertencia a Carmine e Amalia. Em seu depoimento, essa lembra que vieram em 1950, com a ajuda de parentes e foram residir na Vila São Luiz, no Jardim Botânico. O marido fazia comércio, primeiro vendia bilhetes de loteria, depois de um tempo resolveram se estabelecer com negócio de açougue e fimbriaria e sapataria na Rua Tomaz Flores (MORELLI AITA, 2012, f. 1-12). Amalia conta que foi bastante atuante nos negócios da família:

“Eu também trabalhava junto com ele, ali na frente, vendendo bilhetes, a mesma coisa que estavam fazendo. E depois tinha um balcão em casa, tudo o que a gente precisava. Também alugamos uma parte e montamos uma sapataria. [...], atendia e vendia outras coisas ali também.” (MORELLI AITA, 2012, f. 1-12).

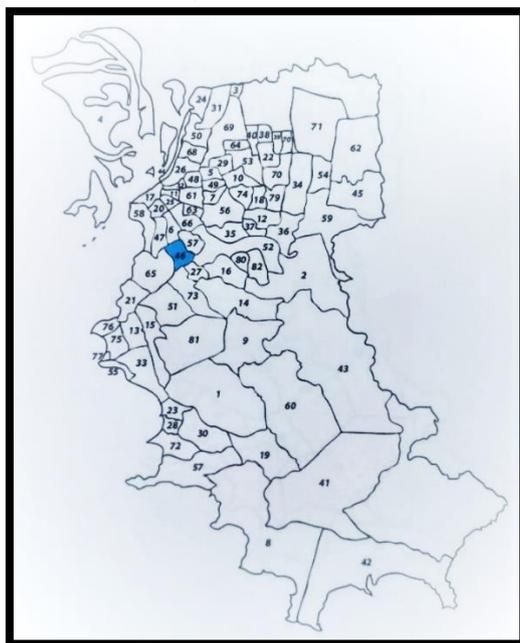
Amalia se valeu da rede formada por parentes, como o pai, o marido, tios e primos para realizar a vinda para Porto Alegre. Pelo sobrenome podemos inferir que a rede tenha se organizado antes da Segunda Guerra que os ramos de comércio foram direcionados pela família, ou seja, foram escolhidos por influência da rede migratória. A ausência de outros comércios italianos deve ser considerada como resultante do lento desenvolvimento do bairro que somente ganhou fôlego a partir de 1958, após a abertura de visitação ao Jardim Botânico.

O bairro Medianeira (figura 31) está localizado na zona leste de Porto Alegre, entre os bairros Azenha, Glória, Menino Deus, Santa Tereza e Santo Antônio. Através da mobilização da comunidade o bairro foi legalizado as limitações e criado legalmente em 1957. Em seus primórdios, o Medianeira era definido como local de travessia entre a zona sul e a zona leste e o centro da cidade ou Azenha e o Arraial do Menino Deus. Por mais de cem anos abrigou o Grêmio Football Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903⁵⁹. Na década de 1930, os imensos blocos de granito que serviriam para a construção da Catedral Metropolitana eram esculpidos em oficinas instaladas no bairro “o granito

⁵⁹ Fonte: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

das colunas da catedral foi extraído de uma pedra localizada no bairro Teresópolis e [...] havia uma oficina de granitos para a catedral nas proximidades da igreja Medianeira, [...] adjacente ao bairro Teresópolis”. A maior parte dos marmoristas eram de origem italiana (GUILHERME, 2021, p. 150). O bairro ainda preserva muito de seu passado em sua arquitetura que remonta o início do século XX. A partir daí o local foi se tornando mais populoso⁶⁰. Encontramos duas casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Medianeira entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 27).

Figura 31 – Mapa da localização do bairro Medianeira em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 27 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Medianeira

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|---|--|
| Biagio Sanzi | Biagio Sanzi (I) Morano Calabro | Armazém de secos e molhados |
| De Rossi & Irmão | Fedele de Rossi (I) Antonio Francisco de Rossi (I) | Exploração do comércio de compra e venda de materiais pra construção e empreitadas de mão-de-obra ** |

Fonte: A autora (2019).

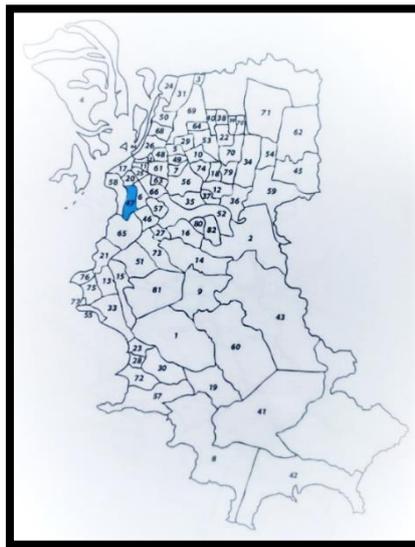
No bairro Medianeira, estabelecem-se duas casas de comércio pertencentes a imigrantes italianos, sendo que um deles pertence a uma das redes estudadas, Biagio Sanzi. Seu nome também aparece em registros de comércio no centro e na cidade baixa.

⁶⁰ Fonte: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

Podemos observar que a escolha do ramo comercial, armazém de secos e molhados, é recorrente dentro de sua rede familiar e de amizade. Portanto, podemos deduzir que a escolha da atividade tenha sido influenciada pelos integrantes da rede.

O bairro Menino Deus (figura 32) é considerado o mais antigo de Porto Alegre. Desde meados do século XIX apresentava expressividade em relação ao desenvolvimento urbano, quando foram instaladas linhas de transportes coletivos, primeiro foi a “maxambomba”, que transitava sobre trilhos de madeira e tempos depois os “bondes puxados a burro”, em 1873. Na época, era ocupado por uma camada da população de maior poder aquisitivo. Destacava-se como o mais movimentado bairro de Porto Alegre. Na década de 1940, a canalização do Arroio Dilúvio foi a primeira grande modificação física e urbana do bairro⁶¹. A partir daí o local foi se tornando mais populoso⁶². Encontramos nove casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Menino Deus entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 28).

Figura 32 – Mapa da localização do bairro Menino Deus em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁶¹ Fonte: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

⁶² Fonte: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

Quadro 28 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Menino Deus

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|---|--|---|
| Biagio Donadio | Biagio Donadio (I) | Armazém de secos e molhados |
| Antonio Bernardino Carello | Antonio Bernardino Carello (I) | Açougue Retalhista |
| Francisco Sanzi | Francisco Sanzi (I) Napolis | Açougue de carne fresca |
| Casa Malvasio | Maria Rosa Palmieri Malvasio (I) | Fabricação de barracas e artefatos de Lona, couros e acessórios ** |
| Thomas Lisboa da Silva & Cia Ltda | Thomas Lisboa da Silva (B) João Guimarães (B) Pietro Francisco Bruno (I) | Oficina de consertos e comércio e importação de máquinas, aparelhos e acessórios ** |
| Aronna & Scorza | Leonardo Scorza (I) Carmine Aronna (I) | Ramo de secos e Molhados |
| Domenico Aita | Domenico Aita (I) | Negócio de vendas de bilhetes de loteria e representações |
| Severino Gennaro Carmine | Severino Gennaro Carmine (I) | Armazém de secos e molhados a varejo e o mais que lhe convier |
| Indústria Riograndense de Artefatos Decorativos (IRGAD) | Eda Bertini Vegni (I) | Exploração e indústria de artefatos de gesso e o que mais convier * |

Fonte: A autora (2019).

O quadro acima, referente ao bairro Menino Deus, apresenta o registro de casas de comércio com atividades tradicionais como açougues, venda de bilhetes e armazéns pertencentes a italianos que vieram através das redes migratórias já consolidadas. Podemos dizer que as redes e seus integrantes direcionaram a escolha dos ramos de negócios desses peninsulares. Destacamos a presença de duas mulheres italianas com seus negócios registrados na Junta e, ao mesmo tempo, chamamos a atenção para a participação das mulheres que trabalhavam com os maridos nos comércios, que também integravam e tinham papel importante nas redes migratórias.

Nesse sentido, a fala de Amalia Morelli Aita, exposta anteriormente, é emblemática. Provavelmente, Amalia, em seu comércio no Jardim Botânico, vivia situações semelhantes às que Maria Rosa e a Eda viveram em seus negócios no Menino Deus.

O bairro em 1945 ainda evidenciava aspectos bucólicos em suas casas, contudo havia efervescência local resultante do processo de desenvolvimento e de transformação

do espaço. E o aumento do comércio italiano sinalizava para a inserção de peninsulares no local.

Moinhos de Vento (figura 33) era o nome da localidade conhecida como Caminhos dos Moinhos de Vento que, a partir de 1930, passou a se chamar Avenida 24 de Outubro. O crescimento do bairro foi impulsionado em 1893, com a linha de bondes “Independência”, implantada pela Companhia Carris Urbanos. Em 1908 foram substituídos por bondes elétricos. Em 1894 foi inaugurado o Prado Independência, aumentando ainda mais o fluxo de pessoas na região. Em 1904 foi construída a Hidráulica Moinhos de Vento e foram abertas várias ruas nas proximidades. Na divisa com o bairro Independência, em 1927, foi inaugurado o Hospital Alemão que, em 1942, passou a se chamar Hospital Moinhos de Vento⁶³. Encontramos três casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Moinhos de Vento entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 29).

Figura 33 – Mapa da localização do bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁶³ Fontes: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

Quadro 29 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Moinhos de Vento

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|--|---|
| Medoro Matteuzzi | Medoro Mateuzzi (I) | Representações, comissões e consignações com os ramos de drogas, perfumarias, tecidos e o que mais convier. |
| Italo Giaccioli | Italo Giaccioli (I) | Representações e o que mais convier |
| José Schifino & Bonifati Ltda | José Schifino (I/N) Leonardo Antonio Bonifati (S/N) | Negócio de açougue, a varejo e o que mais convier. |

Fonte: A autora (2019).

O bairro Moinhos, espaço de domínio alemão, apresenta três casas de negócio, pertencentes a italianos, registradas. Uma dessas casas assinala a presença de dois italianos associados e sua casa comercial, em ramo de negócio tradicional, que é fomentado pelas redes migratórias. Sobre os outros dois, com negócios de representações, não temos outras informações, por isso, não foi possível conhecer as estratégias de vinda para Porto Alegre.

O bairro Mont’Serrat (figura 34) foi criado em 1959. No começo da ocupação era povoado por escravos recém libertos, fazendo parte da chamada Colônia Africana da Capital. Com as transformações urbanas a população pobre se transferiu para bairros mais distantes e o local passou a ser ocupado pelas famílias mais abastadas da capital⁶⁴. Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Mont’Serrat entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 30).

⁶⁴ Fontes: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

Figura 34 – Mapa da localização do bairro Mont’ Serrat em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 30 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Mont’ Serrat

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|---|--|
| Gianpaoli & Cia | Ary Gianpaoli (B) Homero Gianpaoli (I) | Comércio e fabricação de caramelos, schmier e o mais que convier * |

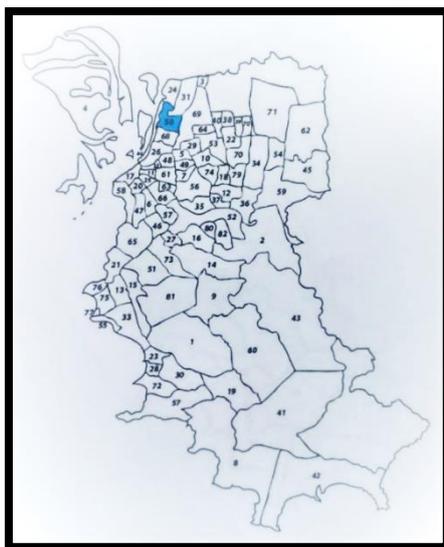
Fonte: A autora (2019).

A história do bairro Mont’ Serrat não fornece informações sobre a existência de uma presença italiana. O único registro que encontramos, sinalizando a existência de peninsulares que fazia parte da paisagem do bairro, desde antes de 1920, era o comércio e fábrica de caramelos. É importante notar que aqui o italiano não está produzindo e vendendo os produtos de consumo tradicional de italianos, ao contrário, nota-se um movimento no sentido de adaptação ao gosto dos alemães, na produção e venda de schmier, o tradicional doce de frutas dos alemães. Homero Giampaoli integra a “velha guarda migratória” que inaugurou as primeiras redes ativadas antes da Segunda Guerra. Os imigrantes que constituíram essas redes, foram pioneiros em alguns ramos, obtendo sucesso e ascensão econômica na sociedade local, como é o caso de Giampaoli. (CINQUANTENÁRIO, 2000). Observamos pela naturalidade do sócio de Homero que as redes de sociabilidade se expandem para além das fronteiras étnicas e que muitas vezes se estabelecem no âmbito profissional, como observou Guilherme (2021).

O bairro Navegantes (figura 35), um dos mais antigos da cidade, surgiu a partir do caminho que levava do centro de Porto Alegre às colônias alemãs a partir 1824, além da antiga Estrada de Baixo em direção a Gravataí, Santo Antônio e Osório. Já em meados do século XIX, o local contava com uma população numericamente significativa. Em

1874 foi inaugurada a Estrada de Ferro Porto Alegre – Novo Hamburgo, movimentando ainda mais o bairro. A partir de 1890 várias indústrias da Capital se instalam no bairro. O crescimento industrial contribuiu para o aumento da população, uma vez que os operários procuravam morar próximo ao local de trabalho. A construção da ponte sobre o Rio Guaíba, inaugurada em 1958, ocasionou grande impacto no desenvolvimento urbano da região⁶⁵. Encontramos 13 casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Navegantes entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 31).

Figura 35 – Mapa da localização do bairro Navegantes em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁶⁵ Fontes: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre Guia Histórico. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

Quadro 31 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Navegantes

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|---|---|
| Natale Bottizo | Natale Botizo (I) | Fábrica de tecidos * |
| Irmãos Miotto & Borsatto | Angelo Miotto (B) José Miotto (B) José Borsatto (I) | Fábrica de camas, fogões e janelas de ferro, serralheria, oficina de concerto e outras operações * ** |
| Natale Bottizo | Natale Bottizo (I) | Indústria têxtil, fábrica de tecidos * |
| Cappelletti & Cia | Cornélio Cappelletti (A) Maximo Floravante Cappelletti (B) Amadeu Cappelletti (B) | Indústria de bebidas e águas gasosas e seus similares * |
| José Ferrari | José Ferrari (I) | Açougue e o que mais convier |
| Puccinelli & Agenore | Carlos Puccinelli (I) Buonamici Agenore (I) | Indústria de artefatos de cimento e gesso (estatuetas e seus similares) * |
| Bottizzo & Cia Ltda | Natale Bottizzo (I) Ivo dos Santos (B) | Fábrica de tecidos, artesanatos de seda, correlatos e indústria de tinturaria * |
| Borgo & Furlan | Giulio Borgo (I) Humberto Furlan (B) | Armazém, especialidades, conservas, bebidas e o que mais convier. |
| Octavio Nino Crescente | Octavio Nino Crescente | Armazém de secos e molhados a varejo, bebidas, consertos e bem assim tudo o mais que convier. |
| Baldo Cavagnoli & Cia Ltda | Italo Baldo (I) Orestes Garzeira (B) Armando Cavagnoli (B) | Exploração do ramo de bar, café, restaurante ou o que mais convier. |
| Pedro Rosito & Filho | Pedro Rosito (I) Nicolino Rosito (B) | Negócio de bazar e o que mais for concernente ao ramo de negócio. |
| Abele Stefani | Abele Stefani (I) Treviso | Negócio de bar. |
| Guerino Signorati | Guerino Signorati (I) | Oficina mecânica e consertos em monociclos e motocicletas ** |

Fonte: A autora (2019).

Devido a propensão para as atividades indústrias, o bairro Navegantes tornou-se atrativo tanto para os alemães que migravam da região colonial (vale do Rio dos Sinos) e ali se instalavam com suas pequenas indústrias, como para os italianos do centro da cidade e da região de imigração. A articulação da evolução econômica da região colonial com a

urbanização da capital foi um dos fatores atrativos para a nova corrente migratória dirigida às atividades urbanas que envolviam tanto trabalhadores, quanto imigrantes possuidores de algum capital (FORTES, 2004. p. 35). Esse fluxo iniciou por volta de 1880, se tornou mais intenso em 1930 e arrefeceu entre as décadas de 1940 e 1960. No período da guerra a imigração perdeu a intensidade que foi retomada a partir de 1950 após a assinatura do acordo de imigração entre Brasil e Itália. Os peninsulares, seguindo as tendências instalaram pequenas fábricas e outros ramos tradicionais de negócios, concorrendo com imigrantes de outras etnias que estavam ocupando o espaço.

A ligação entre o centro e o bairro, juntamente com o rápido aumento demográfico que ocorria na região, podem ter incentivado a instalação de comércio do ramo de açougue, praticado pelos peninsulares Ferrari e Rosito. Os dois, inseridos no rol dos imigrantes pertencentes as redes migratórias, tiveram seus ramos de negócios por elas determinados. Os outros imigrantes se inserem em ramos de negócios diversificados, o que não exclui o acionamento de redes parentais, de amizade de trabalho⁶⁶. Eles também podem ter vindo por iniciativa própria, como sugere Fortes (2004) através dos recursos originados de economias.

O bairro Nonoai (figura 36) foi criado em 1959, entre os bairros Santa Tereza, Teresópolis, Cavalhada e Vila Nova. O mapa de Porto Alegre de 1888 mostra que a avenida Nonoai, criada em 1916, era um trecho da antiga Estrada da Cavalhada. A sede Nonoai Tênis Clube foi instalada no bairro em 1938⁶⁷. Encontramos duas casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Nonoai entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 32).

⁶⁶ A imigração em cadeia através das redes sociais não é uma peculiaridade da coletividade italiana de Porto Alegre. Nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro evidencia-se a imigração instigada por peninsulares que se transferiram anteriormente à Segunda Guerra, ou mesmo pelos indivíduos que vieram nas primeiras levas do pós-guerra. In: CONEDERA, Leonardo. **A Porto Alegre dos Italianos (1946-1976). Disponível em:** http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434423420_ARQUIVO_APortoAlegredosItalianos.pdf. Acesso em: 20 dez, 2022.

⁶⁷ Fontes: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf ; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre Guia Histórico. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

figura 36 – Mapa da localização do bairro Nonoai em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 32 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Nonoai

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|------------------------|--------------------------|------------------------------|
| Pedro Lindo Mainieri | Pedro lindo Mainieri (I) | Açougue e o que mais convier |
| Biagio Romano | Biagio Romano (I) | Negócio de açougue |

Fonte: A autora (2019).

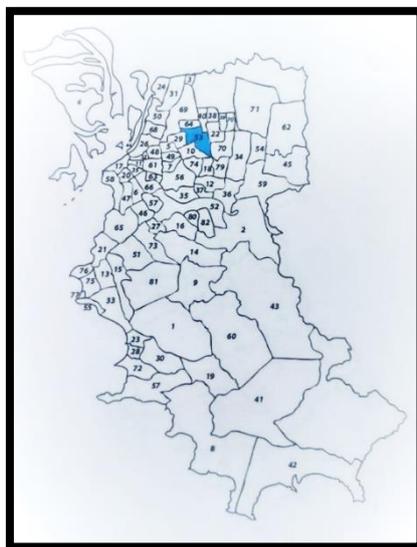
O bairro Nonoai, localizado distante do centro, tinha um contingente populacional significativo, certificado pela constatação da existência de casas e chácaras no local, denotando características rurais. Contudo, o registro de apenas dois comércios indica a presença de peninsulares estabelecidos no local. Os dois comerciantes estabelecidos no bairro exerciam um ramo tradicional, o açougue, recorrente entre os peninsulares, que, estrategicamente, vinham para Porto Alegre por meio de redes migratórias que, ao que percebemos, influenciavam nas escolhas de trabalho ou de atividade econômica.

O bairro Passo D’Areia⁶⁸ (figura 37), criado em 1959, se localiza na zona norte da capital, entre os bairros São João, Higienópolis e Cristo Redentor. Sua história está ligada ao desenvolvimento industrial e à urbanização de Porto Alegre. O bairro se tornou mais populoso após a enchente de 1941. Em 1946, teve início a construção a Vila dos Industriários (IAPI), que representou uma grande transformação do espaço urbano e um

⁶⁸ A origem do nome do bairro se explica através de uma lenda da tribo Tapi-mirim, instalada naquela área, uma índia, apaixonada pelo recém eleito chefe da aldeia, precisou disputar no arco e flecha com outra pretendente o seu amor. Nervosa, a índia Obirici perdeu. Chorou tanto, mas tanto, que suas lágrimas formaram um riacho na areia, o futuro passo. Os índios não estão mais na região, mas ficou Obirici, em forma de estátua e viaduto (<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2013/03/conheca-a-historia-por-tras-dos-nomes-dos-bairros-de-porto-alegre-4070372.html>)

aumento bastante significativo da região. Assim, o bairro misturava características residenciais, comerciais e indústrias⁶⁹. Encontramos três casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Passo d’Areia entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 33).

Figura 37 – Mapa da localização do bairro Passo D’Areia em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 33 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Passo d’ Areia

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|------------------------|---|--|
| Angelo Bertotto & Cia | Angelo Bertotto (I) Cecioro Bertotto (B) | Ferraria e oficina de consertos em geral ** |
| Léo C. Cauduro & Cia. | Léo Cantarruti Cauduro (B) Mauricio Starosta (I/N) | Fabricação e venda de fluídos para freios hidráulicos e o que mais convier * |
| Zamperetti & Panzini | Bruno Panzini (I) Florindo Zamperetti (B) | Exploração de oficina de consertos mecânicos, pintura de automóveis em geral e o que mais convier ** |

Fonte: A autora (2019).

No bairro Passo d’ Areia, os comércios italianos que se estabeleceram estavam relacionados à indústria automobilística. Os italianos que estavam à frente dos negócios, provavelmente tenham imigrado nos grupos mais recentes de deslocamentos ocorridos entre 1945 e 1960, ou seja, fizeram a travessia no pós-guerra, quando novas levas de italianos ingressaram no Brasil. Assim, outros peninsulares, que não aqueles tradicionais, começaram a fazer parte da sociedade porto-alegrense e gaúcha. Embora, nem as

⁶⁹ Fonte: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

atividades e nem os nomes arrolados no quadro 33 fossem habituais, as primeiras condizem com as atividades e serviços pertinentes a espaços em processo de industrialização. Em nossa pesquisa, não foi possível fazer associações entre os peninsulares arrolados e as redes migratórias. Entretanto, não podemos garantir que esses não tenham migrado e se estabelecido apoiados em redes que a nossa pesquisa não alcançou.

O bairro Petrópolis (figura 38) teve início de sua ocupação nas primeiras décadas do século XX, por pessoas vindas do interior do estado. Com características rurais, voltado à criação de gado, possuía alguns tambos de leite. Até a década de 1930, algumas famílias de Porto Alegre tinham ali casas de veraneio. Na década de 1940 começou a atrair famílias que residiam no centro. O desenvolvimento do bairro se deu a partir de sua principal via de acesso, o antigo Caminho do Meio, atual Avenida Protásio Alves. Ainda nas primeiras décadas do século, foram instaladas duas linhas de bondes na região, João Abbott e Petrópolis. A partir da 1950 foram realizadas obras de infra-estrutura, o que levou à elevação do padrão socioeconômico do bairro e o surgimento de novos comércios e serviços no bairro⁷⁰. Encontramos dez casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Petrópolis entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 34).

Figura 38 – Mapa da localização do bairro Petrópolis em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁷⁰ Fontes: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf; FRANCO, Sergio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. (p. 315).

Quadro 34 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Petrópolis

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|---|--|
| Carmine Rimoli | Carmine Rimoli (I) | Negócio de Açougue |
| Bortolo Girardi | Bortolo Girardi (I) | Armazém de Secos e molhados a varejo |
| Antonio Lamenza | Antonio Lamenza (I) | Açougue |
| Cleto Fasolo | Cleto Fasolo (I) | Exploração oficina de rádios, eletricidade, material elétrico em geral, consertos, artes fotográficas, representações, comissões e o que mais convier ** |
| Zuffelato & Fontana | Celso Zuffelato (I) Henrique Fontana (B) | Exploração da indústria de artigos de malhas de lã e o que mais convier * |
| José Mozetic | José Mozetic (I) | Bar e sorveteria e o que mais convier |
| Castellano & Severino | Salvador Severino (I) Lucio Castellano (I) | Armazém de secos e molhados e o que mais convier. |
| Domenico Pelosi | Domenico Pelosi (I) | Cafeteria, sorveteria e o que mais convier. |
| Pietro Di Maio | Pietro Di Maio (I) - Nápoles | Açougue |
| Vladimiro Merljak | Vladimiro Merljak (I) | Bar e mercearia e o que mais convier |

Fonte: A autora (2019).

No bairro Petrópolis, o registro de comércios individuais, como açougue, armazém, cafeteria, bar e de pequenas indústrias, sinaliza para as transformações que estavam se operando com a convergência dos moradores do centro para o bairro. As modificações no local atraíram a atenção de Carmine Rimoli, que imigrou de Morano Cábalo para Porto Alegre em 1939, como vimos. Carmine trabalhou como vendedor de bilhetes de loteria por cinco anos, fazendo economias. Com elas, estabeleceu-se mais tarde com comércio de carnes no bairro Petrópolis, como demonstra o quadro 34. Mais tarde, trocou o ramo para armazém e, consecutivamente, para bar, loteria e açougue. Chamou o amigo Arturo de Morano, na Itália, e se tornam sócios. Depois de um tempo, Carmine vendeu sua parte para Arturo, voltou para o ramo de loteria onde conseguiu algumas economias e comprou um açougue na Rua Venâncio Aires (CARMINE RIMOLI, 2018, p. 1-7).

A trajetória comercial do imigrante apresenta características recorrentes. A vinda dele para o Brasil foi animada pelas amizades no local de origem, bem verdade que havia

uma tradição dos deslocamentos de moraneses para Porto Alegre. Ele se fixou em um local que estava evoluindo e onde muitos conterrâneos possuíam negócios e foram atrativos para a escolha do bairro. Quando mudava de ramo de negócio e, não foram poucas vezes, fizera porque estava com as reservas esgotadas e tinha família para sustentar. Então, ele “recorria” para o modo mais fácil e rápido de conseguir recursos, a venda de bilhetes de loteria.

Assim, ele demonstrava uma capacidade de adaptação em situações adversas, que era característica dos imigrantes italianos. Lançou mão de sua simpatia, sorriso aberto e capacidade de persuasão para, não somente buscar o sustento, mas para garantir a formação de uma rede de auxílio no lugar de chegada. Ele fez amizade em todas as partes por onde transitou e trabalhou; conquistando a confiança de todos. Seus vizinhos passavam a fazer farte da família. Essa capacidade de interagir, de se relacionar, iria ajudá-lo nas horas necessárias. Quando necessitava, acionava a rede, como ocorreu com o amigo Arturo. Sua história evidencia que as redes de imigração e seus arranjos foram decisivos para a escolha do ramo de comércio para trabalhar no local de chegada, neste caso, Porto Alegre.

O bairro Ponta Grossa (figura 39) foi criado em 1991, entre os bairros Serraria, Belém Novo e Hípica. É considerado zona rural da cidade. Ainda hoje seu comércio é pouco desenvolvido⁷¹. Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Ponta Grossa entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 35).

Figura 39 – Mapa da localização do bairro Ponta Grossa em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁷¹ Fonte: https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf

Quadro 35 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Ponta Grossa

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|--------------------------------|------------------------------------|---|
| Brero Giovani Antonio Domenico | Brero Giovani Antonio Domenico (I) | Negócio de armazéns de secos e molhados, e que mais lhe convier |

Fonte: A autora (2019).

O bairro Ponta Grossa, com características de zona rural, apresenta somente um comércio italiano, o que indica poucos peninsulares no local. Provavelmente, esse armazém fosse suficiente para abastecer a população local. Os nomes dos italianos não estão ligados às redes migratórias que o nosso estudo teve acesso.

O bairro Rio Branco (figura 40) foi criado em 1959 e também foi chamado de “Colônia Africana”, porque abrigava os escravos alforriados e, mais tarde, os libertos pela Lei Áurea. Se formou às margens do Caminho do Meio, atual Avenida Protásio Alves. O desenvolvimento urbano começou na rua Esperança, hoje Miguel Tostes, onde foi criado o primeiro loteamento, nas terras da proprietária com maior extensão de terras da região, Esperança, que deu o nome à rua⁷². Encontramos quatro casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Rio Branco entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 36).

Figura 40 – Mapa da localização do bairro Rio Branco em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁷² Fontes: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998 (p. 348-349).

Quadro 36 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Rio Branco

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|--|---------------------------------|
| Domenico Aita | Domenico Aita (I) | Armazém de secos e molhados |
| Carmine Rosito | Carmine Rosito (I) | Bar |
| Biagini & Cia | Giuseppe Biagini (I) Gino Qualisono (B) | Fábrica e comércio de chapéus * |
| Giuseppe Biagini | Giuseppe Biagini (I) | Não consta |

Fonte: A autora (2019).

Apesar de o bairro Rio Branco ter em sua origem uma população predominantemente de negros, percebemos que já havia a presença de italianos no período estudado. Alguns sobrenomes se inserem nas redes aqui estudadas, como Aita e Rosito. Esse último de uma família bastante numerosa, com membros dedicados a diversos ramos do comércio, como açougue, bar, restaurante, lotérica, bilhar, calçados, chapéus, armarinhos, tecidos, bazar e comércio de bijuterias, tabacaria, artigos para fumantes e presentes. Encontramos nomes de oito comerciantes de sobrenome Rosito em nossos registros. O nome de Giuseppe Biagini, que aqui aparece com duas empresas, sendo uma delas uma fábrica e comércio de chapéus, aparece também em um registro no bairro Bom Fim, com empresa do mesmo ramo.

O bairro Santa Cecília (figura 41), criado em 1959, está localizado entre a Avenida Protásio Alves, a rua Ramiro Barcelos, a rua Vicente da Fontoura e a Avenida Ipiranga. O bairro se desenvolveu nos arredores da igreja Santa Cecília, que foi construída em 1943. Era servido pela linha de bonde Caminho do Meio⁷³. Encontramos duas casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Santa Cecília entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 37).

⁷³ Fonte: FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998 (p. 363).

Figura 41 – Mapa da localização do bairro Santa Cecília em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 37 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Santa Cecília

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|---|--|
| Intini & La Porta | Fioravanti Intini (I) Izidoro La Porta (B) | Indústria e comércio de móveis e artefatos de madeira em geral * |
| Fioravante Intini | Fioravante Intini (I) | Fábrica e respectivo comércio de móveis e o que mais convier |

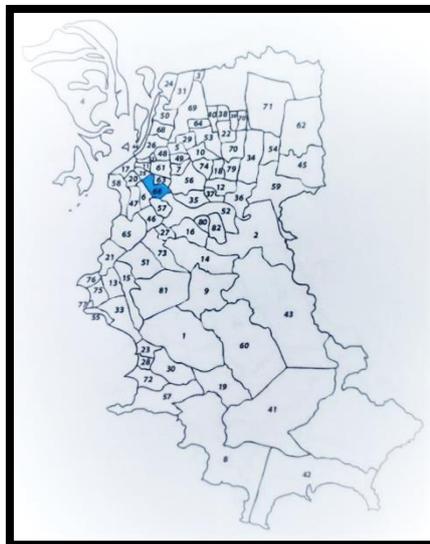
Fonte: A autora (2019).

São escassas as informações sobre o bairro Santa Cecília, o que dificulta reflexão sobre a história do local e a presença de imigrantes italianos no espaço. Os peninsulares encontrados com casas de negócio tinham registrados negócios de fábrica e comércio. Os nomes sugerem redes de deslocamentos, entretanto os ramos dos negócios não aparecem nos deslocamentos anteriores.

O bairro Santana (figura 42) foi criado em 1949 e recebeu esse nome, em 1885, em homenagem à Sesmaria de Santa'Ana, que compreendia as terras onde Porto Alegre foi fundada, concedida a Jerônimo de Ornellas em 1740, onde está Porto Alegre. A partir do século XVIII o local passou a fazer parte do Arraial de São Miguel, área que era cortada pelo Arroio do Sabão. Dadas as frequentes inundações, apenas famílias negras de baixo poder aquisitivo ocuparam o local, durante muitos anos. Nas primeiras décadas do século XX, com a circulação dos bondes, a região começa a ter uma maior interação com

o resto da cidade⁷⁴. Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Santana entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 38).

Figura 42 – Mapa da localização do bairro Santana em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 38 – Casa de comércio de comerciantes italianos no bairro Santana

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|------------------------------------|--|---|
| Irmãos Gallicchio & Cerchiaro Ltda | Gallicchio Primo Carmine (I) Biagio Gallicchio (I) Arturo Gallicchio (I) Gallicchio Leonardo (I) Biagio Cerquiario (I) | Representações, conta própria e tudo o mais que lhes convier. |

Fonte: A autora (2019).

O bairro Santana, habitado inicialmente pelos grupos afrodescendentes, não apresenta, em sua história a presença significativa de imigrantes italianos. Contudo, a família de Carmela Gallicchio aparece nos registros da Junta, estabelecida no local com comércio de representações. Os integrantes do grupo familiar, de baixo poder aquisitivo, imigraram para Porto Alegre por meio de arranjos familiares que possibilitaram o deslocamento dos integrantes do grupo pouco antes da Segunda Guerra (GALLICCHIO, 2012, p.1-22). O pai de Carmela foi o primeiro a imigrar para o Brasil, na sequência, providenciou os recursos para trazer o restante da família, irmãos, cunhados, tios e filhos. Essa rede, como tantas outras, era sustentada pela afetividade entre seus integrantes, confirmando, desse modo, que as redes sociais familiares estavam alicerçadas pelas relações de solidariedade e confiança. Normalmente, a família é a base da rede de

⁷⁴ Fontes: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

solidariedade, visto que ela representa o grupo social do indivíduo (LOMNITZ, 2009, p.20).

O bairro Santo Antônio (figura 43) foi criado em 1959 se constituiu entre a estrada do Mato Grosso (atual Bento Gonçalves) e a antiga estrada de Belém (atual Oscar Pereira), está entre os bairros Partenon, Santana, Azenha e Medianeira. A rua Vicente da Fontoura, antiga rua da Boa Vista, é uma das mais movimentadas do bairro. Próximo a ela foi inaugurado em 1880 o Hipódromo da Boa Vista., com o bairro se situando entre estas duas avenidas⁷⁵. Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Santo Antônio entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 39).

Figura 43 – Mapa da localização do bairro Santo Antônio em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 39 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Santo Antônio

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|------------------------|--|
| Vicenzo Bini | Vicenzo Bini (I) | Negócio de exploração de pedreiras em geral. |

Fonte: A autora (2019).

No bairro Santo Antônio, encontramos apenas uma firma pertencente a italianos. O bairro tem limite com o bairro Azenha, pela avenida Oscar Pereira, local onde haviam muitas marmorarias, por conta dos cemitérios ali presentes. Alguns marmoristas também possuíam pedreiras e além dos trabalhos artísticos e de revestimentos com mármore e granitos, se dedicavam à pavimentação das ruas e calçadas da capital. Provavelmente,

⁷⁵ Fontes: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

nesse contexto, Vincenzo Bini estivesse inserido na extensa rede de trabalhadores da pedra demonstrada por Regina Guilherme no livro *A cidade de Pedra* (2021).

O bairro São Geraldo (figura 44) foi criado em 1959, fazendo divisa com os bairros Navegantes e Floresta. Entretanto, sua ocupação remonta ao final do século XIX. Em 1895 as terras foram loteadas pela Companhia Territorial Porto-alegrense, que também abriu as avenidas Amazonas, Bahia, parte da avenida Ceará, Brasil, Pará, Paraná, Pernambuco e Maranhão. No mesmo ano, foi implantado o bonde linha São João, pela Cia. Carris de Ferro Porto-Alegrense. Tudo isso contribuiu para aumento da população do bairro e seu desenvolvimento. O bairro passou a abrigar um grande de descendentes de imigrantes italianos e alemães. As obras de ampliação e pavimentação da avenida Farrapos, a partir da década de 1940, aceleraram o desenvolvimento do bairro. É um bairro que mescla características residenciais e comerciais⁷⁶. Encontramos 13 casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro São Geraldo entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 40).

Figura 44 – Mapa da localização do bairro São Geraldo em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

⁷⁶ Fontes: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>
FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

Quadro 40 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro São Geraldo

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|----------------------------------|---|---|
| Irmãos Tedeschi | Nicola Tedeschi (I) Leonardo Tedeschi (I) | Açougue |
| Ernesto Tofanello & Filhos | Ernesto Tofanello (I) Tofanello Giulio (I) Tofanello Giuseppe (I) | Comércio de secos e molhados, especialidades, produtos coloniais a varejo, e o que mais convier |
| J. Schiavon & Filho | José Schiavon (I) Nello Itálico Schiavon (B) | Exploração do fabrico e comércio de bebidas e o que mais convier * |
| João Petrillo | João Petrilo (I) | Funilaria e Bazar |
| Bellino Torresan | Bellino Torresan (I) | Negócio de sorveteria |
| Ezio Colombo | Ezio Colombo (I) | Bar, restaurante e sorveteria |
| Giovannini & Cia Ltda | Giovannine Ottavo (I) Bruno Ottavo | Indústria de fabricação de elásticos e passamanaria * |
| Açougue Santa Rita | Ida Anele Guaragna (I) | Açougue, venda de carnes de gado vacun, carneiro, porco, galinha, derivados e afins |
| Giovannini, Stefanini & Cia Ltda | Giovannini Ottavo (I) Bruno Giovannini (I) Sergio Stefanini (I) | Instalações elétricas em geral ** |
| Ernesto Donadio | Ernesto Donadio (I) | Armazém de secos e molhados a varejo |
| Severino Angelo Siminetto | Severino Angelo Siminetto (I/N) | Comércio de Materiais de construção, construções em geral e o que mais convier ** |
| Baldo & Bressani | Elmo Tarcísio Bressani (B) João Baldo (I) | Exploração do ramo de marcenaria, carpintaria ou o que mais convier |
| Salvador Linconti | Salvador Linconti (I) | Bar, restaurante, café ou o que mais convier |

Fonte: A autora (2019).

O Bairro São Geraldo integra o conjunto de bairros que constituem o Quarto Distrito, área atingida pelo processo integrado de urbanização e industrialização que se expandiu também aos bairros Navegantes e São João (FORTES, 2004, p.44). Os italianos estão presentes nos espaços do bairro desempenhando as mais variadas atividades, como bar e restaurante, marcenaria, materiais para a construção, armazéns, açougues, pequenas indústrias, bebidas e produtos coloniais. Dos imigrantes registrados na Junta Comercial, há indícios de italianos que vieram atendendo as exigências do acordo migratório de 1950, feito entre Brasil e Itália em 1950 com a finalidade de suprir as empresas com mão de

obra para as indústrias, nesse sentido são representativas as famílias Vinciprova e a Mancuso

Alguns traziam recursos financeiros para abrirem o próprio negócio e buscavam bairros estrategicamente localizados e densamente povoados. O Bairro São Geraldo, no Quarto Distrito, apresentava as condições pretendidas, ou seja, uma população significativa residindo no bairro, um crescente contingente de grupos migratórios, que chegavam constantemente, e peninsulares com recursos para abrir uma casa de negócio suprimindo as necessidades da população local. Quanto aos comerciantes que encontramos registrados no bairro, não há indicativo de redes ou ramos de negócios, entretanto é possível inferir que esses imigrantes fizessem parte do seletivo grupo de imigrantes de “último tipo”, vindo depois da guerra com uma determinada reserva financeira para investir nos seus negócios.

O bairro São João (figura 45), criado em 1959, se formou em torno da capela São João Batista, construída em 1871. Assim como o bairro São Geraldo, foi loteado pela empresa Territorial Porto-Alegrense, no final do século XIX. Em 1898 recebeu a linha de bonde São João. A proximidade com o aeroporto, instalado na década de 1930, e com a Vila dos Industriários, impulsionou o desenvolvimento do bairro. Criado oficialmente em 1959, o bairro São João é também corredor de passagem para zona norte da cidade e região metropolitana, como as cidades de Alvorada, Cachoeirinha e Gravataí⁷⁷. Encontramos duas casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro São João entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 41).

⁷⁷ Fontes: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

Figura 45 – Mapa da localização do bairro São João em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 41 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro São João

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|------------------------------|--|
| Luiz Bertoncello | Luiz Bertoncello (I) | Negócio de Leitaria e comércio a varejo de bebidas, conservas, cigarros e o que mais convier correlato com o ramo. |
| José Borsatto | José Borsatto (I) Treviso | Oficina de consertos em automóveis, lubrificações, e bem assim tudo o mais que convier ** |

Fonte: A autora (2019).

Assim como o bairro São Geraldo, o bairro São João fazia parte do Quarto Distrito e passava pelas mesmas transformações geradas pelo projeto de urbanização e industrialização daquele período. Da mesma forma, não encontramos vínculos entre os comerciantes ali registrados e as redes estudadas.

O bairro Sarandi (figura 46) surgiu na Antiga Várzea do Gravataí. Naquele território estava ficava a sesmaria doada a Jerônimo de Ornellas e Menezes. No século XIX, a área em torno do arroio Sarandi foi ocupada por estâncias de criação de gado, chácaras e tambos de leite. No início do século XX foi intensificada a ocupação e havia plantações de arroz às margens do Gravataí. Não encontramos mais informações sobre o

bairro no período estudado⁷⁸. Encontramos uma casa de comércio pertencente a italiano instaladas no bairro Sarandi entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 42).

Figura 46 – Mapa da localização do bairro Sarandi em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 42 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Sarandi

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|------------------------|---|-----------------------|
| Oliveira & Rossi | João Pedro de Oliveira (B) Giacomo Rossi (I) | Café e bar |

Fonte: A autora (2019).

O Bairro Sarandi não acusa atuação significativa de imigrantes italianos no local apresentando somente um comércio resultante da sociedade entre italiano e brasileiro no comércio de café.

O bairro Teresópolis (figura 47) se formou sobre as terras da antiga Sesmaria de Sebastião Francisco Chaves. Em 1876, Guilherme Ferreira de Abreu transformou parte de sua propriedade em um loteamento onde se assentaram algumas famílias de imigrantes italianos. O nome do loteamento teria sido em homenagem a seu irmão, Francisco Ferreira de Abreu, médico carioca que foi agraciado por D. Pedro II com o título de Barão de Teresópolis. Inicialmente era ocupado por lindas chácaras junto à mata nativa. Desde o início do século XIX, contava com linhas de bondes. A Capela Nossa Senhora da Saúde foi construída em homenagem à protetora dos imigrantes italianos moradores do bairro. Em 1916, a capela tornou-se paróquia e, logo após, sede de curato⁷⁹. Mascarello (2005)

⁷⁸ Fonte: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>

⁷⁹ Fontes: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>;

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

nos conta que famílias que se instalaram em Teresópolis se dedicaram a produção da uva e do vinho:

No início do século XX diversas famílias italianas, possuíam esta cultura do vinho em Teresópolis. Esse fator juntamente com a criação de animais e outros produtos, possibilitou a algumas famílias transcenderem a condição apenas de plantadores, tornando-se comerciantes no local, onde estabeleceram pequenos comércios de abastecimento local de alimentos (MASCARELLO, 2005, p.54-55)

Em 1910, moradores da Vila Nova e Teresópolis organizaram a primeira Festa da Uva do Rio Grande do Sul. Encontramos quatro casas de comércio pertencentes a italianos instaladas no bairro Teresópolis entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 43).

Figura 47 – Mapa da localização do bairro Teresópolis em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 43 – Casas de comércio de comerciantes italianos no bairro Teresópolis

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|---|---|
| Carlos Donadio | Carlos Donadio (I) | Açougue |
| Domingos Cozza | Domingos Cozza (I) - Morano Calabro | Negócio de Bar |
| Rimolo & Rossler | Rimolo Francesco (I) Affonso Rossler (I/N) | Negócio de bar e o que mais convier |
| Luiggi Vacca | Luiggi Vacca (I) - Cosenza | Negócio de açougue e o que mais convier |

Fonte: A autora (2019).

O grupo de italianos da velha guarda, como Núncia Constantino (1990) designou o grupo dos primeiros imigrantes calabreses vindos para Porto Alegre, foi direcionado

para o bairro antes de 1900, onde receberam terras em loteamento. Desse período, até 1955, passaram-se três gerações. Entre os imigrantes, foram encontrados alguns indivíduos remanescentes, praticando comércio de açougue e negócio de bar, oriundos de Morano Calabro e Cocenza. Vieram por meio de redes familiares que se perpetuaram no tempo. Os integrantes das redes, mesmo tendo decorrido anos, continuaram determinando os ramos de atividades no qual seriam destinados os novos imigrantes de suas redes. O maior grupo de peninsulares na capital gaúcha era originário do Mezzogiorno. Dentre os imigrantes meridionais, destacam-se quantitativamente, respectivamente, os provenientes de três regiões: Calábria, Campânia e Sicília.

O bairro Tristeza (figura 48) se localiza na Zona Sul de Porto Alegre. Em sua origem também era uma área rural. A própria origem do nome do bairro atesta isso: um dos primeiros moradores da região, José da Silva Guimarães, possuía uma chácara no que hoje é conhecida como Vila Conceição. O bairro Tristeza englobava a Vila Conceição, a Vila Assunção, além de partes dos bairros Camaquã e Pedra Redonda). A região só começou a ser mais movimentada no final do século XIX, com a chegada de agricultores italianos que saíram da Serra gaúcha por não terem conseguido terras e se instalaram nos bairros Teresópolis e na Tristeza⁸⁰. A partir de então:

O bairro Tristeza desenvolveu-se a partir do trabalho desses imigrantes italianos e também de alemães. Havia uma divisão espacial marcada pela linha do trem. Essa linha demarcatória separava a população da região conforme os diferentes usos do local. Assim, as áreas residenciais da elite, espaços onde se erguiam belos palacetes à beira rio, pertenciam aos alemães, muitos deles envolvidos com os serviços de veraneio. Já as moradias mais simples, ou seja, aquelas cujos proprietários eram colonos italianos, se localizavam do outro lado da ferrovia, mais no interior do arrabalde⁸¹.

Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro Tristeza entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 44).

⁸⁰ Fontes: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992; <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/montecristo/principais/historiavnmc.html>.

⁸¹ Fonte: <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/montecristo/principais/historiavnmc.html>.

Figura 48 – Mapa da localização do bairro Tristeza em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 44 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro Tristeza

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|------------------------------|--|--|
| Miro Mecânica São Jorge Ltda | Luiz Henrique Behs (B) Dante Bertolotti (I) | Comércio e indústria de peças para automóveis, máquinas e o que mais lhes convier, |

Fonte: A autora (2019).

A existência de apenas um comércio italiano não condiz com a história do bairro. Tal ausência merece uma investigação posterior para analisar as formas de deslocamentos dos imigrantes italianos no segundo pós-guerra no local, levando em conta a presença de trinta e duas famílias produzindo e comercializando vinhos e outros produtos por volta de 1876.

O bairro Vila João Pessoa (figura 49) foi criado em 1959 entre os bairros Partenon, São José e Cel. Aparício Borges. É considerado o primeiro núcleo suburbano e a primeira vila “oficial” da cidade. A ocupação começou na década de 1940 em torno da avenida Bento Gonçalves e do arroio Moinho, afluente do Arroio Dilúvio. O bairro não foi incluído nos grandes planos de urbanização que ocorreram na capital na primeira metade do século XX⁸². Encontramos uma casa de comércio pertencente a italianos instalada no bairro João Pessoa entre os anos de 1945 e 1955 (quadro 45).

⁸² Fontes: <https://pt.scribd.com/doc/61714351/Historia-Dos-bairros-de-Porto-Alegre#>

Figura 49 – Mapa da localização do bairro João Pessoa em Porto Alegre



Fonte: A autora (2019).

Quadro 45 – Casa de comércio de comerciante italiano no bairro João Pessoa

| Designação do Comércio | Comerciante (s) | Atividade de Comércio |
|-------------------------------|------------------------|---|
| Eduardo Crivellaro | Eduardo Crivelaro (I) | Vendas de carne verde a varejo, açougue e tudo o mais que convier |

Fonte: A autora (2019).

Não encontramos outros indícios de grupos de imigrantes italianos ocupando o espaço, nem de redes migratórias para a inserção do comerciante Crivelaro. Vale lembrar que o sobrenome do peninsular é recorrente nos documentos e jornais desde 1900.

Como podemos ver, os italianos que chegaram a Porto Alegre no segundo pós-guerra não chegaram como comerciantes, mas, apoiados em suas redes, se encaminharam para o setor comercial, como meio de ascensão econômica e social. As redes de apoio, tanto de parentes quanto de amigos, possibilitavam a vinda dos imigrantes, oferecendo trabalho para a manutenção no primeiro momento, a permanência no novo local e a inserção na nova sociedade. Incorporado a isso estava a criatividade do imigrante e seu entendimento da oportunidade que os familiares e conterrâneos ofereciam, para prosperar economicamente e investir em seus próprios negócios.

Sobre a ascensão social da família, algumas histórias que apresentamos aqui, como a de Maria Scavuzzo, ilustram as ponderações de Diégues Jr. (1964), quando diz

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

que não são raros os casos sucedidos entre imigrantes italianos pobres que começam sua nova etapa da vida no Brasil como empregados de balcão, vendedores, verdureiros, bilheteiros, e ambulantes que ascenderam socialmente. Tornaram-se comerciantes de pequeno e médio porte, muitos bem sucedidos, acompanhando o processo de transformação dos centros urbanos (DIÉGUES JR., 1964, p. 120).

As sociedades estabelecidas entre parentes tornavam viáveis os negócios, entretanto, percebe-se uma instabilidade nessas sociedades, visto que se verifica não apenas mudança de ramo, mas também rotatividade entre os sócios. Assim como os empregos oferecidos logo que chegavam a Porto Alegre, parece que as sociedades representaram também apenas um degrau, uma primeira oportunidade de obter o próprio negócio, mas que, geralmente, o objetivo era ter uma empresa de forma independente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos diversos contextos em que estiveram inseridos os imigrantes italianos que chegaram a Porto Alegre após a Segunda Guerra Mundial (1945-1955), buscamos responder a questão norteadora desse trabalho: Porque grande parte dos que escolheram Porto Alegre no segundo pós-guerra se direcionaram para o comércio?

Com base na análise do *corpus* documental, constatamos que se apoiaram em sólidas redes de relacionamento. Percebemos que houve uma continuidade nas redes de sociabilidade presentes desde o final do século XIX, especialmente no que se refere ao imigrante “espontâneo”. Essas redes foram reativadas no segundo pós-guerra e viabilizaram uma retomada da antiga cadeia imigratória, após um período de interrupção durante a Segunda Guerra. Acreditamos também que as mesmas influenciaram os novos imigrantes, tanto na decisão de imigrar quanto na escolha do comércio como atividade econômica, assim como, tiveram papel importante na solidificação dos negócios e na inserção dos indivíduos na nova sociedade.

Através desta pesquisa buscamos um entendimento maior a respeito das dinâmicas que envolveram a imigração da Itália para o Brasil no segundo pós-guerra. Ao analisarmos os acordos de imigração daquele período e as notícias do jornal “O Orientador” a respeito do tema, observamos que a categoria dos comerciantes não estava dentre os interesses do governo brasileiro para regulamentar a imigração no segundo pós-guerra. Além disso, não encontramos registros de imigrantes que se apresentassem como comerciantes ao entrar no país. Sabendo que haviam duas formas de imigração previstas nos acordos de imigração entre Brasil e Itália, a dirigida e a espontânea, e que a primeira visava uma qualificação profissional para a indústria e a agricultura e que um imigrante “espontâneo”, para entrar no país, precisava ter uma oferta de trabalho ou apresentar uma “carta de chamada” de um familiar que garantisse sua manutenção econômica, inferimos que os imigrantes italianos direcionados para o comércio de Porto Alegre tenham entrado como imigrantes espontâneos, uma vez que se observa que estes não possuíam qualificação profissional. Alguns deles teriam, em um primeiro momento, trabalhado como operários na indústria ou empregados no comércio de Porto Alegre, em geral de patrícios.

Através de um levantamento bibliográfico, percebemos que, desde o século XIX, imigrantes italianos “espontâneos” se direcionaram para diversas partes do Brasil para se dedicarem ao comércio, muitas vezes, sendo os precursores no setor em pequenos

conglomerados urbanos, distantes de centros comerciais desenvolvidos. Notamos também que as redes sociais estiveram sempre presentes, tanto nos contatos que promoviam um constante fluxo imigratório, quando na facilitação do desenvolvimento do próprio comércio em locais isolados.

Através da análise das publicações do jornal “O Orientador”, evidenciamos que o Brasil tinha uma privilegiada posição entre as maiores nações comerciais do mundo e que, sob o ponto de vista comercial, soube tirar proveito da situação de guerra. Observamos também que para além da importância da mão-de-obra do imigrante, o consumo praticado pelos súditos estrangeiros era visado como estímulo à economia.

Avaliando o panorama comercial de Porto Alegre no período anterior ao do segundo pós-guerra, a partir de fontes bibliográficas e de imprensa foi possível perceber que os imigrantes italianos na cidade encontraram um comércio em pleno desenvolvimento, integrado com as produções agrícolas e industriais do estado. Na década de 1940, Porto Alegre mostrava sinais de desenvolvimento, na medida em que passava por grandes reformulações urbanas. Dessa forma, a capital era capaz de absorver empreendimentos, principalmente no centro e nos novos bairros industriais e de operários, que necessitavam do pequeno comércio varejista para abastecer suas famílias.

Aliado a esse cenário favorável, os imigrantes encontraram uma rede de apoio entre os peninsulares que, desde o final do século XIX, conquistaram espaços no setor contemplado. As redes sociais também se desenvolviam no âmbito profissional e como a dinâmica comercial também se dá em rede, a capital gaúcha foi um “espaço fértil” para a cadeia imigratória entre Itália e Brasil naquele período.

As redes de apoio, tanto de parentes quanto de amigos, possibilitavam a vinda dos imigrantes, oferecendo trabalho para a manutenção no primeiro momento, e condições para a permanência no local e a inserção na nova sociedade. A pesquisa apontou também que as sociedades estabelecidas entre parentes tornavam viáveis os negócios, mas que, assim como os empregos que lhes foram oferecidos no primeiro momento da imigração, as sociedades representaram também apenas uma primeira oportunidade, um degrau para obter o próprio negócio, que seria o verdadeiro o objetivo a ser alcançado. Percebe-se que os diversos núcleos familiares eram oriundos de várias localidades da Itália.

Trabalhamos com fontes inéditas nos estudos de imigração, como o jornal “O Orientador” e os registros da Junta Comercial de Porto Alegre. Seguindo os métodos da Micro-história italiana, o presente estudo utilizou um grande número de documentos

realizando o cruzamento entre fontes diversas, trabalhando também com bibliografia e depoimentos orais.

Foi possível observar que as redes, em muitos casos, foram a estratégia determinante no sucesso dos eventos migratórios, tanto nos deslocamentos quanto na escolha e na realização das atividades no novo espaço. Permitiram e viabilizaram o contato entre indivíduos, possibilitando a manutenção e a continuidade dos processos migratórios. Dessa forma, como evidencia a presente pesquisa, há uma continuidade das redes tecidas pelos primeiros imigrantes, que irão viabilizar o novo fluxo migratório de imigrantes “espontâneos” para Porto Alegre, após a Segunda Guerra Mundial. Na pesquisa também ficou evidente a importância da mobilidade para manutenção, subsistência e reprodução social do grupo. Observamos também que no horizonte de possibilidades e expectativas dos imigrantes estava o projeto de reunificação familiar e parental.

A presente tese contribuiu para entender a inserção social dos imigrantes italianos no espaço urbano de Porto Alegre no século XX, a partir de um levantamento detalhado sobre os estabelecimentos comerciais e as atividades desenvolvidas nos diversos bairros da capital, que poderá ser útil para o desenvolvimento de outras pesquisas. O estudo se aproxima de trabalhos que analisam a imigração italiana nos contextos urbanos do sul do Brasil. Entretanto, é inédito a respeito do período que contempla os anos sucessivos à Segunda Guerra Mundial.

Consideramos que a pesquisa contribuiu para entender a inserção social e a participação dos imigrantes italianos no desenvolvimento do espaço urbano de Porto Alegre no século XX, constituindo-se, assim, em um avanço para a historiografia da imigração italiana no Sul do Brasil, que poderá ser útil para o desenvolvimento de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. São Paulo: **Revista Projeto História**, nº 15, abril/1997, p. 145-155.

ÁLBUM Porto Alegre: biografia duma cidade (SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (Id.)) (Org.): FRANCO, Capitão Álvaro, SILVA, major professor Morency de Couto e Franco, s.d.), editado na capital do Rio Grande do Sul, no ano de 1940.

ALMANACK do Commercio do Rio Grande do Sul. BLANCATO, Vicente S. Porto Alegre: Edição Revista de Agricultura, Indústria e Comércio “O Progresso”, Globo, 1920. Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural. Instituto de Cultura/PUCRS.

ALMANACK do Commercio do Rio Grande do Sul. BLANCATO, Vicente S. Porto Alegre: Brinde Revista de Agricultura, Indústria e Comércio “O Progresso”, Globo, 1922. Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural. Instituto de Cultura/PUCRS.

ALMANACK Administrativo, Comercial e Industrial Rio-Grandense LIMA, Antonio de Azevedo; FERREIRA, Inácio de Vasconcelos., Porto Alegre: edição da Tipografia do Jornal do Comércio, 1872/73. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

ALMANACK de Porto Alegre, 1857. JANSEN, Carlos. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. S/Ed. S/Data

ANNUÁRIO do Estado do Rio Grande do Sul para o anno de 1894. Publicados sob a orientação de Graciano de Azambuja (décimo anno). Porto Alegre: Editores Gundlach e Cia., Livreiros, 1893.

BAILY, Samuel S. La cadena migratória de los italianos en la Argentina. In: Devoto, Fernando y Rosoli, Gianfausto. **La inmigración italiana en la Argentina**. Buenos Aires, 1985.

BELLIO, Camilli Beatriz. **A valorização do turismo cultural em Santa Felicidade a partir do turismo de experiência**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a disciplina Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo II como forma de obtenção do título de conclusão do Curso de Turismo, do Departamento de Turismo, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

BELOTO, Divonzir Lopes. **O Capital de comércio de mercadorias**. Tese (Doutorado em Economia) - Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003.

BENEDINI, Giuseppe Federico. A emigração italiana para a Bahia. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais. Julho – Dezembro de 2013 Vol. 10 Ano X nº 2 ISSN: a1807-6971 Disponível em www.revistafenix.pro.br Acesso em: 22, mai., 2022.

BERTAGNA, Federica. Vinti o emigranti? Le memorie dei fascisti italiani in Argentina

e Brasile nel secondo dopoguerra. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 13, n. 2, p. 282-294, jul./dez. 2013.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BOCCA, Giorgio. **Storia Della Repubblica Italiana. Dalla caduta del fascismo a oggi**. Milano: Rizzoli Editori, 1962.

BOM MEIHY, José Carlos Sabe. **(Re)introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

BOM MEIHY, José Carlos Sabe. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CAGGIANI, I. **100 Anos de Comércio**. Sant'Ana do Livramento: EDIGRAF, 1991.

CANAL, Waldir. O italiano e comerciante Antônio Rosito será nome de rua. In.: **Site Esse é o canal**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://waldircanal.wordpress.com/2014/08/21/o-italiano-e-comerciante-antonio-rosito-sera-nome-de-rua/>. Acesso em: 12, nov., 2021.

CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional à “outras Américas”. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXIII, n. 1, p. 7-37, junho, 2007.

CARMAGNANI, M., **L'altro Occidente. L'America Latina dall'invasione europea al nuovo mllenio**. Torino: Einaudi, 2003.

CAROCCI, Giampiero. **Storia d'Italia dall'Unità a Oggi**. Milano: Feltrinelli, 1989. 429 p.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil “andiano in merica...”**. São Paulo: EDUSP, 2003.

CHARÃO, Egiselda Brum. **Mulheres Italianas em Porto Alegre (1945-55) aspectos da imigração urbana**. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação de História da PUCRS. Orientada pela Prof. Dra. Núncia Santoro de Constantino, 2013.

CHARÃO, Egiselda Brum. **Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/RS (1945-1965): História de uma imigração esquecida**. Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

CHARÃO, Egiselda Brum. Comerciantes italianos no período do Estado novo – Estratégias de trabalho e convívio na capital gaúcha. XI Congresso Internacional de Estudos Iberos Americanos – CIEIA -2017. In: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cieia/assets/edicoes/2017/arquivos/30.pdf>

CHARÃO, Egiselda Brum. Empreendedores Italianos em Porto Alegre (1880-1920) Memória esquecida da cidade. In: SALATINO, Alba Cristina C. dos Santos; SERRES,

Helenize Soares; SILVA, Jonathan Fachini da (Org.) **Historiografia: temas, desafios e perspectivas– Reunião de textos**. São Leopoldo: PPGH-UNISINOS, p. 659-676. 2017.

CINQUANTENÁRIO della colonizzazione italiana nello stato del Rio Grande Del Sud: 1875-1925. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.

COLARIZI, Simona. **Storia del novecento italiano: cent'anni di entusiasmo, di paure, di speranze**. Milano: BUR: Biblioteca Univer. Rizzoli, 2009. 453 p.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **A imigração italiana no pós-guerra em Porto Alegre: memórias, narrativas, identidades de sicilianos**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. Imigração e trabalho: a presença italiana em Porto Alegre, no pós-guerra (1946-1976). **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 81-96, 2012.

CONEDERA, Leonado de Oliveira. A Porto Alegre dos Italianos (1946-1976). In: **XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios**, Florianópolis, 2015.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. **O Italiano da Esquina: meridionais na sociedade porto alegre e a permanência da identidade entre os moraneses**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 1990.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século. In: **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 55-67, jul. 1998.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianos na cidade. Porto Alegre (1850-1914). In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). **Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 55-64.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas horas vagas: Porto Alegre dos imigrantes (1880-1914) In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo**, julho 2011.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italianidades(s): imigrantes em Porto Alegre. In: **21º Encontro Anual da ANPOCS-2012** (Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/21-encontro-anual-da-anpocs/st-3/st12-2/5293-nunciocostantino-italianidades/file> Acesso 05, dez., 2023.

CONSTITUIÇÃO do Brasil. Lei das Cotas, promulgada a 16 de julho de 1934; a “lei de cotas” foi mantida no artigo 151 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, decretada a 10 de novembro de 1937. **Constituições do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1979.

CORAZZA, Gentil; FONSECA, Pedro Cesar. **A Junta Comercial no contexto da**

Economia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CORRÊA, Luís Rafael Araújo. Micro-História: compreendendo uma perspectiva inovadora. In: **História em rede.** 2019. Disponível em: <https://historiaemrede.medium.com/micro-hist%C3%B3ria-compreendendo-uma-perspectiva-inovadora-fc545da59ec4>. Acesso em: 2 jul. 2022.

DANEO, Camillo. **La política economicadela ricostruzione, 1945-1949.** Torino: Einaudi, 1975.

DE GASPERI. In: **Il Viaggio della Costituzione.** Disponível em: <http://www.ilviaggiodellacostituzione.it/blog/ferruccio-parri-il-presidente-sconosciuto>. Acesso 22 nov., 2018.

DE GASPERI. In: **Union european.** Disponível em: https://europa.eu/european-union/sites/europaeu/files/docs/body/alcide_de_gasperi_pt.pdf. Acesso em: 22, nov., 2018

DE RUGGIERO, Antonio. A saudade dos sabores e o comércio étnico dos imigrantes italianos no Brasil (1875-1914). In: **Revista Prâksis.** Novo Hamburgo, a. 15 , n. 1 , jan./jun. 2018.

DE RUGGIERO, Antonio. Empreendedores Toscanos do mármore nas cidades brasileiras (1875-1914). In: FAY, Cláudia Musa; DE RUGIERO, Antonio. **Imigrantes empreendedores na história do Brasil.** In: Porto Alegre:EDIPUCRS, 2014.

DE RUGGIERO, Antonio. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. In: VENDRAME, Maíra Inês et al. (Org.). **Micro-História, trajetórias e imigração.** São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 162-181.

DE RUGGIERO, Antonio. Porto Alegre dos imigrantes italianos. In: KUHN, Fábio; SCOTT, Ana Silvia Volpi (Orgs.) **Porto Alegre 250 anos: De vila escravista a uma cidade de imigrantes (século XVIII e XIX.** In: São Leopoldo: OIKOS, 2022.

DE RUGGIERO, Antonio. **O empreendedorismo dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.** Disponível em: <https://casaditaliajf.com.br/2021/06/28/revista-casaditalia-o-empreendedorismo-dos-imigrantes-italianos-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 22, mai. 2022.

DEVOTO, Fernando. Las cadenas migratórias italianas: algunas reflexiones a la luz del caso argentino. In: **Studi Emigrazione,** XXIV, 87, 1987.

DIEGUES JR., Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização.** Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964.

DI LEONE Nicola. Cultura e lazer. In: **gauchazh.clicrbs** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2021/02/um-salve-aos-imigrantes-italianos-cklfm4wt40034019mhdjeu3hi.html>. Acesso em 02, nov., 2019.

FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria**

brasileira nos anos 50. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREIRA, Paulo Sérgio Souza. **O Capital Comercial em Karl Marx.** Centro de Ciências Sociais Aplicadas Departamento de Economia - Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em:
<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=631410&key=f995768cc447f2e178932f3f9d3a00ac>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FIGUEIREDO, Antonio Marcal Bonino. **Italianos e descendentes via Rio da Prata: São Borja, Itaqui e Uruguaiana, RS (1834-1968)** Dissertação (Mestrado em História) Universidade de Passo Fundo, 2011.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: A classe trabalhadora Porto Alegrense e a Era Vargas.** Caxias, RS: EDUCS; Rio de Janeiro Garamond, 2004.

FRANCO, Sergio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio.** Associação comercial de Porto Alegre, 1983.

FRANCO, Sergio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

GINSBORG, Paul. **Storia d'Italia dal dopoguerra a oggi – Società e política (1943-1988).** Torino: Einaudi, 1989.

GIRON, Loraine Slomp; Bergamaschi, Heloisa Eberle. **Casas de Negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional.** Caxias do Sul: EDUCS, 2021.

GUILHERME, Regina Zimmermann. **A Cidade de pedra: Leone Lonardi e os marmoristas italianos em Porto Alegre.** Porto Alegre: Edipucrs, 2021.

GROSSO. Carlos Eduardo Millem. Iguais e diferentes: estudo das relações interétnicas em grupos populares na cidade de Porto Alegre da virada do século XIX (1890-1909) In: **PerCursos**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 14-30, jan. / jun. 2008.

HISTÓRIA dos Bairros de Porto Alegre. In: **rgp1poa**. Disponível em:
https://rgp1poa.files.wordpress.com/2011/10/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf
Acesso em: 23, mai., 2021.

IANNI, Octávio. Instituto Superior Brasileiro-Italiano De Estudos E Pesquisa. Imigração Italiana. In: **Debates: Estudos**, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides; Caxias do Sul, 1979.

JORNAL A Federação. Comunicado sobre o restaurant italiano Bom Gosto. Edição 189. 17 ago. 1891. Porto Alegre. In: **Acervo** do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

JORNAL A Manhã. Acordo de Imigração para o Brasil. In: **memoria.bn**. RJ, dia 06, jul., 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf2/116408/per116408_1950_02742.pdf, Acesso: 02, dez., 2021.

JORNAL do Comércio. Histórias do Comércio e dos Serviços. Copacabana presencia a história gaúcha ser feita. In: **jcrs.uol**. Noticiada edição impressa de 19/03/2012. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=8899>. Acesso em: 22, ago., 2017.

JUNQUEIRA, Marili Peres. **Comércio e Imigração Italiana: uma estreita relação na cidade de São Carlos/SP/Brasil (1880-1900)** Disponível em: http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/471_abstract.pdf. Acesso em: 17, jun., 2021.

JUCERGS – Junta Comercial do Rio Grande do Sul. In: **Histórico**. Porto Alegre: JUCERGS, 2015. Disponível em: http://www.jucergs.rs.gov.br/p_historico.asp. Acesso em: 13, ago., 2019.

JUCERGS - Junta Comercial do estado do Rui Grande do Sul. **Acervo**. Porto Alegre: 2018.

LACAVA, Glória. **As origens da emigração italiana para a América Latina após a Segunda Guerra Mundial**. Novos Cadernos II. São Paulo, Instituto Italiano de Cultura, p. 49-77, 1988.

LODI, João Bosco. **A empresa familiar**. São Paulo: Pioneira, 1978.

LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LORENZO, Ana Lucia Di. **Italianos em Taubaté: o núcleo colonial de Quiririm, 1890/1920**. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado em História Econômica, Apresentada à FFLCH/USP. Disponível em: <https://www.raquelglezer.pro.br/orientaArquivos/Italianos%20em%20Taubat%C3%A9.pdf>. em: 12 jan., 2022.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre, origem e crescimento**. Sulina, 1968.

MASCARELLO, Ricardo Soares. **Preservação do cenário urbano espacial e sócio-cultural do Bairro Teresópolis/ Porto Alegre/RS: Análise crítica da evolução imposta frente à morfologia urbana preexistente**. Porto Alegre: Curso de Mestrado Profissionalizante/EE/UFRGS, 2005.

MASSAS Adria. História da empresa. In: **A marca Adria**. Disponível em: <http://www.adria.com.br/a-marca/adria/>. Acesso 05, mai., 2015.

MASSAS Adria. In: Mundo das Marcas. Disponível em: www.mundodasmarcas.blogspot.com.br. Acesso em: 30 jul. 2018.

MENEGOTTO, Renato Gilberto Gama Casas porto-alegrenses, construções de italianos e transição de século: alguma novidade e muita tradição (1890-1915). In: **MÉTIS: história & cultura** – jan./jun. 2015.

MENEZES, Lená Medeiros de. Refúgio no Brasil no pós-segunda guerra: a Ilha das Flores como lugar de acolhimento e representação do paraíso. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 07, p. 109-125, jan./abr. 2018.

MARTELLINI, Amoreno. L'emigrazione transoceanica fra gli anni quaranta e sessanta. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2009. p. 369-384.

NETO, Gaspar Vieira. A Imigração Italiana no Amazonas. In: **gasparvieiraneto**. Disponível em <https://gasparvieiraneto.blogspot.com/2021/06/conflitos-da-colonia-italiana-com.html> Acesso em: 05, jan., 2022.

NOSSA história. In: **Santo Antônio**. Disponível em: <https://www.restaurantesantoantonio.com.br/nossahistoria>. Acesso em: 10 dez. 2022.

NOSSA História. In: **Restaurante Copacabana**. Disponível em: <http://www.restaurantecopacabana.com.br/pcopacabana.asp>. Acesso em: 12 mai., 2017.

OLIVEIRA, Ione. Imigrantes e Refugiados para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial. In: **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**, Natal, 2013.

O RIO Grande do Sul em revista, Anno 1, Porto Alegre, 1928. Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural. Instituto de Cultura/PUCRS.

ORTIGOZA, S.A.G. **Paisagens do consumo: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 232 p. ISBN 978-85-7983-128-7. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/wg88m/pdf/ortigoza-9788579831287-03.pdf>. Acesso 13 jan. 2023.

PERON, Desiderio. O italiano que está em você 209. **Insieme: a revista italiana daqui**. 2016. Disponível em <<http://www.insieme.com.br/pb/litaliano-che-ce-in-te-209/#.>> Acesso em: 22 nov. 2018.

PIAZZETTA, Luis Carlos B. **A Emigração Veneta, A colônia Santa Felicidade em Curitiba**. Imigração Italiana no Paraná. 2018. Disponível em <https://emigrazioneveneta.blogspot.com/2018/03/a-colonia-santa-felicidade-em-curitiba.html>. Acesso 12, jun., 2019.

PIGNATARO, Lícia Capri. **Imigrantes Italianos em Rio Claro e seus descendentes**. Rio Claro. Arquivo do Município de Rio Claro, 1988.

PIMENTEL, Fortunato (org.). **Aspectos gerais de Porto Alegre**. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1945, v.1.

PIZZORUSSO, Giovanni. I movimenti migratori in Italia in antico regime. *In*: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (Orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: Partenze**. Roma: Donzelli, 2009. p. 3-16.

PORTO Alegre em Revista, Porto Alegre, Prefeitura Municipal, 1926.

PORTELLI, Alessandro. Entrevista com Alessandro Portelli. *In*: **Revista Historiar** - Universidade Estadual Vale do Acaraú – v.4. n. 4 (jan./jun. 2011). Sobral-CE: UVA, 2010. ISSN 2176-3267.

RAMELLA, Franco. “Reti sociali, famiglia e strategie migratorie”. *In*: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. **Storia dell'emigrazione italiana: partenze**. Roma: Donzelli Editore, 2001.

RESTAURANTE Santo Antônio. Disponível em <https://www.restaurantesantoantonio.com.br/nossahistoria>, Acesso 22, jun., 2022.

ROCHE, Jean. **Porto Alegre, Metrópoli do Brasil Meridional**. *In*: AB'SÁBER, Azis Nacib; ROCHE, Jean. Três Estudos Rio-Grandenses. Porto Alegre: UFRGS, 1966.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

ROSITO, Antonio. Disponível em <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/rua-na-lomba-do-pinhoiro-pode-receber-o-nome-de-antonio-rosito> Acesso 13, out., 2022.

SALLES, Maria do Rosario Rolfsen; PAIVA, Odair da Cruz; BASTOS, Sênia. Profissão e destino dos imigrantes italianos entrados em São Paulo no pós-Segunda Guerra Mundial. *In*: BAENINGER, Rosana; DEDECCA, Claudio (Org.). **Processos Migratórios no Estado de São Paulo** – Estudos Temáticos/ Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp – Campinas, 2013. p. 129-142.

SANTOS, Amanda Pereira dos. Política de imigração e colonização Pós-Segunda Guerra Mundial: práticas e debates nacionais sobre o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias. Democracias, liberdade, utopias. *In* **XIV Encontro Estadual de História – ANPHU**, 2018. Disponível em: http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1529427297_ARQUIVO_Trabalhocompleto-ANPUHRS.pdf Acesso em: 22, mar., 2010.

SANTOS, Miriam de Oliveira, ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Especificidades da Identidade de descendentes de italianos no sul do Brasil: breve análise das regiões de Caxias do Sul e Santa Maria. *In*: **Antropolítica**. Niterói, n.27. p. 21-71. 2 sem, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41488>. Acesso em: 05 out. 2021.

SANTOS, Rodrigo dos. Algumas considerações sobre a imigração nas páginas do Jornal Folha Do Oeste (1946-1960) *In*: **História Unicamp**, v. 3, n. 5, jan./jun. de 2016.

SCALABRINI História. In: Scalabrini. Disponível em:
<<http://www.scalabrini.org/pt/component/content/article/86-scalabrini/the-scalabrinian-family/45-missionari-scalabriniani>. Acesso em: em 25, jun, 2014.

SCHOLL, Raphael Castanheira **Memórias (entre)laçadas: mulheres, labores e moda na Escola Técnica Sen. Ernesto Dornelles de Porto Alegre/RS (1946-1961)**, Porto Alegre, 2012. 238 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS.

SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: Russos e ucranianos em Porto Alegre (1948)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. Tradução de Mariarosaria Fabris (capítulos 2 a 5) e Luiz Eduardo de Lima Brandão (capítulos 1, 6 e 7). São Paulo: Nobel, 1989.

TRUZZI, Oswald, SCOTT, Ana Silvia Volp. Tipologias migratórias, cadeias, redes e um estudo de caso. In: **ampocs.com**. Campinas, out., 2012. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt12-20/3336-truzzi-scott-tipologias/file>. Acesso em: 10, nov., 2021.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social – Revista de Sociologia** da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior Paulista**. Percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Editora Unesp, 2016.

VENDRAME, Maíra Ines. Família e comunidade de imigrantes italianos nos núcleos de colonização do Rio Grande do Sul. In: **V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação**. Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, 2010, p. 793-795. Disponível em <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Historia/83717-MAIRA_INES_VENDRAME.pdf> Acesso 13, mar., 2022.

VITOLA, Rocco. In: **clicrbs**. Disponível em:
<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/06/13/carroca-e-carteira/?topo=13,1,113>. Acesso em: 28, mai., 1917.

WEBER, Jéssica Rebeca. "A gente vinha no escuro", conta imigrante italiano que chegou há 60 anos em Porto Alegre: Vindo de Morano, Giuseppe Ferraro trabalhou como alfaiate, foi dono de bar e de tabacaria. In: **GZH Porto Alegre: Aniversário de POA**. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/03/a-gente-vinha-no-escuro-conta-imigrante-italiano-que-chegou>

ha-60-anos-em-porto-alegre-ck7zft8je066z01pqoj63otzq.html. Acesso em: 19 mar. 2020.

WEBER, Jéssica Rebeca. O garçom piadista, a empresária apaixonada, o guardião do Bará e o barbeiro "raiz": quatro histórias de quem faz o Mercado Público. **GZH Porto Alegre**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/09/o-garcom-piadista-a-empresaria-apaixonada-o-guardiao-do-bara-e-o-barbeiro-raiz-quatro-historias-de-quem-faz-o-mercado-publico-ck12jutm100wt01n3yotwixpi.html>. Acesso em: 11 mai. 2022.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **50 anos de serviço com os migrantes: paróquia da Pompéia - Missão Scalabriniana**. Porto Alegre: IMPA, 2010. 125 p.

ZANFRINI, Laura. **Sociologia delle Migrazioni**. 2ª edição. Roma: Editori Laterza, 2007.

ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa – Algumas Considerações Metodológicas. In: **Revista História e Historiografia**. São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985, p. 89

REFERÊNCIAS - DOCUMENTOS OFICIAIS

ACORDO de imigração de 1950. Site Câmara dos deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/busca-geral?termo=Lei+n%C2%BA+2163+de+05%2F01%2F54#gsc.tab=0&gsc.q=Acordo%20de%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20de%201950%20Brasil%20It%C3%A1lia&gsc.sort=> Acesso em: 12 mar. 2021.

CARMINE RIMOLI [IMAGEM] JC - DECLARAÇÃO, 17/12/1949.

CARMINE RIMOLI. Disponível em Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/03/a-gente-vinha-no-escuro-counta-imigrante-italiano-que-chegou-ha-60-anos-em-porto-alegre-ck7zft8je066z01pqoj63otzq.html>

DECRETO Legislativo de 1950. Site Câmara dos deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1950-1959/decretolegislativo-61-11-dezembro-1950-351269-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 12 mar. 2021.

EMILIO GUILOSSO, JC - Aditivo de Registro de Firma Comercial, 24/03/1945.

GIAMPAOLI, JC – Declaração de Registro de Firma. 27/10/1951.

LEONARDO VITOLA, JC – Declaração de Firma, 29/09/1947.

LEONARDO VITOLA. Carteira Permanente Definitiva, 1933 (IMAGEM), JC – Declaração de Firma, 29/09/1947.

SALVADOR FERRARO, Declaração, 07 de setembro de 1944. Junta Comercial do Rio Grande do Sul

VITOLA, SANZI & CIA, JC – Declaração de Firma Social, 11/01/1953.

REFERÊNCIAS DO ACERVO DO LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL DA PUCRS (LAPHO)

AÇOUGUE E FIAMBREIRA ITALIA E SAPATARIA BELA ROMA. [Imagem Acervo]. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

AITA, Amália Morelli. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 25 out. 2012, f. 01-12.

BRUNO, Genaro. [História de vida]. Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral - Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2016, p. 1-6.

CASSARÁ, Dalva. [História de vida]. Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral - Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2010, p. 1-7

COCENZA, Arturo. [História de vida]. Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral - Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2018, p. 1-4.

COURVELLO, Pascoal. [História de vida]. Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral - Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2016, p. 1-7.

DI GESÚ, Maria. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, Porto Alegre, 06 nov. 2013, f. 01-11.

DI LORENZO, Valéria. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, Porto Alegre, 09 fev. 2019, f. 01-7.

DI MARTINO, Dalva Casará. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2010, p. 01-12.

GALLICCHIO, Carmela Serra. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2012, p. 01-22.

MANCUSO, Maria Vinciprova e Ignazio Mancuso. Imagem. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto

Alegre, 2015.

NANI, Viceza. . [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011, p. 01-09.

PASKULIN, Valeria Novak. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2002, p. 01-08.

PRANDO, Maria Cristina Liberatore. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011, p. 01-18.

RIMOLI, Carmine [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, dez. 2018, p. 01-07.

RIMOLO, Carmine [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, dez. 2018, f. 01-07.

SALVATORE AITA. 1943 [Imagem] Acervo Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

SCAVUZZO, Maria. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2004, p. 01-30.

URIARTE, Lidia Boletta. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Complemento de informações e coleta de imagens. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2007, p. 01-10.

VINCIPROVA Maria Antonina. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Complemento de informações e coleta de imagens. Acervo. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2010, p. 01- 09.

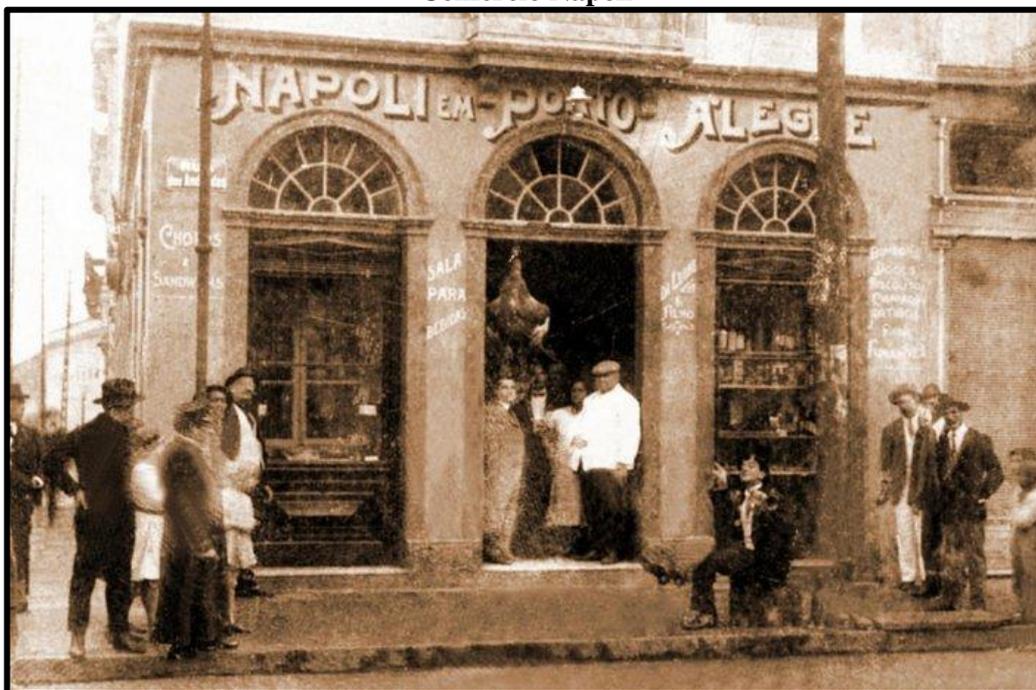
ANEXO A – FOTOGRAFIAS

Açougue & Fiambreteria Itália e Sapataria Bela Roma – Família Aita (Salvatore e Amalia)



Fonte: Acervo de Amalia Aita

Comércio Napoli



Fonte: gauchazh.clicrbs.com.br

Açougue Di Leoni



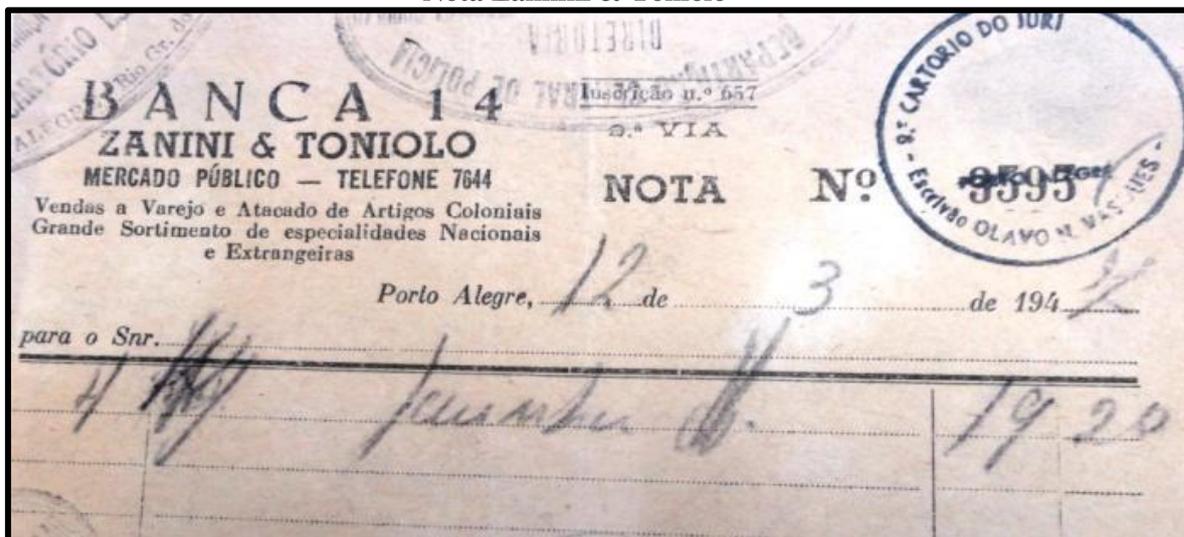
Fonte: gauchazh.clicrbs.com

Nota Açougue Boa Vista



Fonte: Processo N7318 (APERS)

Nota Zannini & Toniolo



Fonte: Processo N7570 (APERS)

Alfaiataria F. Faillace



Fonte: O RIO Grande do Sul em Revista, 1928. Delfos



Fonte: Arthur Gomes Ferreira Garrastazu

**ANEXO B – REGISTROS DE IMIGRANTES ITALIANOS E CAPITAL
INVESTIDO NO COMÉRCIO DA JUNTA COMERCIAL DE PORTO ALEGRE**

Bairro Auxiliadora

| Comerciante(s) | Capital Investido |
|-----------------------|--------------------------|
| José Schifino (I) | 10.000,00 |
| Domenico Gallo (I) | 10.000,00 |

Bairro Azenha

| Comerciante(s) | Capital Investido |
|---|--------------------------|
| Di Martino Leonardi (I) | 31.000,00 |
| Giovani Carlos Biasotti (I) | 30.000,00 |
| Giuseppe Neglia (I) | 25.000,00 |
| Ivo Gaertner(B) Carmem Pascoal Bianchi (I/N) | Não consta |

Bairro Belém Novo

| Comerciante(s) | Capital Investido |
|---------------------------|--------------------------|
| Pedro Francisco Bruno (I) | 40.000,00 |

Bairro Bom Fim

| Comerciante(s) | Capital Investido |
|---------------------------------------|--------------------------|
| Jose Alaggio (I) Manoel Farias (B) | 15.000,00 |
| João Baldino (I) -Napolis | 10.000,00 |
| Giuseppe Biagini (I) | 50.000,00 |
| Ermano Pistolese (I) | 10.000,00 |

Bairro Cascata

| Comerciante(s) | Capital Investido |
|----------------------------|--------------------------|
| Leonardo Marrone (I) | 30.000,00 |
| Plinio Anele (I) - Napolis | 10.000,00 |
| Elio Bruno (I) | 50.000,00 |

Bairro Cavahada

| Comerciante(s) | Capital Investido |
|-----------------------|--------------------------|
| Francisco Ferrari (I) | 20.000,00 |

Bairro Centro

| Comerciante(s) | Capital Investido |
|---|--------------------------|
| Mose Yerusalmi (I) Jaques Abrevya (G) Moises Goldemberg (B) | Não consta |
| Eenesto Neugebauer (B) Dr. Alberto AdalbertoAlbertini (I) | 1.900.000,00 |
| Emilio Ghilosso (I) | 50.000,00 |
| Vito Miranda (I) | 100.000,00 |
| Adolfo Bertoletti (I) Lucca | 10.000,00 |
| Frederico Diteone (I) | 100.000,00 |
| Francesco Donadio (I) | 200.000,00 |
| Cipriano Micheletto (I/N) | 60.000,00 |
| Salvatore Desiderio (I) | 25.000,00 |
| Santiago Gallo (I) Lauria Henrique Kauffman (B) | Não consta |
| Silvio Toigo (I) Silvio Toigo Filho (I) | 130.000,00 |

| | |
|---|-------------|
| Teodorico Emilio Coberllini (B) Hugo Marcos Toigo (B) Espavido Toigo (B) | |
| Victorio Tricerri (I) Aurelio Papp (R) | Não consta |
| Agostinho Visca (I) Bruno Harbich (B) | Não consta |
| Carlos Cimino (I) Ilka Guttler (B) Ivone Esther Sara Cardone Gomes (B) Iris Mace (B) | 280.000,00 |
| Salvador Caccavale (I) Romeu Caccavale (B) | 240.000,00 |
| Silvio Toigo (I) Silvio Toigo Filho (I) Empavido Toigo (B) Helio Geremia (B) | 205.000,00 |
| Salvador Liconti (I) | 100.000,00 |
| Carmela Conti Mainieri (I) | 5.000,00 |
| Guido Bacelli (I) Carlos Daudt (B) | Não consta |
| Silvio Corbetta (I/N) Julio Motin (não consta) | Não consta |
| Alberto Pulla (I) | 30.000,00 |
| Walter Glotz (B) João Bazzo (I) | Não consta |
| Almicar Moccfighi (I) | 75.000,00 |
| (Pilade Zanini (I) Giuseppe Zanini (I) Rissieri Toniolo (B) | 50.000,00 |
| Antonio Fortis (I/N) | 50.000,00 |
| João Bazzo (I) | 25.000,00 |
| Armando Nocchi (B) Nilo Vaz Cachapuz (B) João Bazzo (I) Mario Borsoi (I) | Não consta |
| Laitano Salvatore (I) Carmelo Laitano (I) | Não consta |
| Francesco Giuseppe Rosito (I) | 31.000,00 |
| Bardo Bardi (I) Piegaro | 60.000,00 |
| Ida Cantu Ghilosso | 250.000,00 |
| Salvador Gulo (I) Batista Gullo(I) | Não consta |
| Cesare Ferraris (I) | 200.000,00 |
| Armando Cardinale (I) Trieste | |
| Natale Di Mare | 5.000,00 |
| Luciano Mabilde (B) Vito Miranda (I) Rene Cocito (B) | Nada consta |
| Miguel Dariano (I) Carlos Alberto Dariano (B) Leonardo Dariano (B) Eugênio Heinzelmann (N) | Não consta |
| Carlos de Martini (I) | 50.000,00 |
| Angela Maria Pagano Grimaldi (I) | 50.000,00 |
| Leonardo Cozza (I) Morano Calabro | 50.000,00 |

| | |
|--|------------|
| Carlos Vitola (I) Cosenza | 20.000,00 |
| João Baseggio (I) Massimo Baseggio (I) Carlos Baseggio (I) Marcos Mansueto Baseggio (B) | Não consta |
| Settimo Nocch (I) Carlos Lorrondo Nocchi (B) Cesar Lambroso (B) | 700.000,00 |
| Leonardo Cozza (I) Natale De Leone (I/N) | 50.000,00 |
| Pilade Zanini (I) Giuseppe Zanini (I) | 50.000,00 |
| Octavio Priori (I) Joé de O. Farani (B) Leonardo Priori (B) Alberto Priori (B) | 75.000,00 |
| Carlos Zago (I) Theophilo Barbosa de Matos (B) | 60.000,00 |
| Angelo Simonetto (I) Sergio Hubner Mazzali (B) | Não consta |
| Laitano Leonardo (I) Laitano Salvatore (I) | Não Consta |
| A Giacomo Pessato (B) Tedor Frederico Mellender (B) Leonardo Scorza (I) | Não consta |
| Emilio Feoli (I) | 10.000,00 |
| Camilla Ines Piva (I) | |
| Pascoal Anele (I) Jorge Braga Vitorino (B) | Não consta |
| Antonio Ferrari (I/N) | 50.000,00 |
| Sergio Hubner Mazzali (B) Severino Angelo Simonetto (I) | Não consta |
| Petrolina Cogo (I) | 50.000,00 |
| Angelo Pozzana (I) | 30.000,00 |
| Vicenzo Antonio Gioia (I) | 50.000,00 |
| Gino Pasquini (I) | 10.000,00 |
| Mario Pettini (I) | Não consta |
| Cândido Giuseppe Cinel (I) José Pereira da Cruz (B) Américo Rodrigues Vítório (P) | 200.000,00 |
| Carlos José Motta (I) Vicenza | 50.000,00 |
| Giorgio Petri (I) | 80.000,00 |
| Salvador Palacine Camarata (I) | 40.000,00 |
| Pasquale Magno (I) Morano Calabro | 10.000,00 |
| Carmelo Laitano (I) Giacomino Severino (I) | Não consta |
| Stefano Ippolito (I) | 5.000,00 |
| Antonio Molin (I) Antonio Rosito (I) | Não consta |
| Ferraro Carmine (I) Giuseppe Blando (I) | Não consta |
| Leonardo Cozza (I) Crescente Genaro (I) | 50.000,00 |
| Camine Rimoli (I) | 10.000,00 |
| Cesari Orsi (I) | 10.000,00 |
| Cyrilo Seganfredo (I) | 10.000,00 |

| | |
|---|--------------|
| José Cozza (I) Francisco Cozza (I) | 90.000,00 |
| Leone Gallo (I) | 35.000,00 |
| Bruno Guido Benatti (I) | 45.000,00 |
| Francisco Alta Medaglia (I) Rocco Rosito (I) | 200.000,00 |
| Leonardo Barletta (I) | 31.000,00 |
| Antonio Rosito (I/N) | 30.000,00 |
| João Batista Cavicchiolo (I) | 50.000,00 |
| Nicola Riccardi (I) | 50.000,00 |
| Arone Luigi (I) | 30.000,00 |
| Antonio Guedes de Queiroz (B) Izario Scussel de Farias (B) Biagio Sanzi (I) | Não consta |
| Ciro Massari (I) | 38.000,00 |
| Leonardo Rimolo (I) Giuseppe Rimolo (I) | Não consta |
| Pedro Lupinacci (I) | 40.000,00 |
| Caetano Soviero (I/N) | 20.000,00 |
| Filiberto Agostinho Marrone (I) | 50.000,00 |
| Francisco Celia (I) Luiz Ferraro Schifino (I) | Não consta |
| Salvador Guavagna (I) | 30.000,00 |
| Rocco Feoli (I) Morano Calabro | 10.000,00 |
| Crescente Genaro (I) | 10.000,00 |
| Julio Ghinato (I) Juvenil Sinnott (B) | Não consta |
| Caetano Donadio (I) Natale Rosito (I) | 50.000,00 |
| Francisco Barletta (I) | 35.000,00 |
| Francesco Dal Soglio (I) | 35.000,00 |
| Riccardo Bortolasco (I/N) Verona | 30.000,00 |
| Fidele Carello (I) | 50.000,00 |
| Domenico Gaetani (I) Giuseppe Laurito (I) | Não consta |
| Salvador Liconti (I) | 50.000,00 |
| Renato Pacini (I) | 250.000,00 |
| Vittorio Cangiano (I) Mantova | 500.000,00 |
| Raffaele Loffredo (I) SP Vicenzo Concilio (I) SP Giuseppe Concilio (I) RS | 1.000.000,00 |
| Giuseppe Gallicchio (I) | 10.000,00 |
| Carmine Morelli (I) | 50.000,00 |

Bairro Cidade Baixa

| Comerciante(S) | Capital Investido |
|--|--------------------------|
| Rafael Aita (I) | 35.000,00 |
| João Caporale (I) José Caporale (B) | Não consta |
| Pasquale Rosito (I) | 10.000,00 |
| Carmine Feoli (I) Morano Calabro | 40.000,00 |
| Morelli Rocco (I) | 40.000,00 |
| Giustino Mirabelli (I) | 35.000,00 |
| Giuseppe Faveretto (I) | 200.000,00 |

| | |
|---|------------|
| Carlos Zaccaro (I) | 150.000,00 |
| Salvador Aita (I) Domenico Morelli (I) | Não consta |
| Leonardo Vitola (I) Biagio Sanzi (I) Luiz Antonio Sanzi (I) | Não consta |
| Giuseppe Favaretto (I) Umberto Favaretto (I) | 60.000,00 |
| Domenico Morelli (I) | 40.000,00 |
| Leonardo Vitola (I) | 50.000,00 |

Bairro Cristo Redentor

| Comerciante | Capital Investido |
|--------------------------------|-------------------|
| Frederico Rossi (I) | 10.000,00 |
| Alexandro Barbieri (I) Vicenza | 10.000,00 |

Bairro Farroupilha

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|--|-------------------|
| Caetano D'Amore (B) Forte Peppino (I) | 50.000,00 |

Bairro Floresta

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|-------------------|
| Salvador Vigna (I) | 10.000,00 |
| Afonso contieri (I) Afonso Contieri Filho (I) Roberto Contieri | 100.000,00 |
| Francisca Botizzo (I) | 20.000,00 |
| Francisco Ciuro (I) | 50.000,00 |
| Davide Gross (I) | 50.000,00 |
| Mario Severino (I) | 20.000,00 |
| Nicola Stoduto (I) | 10.000,00 |
| Francesco Ciuro (I) Giovani Ciuro (I) | Não consta |
| Giuseppe Stoduto (I) | Não consta |
| Francisco Ferraro (I) | 40.000,00 |
| Francisco Ferraro (I) Osório Kelvarter (I) | Não consta |
| Espedito Cuomo (I) | 35.000,00 |
| Antonio Mainieri | 20.000,00 |
| Melippe Molle (I) Flaviano Luiz Girardi (B) Armino Boll (B) José Mollé (B) | 1.500.000,00 |
| Aldo Bissone (I) | 50.000,00 |
| Giacomo Todesco (I) | 30.000,00 |

Bairro Higienópolis

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|--|-------------------|
| Fernando Fontoura Milanez (B) Francisco Bortolaso (I) | 150.000,00 |
| José Vaz (B) Bias Constanza (I) | Nada consta |

Bairro Independência

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|--|-------------------|
| Américo Vieira da Silva (B) Leonardo Rimoli (I) | 50.000,00 |

| | |
|--|-----------|
| Nunziato Nicola Magno (I) Nicola Tedeschi (I) | 50.000,00 |
| Getano Sanzi (I) | 62.000,00 |
| Francesco Anele (I) | 15.000,00 |
| Antonio Bloise Rosito (I/N) | 10.000,00 |

Bairro Jardim Botânico

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|------------------|-------------------|
| Carmine Aita (I) | 5.000,00 |

Bairro Medianeira

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|-------------------|
| Biagio Sanzi (I) Morano Calabro | 35.000,00 |
| Fedele de Rossi (I) Antonio Francisco de Rossi (I) | Não consta |

Bairro Menino Deus

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|--|-------------------|
| Biagio Donadio (I) | 10.000,00 |
| Antonio Bernardino Carello (I) | 20.000,00 |
| Francisco Sanzi (I) Napolis | 32.000,00 |
| Maria Rosa Palmieri Malvasio (I) | 30.000,00 |
| Thomas Lisboa da Silva (B) João Guimarães (B) Pietro Francisco Bruno (I) | 210.000,00 |
| Leonardo Scorza (I) Carmine Aronna (I) | Não Consta |
| Domenico Aita (I) | 5.000,00 |
| Severino Gennaro Carmine (I) | 10.000,00 |
| Eda Bertini Vegni (I) | 30.000,00 |

Bairro Moinhos de Vento

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|--|-------------------|
| Medoro Mateuzzi (I) | 50.000,00 |
| Italo Giaccioli (I) | 10.000,00 |
| José Schifino (I/N) Leonardo Antonio Bonifati (S/N) | Não consta |

Bairro Mont'Serrat

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|-------------------|
| Ary Gianpaoli (B) Homero Gianpaoli (I) | Não consta |

Bairro Navegantes

| Comerciante (s) | Capital investido |
|---|-------------------|
| Natale Botizo (I) | 100.000,00 |
| Angelo Miotto (B) José Miotto (B) José Borsatto (I) | Não consta |
| Natale Bottizo (I) | 400.000,00 |
| Cornélio Cappelletti (A) Maximo Fioravante Cappelletti (B) | 100.000,00 |

| | |
|---|------------|
| Amadeu Cappelletti (B) | |
| José Ferrari (I) | 15.000,00 |
| Carlos Puccinelli (I) Buonamici Agenore (I) | 50.000,00 |
| Natale Bottizzo (I) Ivo dos Santos (B) | Não consta |
| Giulio Borgo (I) Humberto Furlan (B) | Não consta |
| Octavio Nino Crescente | 50.000,00 |
| Italo Baldo (I) Orestes Garzieira (B) Armando Cavagnoli (B) | Não consta |
| Pedro Rosito (I) Nicolino Rosito (B) | Não consta |
| Abele Stefani (I) -Treviso | 10.000,00 |
| Guerino Signorati (I) | 30.000,00 |

Bairro Nonoai

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|--------------------------|-------------------|
| Pedro Lindo Mainieri (I) | 31.000,00 |
| Biagio Romano (I) | 32.000,00 |

Bairro Passo D'Areia

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|-------------------|
| Angelo Bertotto (I) Cecioro Bertotto (B) | Não consta |
| Léo Cantarruti Cauduro (B) Mauricio Starosta (I/N) | Não consta |
| Bruno Panzini (I) Florindo Zamperetti (B) | Não consta |

Bairro Petrópolis

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|-------------------|
| Carmine Rimoli (I) | 10.000,00 |
| Bortolo Girardi (I) | 20.000,00 |
| Antonio Lamenza (I) | 10.000,00 |
| Cleto Fasolo (I) | 30.000,00 |
| Celso Zuffelato (I) Henrique Fontana (B) | 70.000,00 |
| José Mozetic (I) | 31.000,00 |
| Salvador Severino (I) Lucio Castellano (I) | 70.000,00 |
| Domenico Pelosi (I) | 31.000,00 |
| Pietro Di Maio (I) - Napolis | 35.000,00 |
| Vladimir Merljak (I) | 200.000,00 |

Bairro Ponta Grossa

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---------------------------------------|-------------------|
| Brero Giovani Antonio Domenico (I) | 10.000,00 |

Bairro Protásio Alves

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|------------------|-------------------|
| João Calesco (I) | 40.000,00 |

Bairro Rio Branco

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|--|--------------------------|
| Domenico Aita (I) | 10.000,00 |
| Carmine Rosito (I) | 40.000,00 |
| Giuseppe Biagini (I) Gino Qualisono (B) | Não consta |
| Giuseppe Biagini (I) | 240.000,00 |

Bairro Santa Cecília

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|--------------------------|
| Fioravanti Intini (I) Izidoro La Porta (B) | Não consta |
| Fioravante Intini (I) | 20.000,00 |

Bairro Santana

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|--------------------------|
| Gallicchio Primo Carmine (I) Biagio Gallicchio (I) Arturo Gallicchio (I) Gallicchio Leonardo (I) Biagio Cerquiaro (I) | Não consta |

Bairro Santo Antônio

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|------------------------|--------------------------|
| Vicenzo Bini (I) | 30.000,00 |

Bairro São Geraldo

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|--------------------------|
| Nicola Tedeschi (I) Leonardo Tedeschi (I) | Não consta |
| Ernesto Tofanello (I) Tofanello Giulio (I) Tofanello Giuseppe (I) | Não consta |
| José Schiavon (I) Nello Itálico Schiavon (B) | Não consta |
| João Petrilo (I) | 20.000,00 |
| Bellino Torresan (I) | 31.000,00 |
| Ezio Colombo (I) | 40.000,00 |
| Giovannine Ottavo (I) Bruno Ottavo | 60.000,00 |
| Ida Anele Guaragna (I) | 20.000,00 |
| Giovannini Ottavo (I) Bruno Giovannini (I) Sergio Stefanini (I) | 15.000,00 |
| Ernesto Donadio (I) | 31.000,00 |
| Severino Angelo Siminetto (I/N) | 100.000,00 |
| Elmo Tarcísio Bressani (B) João Baldo (I) | Não consta |
| Salvador Linconti (I) | 50.000,00 |

Bairro São João

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|------------------------------|--------------------------|
| Luiz Bertoncetto (I) | 10.000,00 |
| José Borsatto (I) Treviso | 50.000,00 |

Bairro Sarandi

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|-------------------|
| João Pedro de Oliveira (B) Giacomo Rossi (I) | Não consta |

Bairro Teresópolis

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|---|-------------------|
| Carlos Donadio (I) | 32.000,00 |
| Domingos Cozza (I) Morano Calabro | 35.000,00 |
| Rimolo Francesco (I) Affonso Rossler (I/N) | 40.000,00 |
| Luigi Vacca (I) Cosenza | 10.000,00 |

Bairro Tristeza

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|--|-------------------|
| Luiz Henrique Behs (B) Dante Bertolotti (I) | Não Consta |

Vila João Pessoa

| Comerciante (s) | Capital Investido |
|-----------------------|-------------------|
| Eduardo Crivelaro (I) | 10.000,00 |
| | |

Casas de comércio de imigrantes italianos sem de localização espacial

| Comerciante (s) | Capital Investido (CZ\$) |
|--|--------------------------|
| João Calesso (I) Samuel Rothfeld (I/N) Valentin Gingues (R) | Não consta |
| Engenheiro Vitorio Scatizzi (I) Candido João Mottin (B) Placido Domingos Mottin (B) Gustavo Lourenço Mottin (B) | Não consta |
| Vito Miranda (I) | Não consta |
| Rogério Mutinelli (I) | Não consta |
| Artemio Orlando Bellini (B) Carmine Feoli (I) | 10.000,00 |
| Antonio Castiglio (I) | Não consta |
| Alberto Pulla (I) | 30.000,00 |
| Natale Di Mare (I) Salvador Rimoli (I) | Não consta |
| Vicente Matheus (B) Baptista Gullo (I) | Não consta |
| Caetano La Falce (I) José La Falce (I) Biaggio La Falce (I) | Não consta |
| José Endler (B) Silvio Ceccon (I) | Não consta |
| Domenico Caldovino (I) | 20.000,00 |
| Andrea Maltese Filho (I) Palermo | 5.000,00 |
| Giuseppe Sesta (I) Hélio Mello (B) | Não consta |
| Giuseppe Sesta (i) Tertuliano Cezar (B) | Não consta |
| Pedro Rosito De Carmine (I) | Não consta |

| | |
|---------------------|-----------|
| Nicola Rosito (I/N) | |
| João Rimoli (I/N) | 35.000,00 |
| Nino Stefano (I) | 5.000,00 |

**ANEXO C - FOTOGRAFIAS DAS CARTEIRAS DE IDENTIDADE DE
COMERCIANTES ITALIANOS ANEXADOS AOS REGISTROS DA JUNTA
COMERCIAL**



Abelle Stefani



Alberto Severino



Albino Dal Corso



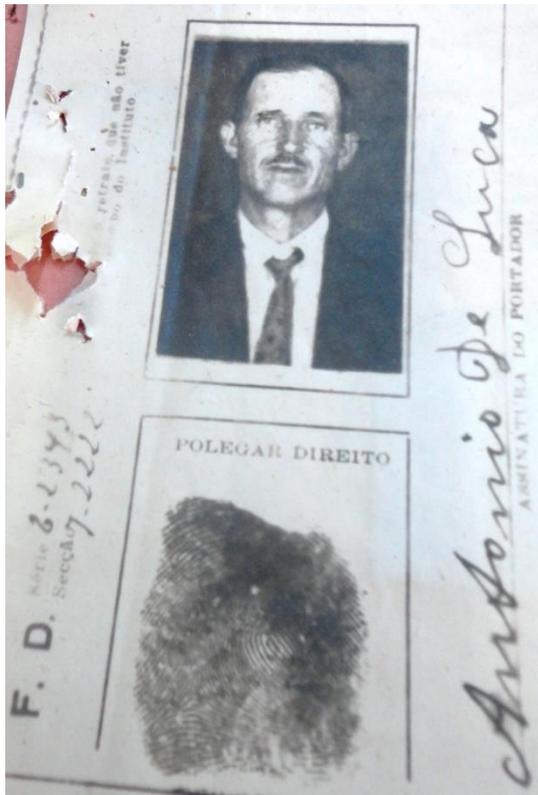
Alicar Moccacighi



Andrea Maltese Filho



Angelo Tesareto



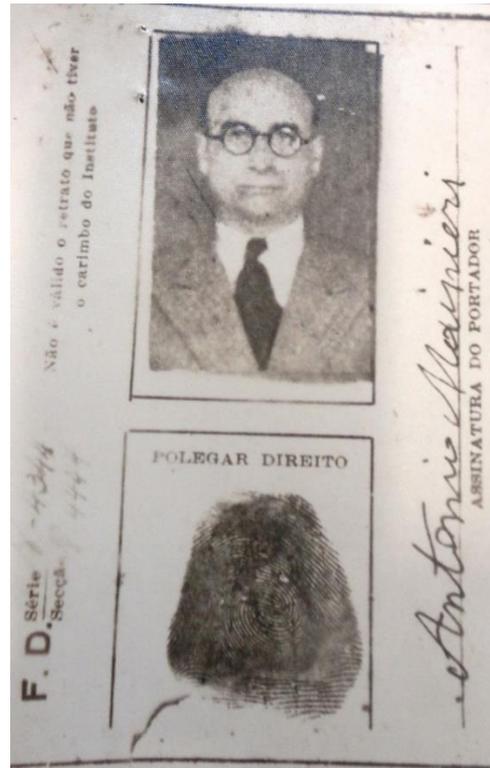
Antonio de Luca



Dalberto Pulla



Antonio Lamenza



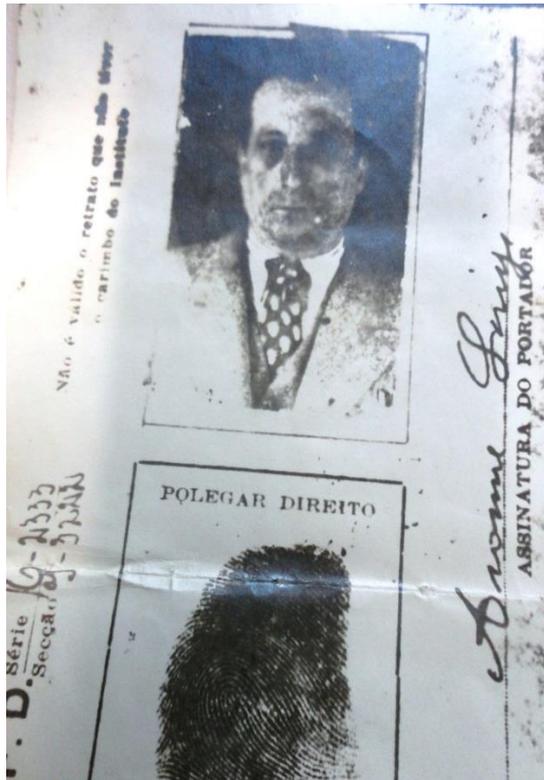
Antonio Mainieri



Armando de Santis



Aron Chittoni



Aronne Luigi



Aurélio Cinel



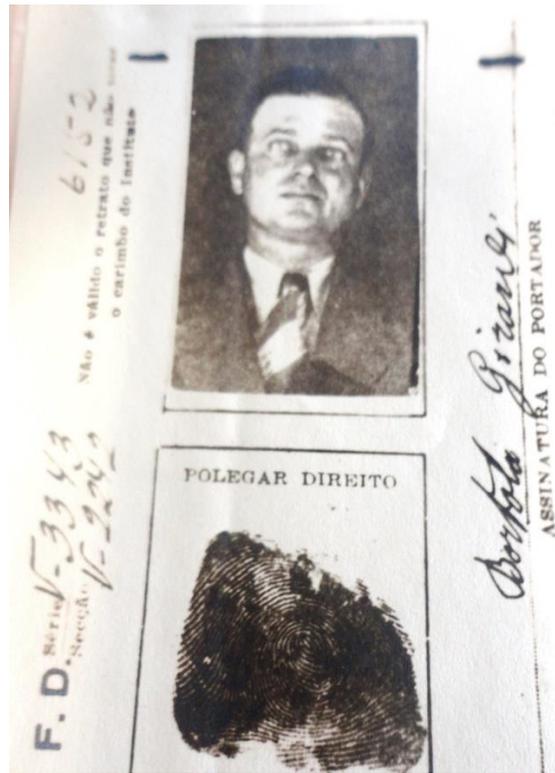
Biagio Gallicchio



Biagio Romano



Bagio Sanzi



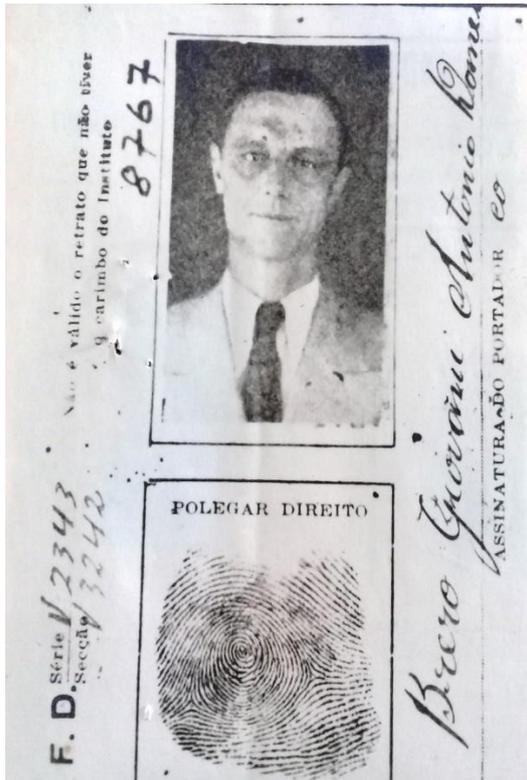
Bortolo Girardi



Biagio Cerchiaro



Antonio Castiglio



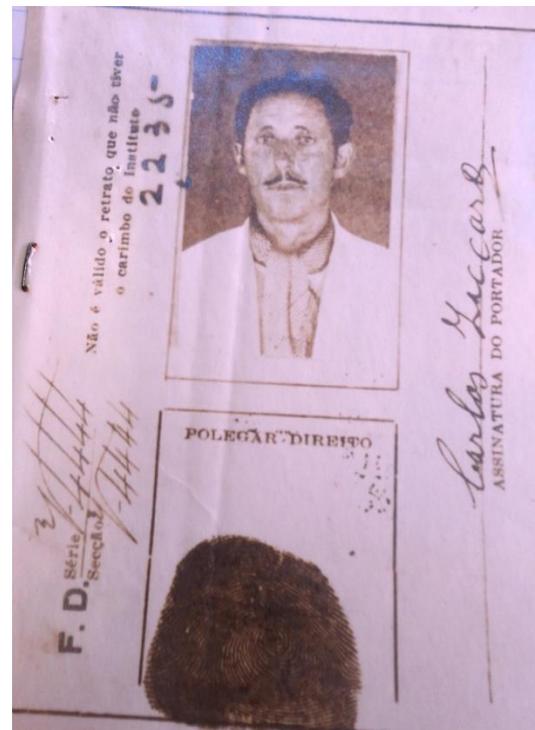
Breno Giovanni A. Domenico



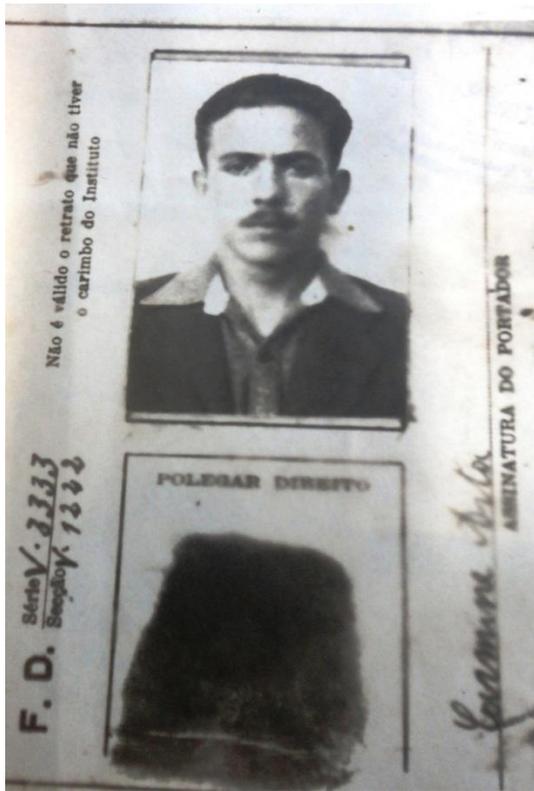
Bruno Guido Benatti



Carlos Vitola



Carlos Zaccaro



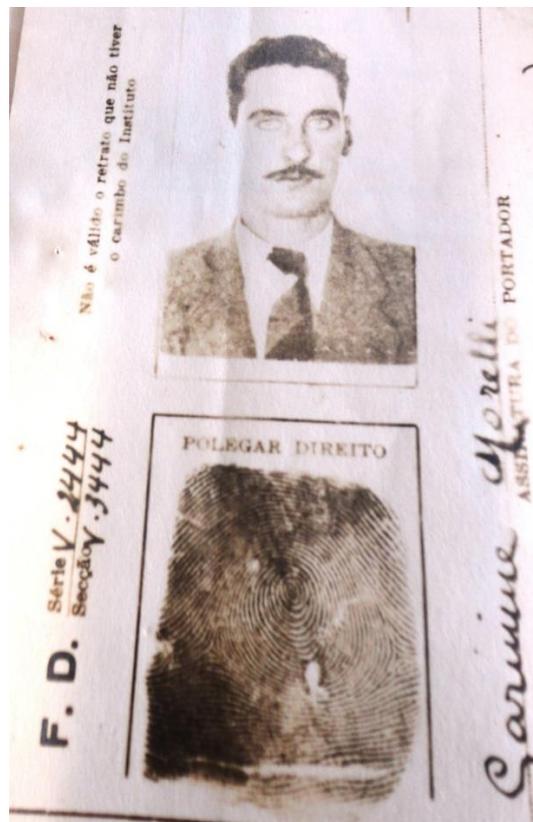
Carmine Aita



Carmine Rimoli



Carmine Rosito



Carmine Morelli



Cesare Orsi



Ciro Massari



Cleto Fasolo



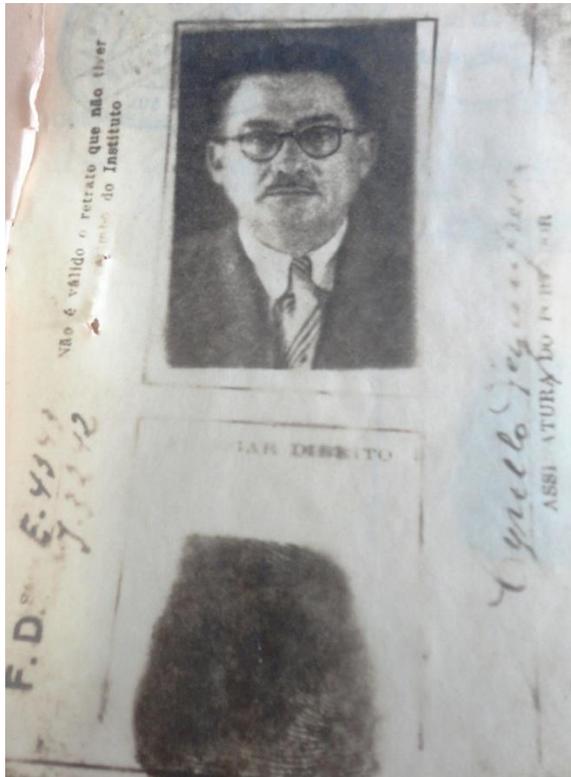
Conrado Curatoli



Crescente Genaro



Cristiano Merljak



Syriolo Seganfredo



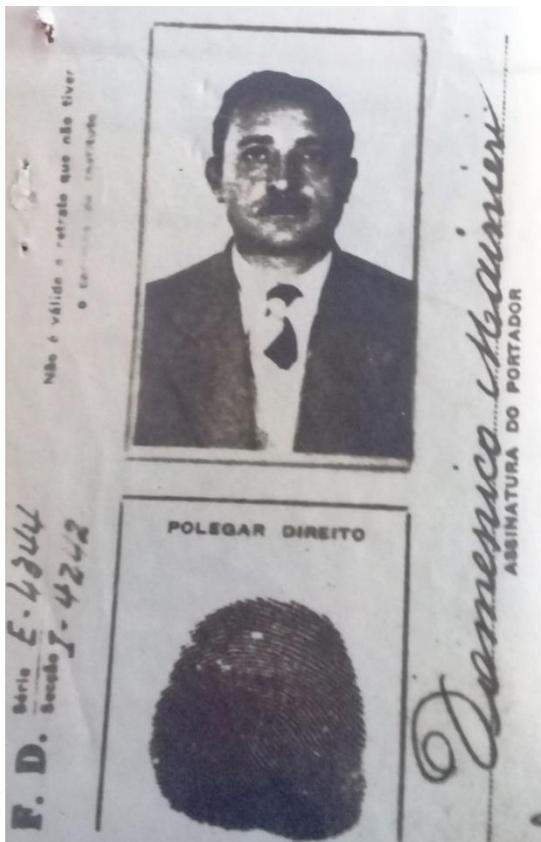
Davide Gross



Domenico Aita



Domenico Caldovino



Domenico Mainieri



Domenico Morelli



Domenico Pelosi



Domingos Campagnola



Domingos Cozza



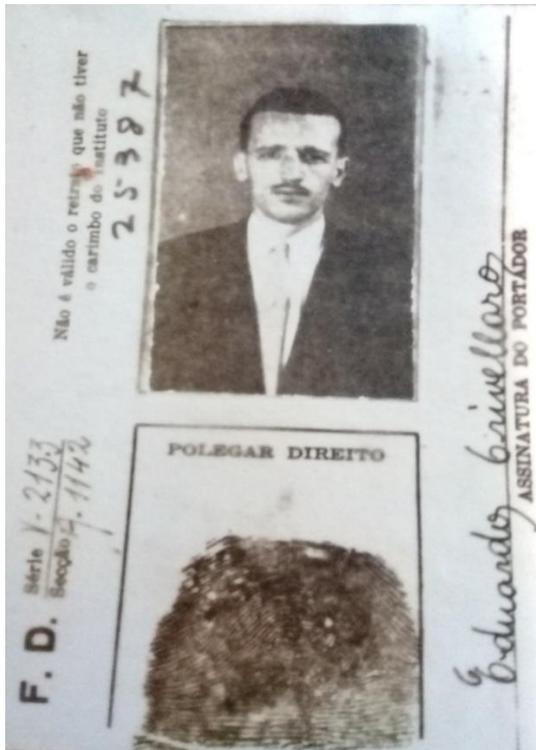
Dolcino Arone



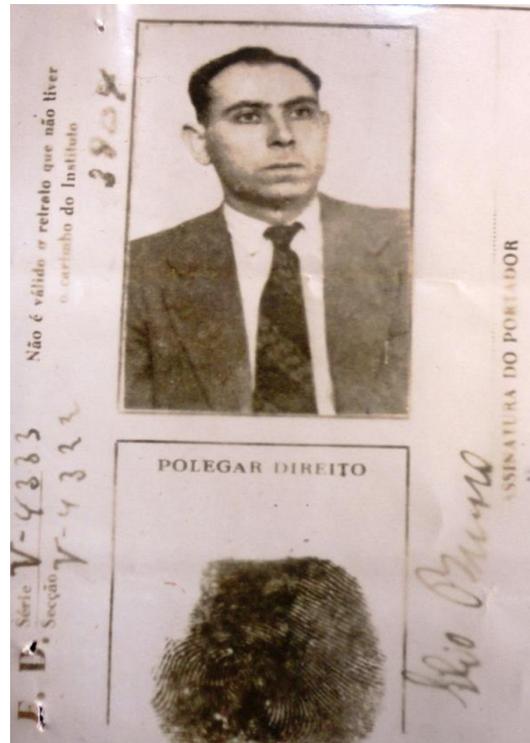
Eda Bertini Vegni



Foravanti Intini



Eduardo Crivellaro



Elio Bruno



Emilio Feol



Leone Gallo



Ermano Pistolese



Ernesto Caporale



Ernesto Donadio



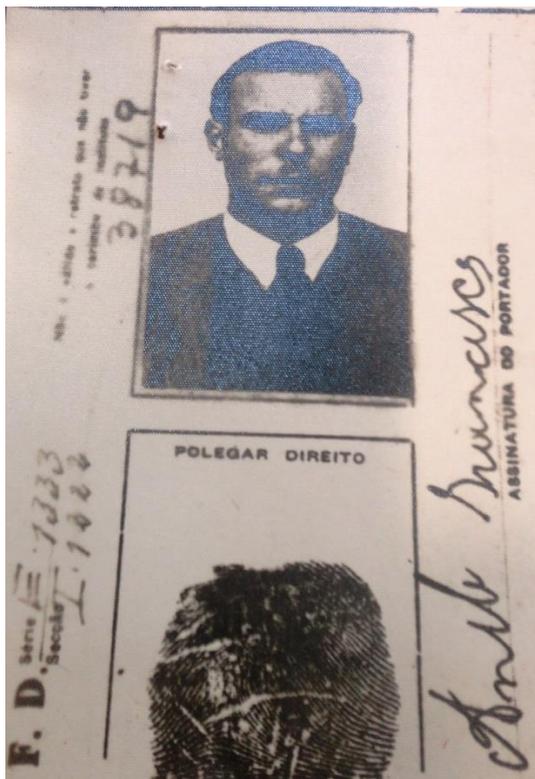
Expedito Cuomo



Ezio Colombo



Fidele Carello



Francesco Anele



Francesco Dal Soglio



Francisco de Donadio



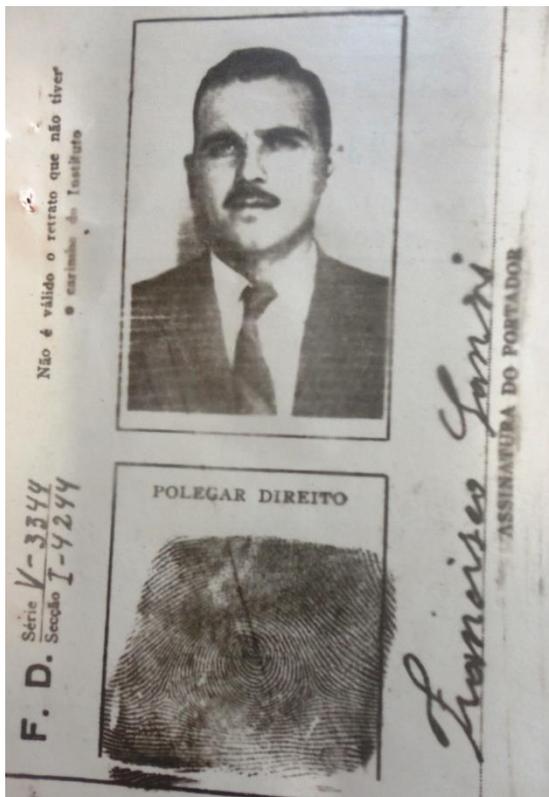
Francisca Botizzo



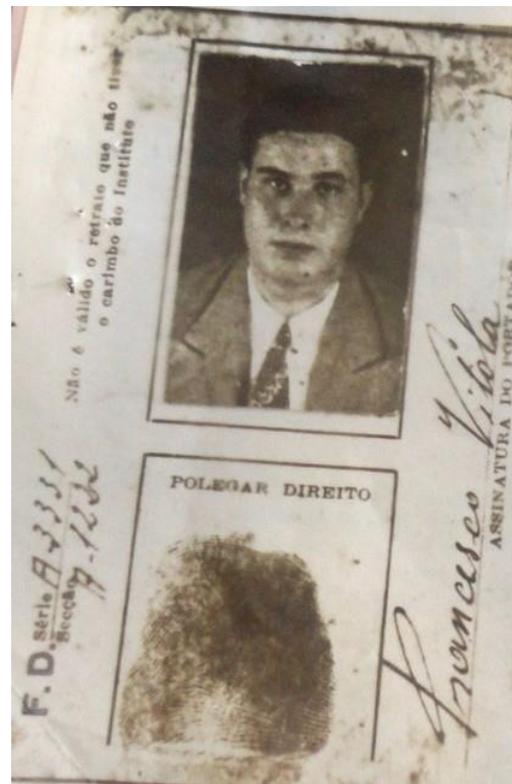
Francesco Barletta



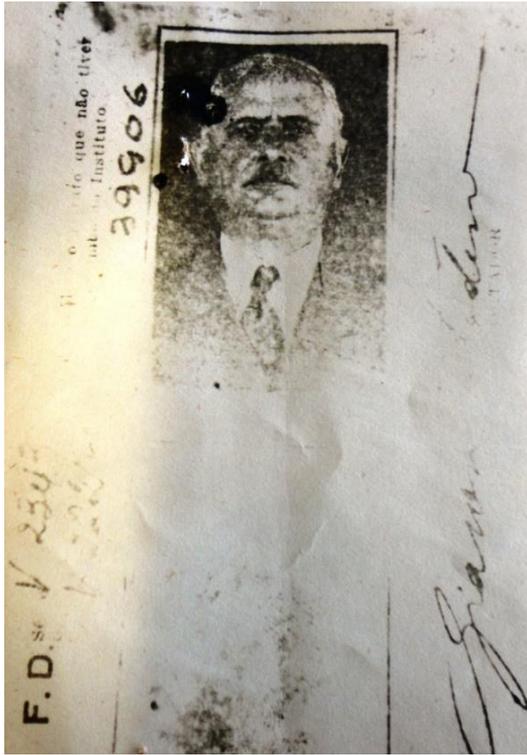
Francesco Ferraro



Francisco Sanzi



Francisco Vitola



Giacomo Todesco



Gino Pasquini



Giorgio Petry



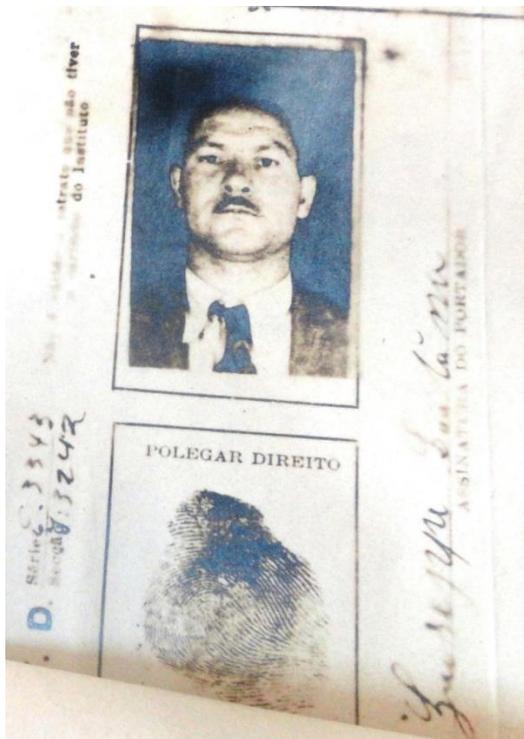
Giovanni Piasotti



Giuseppe Gallicchio



Giuseppe Neglia



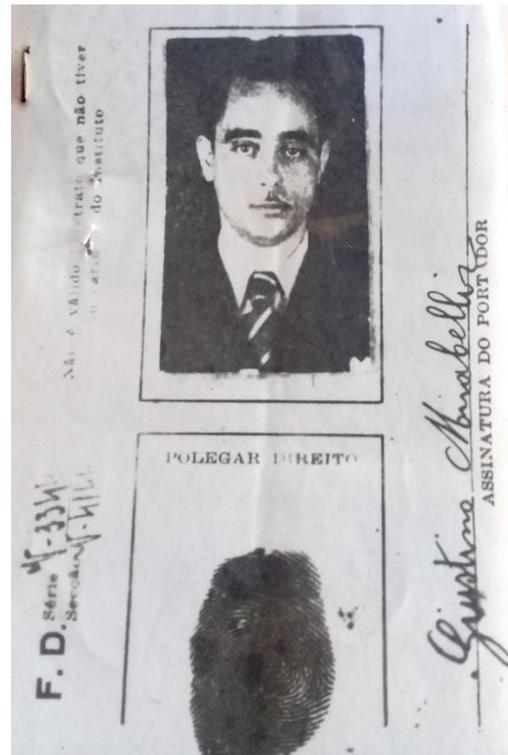
Giuseppe Laitano



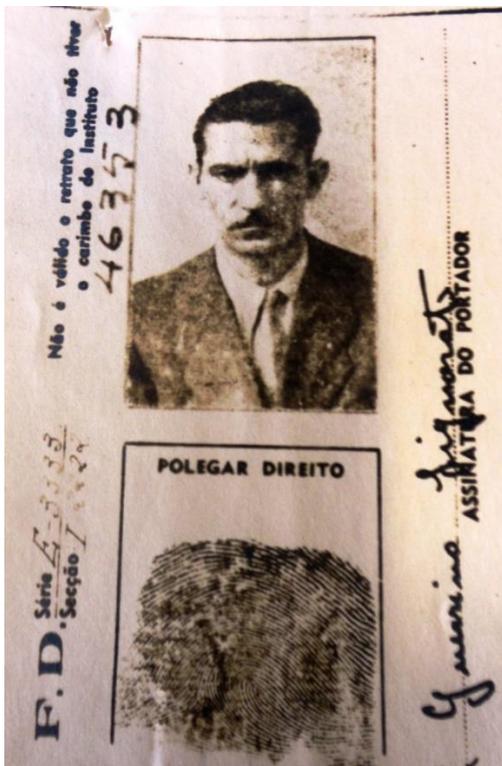
Giuseppe Neglia



Giuseppe Stoduto



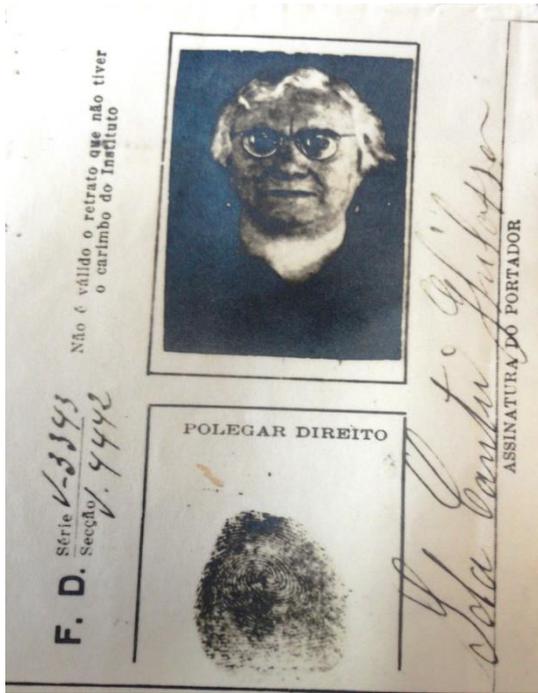
Giustino Mirabelli



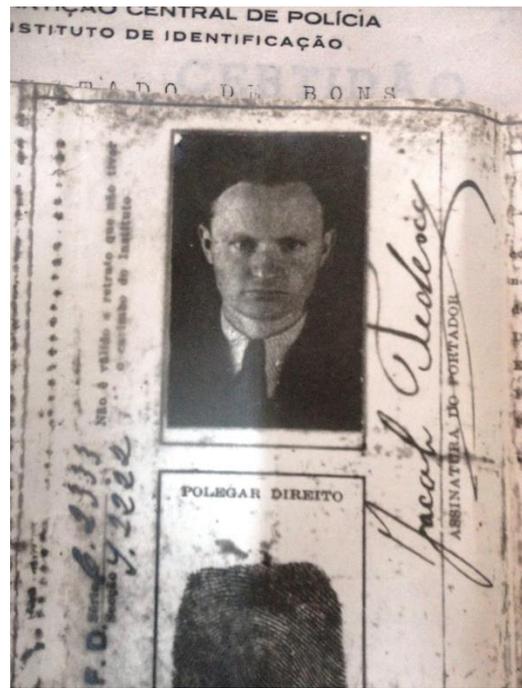
Guerino Signorati



Ida Anele Caragna



Ida Cantu Guilosso



Jacob Tedesco



João Baldino



João Petrillo



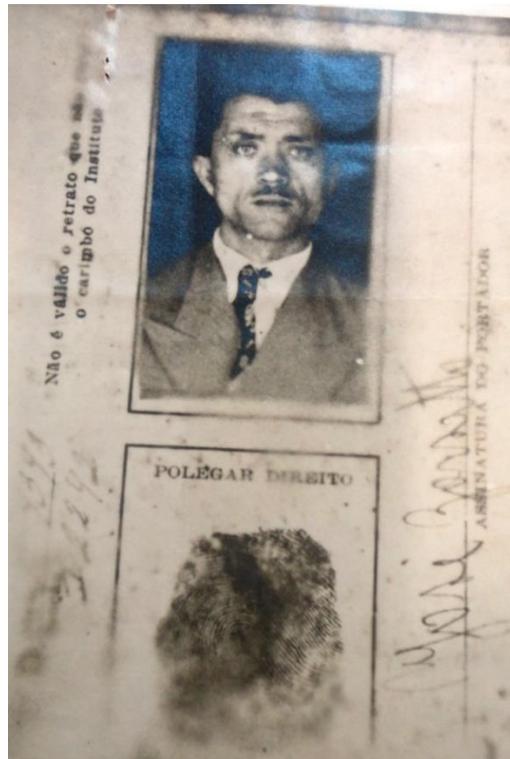
João Calessio



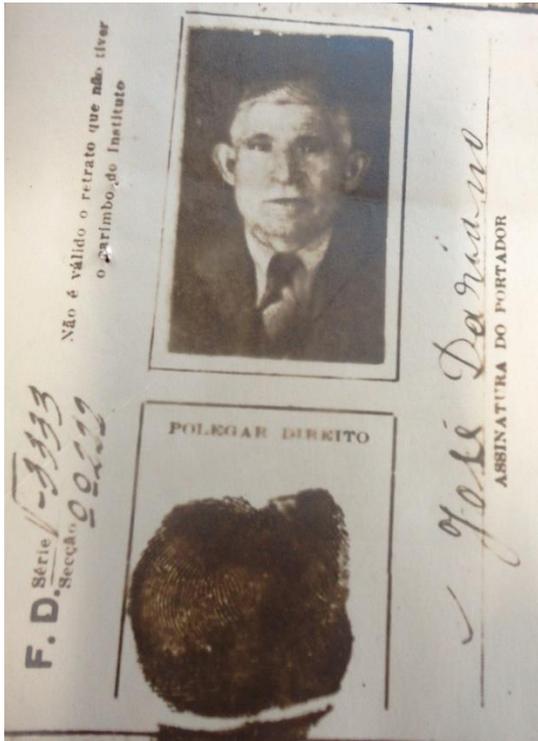
Jose Mozetic



João Baptista. Cavichiolo



José Borsatto



José Dariano



José Ferrari



La Falce



José Lucchesi



Leonardo Barleta



Leonardo Cozza



Leonardo Marrone



Leonardo Laitano



Leone Gallo



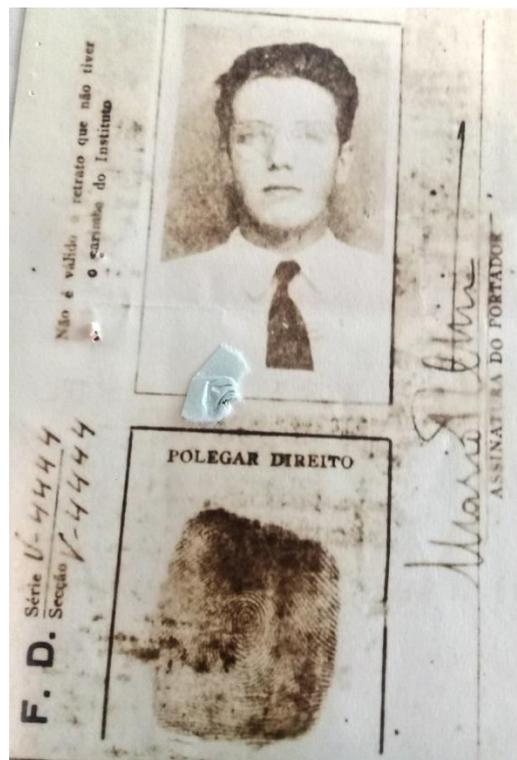
Luigi Vacca



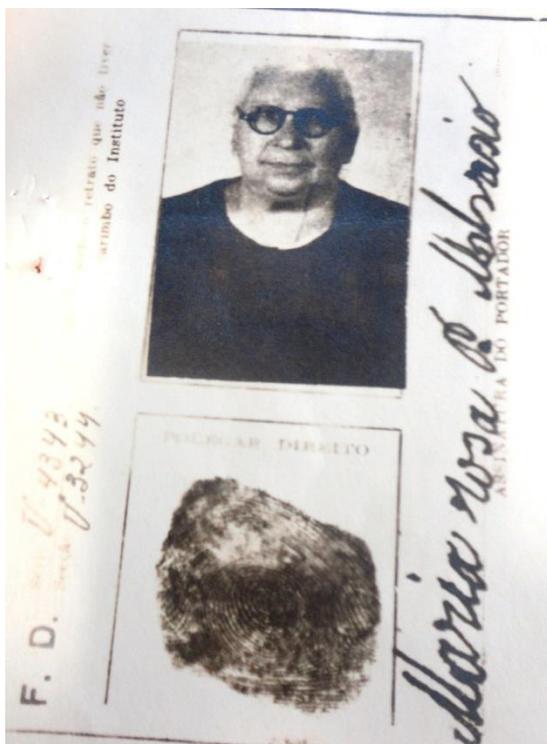
Luiz Bertoncello



Luiz Francisco Curcio



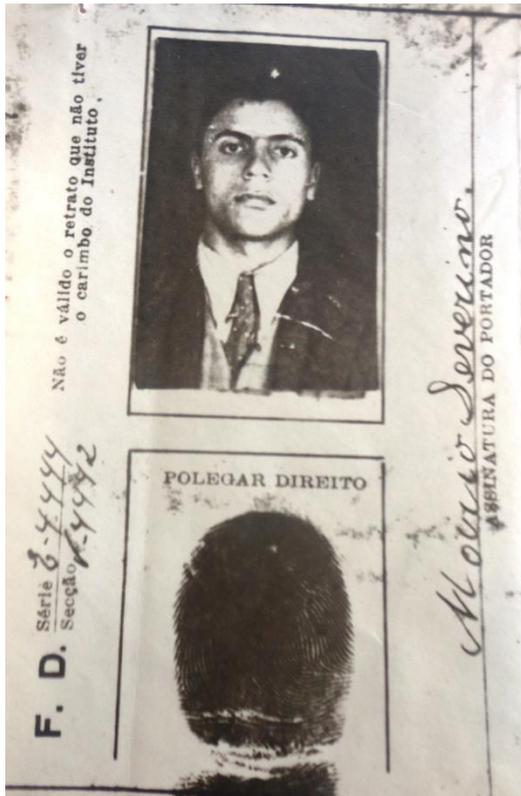
Mario Petini



Maria Rosa Palmieri Malvasio



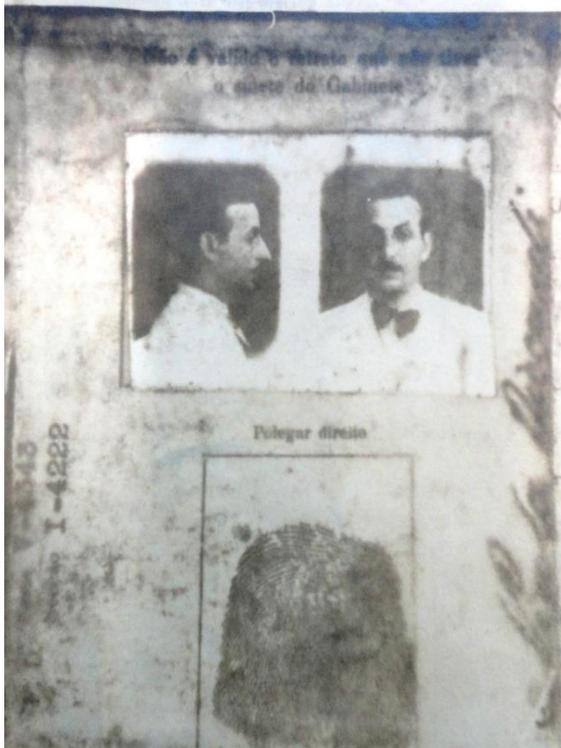
Mariano Franceschini



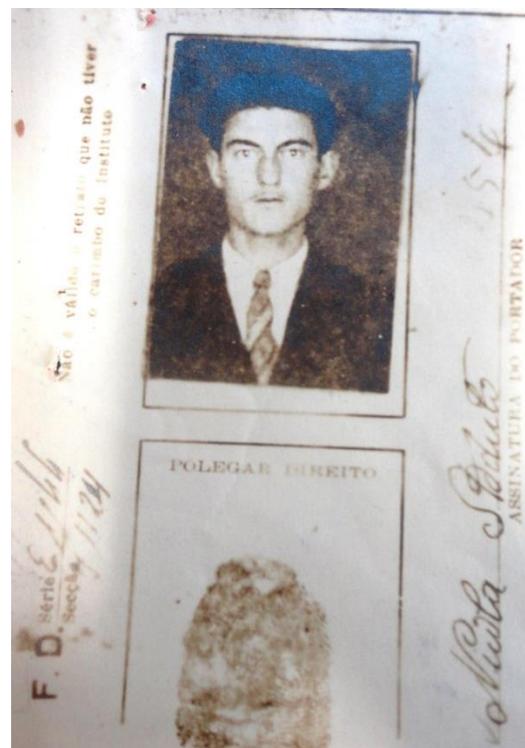
Mario Severino



Morelli Rocco



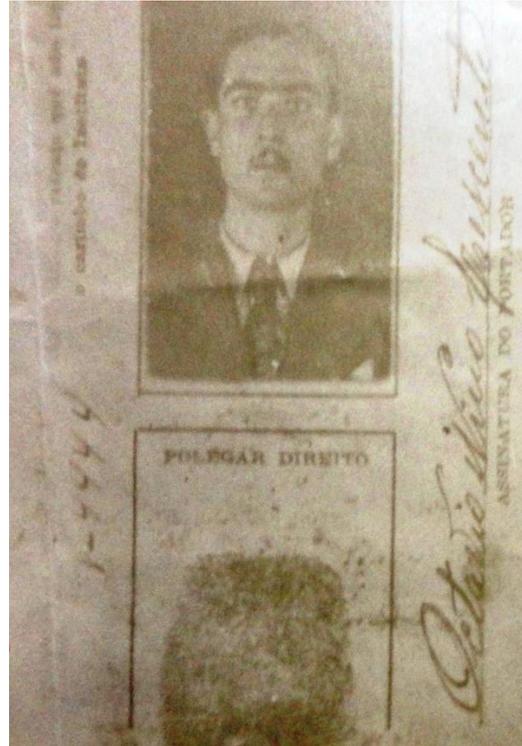
Nicola Riccardi



Nicola Stoduto



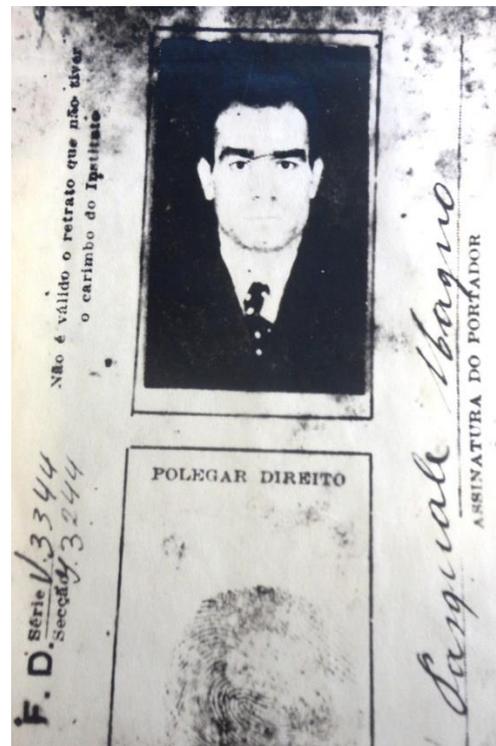
Nino Stefano



Octavio Nino Crescente



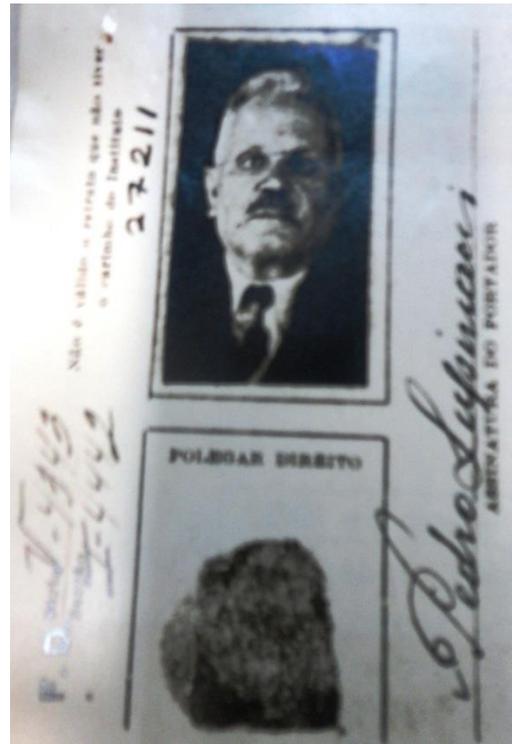
Orestes Mainieri



Pasquale Magno



Pedro Francisco Bruno



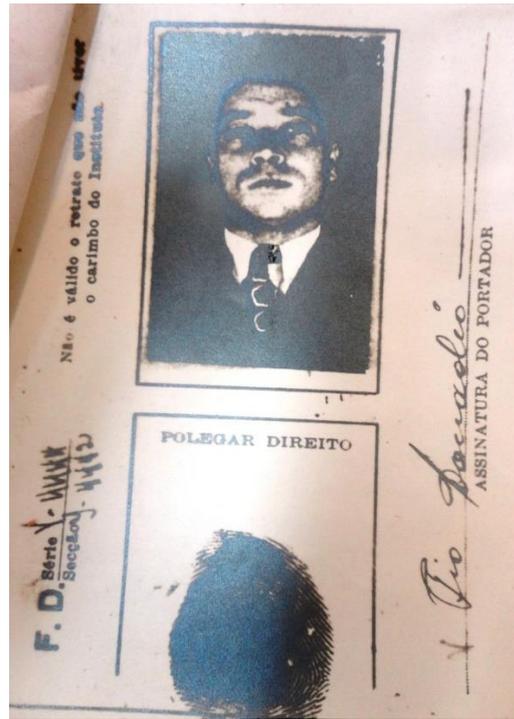
Pedro Lupinacci



Pietro Di Maio



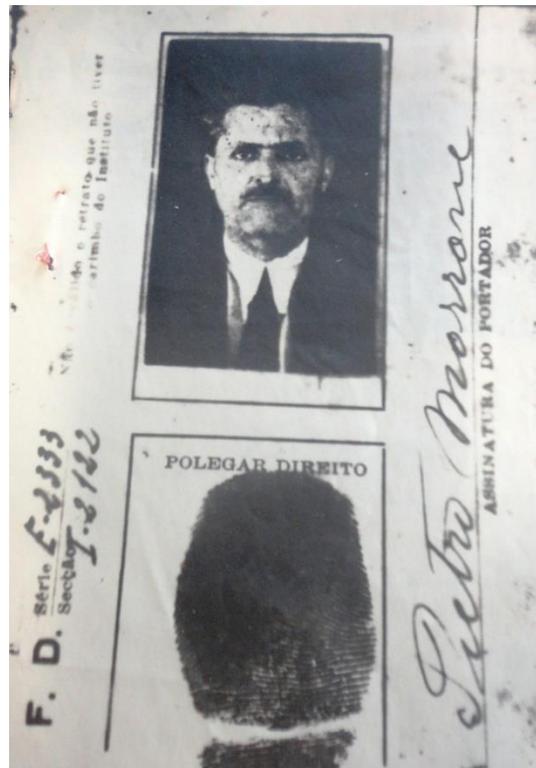
Pedro Rosito



Pio Donadio



Petrolina Cogo



Pietro Morrone



Plinio Anele



Riccardo Bortolaso



Rocco Feoli



Roco Mainieri



Rocco Maranghelo



Salvador Motta



Salvador Vigna



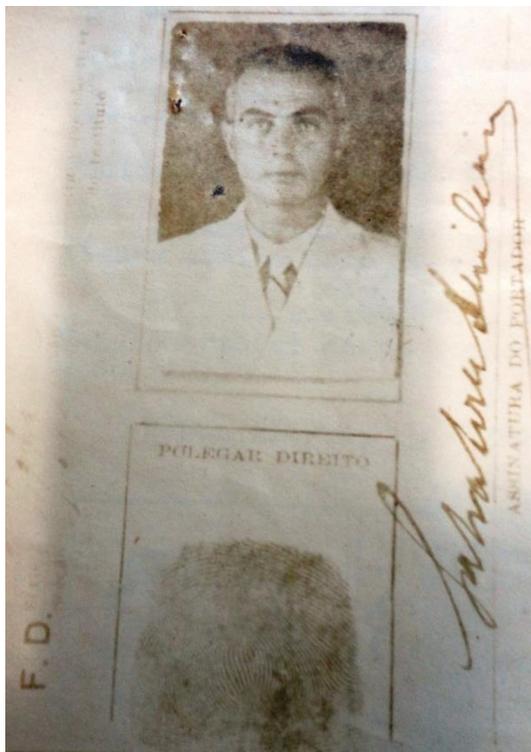
Sergio Ernesto Zaccolo



Salvador Liconti



Salvador Palacine Camarata



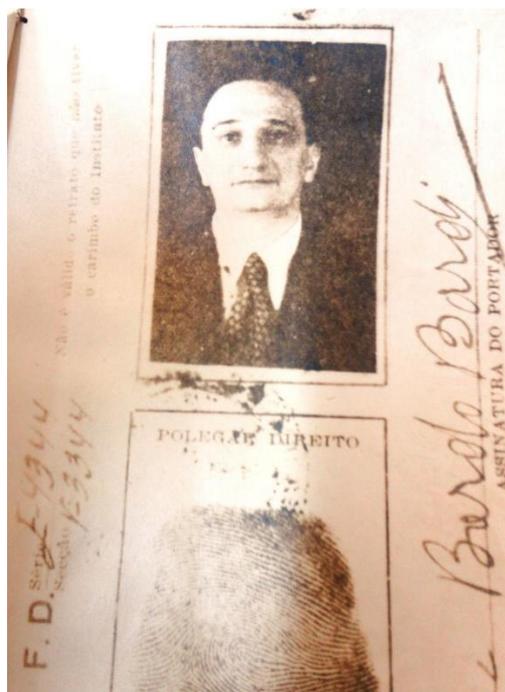
Salvatore Desiderio



Severino Gennaro Carmine



Severino Vanzo



Bardo Bardi



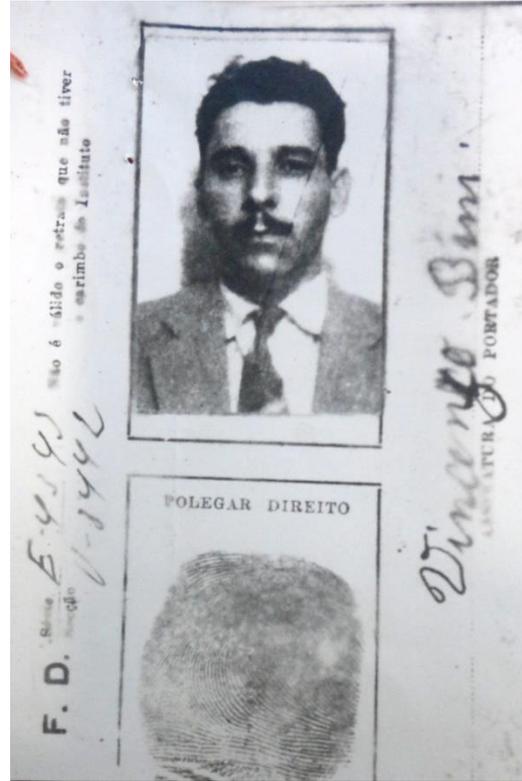
Stefano Ippolito



Vicente Maranghello



Vicenzo Antonio Gioia



Vicenzo Bin



Vitorio Cangiano



Vittorio Tricceri



Vladimiro Merljak